CAMILLA LÄCKBERG

FAYE



ASAS DE PRATA

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER
PODE SER BELA E BRUTAL

SUMA

CAMILLA LÄCKBERG

ASAS DE PRATA

Tradução de
ELIN BAGINHA




FAYE
REVENGE

À Karin

Primeira Parte

Dois presidiários, condenados por homicídio, escaparam esta manhã, durante um transporte. Quando os guardas prisionais pararam num local de descanso na auto-estrada E4, na região de Gränna, os homens aproveitaram a oportunidade e fugiram para a floresta circundante.

Várias patrulhas policiais foram chamadas ao local, mas as buscas pelos fugitivos foi, até agora, infrutífera.

De acordo com a porta-voz dos Serviços Criminais, Karin Malm, os homens não são considerados perigosos para a população em geral.

Retirado do jornal *Aftonbladet* do dia 5 de Junho

Faye ligou a máquina da *Nespresso*. Enquanto esperava pelo seu café, olhou pela enorme janela da cozinha. Como sempre, ficou fascinada pela vista.

A casa em Ravi transformara-se no seu paraíso na Terra. A localidade em si não era particularmente grande, tinha cerca de duzentos habitantes permanentes. Demorava-se qualquer coisa como cinco minutos a percorrer toda a aldeia a pé, se se andasse devagar. Mas no meio da pequena praça havia um restaurante que fazia as melhores *pizzas* e pratos de massa que Faye alguma vez tinha comido. E estava lotado todas as noites. Por vezes, apareciam alguns turistas, e, principalmente por volta do final de Maio, começavam a ser cada vez mais. Entusiasmados ciclistas franceses ou reformados americanos que tinham alugado uma autocaravana e agora realizavam o sonho de ver Itália enquanto os filhos adultos se perguntavam desesperadamente por que motivo os pais insistiam em ter vida própria em vez de serem os *babysitters* de serviço dos netos.

Mas nenhum sueco.

Faye nunca ali vira um sueco desde que comprara a casa, e isso, por si só, fora um factor decisivo na escolha do local. Na Suécia, tornara-se uma celebridade nacional. Em Itália, não só queria como também precisava de ser anónima.

A bela e antiga propriedade que comprara não ficava dentro da vila, mas a uma distância de vinte minutos a pé, situada no cimo de uma colina, com vinhas que trepavam pela encosta até à casa. Faye adorava subir e descer aqueles montes, ir comprar pão à padaria, queijo e presunto locais. Era um

verdadeiro lugar-comum de uma vida no interior italiano, e Faye apreciava-o ao máximo. Assim como a sua mãe, Ingrid, e também Kerstin e Julienne. Tinham-se tornado um quarteto completamente consolidado, ao longo dos dois anos que tinham passado desde que o ex-marido de Faye, Jack, fora condenado a uma pena de prisão por homicídio.

Kerstin e Ingrid competiam pela tarefa de mimar Julienne e, agora que Kerstin passava cada vez mais tempo longe delas, Ingrid assumira a responsabilidade de lhe enviar fotografias e actualizações diárias sobre Julienne.

O café ficou pronto. Faye pegou na chávena e atravessou a sala de estar em direcção às traseiras da casa, onde o chapinhar e gritos alegres de criança revelavam a existência de uma piscina, ainda antes de ela se tornar visível. Faye adorava aquela sala de estar. Levara algum tempo a decorar a casa, mas alguma paciência e um dos *designers* de interiores mais qualificados de Itália permitiram-lhe conseguir exactamente aquilo que queria. A casa tinha grossas paredes de pedra, que isolavam o espaço do calor extremo e deixavam o ambiente fresco mesmo nos meses mais quentes de Verão, tornando também o interior ligeiramente escuro. Esse facto fora resolvido com grandes móveis claros e muita iluminação embutida. As enormes janelas para a parte de trás da casa também permitiam a entrada de mais luz natural. Faye adorava a forma como a sala se fundia, quase imperceptivelmente, com o terraço.

Os cortinados brancos esvoaçantes acariciaram-na quando saiu para o exterior. Bebeu um pouco do café e observou a filha e a mãe, que, de início, não repararam nela. Julienne estava tão grande, o cabelo quase branco de tão clareado pelo sol. Ganhava novas sardas no nariz e no rosto praticamente todos os dias e estava linda, saudável, feliz. Tudo o que Faye desejara para ela. Tudo o que uma vida sem Jack tornara possível.

— Mãe, mãe! Olha, já consigo nadar sem as braçadeiras!

Faye sorriu e fez uma expressão de surpresa para mostrar à filha a enormidade que aquela conquista lhe parecia. Julienne nadou para a parte mais profunda da piscina, com braçadas um pouco desajeitadas e penosas, mas, efectivamente, sem qualquer auxílio das braçadeiras com bonecos, que repousavam à beira da piscina. Nervosa, Ingrid olhava para a neta, meio sentada, meio de pé para poder mergulhar rapidamente na água, em caso de necessidade.

— Acalma-te, mãe. Ela consegue.

Faye continuou a beber o seu café, que estava a acabar rapidamente, e deu alguns passos pelo terraço. Arrependeu-se de não ter preparado antes um *cappuccino*.

— Ela insiste em ficar na parte mais funda… — comentou a mãe de Faye com um ar algo inconsolável.

— Sai à mãe.

— Pois, isso sei eu, obrigada!

Ingrid riu-se e Faye sentiu-se impressionada, como tantas outras vezes ao longo daqueles dois últimos anos, pela beleza da mãe… apesar de tudo a que vida a sujeitara.

As únicas pessoas que sabiam que Ingrid e Julienne estavam vivas eram Faye e Kerstin. Para o resto do mundo, ambas tinham morrido. Julienne, assassinada pelo pai, um crime pelo qual Jack agora cumpria uma pena de prisão perpétua na Suécia. Ele estivera tão próximo de aniquilar Faye. O seu amor pelo marido fizera dela uma vítima. Não obstante, no final, fora a ele que lhe calhara a fava.

Faye foi ter com a mãe e sentou-se ao seu lado num dos sofás de verga. Ingrid continuou a olhar fixamente para Julienne, o corpo tenso da cabeça aos pés.

— Tens de ir embora outra vez? — perguntou-lhe, sem desviar os olhos da neta.

— A expansão para os Estados Unidos está a aproximar-se a passos largos e ainda temos todo o trabalho a fazer com a nova emissão de acções. Se conseguir assegurar a compra em Roma, essa empresa vai ser um forte complemento para a Revenge. O Giovanni, o proprietário, quer vender, só tenho de o fazer perceber que o preço que lhe propus é a melhor oferta que ele vai conseguir. Mas, como todos os homens, ele sobrevaloriza muito o seu próprio valor.

A sua mãe olhou ansiosamente de Faye para Julienne.

— Não percebo porque é que continuas a trabalhar tanto. Já só tens dez por cento da Revenge e, com aquilo que conseguiste pelas tuas acções, nunca mais precisas de levantar um dedo na vida.

Faye encolheu os ombros, bebeu o que restava do café e pousou a chávena na mesa redonda de vidro.

— Claro que uma parte de mim gostava de ficar aqui a passar mais tempo com vocês. Mas tu conheces-me, acho que morreria de tédio ao fim de uma semana. Não importa quantas acções ainda tenho, a Revenge é o meu bebé. E ainda sou a presidente do Conselho de Administração. Além de sentir uma responsabilidade enorme para com todas as mulheres que investiram ao início e que agora são accionistas da Revenge. Elas arriscaram comigo, com a empresa, e quero continuar a administrar isso. Ultimamente, até tenho andado a pensar em voltar a adquirir uma participação maior, se algumas delas estiverem dispostas a vender. Seja como for, todas terão excelentes retornos.

Ingrid ergueu-se ligeiramente quando Julienne chegou à outra ponta da piscina e deu a volta.

— Sim, pois, irmandade e essas coisas — comentou. — Eu talvez não

tenha a mesma visão que tu da lealdade das mulheres.

— Novos tempos, mãe. As mulheres estão unidas. Seja como for, a Julienne não se importa que eu vá rapidamente a Roma. Falámos sobre isso ontem.

— Sabes que eu acho que fazes um óptimo trabalho, não sabes? Que estou orgulhosa de ti?

Faye agarrou a mão de Ingrid.

— Sim, sei disso, mãe. Agora toma lá conta da miúda e certifica-te de que não se afoga. Num abrir e fechar de olhos, estou em casa outra vez.

Faye foi até à borda da piscina, onde uma Julienne resfolegante alternava braçadas com golos de água involuntários.

— Adeus, meu amor, vou-me embora agora!

— Adeus, ma…

Uma boca cheia de água abafou o resto da frase quando Julienne tentou acenar à mãe ao mesmo tempo que nadava. Pelo canto do olho, Faye viu Ingrid apressar-se na direcção da piscina.

Na sala, pegou na mala de viagem pronta. A limusine que a levaria até Roma já tinha chegado. Levantou a bela mala *Louis Vuitton* do chão para que as rodas não riscassem o soalho de madeira escura e brilhante e dirigiu-se para a porta da frente. Quando passou pelo quarto transformado no escritório de Kerstin, viu que a amiga estava absorta em algo no monitor do computador, com os óculos de leitura, como sempre, na ponta do nariz.

— Toque-toque, vou-me embora agora…

Kerstin não levantou a cabeça, continuava com uma profunda ruga de preocupação entre os olhos.

— Está tudo bem?

Faye deu um passo para dentro do escritório e pousou a mala.

— Não sei — respondeu Kerstin lentamente, sem olhar para ela.

— Estás a deixar-me ansiosa, há algum problema com a nova emissão de acções? Ou é a expansão para os Estados Unidos?

Kerstin abanou a cabeça.

— Ainda não percebi.

— Devo ficar preocupada?

Kerstin demorou a responder.

— Ainda não.

Ouviu-se a buzina de um carro no exterior e Kerstin fez um gesto com a cabeça para a porta da rua.

— Vai lá. Finaliza o negócio em Roma. Falamos depois.

— Mas…

— De certeza que não é nada.

Kerstin sorriu-lhe tranquilizadoramente, mas, enquanto Faye se dirigia para a pesada porta de madeira, não conseguiu livrar-se da sensação de que algo estava a acontecer, algo ameaçador. Mas acabaria por resolver tudo. Tinha de o fazer, ela era esse tipo de pessoa.

Sentou-se no espaçoso banco traseiro, fez um sinal para que o motorista partisse e abriu a pequena garrafa de champanhe que tinha à sua espera. Enquanto o carro percorria as estradas em direcção a Roma, bebericou do copo, pensativa.

Faye examinou o seu rosto no espelho do elevador. Três homens de fato e gravata olharam para ela apreciativamente. Faye abriu a sua mala *Chanel*, pegou no batom da própria Revenge e, devagar, pintou os lábios entreabertos. Prendeu uma madeixa do cabelo loiro atrás da orelha e voltou a fechar a tampa com o «R» gravado, ao mesmo tempo que o elevador chegou ao *lobby* e os homens se afastaram para a deixar sair primeiro. Quando o porteiro abriu as portas de vidro, os seus passos ecoaram no chão de mármore branco e a brisa nocturna fez o vestido vermelho esvoaçar.

— Táxi, *signora?* — perguntou-lhe.

Sem abrandar o passo, Faye abanou a cabeça com um sorriso e virou para a direita quando alcançou o passeio. Ao seu lado, o trânsito estava parado. Os carros apitavam, os condutores praguejavam através das janelas abertas.

Desfrutou da liberdade de ser uma visitante sozinha numa cidade onde não conhecia muita gente e onde ninguém podia exigir nada dela. Estava livre de responsabilidades, livre de culpa. A reunião com Giovanni, o proprietário da pequena empresa familiar de cosméticos que completaria a linha de produtos já existentes da Revenge, correra lindamente. Assim que Giovanni percebera que não chegaria a lado nenhum com técnicas de intimidação e superioridade masculina para tentar convencê-la a aceitar os seus termos e condições, a reunião virara a favor dela.

Faye adorava o jogo das negociações. A maior parte das vezes, os seus adversários eram homens e cometiam sempre o erro de subestimar as suas capacidades, baseados unicamente no facto de ela ser mulher. Quando, mais tarde, se viam obrigados a reconhecer a derrota, havia dois tipos de homens:

os que saíam da reunião a ferver de raiva e com um ódio às mulheres ainda mais enraizado; e aqueles que adoravam e se entusiasmavam com a sua presença e conhecimento e saíam da reunião com uma dura saliência entre as pernas e um convite para jantar mais tarde.

Quando Faye saiu para a noite morna e agradável, a cidade vibrava à sua volta. Sentiu-se abraçada por tudo aquilo por que ansiara. Não tinha nenhum objectivo específico para o passeio, sabia que a oportunidade surgiria, desde que deixasse o pulsar da cidade controlar o seu corpo.

Dali a pouco, seria obrigada a colocar de novo a máscara, a desempenhar o papel que se tornara o seu no país natal. Porém, naquela noite, podia ser quem ela bem entendesse.

Continuou a andar até chegar a uma bela praceta empedrada e vagueou pelos labirintos de becos e ruelas. Uma pessoa tinha de se perder para poder encontrar-se outra vez, pensou para si própria.

Um homem saiu das sombras e, sussurrando, ofereceu-lhe os seus artigos. Faye limitou-se a abanar a cabeça. Uma grande porta banhada pela luz amarela dos candeeiros de rua abriu-se suavemente, e duas pessoas, um homem e uma mulher, que estavam à espera do lado de fora, entraram.

Faye deteve-se e olhou à sua volta antes de dirigir os passos para a mesma porta, que se fechara atrás do casal. Uma pequena campainha e, por cima, uma câmara. Tocou no botão, tentou ouvir o som da campainha, mas nada. Finalmente, um estalido, e a porta abriu-se. Uma sala enorme, cheia de pessoas bonitas e o som de copos de cristal a tinir, apareceu diante dela. Ao fundo, uma parede toda de vidro e, do outro lado, um magnífico terraço. As ruínas iluminadas do Coliseu brilhavam como uma nave espacial despenhando-se à distância.

Num enorme espelho com moldura dourada, Faye podia ver as sombras sem rosto de pessoas bem vestidas, a conversar em grupos atrás dela.

As mulheres, nos seus elegantes vestidos curtos, eram jovens, maquilhadas com bom gosto e bonitas. Os homens eram, quase todos, um pouco mais velhos, mas também bem-parecidos e emanavam aquela calma autoconfiança que a riqueza geralmente proporciona. Os pequenos fragmentos de conversas que chegavam até ela eram todos em italiano. Os copos enchiam-se, esvaziam-se e voltavam a ficar cheios.

A alguns metros dali, Faye viu um casal a beijar-se. Observou-os, fascinada, não conseguia desviar o olhar. Eram jovens, talvez à volta dos vinte e cinco anos. Ele era alto, bonito à boa maneira italiana, com uma barba de três dias bem arranjada, o nariz delineado e o cabelo escuro penteado para o lado. Ela usava um vestido branco, exclusivo, justo sobre as ancas e que lhe acentuava a cintura estreita. O cabelo castanho-escuro preso num penteado simples.

Era óbvio que estavam tão apaixonados, que não conseguiam tirar as mãos um do outro. Constantemente, os dedos dele subiam pelo interior das coxas bronzeadas dela. Faye sorriu. Quando os seus olhos e os da outra mulher se encontraram, não desviou o olhar, continuou apenas a observar o casal calmamente. Levou a sua bebida, um *whisky sour*, aos lábios. Em tempos, também ela estivera apaixonada daquela maneira. Mas o amor sufocara-a, transformara-a numa massa apática, fechada numa gaiola de ouro.

Os pensamentos de Faye foram interrompidos quando a jovem mulher, de repente, se aproximou dela.

— Eu e o meu noivo gostaríamos de saber se quer tomar uma bebida connosco — disse-lhe em inglês.

— Não parecem querer companhia — respondeu Faye, divertida.

— Queremos a sua. É muito bonita.

Chamava-se Francesca, nascera em Porto Alegre, na costa atlântica

do Brasil, trabalhava como modelo e pintava quadros. Ele chamava-se Matteo. Explicou, com um sorriso tímido, que a sua família era proprietária de um império hoteleiro e de restaurantes, que também pintava mas não tão bem como Francesca. Eram os dois simpáticos, educados e fizeram-na rir com vontade. A sua exuberância e despreocupação eram contagiosas. Faye deixou-se levar e tomou mais duas bebidas. Sentiu-se deslumbrada pela beleza dos dois, pela juventude e pelo amor, sem sentir qualquer ponta de ciúme. Não sentia falta de um homem. Queria controlar a sua própria vida sem ter de levar em consideração a de outro. Mas adorava vê-los juntos.

Ao fim de uma hora, Matteo desculpou-se e deslocou-se em direcção às casas de banho.

— Estamos quase de saída — disse Francesca.

— Eu também, vou viajar para casa amanhã.

— Quer vir connosco a nossa casa um bocado, continuar a noite?

Faye ponderou o convite sem desviar o olhar. O sono perdido, poderia perfeitamente recuperá-lo a caminho de casa. Não queria que a noite acabasse, ainda não. Queria conhecê-los melhor.

O táxi deteve-se em frente a uma casa alta e imponente. Matteo pagou, saíram os três do carro e um porteiro de uniforme abriu-lhes a porta. O apartamento ficava no último andar do edifício, tinha grandes janelas panorâmicas e uma varanda com vista para um belo parque. Havia fotografias a preto e branco penduradas nas paredes e, quando Faye as observou mais de perto, reparou que muitas delas eram de Francesca. As colunas de som depressa começaram a espalhar um tipo de música *pop* italiana. Atrás dela, Matteo preparava bebidas a partir de garrafas pousadas

num carrinho, enquanto Francesca contava uma história que levou Faye a rir-se tão alto como não fazia há muito tempo.

Sentou-se num gigantesco sofá bege ao lado de Francesca. Matteo passou-lhes as bebidas antes de se sentar do outro lado de Faye. A embriaguez girava agradavelmente dentro da sua cabeça, os barulhos da rua lá em baixo faziam-na sentir-se calma ao mesmo tempo que se enchia de uma expectativa tensa e excitação.

Francesca pousou a sua bebida na mesa de centro, inclinou-se para a frente, passou os dedos suaves na alça fina do vestido vermelho de Faye e beijou-lhe a clavícula. Ondas quentes percorreram todo o seu corpo. Matteo virou-lhe a cabeça na sua direcção, os seus lábios aproximaram-se dos dela, mas afastou-os no último instante, deixou a boca descer ao longo do seu pescoço, mordiscou-lhe a nuca antes de a beijar. A mão de Francesca acariciou-lhe suavemente a coxa, continuou a subir e interrompeu a trajectória no último momento, voltando a aparecer, provocadoramente, no fundo das suas costas. Parecia tudo um sonho.

Despiram-na a ela primeiro, depois a eles próprios.

— Quero ver-vos aos dois — segredou Faye. — Juntos.

O rosto de Jack surgiu-lhe na mente, pensou nas vezes em que ele falara de convidar outra mulher para a cama deles. Faye recusara. Não por não se sentir atraída pela ideia, mas porque fora sempre tão evidente que seria apenas para o prazer dele. Para Francesca e Matteo, parecia ser diferente. Faye estava ali para satisfazer os dois. Não porque eles talvez estivessem fartos um do outro, mas porque o seu amor e atracção eram tão fortes que transbordavam e até eram suficientes para partilhar com mais uma pessoa. Faye estava a desfrutar de toda a situação.

Quando Matteo a pressionou para a frente, inclinada sobre Francesca, e a penetrou por trás, Faye gemeu. Fixou o olhar nos olhos profundos

e arregalados da brasileira enquanto o seu noivo a penetrava. A boca de Francesca estava entreaberta e os olhos curiosos, intensos.

— Gosto de te ver fodê-la, amor — sussurrou Francesca para Matteo.

Faye era apenas um instrumento para eles, uma forma de fortalecer a união e proximidade entre os dois, mas, ao mesmo tempo, sentia-se incluída.

Quando Faye estava quase a vir-se, Matteo saiu de dentro dela. O profundo sofá transformara-se num emaranhado de corpos nus e suados. Faye nunca experienciara nada tão íntimo como poder fazer parte do prazer daquelas pessoas bonitas e apaixonadas. Quando Francesca se aproximou dela, o seu corpo tremia. Com os olhos fixos uma na outra, colocaram-se as duas de gatas na beira do sofá com as costas arqueadas. Matteo estava de pé atrás delas e penetrou primeiro Francesca, depois Faye, e continuou a penetrá-las alternadamente. Por fim, Faye atingiu o orgasmo. Gritou alto. Matteo já não conseguia resistir mais, a sua respiração ficou cada vez mais pesada.

— Dentro dela — ofegou Francesca.

Faye sentiu-o ficar mais duro antes de explodir.

De seguida, foram os três, estreitamente entrelaçados, deitar-se na enorme cama do quarto ao lado. Ofegantes, partilharam um cigarro. Faye ligou o despertador no telemóvel para não acordar demasiado tarde e depois tentou adormecer. Ao fim de meia hora, desistiu. Desenrolou-se com cuidado e levantou-se da cama sem acordar o casal. Eles mexeram-se um pouco enquanto dormiam, abraçaram-se e encostaram-se um ao outro, no local quente da cama onde Faye estivera deitada.

Nua, serviu um copo de champanhe de uma garrafa que já estava aberta, pegou no copo e na garrafa e foi para a varanda. A cidade estava cheia de sons e luz, e Faye sentou-se numa cadeira reclinável, com os pés

apoiados no parapeito. Uma brisa quente de Verão acariciou o seu corpo nu, fê-la arrepiar-se. Porém, o que deveria ter sido um momento perfeito foi arruinado pela memória da expressão facial de Kerstin ao olhar para o monitor do computador, precisamente antes de Faye partir no dia anterior. Não havia muita coisa capaz de perturbar Kerstin, ela era uma rocha contra a qual outras se desintegravam em areia. Algo não estava certo.

Absorta nos pensamentos que se precipitavam, Faye continuou a bebericar o champanhe. Havia tanta coisa que poderia correr mal com uma empresa tão grande como a Revenge e com as enormes apostas que elas estavam a fazer! Muito dinheiro, grandes investimentos, lucros imensos mas também grandes riscos. Nada era seguro. Nada era inabalável. Faye, melhor do que ninguém, sabia disso.

Virou-se e observou o belo casal deitado na cama, lá dentro. A imagem fê-la sorrir. Agora não queria pensar na expressão preocupada de Kerstin, não queria pensar em tudo o que a esperava. Queria algo diferente.

— Mamã!

Julienne foi a correr ter com Faye e deu-lhe um abraço encharcado.

— Não corras na parte empedrada! — gritou Ingrid do sofá de verga.

— Ficaste toda molhada agora, mamã — disse Julienne, preocupada, quando se soltou do abraço e viu que a parte da frente da blusa de Faye ficara com uma mancha húmida.

— Não faz mal, meu amor. Isto já seca. Mas não me digas que não saíste da piscina desde que eu me fui embora!?

— Não — respondeu Julienne com uma risadinha. — Dormi na piscina e também comi na piscina.

— Ora esta, eu a pensar que a minha filha era uma menina, mas, afinal, é uma sereia!

— Sim! Como a Ariel!

— Exactamente como a Ariel.

Faye acariciou o cabelo molhado da filha, que começava a ficar com tons esverdeados por causa do cloro.

— Vou subir e arrumar as minhas coisas, volto daqui a um bocado — disse Faye a Ingrid, que se limitou a assentir com a cabeça antes de retomar a leitura do seu livro. Aparentemente, já começara a confiar mais nas capacidades de Julienne na piscina.

Faye subiu as escadas até ao andar de cima e levou a mala de viagem para o quarto. Despiu rapidamente a blusa molhada, assim como as restantes roupas com que viajara, e vestiu um macio fato de treino

de algodão. Guardou a mala no seu *walk-in closet*. A empregada, Paola, poderia arrumar o resto das coisas mais tarde.

A sua cama estava com um aspecto tão convidativo, que Faye se deitou em cima da colcha, as mãos atrás da cabeça, e permitiu-se relaxar durante alguns momentos. As memórias do que acontecera na cama em Roma fizeram-na sorrir. Bocejou e apercebeu-se de quão cansada estava, não descansara um único minuto na noite anterior. Por outro lado, dormira durante toda a viagem de regresso a casa. Não queria arriscar adormecer agora, mas, ao longo dos anos, aprendera a arte de descansar profundamente durante alguns minutos para, de seguida, se levantar com mais energia. O truque consistia em resistir ao impulso de fechar os olhos, por isso, olhou em volta e deixou o olhar pousar tanto nos pormenores como no todo.

O quarto era o seu oásis. Também aqui a paleta de cores era clara, o branco fresco conjugado com um azul-suave. Móveis esguios e elegantes, nada que sobrecarregasse. Nada como a enorme secretária de madeira maciça que comprara como presente para Jack apenas porque, em tempos, tinha pertencido a Ingmar Bergman. Jack adorava esse tipo de coisas. Grandes gestos, grandes oportunidades para se gabar. Ter a possibilidade de mostrar a casa aos convidados e, como quem não quer a coisa, mencionar que aquela secretária que acabavam de ver pertencera ao grande cineasta.

Faye observou a sua secretária branca e elegante com satisfação. Nunca fora propriedade de nenhum velho de merda, tirânico e pretensioso, que enganara e explorara as mulheres da sua vida. Só lhe pertencera a ela, sem o peso do passado. Tal como Faye, que se libertara da sua própria história, que se reinventara.

Sentou-se e deixou as pernas balançarem sobre a beira da cama.

A preocupação com o que o Kerstin dissera começara de novo a fazer-se sentir. Não podia adiar mais. Foi até ao escritório de Kerstin, mas, como estava vazio, assumiu que ela estaria no quarto. Kerstin fazia sestas frequentes à tarde, mas Faye tentava sempre evitar pensar no facto de que a amiga já não era nenhuma jovem, que já vira setenta Primaveras chegar e partir. Só pensar que Kerstin nem sempre estaria ao seu lado fazia com que Faye sentisse dificuldade em respirar. Quando perdera Chris, fora relembrada com excessiva clareza de que nada, nem ninguém, podia ser tomado como garantido. E a morte, apesar de tudo, fazia parte da sua vida há demasiado tempo.

Bateu à porta do quarto de Kerstin.

— Estás acordada?

— Não estou a dormir!

Kerstin sentou-se na cama, meio adormecida, quando Faye entrou no quarto. Com os olhos ainda enevoados pelo sono, esticou-se para alcançar os óculos que estavam em cima da mesa-de-cabeceira.

— Dormiste bem?

— Não estava a dormir — insistiu Kerstin. Levantou-se e alisou as calças. — Estava só a descansar os olhos.

Faye franziu ligeiramente o nariz devido aos odores fortes no grande quarto da amiga. Depois de, num voo, ter conhecido Bengt, que estava destacado na Embaixada sueca em Mumbai, Kerstin começara a passar cada vez mais tempo na Índia. Envolvera-se na ajuda a um orfanato e viajava sempre até lá com enormes quantidades de bens essenciais para as crianças. O único senão era que também voltava sempre para casa com enormes quantidades de decoração indiana. De vez em quando, tentava esgueirar alguma pequena almofada ou manta com franjas douradas para o sofá da sala, mas Paola tinha ordens estritas para que todas essas coisas fossem

rapidamente devolvidas para o «*Miss Karin's room*». Desde cedo que tinham desistido de todas as tentativas de ensinar a impetuosa italiana a pronunciar o nome de Kerstin, de modo que o compromisso fora alcançado com a versão mais simples de «Karin».

— Estás com saudades do Bengt?

Kerstin resfolegou e calçou um par de chinelos colocados aprumadamente aos pés cama.

— Na minha idade, já não sentimos saudades. É mais… é diferente, quando se é mais velho.

— Oh, conversa da treta — respondeu Faye a sorrir. — A Paola já me contou que a «*Miss Karin has much nicer underwear now*».

— Então, Faye…!

Kerstin corou até ao pescoço e Faye não conseguiu resistir ao impulso de a abraçar.

— Fico tão contente por ti, Kerstin. Mas espero que ele não esteja a pensar ficar contigo o tempo todo, nós também precisamos de ti aqui.

— Não te preocupes, depois de uma temporada lá, fico farta dele.

O sorriso de Kerstin não foi totalmente convincente.

— Anda, vamos até ao escritório. Tenho uma coisa que preciso de te mostrar.

Desceram as escadas em silêncio e Faye sentiu o coração afundar-se mais a cada passo. Algo estava errado. Mesmo muito errado.

Kerstin sentou-se à secretária e ligou o computador, que começou a zumbir. Faye sentou-se numa das duas grandes poltronas *chippendale* que estavam de frente para a secretária. Embora o escritório de Kerstin também fosse território interdito a saris, Faye decorara-o a pensar na amiga. Para além da sua nova paixão por tudo o que fosse indiano, Kerstin tinha um

grande amor na sua vida: Winston Churchill. Por esse motivo, Faye fizera questão de que o seu local de trabalho tivesse um estilo britânico clássico, com um toque moderno. E a verdadeira *pièce de résistance* era, precisamente, uma gigantesca fotografia emoldurada de Winston Churchill, pendurada em lugar de destaque na parede atrás da secretária.

Kerstin virou o monitor para Faye, que se inclinou para a frente e tentou encontrar alguma ordem em todos os algarismos que brilhavam no ecrã. Faye era uma conhecedora exímia da numerologia do mundo dos negócios, mas Kerstin provara ser a verdadeira dominadora. Winston observava-as severamente, mas Faye evitou olhar para o quadro. Naquele momento, não precisava do olhar recriminatório de um homem.

— Como tens andado muito ocupada com a expansão para os Estados Unidos e a nova emissão, eu tenho controlado mais os movimentos nas acções da Revenge. Antes da tua ida a Roma, houve dois lotes de acções que foram vendidos. E agora foram mais três.

— E o comprador foi sempre o mesmo?

Kerstin abanou a cabeça.

— Não, mas não consigo deixar de sentir que, apesar disso, tudo parece sincronizado.

— Estás a dizer que alguém está a tentar assumir o controlo da Revenge?

— Talvez — respondeu Kerstin e olhou para Faye por cima dos óculos. — Receio que seja isso que estamos prestes a enfrentar.

Faye recostou-se na poltrona. O seu corpo estava tenso e cada veia cheia de adrenalina. Forçou-se a permanecer calma, apesar de os pensamentos girarem velozmente na sua mente. Era demasiado cedo para especulações, o que precisava acima de tudo agora era de factos.

— Quem é que está a vender?

— Imprimi uma lista para tu veres.

Kerstin estendeu-lhe uma folha. Conhecia-a bem, informações críticas de negócios era algo de que ela precisava sempre de analisar em papel, não apenas ler num monitor de computador. Teria de compensar a floresta de outra maneira.

— Não consigo perceber... que elas estejam a vender.

— Agora, não temos tempo para sentimentalismos. Primeiro temos de avaliar a situação, tens de te familiarizar com todos os detalhes enquanto eu continuo a investigar. Depois podemos zangar-nos. Mas agora não. É energia que não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar neste momento.

Faye assentiu lentamente com a cabeça. Sabia que Kerstin tinha razão, mas, ainda assim, era difícil desviar os pensamentos da especulação sobre quem, de todas as mulheres em quem ela confiara, vendia agora as suas quotas. Nas suas costas.

— Quero analisar tudo contigo, lançamento por lançamento.

Kerstin assentiu.

— Vamos começar então.

Faye olhou para Kerstin antes de voltar de novo os olhos para a folha de papel à sua frente. Sentiu a ansiedade apertar-lhe o estômago. Não antecipara uma situação destas. E isso preocupava-a mais do que qualquer outra coisa.

A casa estava em silêncio. Já toda a gente fora para a cama, excepto Faye. Continuava agarrada à lista, analisava-a continuamente, uma e outra vez. Tentava concentrar-se.

Os algarismos dançavam à frente dos seus olhos. Estava cansada e desmoralizada, uma sensação que não experimentava já há muito tempo, desde Jack, e que desprezava intensamente. Pensamentos proibidos entranhavam-se na sua mente. E se fosse tarde demais? E se já não fosse possível salvar a Revenge? E se ela tivesse baixado tanto a guarda durante os últimos dois anos, que o inimigo conseguira entranhar-se sem que se apercebesse? Nunca seria capaz de se perdoar por isso. Fraqueza era algo que deixara para trás. Que deixara com Jack. Era ele o portador da fraqueza dela e, agora, usava-a tão próxima como as roupas mal ajustadas da prisão.

Faye pousou a folha de papel. A sensação de traição ardia-lhe na pele. Os nomes na lista das mulheres que tinham vendido as suas acções eram-lhe extremamente familiares. Os seus rostos passavam-lhe a voar pela mente, mulheres a quem apresentara a ideia por detrás da criação da Revenge. Mulheres que conseguira convencer e que tinham decidido acreditar na Revenge, acreditar nela. Porque é que ninguém lhe tinha contado? A conversa sobre uma irmandade não significara nada para elas? Apenas para Faye?

Praguejou quando pedacinhos de rímel seco lhe entraram para os olhos, que esfregou por arderem de cansaço. Piscou-os freneticamente e apressou-se até à casa de banho para remover a maquilhagem. De qualquer forma, estava demasiado cansada para alcançar fosse o que fosse naquele

momento. As aventuras da noite anterior ainda se faziam sentir e apercebeu-se de que, sem um sono retemperador, não poderia ser útil para ninguém, nem para si nem para a Revenge.

Precisamente quando acabava de retirar a colcha de cima da cama para se enfiar nos seus lençóis de algodão egípcio, foi-se abaixo. Virou o olhar para a porta e sentiu a saudade percorrer-lhe o corpo todo. Saiu em silêncio para o corredor. A porta do quarto de Julienne estava entreaberta, a filha nunca queria dormir com ela completamente fechada. Faye abriu a porta com cuidado e entrou. Um pequeno candeeiro de presença em forma de coelho projectava uma luz suave pelo quarto. Luz suficiente para afugentar todos os fantasmas. Julienne dormia de lado, com as costas viradas para Faye. Os seus cabelos compridos e claros estavam espalhados sobre a almofada. Muito lentamente, enfiou-se na cama, ao lado da filha. Afastou o seu cabelo da almofada e deitou-se com cuidado atrás dela. Julienne gemeu ligeiramente, ainda a dormir, e mexeu-se um pouco mas não acordou, nem sequer quando Faye colocou um braço à sua volta. Aproximou-se de Julienne milímetro a milímetro, até ficar com o nariz enterrado no seu cabelo, que cheirava a alfazema e a cloro.

Faye fechou os olhos, sentiu a tensão dissipar-se lentamente e o sono apoderar-se dela. Ali, com os braços à volta do corpo da filha, sabia que tinha de fazer tudo o que fosse possível para salvar a Revenge. Não por si, mas por Julienne.

Fjällbacka — naquela altura

Apesar de só ter doze anos de idade, sentia-me como se já soubesse tudo sobre a vida. Uma existência em Fjällbacka era completamente previsível. Sempre a mesma oscilação entre dez meses de quietude total e dois meses de caos absoluto no Verão. Toda a gente se conhecia, no Verão chegavam sempre os mesmos turistas, ano após ano. Em casa, também nada mudava. Era como se corrêssemos numa roda de ratos, à volta, à volta, sem qualquer hipótese de chegar fosse a que lado fosse. Sem que nada alguma vez mudasse.

Por isso, já sabia, quando nos sentámos para jantar, que iria ser uma daquelas noites. Senti o cheiro a álcool do meu pai assim que cheguei a casa, vinda da escola.

Eu tanto adorava como odiava a nossa casa. Era a casa de infância da minha mãe, uma herança dos meus avós, e tudo o que eu adorava na casa estava relacionado com ela. Ela tinha feito o melhor possível, era uma casa fofinha e aconchegante, tudo o que se associava a um lar feliz e confortável. Uma mesa de madeira gasta, que estava ali desde o tempo dos meus avós. As cortinas de linho branco que a minha mãe costurou sozinha — ela tinha jeito para a costura. A tapeçaria emoldurada, bordada em ponto de cruz, que a avó tinha recebido como presente de casamento da minha bisavó. As escadas inclinadas e sinuosas, com uma corda grossa a fazer de corrimão, que tinham vestígios dos passos de várias gerações anteriores. Os pequenos quartos e as suas janelas brancas e pinázios de madeira. Adorava tudo aquilo.

O que odiava eram os vestígios do meu pai. As ranhuras feitas com a faca na bancada da cozinha. As marcas na porta de madeira da sala de estar, das vezes em que ele a abria aos pontapés, quando tinha ataques de raiva porque estava bêbedo. O varão dos cortinados que ficara ligeiramente curvado depois daquela vez em que puxara uma das cortinas para a enrolar à volta da cara da minha mãe, até Sebastian finalmente ter reunido coragem para o puxar para longe dela.

A lareira da sala de estar era uma das coisas que eu adorava. No entanto, os retratos pendurados por cima dela eram uma verdadeira farsa. As fotografias de família que a minha mãe tinha posto ali, o sonho de uma vida que não existia de todo. Fotografias dela e do meu pai, de mim e de Sebastian, o meu irmão mais velho, todos sorridentes. Eu queria arrancá-las dali, mas, ao mesmo tempo, não queria deixar a minha mãe triste. Era por nossa causa que ela tentava manter o sonho vivo. Uma vez, também lá pôs uma fotografia do irmão dela, mas, quando o meu pai viu o retrato do tio Egil, ficou completamente louco. Enquanto a minha mãe estava no hospital, ele certificou-se de que a fotografia desaparecia.

Até sentia dores de barriga enquanto esperava que tudo explodisse. Como sempre acontecia.

As horas depois de chegar a casa da escola, o meu pai passara-as sentado na sua poltrona gasta, em frente à televisão que nem sequer estava ligada, enquanto o nível na sua garrafa de vodca descia cada vez mais depressa. A minha mãe também sabia. Consegui ver isso nos seus movimentos irrequietos e agitados. Preparou a comida com cuidados redobrados, fez um jantar que incluía todos as coisas preferidas do meu pai: entremeada de porco com feijão-manteiga, cebola frita e batatas. Tarte de maçã com natas batidas para a sobremesa.

Nenhum de nós gostava de entremeada com feijão-manteiga, mas

sabíamos que, de qualquer maneira, todos íamos comer aquilo. Ao mesmo tempo que também sabíamos que nada ajudava. O ponto crítico já tinha sido ultrapassado, como um balancé que passava o ângulo a partir do qual a descida era o único caminho possível.

Ninguém disse nada. Pusemos a mesa em silêncio, usámos a loiça de porcelana, os guardanapos de pano que eu dobrei em forma de leque. O meu pai nunca prestava atenção a essas coisas, mas deixávamos sempre a mãe acreditar que talvez pudesse ajudar. Que ele veria quanto nos tínhamos esforçado, como era boa a comida que a minha mãe tinha preparado, que algo dentro dele se sentiria comovido pelos nossos cuidados e mudaria de ideias. Simplesmente, mudaria de ideias. Que deixasse o balancé voltar à sua posição original. Porém, não havia nada dentro dele que pudesse comover-se, que pudesse ficar afectado. Estava vazio. Oco.

— Gösta, a comida está na mesa.

A voz da minha mãe tremeu ligeiramente quando tentou soar alegre. Com cuidado, passou as mãos pelo cabelo. Estava arranjada, tinha prendido o cabelo e vestido uma blusa e um par de calças bonitas.

Não demorou até estarmos todos sentados nos nossos respectivos lugares. A minha mãe serviu o prato do meu pai com a quantidade exacta de entremeada que sabia que ele queria. Os feijões, a batata e a cebola frita, na proporção certa. O meu pai olhou para o prato. Durante muito tempo, demasiado tempo. Sabíamos, os três, o que aquilo implicava. Eu, a mãe e Sebastian.

Ficámos congelados num movimento, congelados numa prisão na qual eu e Sebastian vivíamos desde que tínhamos nascido e a minha mãe desde que conhecera o meu pai. Ficámos congelados enquanto ele olhava fixamente para o prato. Depois, muito devagar, como em câmara lenta, pegou numa mão-cheia de comida. Entremeada, feijão-manteiga, batata e cebola.

Conseguiu apanhar um pouco de tudo na sua palma enorme. Com a outra mão, com força, agarrou no cabelo da minha mãe, pelo penteado que ela tanto se esforçara por fazer. Depois, esfregou-lhe a comida na cara. Lenta e meticulosamente, esmigalhou-a à volta do seu rosto.

A minha mãe não fez nada. Sabia que a única hipótese era não fazer nada. Mas tanto eu como Sebastian sabíamos que, naquela noite, isso não seria suficiente. O olhar dele estava demasiado frio. A garrafa já muito vazia. A mão à volta do penteado apertada com demasiada força. Não tivemos coragem de olhar para ela. Nem um para o outro.

O meu pai levantou-se devagar e puxou a minha mãe até ela se levantar da cadeira. Vi alguns restos de carne e feijões no seu rosto. Do forno, chegava-nos o aroma do açúcar e da canela da tarte de maçã, a preferida do meu pai. Fiz uma revisão mental de todos os cenários possíveis que podiam desenrolar-se. Todas as partes do corpo que ele podia escolher atacar. Talvez fosse revisitar uma zona já muito familiar. Como os braços, que já tinham fracturas em cinco sítios diferentes. Ou as pernas, que tinham duas. As costelas, partira-as em três ocasiões diferentes. O nariz, uma vez.

Nessa noite, aparentemente, o meu pai estava a sentir-se criativo. Com toda a força do seu braço musculado, depressa pressionou a cara suja da minha mãe contra a mesa. Os dentes dela bateram contra o canto da mesa e conseguimos ouvir o som deles a partirem-se. Um fragmento de dente quase me entrou para o olho, as pestanas impediram-no e a lasca caiu no meu prato. No meio dos feijões-manteiga.

Sebastian sobressaltou-se, mas continuou sem levantar o olhar.

— Comam! — cuspiu o meu pai.

E nós comemos. Com o garfo, empurrei o pedaço do dente da minha mãe para o canto do prato.

— Café?

— Não, obrigada. De preferência, mais espumante e vinho tinto.

— Eu aceito um café, obrigada.

Kerstin pegou na chávena de papel com café que a assistente de bordo lhe passou antes de ir buscar o que Faye pedira.

— Quem é que achas que pode ser? — perguntou Faye, preocupada.

— É impossível saber. E também é um desperdício de energia estar a tentar adivinhar antes de sabermos mais pormenores.

— Não percebo como pude ser tão ingénua. Nunca sequer me passou pela cabeça que as restantes co-proprietárias pudessem vender as acções sem falarem comigo primeiro.

Kerstin ergueu as sobrancelhas.

— Eu avisei-te que era um risco vender uma parte tão grande da empresa.

— Sim, eu sei — respondeu Faye, frustrada, e olhou em volta em busca da assistente que deveria vir com as suas garrafas. — Na altura, pareceu-me a melhor solução. No meio de tudo o que estava a acontecer com o Jack e a Julienne, o julgamento, a comunicação social. E a morte da Chris. Assegurei o capital e assumi que, enquanto presidente do Conselho de Administração, podia manter o controlo.

— Nos negócios, nunca se assume nada — comentou Kerstin.

— Eu sei que tu adoras dizer «eu bem te avisei», mas importas-te de suspender isso por um tempo? Vamos falar de outra coisa. Fico stressada por estar presa num avião sem conseguir fazer nada ou descobrir mais

coisas antes das reuniões de amanhã. Já é suficiente ter passado o fim-de-semana inteiro a remoer o assunto.

A assistente de bordo regressou com uma pequena garrafa de espumante e outra de vinho tinto. Faye pegou nas duas garrafas vazias em cima da mesa à sua frente e entregou-as em troca. Abriu a garrafa de espumante primeiro e colocou a garrafa de vinho tinto gelada entre as coxas, para a aquecer.

— Não te esqueças de beber alguma coisa — notou Kerstin secamente e bebericou o café enquanto Faye despejava o espumante no copo.

— Como já disse, só temos reuniões amanhã. Por isso, não vou ter qualquer problema de consciência em afogar as minhas mágoas em álcool. Aliás, não és tu que devias estar a beber? Já que tens medo de voar?

— Obrigada por me lembrares, tinha acabado de conseguir parar de pensar nisso. Não, se vou morrer, então vou morrer sóbria.

— Isso parece-me completamente irracional. E desnecessário. Quando morrer, quero morrer bêbeda. De preferência, com aquele piloto entre as pernas…

Faye levantou uma sobrancelha e fez um gesto com a cabeça para um dos pilotos, que saíra do *cockpit* para trocar algumas palavras com a assistente de bordo. Parecia estar na casa dos trinta, cabelo escuro, um sorriso sedutor e um rabo que apontava para muitas horas passadas no ginásio.

— Sabes uma coisa, acho que é mesmo melhor deixar o piloto focar-se em pilotar o avião, em vez de, eventualmente, ir socializar com ele para a casa de banho.

Kerstin ficou com uma expressão nervosa e Faye riu-se.

— Calma, Kerstin, foi por isso que Deus inventou o piloto-automático

— Para os pilotos poderem ir para a cama com os passageiros? Duvidoso…

Faye bebeu o que restava do espumante no copo, abriu a garrafa de vinho tinto e serviu-o no mesmo copo.

Ela adorava Kerstin, mas, muitas vezes, dava por si a lembrar-se de que pertenciam a gerações diferentes. Chris teria compreendido exactamente o que Faye quisera dizer e ter-se-ia rido com ela, talvez até a tivesse desafiado a transformar a conversa sobre o piloto em acção. Desde que se tinham tornado amigas na universidade, Chris sempre estivera ao lado de Faye. Guiara-a, protegera-a, fora a sua maior defensora e, ao mesmo tempo, a sua mais honesta crítica. Faye usava constantemente a sua pulseira «*Fuck Cancer*» como uma recordação de Chris e do que havia perdido com a morte da melhor amiga.

Kerstin agarrou a mão de Faye numa carícia. Como sempre, conseguiu ver que os seus pensamentos tinham vagueado para Chris.

Faye aclarou a garganta.

— Vai levar alguns dias até os apartamentos que vimos para arrendar estarem disponíveis — disse. — Vamos ter de ficar no Grand Hôtel até lá.

— Certamente, não vamos lá passar qualquer tipo de necessidade — respondeu Kerstin secamente.

Faye sorriu, era evidente que não.

— Às vezes, penso nos primeiros tempos depois do divórcio — comentou. — Quando fui tua inquilina e passávamos as noites a fazer planos para a Revenge.

— Eras uma mulher fantástica e inspiradora — respondeu Kerstin e apertou-lhe novamente a mão. — Ainda és, claro.

Faye viu-se obrigada a limpar as lágrimas e virou-se outra vez na direcção do *cockpit*. O piloto voltara a sair para uma conversa rápida com uma das assistentes de bordo. Faye levantou o seu copo em sinal de brinde e obteve um leve sorriso em resposta.

Alguns minutos mais tarde, o piloto anunciou através dos altifalantes que estava na hora de a cabine se preparar para a aterragem. A equipa fez rondas para apanhar lixo e confirmar que todas as cadeiras estavam direitas, as mesas recolhidas e os cintos apertados.

Kerstin agarrou o apoio do braço com tanta força, que ficou com os nós dos dedos brancos. Faye pegou-lhe na outra mão e acariciou-a levemente.

— A maior parte dos acidentes acontece nas descolagens e aterragens — disse Kerstin, quase sem fôlego.

Alguns minutos mais tarde, as rodas do avião tocaram no solo e Kerstin apertou a mão de Faye com tanta força, que os seus anéis lhe penetraram a pele. Faye não se queixou nem reagiu.

— Já estamos em terra, já acabou — disse para a amiga.

Kerstin voltou a respirar e sorriu.

Quando o avião parou, pegaram na bagagem de mão e encaminharam-se para a saída. A equipa estava à porta do avião a despedir-se e a agradecer aos passageiros pela preferência. O piloto olhou para Faye e ela passou-lhe discretamente o seu cartão-de-visita. Ele respondeu com um sorriso caloroso e Faye desejou sinceramente que eles pudessem sair com o uniforme do trabalho vestido.

Depois de fazerem o *check-in* no Grand Hôtel, Kerstin subiu para o seu quarto para descansar. Faye ponderou descer até ao *spa* e reservar um tratamento, mas apercebeu-se de que estava demasiado inquieta para conseguir relaxar o suficiente e desfrutar. Em vez disso, foi para o bar Cadier.

Sentou-se num banco, ao comprido balcão, e olhou à sua volta. O Cadier estava, como sempre, cheio de gente. A maior parte da clientela consistia de homens de negócios com fatos caros, cabelo ralo e as barrigas típicas de demasiados almoços de negócios. As mulheres também vestiam roupas caras. Faye fez um levantamento mental rápido das marcas que viu de relance: *Hugo Boss*, *Max Mara*, *Chanel*, *Louis Vuitton*, *Gucci*, e algumas mais corajosas arriscavam-se com *Pucci*.

Emilio Pucci simbolizava o «dispendioso mas rebelde» e Faye também tinha no seu guarda-roupa um grande número de peças das suas colecções dos anos mais recentes.

Hoje, porém, escolhera algo mais sóbrio. Calças largas *Furstenberg* e uma blusa de seda bege de *Stella McCartney*. Roupa de limpeza a seco. Pulseiras *Love* da *Cartier*. Sobressaltou-se ao reparar que, juntamente com a sua pulseira «*Fuck Cancer*», continuava a usar uma outra que Julienne fizera para ela. Missangas de cores estridentes combinadas sem qualquer critério. Retirou-a rapidamente e guardou-a no bolso. Por momentos, esquecera-se de que, na Suécia, toda a gente pensava que Julienne estava morta.

— O que posso servir-lhe?

Um *barman* jovem e loiro olhou atentamente para ela e Faye pediu um *mojito*, uma das bebidas preferidas de Chris. Conseguia visualizar na perfeição a amiga à sua frente, a mexer no copo com o palito de plástico, com aquele sorriso brincalhão nos olhos, a contar-lhe sobre a sua última aventura — no mundo empresarial ou com um qualquer jovem atraente.

O empregado virou-se e começou a misturar elegantemente a bebida num copo alto. Faye pegou no seu computador, abriu-o e ligou-o. Não podia fazer mais nada em relação à venda das acções até ao dia seguinte, por isso, mais valia continuar a trabalhar no projecto de expansão para os Estados Unidos como se nada tivesse acontecido. Isso ajudava-a a manter a calma.

O trabalho sempre surtira esse efeito nela e, olhando para trás, não conseguia compreender como é que Jack conseguira convencê-la a desistir dos estudos e da carreira. Para vaguear como uma alma sem rumo dentro das quatro paredes do lar ou para dedicar horas intermináveis a almoços sem interesse com conversas insignificantes. Alguma vez teria sido realmente feliz nessa altura, antes de tudo começar a desmoronar-se? Ou ter-se-ia apenas convencido disso por não lhe ter sido dada qualquer alternativa? Por Jack a ter encostado a uma parede?

Jack deitara-a abaixo de uma forma que ninguém jamais conseguira fazer. Mas Faye vingara-se, construíra uma empresa de sucesso a partir do nada e esmagara a dele.

O melhor amigo e parceiro de negócios de Jack, Henrik Bergendahl, também caíra e tivera de recomeçar do zero. Bem, recomeçar com alguns milhões na conta bancária e uma enorme vivenda numa das ilhas mais caras do arquipélago de Estocolmo, paga e pronta a habitar, era algo que a maioria das pessoas provavelmente não consideraria como «recomeçar do zero».

Ao início, Faye sentira pena dele. Henrik tinha sido sempre

razoavelmente simpático para ela e só fora atingido precisamente por ser o sócio de Jack. Mas também sabia que ele tinha sido constantemente infiel à mulher, Alice, e, na verdade, não havia assim tantas diferenças entre os dois homens. Ambos tinham tratado as mulheres das suas vidas como bens de consumo.

Henrik já se reerguera de novo, por isso, os danos tinham sido temporários. A sua empresa de investimentos estava a ter enorme sucesso e a sua fortuna era agora muito maior do que durante os anos com a Compare. Faye não lhe invejava o sucesso mas também não lho desejava particularmente. Se ele não tivesse tratado Alice tão mal, talvez pudesse ter sentido uma pontada de arrependimento pelo facto de o ter levado como dano colateral. Mas agora não era nada que lhe tirasse o sono.

O *barman* colocou o *mojito* à sua frente com um sorriso e ela pagou.

— Como é que te chamas? — perguntou-lhe Faye e pôs a palhinha na boca. Aquele sabor a menta ficaria para sempre fortemente associado a Chris.

— Brasse.

— Brasse[1]? Diminutivo de…?

— De nada. É o meu nome próprio.

— *Okay*, agora tens de explicar isso. De onde vem esse nome?

O jovem agitou uma bebida no *shaker* ao mesmo tempo que respondeu à pergunta de Faye.

— Foi uma ideia do meu pai. Por causa do jogo entre a Suécia e o Brasil. No Mundial de 1994.

— Em 94? Então, deixa lá ver, tens…?

— Vinte e cinco anos — interrompeu um homem ao lado dela.

Faye virou-se para ele, olhou-o rapidamente de cima a baixo. Fato cinzento-escuro, *Hugo Boss*. Camisa branca bem engomada, *Rolex*

de platina com mostrador azul, na casa das trezentas mil coroas suecas, no pulso esquerdo. Cabelo claro e bastante grosso. Ou tinha bons genes ou então era fruto de uma visita discreta a alguma clínica de cirurgia plástica. Uma aparência bastante vulgar, mas parecia manter-se em forma, provavelmente treinava no SPR ou noutro dos ginásios de artes marciais mais exclusivos de Östermalm. Parecia ser o tipo de homem que gostava de desportos de luta.

— Eu sei, pareço mais novo — disse Brasse, o empregado do bar, enquanto servia uma bebida numa matriosca russa.

— Idade suficiente — comentou Faye, e o homem ao seu lado soltou uma gargalhada. — Desculpe? — perguntou Faye — Precisa de alguma coisa?

— Não, não, não me deixe perturbá-la.

Brasse desapareceu para a outra ponta do bar e anotou alguns pedidos. Faye virou-se para o homem de fato cinzento, que lhe estendeu a mão.

— David — apresentou-se. — David Schiller.

Ela pegou-lhe relutantemente na mão.

— Faye.

— Que nome bonito. Invulgar.

Faye conseguiu ver no olhar dele o momento em que fez a associação.

— «Faye» como em…?

— Sim — respondeu Faye secamente.

David pareceu ter compreendido os sinais, pois não fez mais nenhum comentário sobre o assunto. Em vez disso, gesticulou com a cabeça na direcção do computador dela.

— Dedicação ao trabalho, assumo que é isso que está por detrás de todo o sucesso. Já eu, estou aqui porque tenho um encontro com um grande amigo daqui a um bocado.

— *Okay*, e trabalha em quê?

Faye empurrou o computador para o lado. Brasse era um objecto de *flirt* melhor, mas também não conseguia concentrar-se em trabalho agora. Mais valia fazer o tempo passar com uma conversa com um estranho.

— Mercados e finanças. Um *cliché*, eu sei. Homem de negócios sentado a beber gim tónico no Cardier.

— Sim, um bocado *cliché*, de facto. Ou melhor, muito *cliché*, mesmo.

— Patético, se quisermos ser totalmente sinceros.

David sorriu para ela e algo na sua aparência se transformou. Por segundos, quase lhe pareceu atraente.

— Inacreditavelmente patético — respondeu Faye e inclinou-se para a frente. — Vamos brincar ao bingo do homem financeiro? Ver quantas coisas consigo adivinhar correctamente?

— Força — respondeu David, bem-humorado e com um brilho nos olhos.

— *Okay*, vou começar com algumas fáceis — disse Faye e franziu um pouco a testa. — *BMW?* Não, espere, *Alfa Romeo!*

— Bingo!

David voltou a sorrir e Faye não resistiu e retribuiu o sorriso.

— Humm… Refeições no Teartergrillen, pelo menos uma, não, melhor, duas vezes por mês?

— Bingo.

— Agora a questão é se vive num apartamento ou numa vivenda. Em Östermalm ou em Djursholm. Ou em Saltsjöbaden, talvez? Sim, vivenda em Saltsjöbaden é a minha aposta.

— Bingo outra vez, é incrível.

— Sim, pois sou, mas até agora foram só coisas óbvias. Daqui para a frente fica um pouco mais difícil

Faye bebeu o que restava do seu *cocktail* e David fez um sinal para Brasse.

— Quer outro igual?

— Não, acho que agora quero experimentar uma daquelas bebidas nas matrioscas.

Brasse assentiu e começou a preparar o pedido.

— Espero não ter arruinado o que poderia ter sido o início de uma fantástica história de amor — comentou David com um gesto da cabeça na direcção de Brasse.

— Oh, também estou a ficar farta de miúdos de vinte e cinco anos — respondeu Faye. — São demasiado aprumados e entusiásticos.

— Aprumados e entusiásticos.

David riu-se novamente. Faye sentiu que gostava mesmo do riso dele.

— Vamos, continue lá as adivinhas. Tem feito um brilharete até agora. Só estou um bocado preocupado por ser tão obviamente um *cliché*.

— Humm, deixe-me ver. É evidente que faz desporto. Artes marciais? No SPR?

— Bingo! Essa foi bastante impressionante, tenho de admitir!

— Que tipo de arte marcial?

— *Jiu-jitsu* brasileiro.

— Pois claro. *Okay*, que mais? Experimentou jogar *padel* pela primeira vez este ano e agora está completamente viciado.

— Bingo!

— Mas a sua mulher continua a treinar ténis no Campo de Ténis Real. Quando não está a fazer equitação.

David levantou um pouco as sobrancelhas.

— Bingo. E bingo. Que horror, agora tem de parar, começo a sentir-me como o Fredde da telenovela *Solsidan*.

Faye sorriu ironicamente.

— Pois, não esqueçamos que até partilham o mesmo apelido! Que tipo de grelhador têm no alpendre?

David abanou a cabeça e escondeu a cara com as mãos, em vergonha fingida.

— Um *Summit S-670 GBS*, grelhador a gasóleo.

— *Tere you go!*

Faye pegou na sua nova bebida e provou-a com delicadeza. Uma mensagem escrita iluminou o telemóvel de David.

— Bem, o meu amigo chegou e já está sentado na varanda. Prazer em conhecê-la, Faye.

Quando David se foi embora, ela pegou de novo no computador e puxou-o para si. A breve conversa deixara-a de bom humor e conseguiu focar-se outra vez no trabalho.

Apareceu uma mensagem no monitor. Era Kerstin. Faye estava prestes a levar, mais uma vez, a bebida à boca, mas parou o movimento de repente. Mais um lote de acções da Revenge acabava de ser comprado. Faye fechou o computador, o bom humor desvaneceu-se de imediato.

O café estava aguado e sabia a queimado, como era hábito nos escritórios de auditoria da AKV. As instalações em si eram pequenas e escuras, com estantes apinhadas de pastas com papéis por todo o lado. Lá se ia a teoria da sociedade sem papel. Ainda assim, Faye e Kerstin tinham escolhido fazer a reunião nos escritórios deles e não no delas, que era consideravelmente mais elegante, pois, por enquanto, era prudente tentar não mostrar à empresa que se passava alguma coisa. Naquele momento, Faye sentia-se como o pato na ilustração que o contabilista da Revenge, Örjan Birgersson, tinha na parede: a flutuar calmamente sobre a superfície da água mas a bater com as patas, frenético, por baixo dela.

— Mais café? — perguntou Örjan com entusiasmo, mas tanto Faye como Kerstin, abanaram a cabeça convictamente. Fora de bom tom aceitar uma chávena, mas já nenhuma delas conseguia sujeitar-se a duas.

— Então, o que vos parece?

Faye inclinou-se para a frente e tentou ler a expressão facial de Örjan. Era um homem pequeno e de cabelo grisalho, com óculos de hastes metálicas finas. Tinha um olhar atento e ficava sempre excessivamente entusiasmado com tudo o que tinha a ver com números, contas, débitos e créditos.

— Bem, é complicado — respondeu Örjan, animado, e Faye não conseguiu evitar ranger os dentes.

Para ela, esta era uma questão de vida ou de morte. Para ela, a Revenge era um ser vivo, algo de carne e osso, que respirava, vivia. Chris continuava a viver com a Revenge. Julienne fazia parte da Revenge. Kerstin. Todas

as mulheres cujas feridas e cicatrizes tinham formado a base da empresa. Todas elas viviam com a Revenge. Mas também eram elas que agora ameaçavam a sua existência.

— A Kerstin tinha toda a razão. Quando olhamos para estas aquisições, é possível vislumbrar um padrão, portanto, há muita coisa que aponta para que se trate de um único comprador.

— E consegue descobrir quem está por detrás? Se há algum denominador comum?

Sem se aperceber, Faye levou de novo o café à boca e não conseguiu evitar um esgar. Pousou a chávena longe de si para não voltar a cometer o mesmo erro.

— Ainda não, vai levar algum tempo. Quem está a comprar as acções, quer seja uma pessoa em nome individual ou uma empresa, sabe o que está a fazer. A melhor maneira que tenho para o descrever é como um novelo de lã, um emaranhado de empresas e compras. Se não fosse pelo facto de todas seguirem o mesmo padrão, teria sido difícil ver que só pode tratar-se de um único comprador. Foi o padrão que os desmascarou. Coisa que a Kerstin, como já disse, tão habilmente detectou.

Örjan piscou o olho a Kerstin, e Faye olhou com espanto para ele. Kerstin não parecia nem um pouco divertida.

— Faça o melhor que conseguir para tentar descobrir alguma coisa. O mais depressa possível — disse-lhe Kerstin com o seu tom de voz mais formal.

Örjan pareceu nem reparar e continuou a olhar embevecido para ela.

— Claro, Kerstin. Evidentemente. Aqui na AKV fazemos sempre tudo o que o está ao nosso alcance, e, se me permitem, eu sou um dos melhores nesta área. Recordo-me, por exemplo, de um pedido que recebemos do Ministério da Defesa para…

— E como é que estamos? — interrompeu Faye.

Sabia, por experiência própria, que as histórias de guerra de Örjan sobre o mundo da auditoria eram longas e completamente letais para qualquer tipo de alegria de viver dos que eram forçados a ouvi-lo.

— A situação não é muito promissora.

— Isso já nós percebemos, mas precisamos dos pormenores.

Faye apercebeu-se do seu tom cortante, mas o *stress* que já estava a sentir começava a misturar-se com a impaciência. Ela era uma pessoa de acção, precisava de agir, mas, sem todos os factos relevantes em cima da mesa, o seu ângulo de acções possíveis via-se severamente reduzido. Para poder ripostar a um ataque, precisava de saber contra quem devia fazê-lo e como.

— Tendo em conta a nova compra de acções, que foi feita ontem, a minha impressão é que o comprador já não se importa se vocês apanharam os movimentos ou não, até já assumiu que os sistemas de alarme, por esta altura, já foram accionados.

Faye começou a murmurar qualquer coisa e Kerstin colocou uma mão apaziguadora sobre o seu braço. Mas ninguém lhe roubaria o que era dela, ninguém ficaria com aquilo cuja construção a fizera arriscar e sacrificar tanto.

Tinha fundido a empresa de Chris com a Revenge, depois de a ter herdado, aquando da morte da amiga. Isso implicava que também o enorme império de produtos de cuidados para o cabelo que Chris construíra lhe seria roubado. E se havia algo que ela sabia com toda a certeza era que, se Chris tivesse a mínima oportunidade de atravessar este mundo para a estrangular com as suas próprias mãos por ela ter deixado aquilo acontecer, então fá-lo-ia. Nesse caso, Faye teria de começar a dormir com um olho aberto depois de apagar a luz.

— Descubra quem está por detrás disto. E dê-nos a documentação

de tudo o que já conseguiu reunir até agora para nós podermos pegar por aí.

Faye levantou-se da cadeira e Örjan ficou com um ar desiludido. Virou o olhar para Kerstin, que também se levantou, pegou na mala e ajeitou a saia.

— Percebo que estão com muito trabalho agora, mas toda a gente precisa de comer. Pensei convidar-vos…

Olhou outra vez para Kerstin, que, meio em pânico, deu um beliscão na perna da amiga.

Faye aclarou a garganta.

— Agora não temos tempo para comer. Tem o meu número. Ligue-me assim que souber alguma coisa.

— Evidentemente. Mas parece-me que vai ser difícil para as meninas conseguirem encontrar alguma lógica nisto. Talvez fosse melhor contratarem uma equipa da Mckinsey. Eles têm bons rapazes lá.

— Não, obrigada.

Faye bateu com a porta atrás delas.

— Vou despedir o Örjan — disse quando se sentaram num táxi. — Vamos ter de procurar outro contabilista.

Kerstin assentiu com a cabeça.

— Percebi isso no preciso momento em que ele nos chamou «meninas».

Pouco tempo depois, o táxi parou em frente às portas giratórias douradas do Grand, e elas saíram.

— Queres almoçar? — Faye pegou na mala e na gabardina enquanto olhava para Kerstin.

— Tenho algumas coisas que quero verificar imediatamente. Importas-te de almoçar sozinha?

— Não, claro que não, também tenho algumas coisas que preciso

de despachar. Então encontramo-nos às duas horas? No meu quarto? E arregaçamos as mangas.

— Sim, às duas parece-me bem.

Kerstin foi a primeira a sair pela porta giratória, com Faye atrás dela, mas já no pedaço de bolo seguinte. Faye atirou a gabardina para o outro braço, para conseguir retirar a chave do seu quarto da mala, e sobressaltou-se quando alguém atrás de si lhe puxou o casaco. Virou-se para trás para ver quem era e viu que o casaco ficara preso na porta giratória.

— Foda-se, maldito inferno!

Puxou a gabardina com força, mas a manga estava presa de tal maneira, que não cedeu um milímetro. O porteiro atrás do balcão à entrada apressou-se para a ajudar mas também não conseguiu fazer nada. Pediu-lhe imensa desculpa e subiu as escadas a correr para ir buscar ajuda enquanto Faye continuava a puxar.

Alguém bateu com os dedos no vidro do outro lado. Era David, o homem que conhecera no bar no dia anterior.

— Se deres um passo para trás, eu empurro a porta do meu lado. Não vais conseguir abrir a porta só a puxar o casaco.

— Pois não, já reparei nisso— respondeu Faye, mal-humorada.

Recuou um passo, David tentou empurrar a porta e abriu-se uma frecha maior pela qual Faye conseguiu finalmente puxar a gabardine. O porteiro, que vinha a descer as escadas com o recepcionista, pareceu aliviado.

David sorriu para ela.

— Ainda bem que se resolveu.

— A caminho de uma sessão de *padel?* — perguntou Faye secamente.

Percebeu que devia mostrar-se agradecida, mas David estava com um ar insuportavelmente satisfeito por ter podido representar o papel de cavaleiro andante.

— Não, estava a pensar ir almoçar a algum lado aqui perto. Já almoçaste?

— Não — respondeu Faye, arrependendo-se de imediato.

— E vais almoçar?

— Sim. Ou melhor, não. Precisava de trabalhar um bocado e pensei comer qualquer coisa

— Então, almoçamos juntos. Queres comer aqui ou vamos a outro sítio?

— Comemos aqui.

Arrependeu-se novamente. Que se passava com ela? Nem sequer estava com vontade de almoçar com aquele homem. Por outro lado, teria muita dificuldade em concentrar-se no trabalho depois da reunião com a empresa de contabilidade, por isso, talvez até fosse melhor ingerir uma refeição decente.

— No bar. Pagas tu — disse-lhe.

David lançou-lhe aquele sorriso outra vez.

— Combinado.

— Mas aviso-te já, eu sou de manutenção cara, como que nem um lenhador. E bebo champanhe como uma esposa de luxo que o marido acabou de trocar pela secretária vinte anos mais nova.

— Não te preocupes, eu tenho dinheiro que chegue.

David começou a subir as escadas alcatifadas, virou-se e olhou para ela com ar inquiridor. Faye suspirou e seguiu-o.

— Não, esquece, não vais nada ser tu a pagar. Eu convido-te.

David encolheu os ombros.

— Como quiseres. Mas aviso-te já, eu também sou de manutenção cara.

— Eu também tenho dinheiro que chegue — respondeu Faye.

A questão agora era por quanto tempo isso seria verdade.

— Não queres mesmo experimentar uma ostra? Uma pequenina?

Kerstin olhou para Faye com um ar enojado.

— Não sei quantas vezes já me perguntaste isso, e já alguma vez ouviste outra resposta? Não!

— São óptimas, juro!

Faye espremeu limão em cima de uma ostra e acrescentou uma pequena colher de chá com cebola vermelha em vinagre.

— A sério, não sabes o que estás a perder.

— Prefiro comida cozinhada. Esta lagosta, por exemplo. Ninguém insiste que eu a coma crua.

Kerstin estendeu o braço para uma das metades de lagosta em cima da enorme travessa de marisco que tinham à frente. O restaurante Sturehof palpitava de vida, com o som das gargalhadas de clientes, talheres a tilintar e os empregados, vestidos com elegantes casacos brancos com apontamentos dourados, a movimentar-se agilmente por entre as mesas.

— Mas gostas do arenque sueco?

— Mas o arenque não é cru, é… pois, que raio é o arenque? Curado? Em salmoura? Seja como for, cru não é de certeza.

— Se tu o dizes…

— Agora cala-te e come o teu marisco. Senão, fico eu com a lagosta.

— Podes comê-la, ainda estou cheia do almoço.

Faye recostou-se na cadeira e bebeu um trago do copo. Para grande horror do empregado de mesa, pedira uma garrafa de *Amarone*. Aparentemente, não se bebia *Amarone* com marisco, mas os empregados

eram suficientemente bem treinados para terem o bom senso de não o referir. O cliente tinha sempre razão. Não obstante, Faye tinha a certeza de que o escanção estava na cozinha a derramar umas lágrimas por ela.

— O almoço, pois é. Foi agradável?

— Oh, não é nada disso, acabei a conversar com ele por acaso no bar do hotel, ontem. Exactamente o tipo de homem que se espera encontrar no Cadier.

— Mas, mesmo assim, parece que te divertiste! Já falaste sobre ele várias vezes esta tarde.

— Agora és tu que estás a ser chata.

Faye pegou num lagostim e descascou-o habilmente. Para quem crescera em Fjällbacka, descascar marisco era algo que até a dormir se conseguia fazer.

— Sim, pronto, foi agradável. Ele é bem-disposto e culto, mas sem ser sabichão. É sempre uma qualidade apreciada num homem.

Kerstin ergueu as sobrancelhas e Faye abanou a cabeça.

— Já chega de conversa sobre o meu almoço. Pronto. Então temos um plano, não é?

Tinham passado a tarde no quarto de hotel de Faye a ver e rever tudo o que sabiam e a discutir os possíveis meios de acção à sua disposição. Infelizmente, eram menos do que esperavam. Tinham feito listas com nomes de empresas e pessoas que pensavam poder estar por detrás das compras, mas nenhum lhes pareceu claramente mais provável do que outro. Faye não conseguia de todo compreender quem poderia querer roubar-lhe a Revenge.

Também não conseguia perceber como é que as outras accionistas tinham sido capazes de fazer aquilo nas costas dela. As mulheres com quem ela partilhara o crescimento e o sucesso da empresa. Não soubera de nenhuma

insatisfação, o seu estilo de liderança fora sempre recebido com palavras de apoio e artigos elogiosos na imprensa e até recebera o prémio de «Mulher de negócios do ano». Nunca ninguém apresentara qualquer tipo de reclamação que tivesse causado sinais de alarme. Simplesmente, não compreendia.

— Não podes deixar a cabeça assim — comentou Faye e apontou para a metade de lagosta de Kerstin. — Essa parte castanha é a melhor. E sabes que também podes tirar a carne de dentro das patas mais pequenas, e no rabo, se separares as camadas, tens aquelas lascas muito fininhas …

— Deixa-me comer como eu quero — resmungou Kerstin e voltou a colocar a casca da lagosta em cima do gelo na travessa. Depois pegou numa mão-cheia de camarões e continuou a comer.

— Então, da próxima vez, podes pedir um pedaço de lagosta enlatada, assim não precisas de te preocupar com a chatice de a descascar…

Rindo, Kerstin abanou a cabeça e desviou o cabelo dos olhos com as costas da mão. Faye bebeu o seu *Amarone* enquanto observava a amiga numa batalha incessante contra as cascas dos camarões. Ficou de novo impressionada com a gratidão que sentia por Kerstin ter entrado na sua vida. Quão diferente tudo se tornara depois de se conheceram. Quando Faye arrendara o quarto na vivenda de Kerstin, em Enskede, a amiga viva lá sozinha, uma vez que o merdas do marido estava numa casa de repouso, depois de ter tido um derrame cerebral. Algo com que Kerstin não sofrera nem um pouco, uma vez que ele lhe fizera a vida num inferno, tanto psicológica como fisicamente. Lentamente, elas tinham formado uma pequena família e agora estavam lá uma para a outra, para o que desse e viesse. Faye tinha dificuldade em confiar nas pessoas, mas confiava cegamente em Kerstin.

Um cavalheiro distinto, com cabelos brancos e bigode bem cuidado,

mantinha os olhos fixos em Kerstin já há algum tempo. Faye deu-lhe um leve pontapé por baixo da mesa.

— Ali, às duas horas. O velhote que parece ter saído directamente do tempo do colonialismo. Ainda não parou de olhar para ti. Andas a tomar banho com algum tipo de óleo de almíscar ou o que é que se passa?

Faye apontou um dedo para Kerstin, que corou até às orelhas.

— Nem vou responder a isso. Pede mas é um copo de *Chardonnay* para mim e vamos rever os planos para amanhã outra vez.

Faye fez um sinal ao empregado e pediu o vinho para Kerstin. O homem com o bigode clássico sorriu para Kerstin, que fez o seu melhor para tentar ignorá-lo.

— Então, primeiro vamos ao *talk-show* do Skavlan, mas depois dividimos pelas duas o maior número possível das accionistas que ainda não venderam nada e vamos falar com elas.

Faye pegou noutro lagostim da grande travessa de prata.

— O mais importante é não revelarmos que se está a passar alguma coisa, não queremos que saibam que a empresa está a ser atacada.

— Sim, eu sei, mas diria que o mais importante é evitar que mais pessoas vendam.

— Uma oferta do senhor ao fundo da sala.

O empregado colocou um balde de gelo com uma garrafa de champanhe ao lado da mesa e, com gestos graciosos, pousou dois copos altos à frente de cada uma delas, antes de abrir a garrafa de champanhe com um estalido.

Faye ergueu uma sobrancelha provocadora para Kerstin, que suspirou.

— É o que eu digo — comentou Faye. — Óleo de almíscar.

Presumiu que era a felicidade que Kerstin emanava desde que conhecera Bengt que a tornava tão irresistível para os homens.

Faye acenou com a cabeça para o senhor colonial, que, com um sorriso

de orelha a orelha, ergueu o seu copo num brinde a ambas. Faye voltou a dar um pontapé a Kerstin por baixo da mesa.

— Comporta-te, mulher. Faz um brinde e agradece. Nunca se sabe onde é que isto pode levar!

— Faye!

Kerstin voltou a corar, mas levantou o seu copo e fez um brinde misericordioso.

As luzes do estúdio ofuscavam-na, Faye perdera a noção das horas, não sabia há quanto tempo a entrevista durava ou quanto ainda faltava. O público estava sentado em filas numa bancada, como uma massa faminta e sem rosto, atento a cada palavra dela, a cada alteração das suas expressões faciais.

Habitualmente, sentia-se bem naquele tipo de situações. O macaquinho do circo dentro dela gostava de se sentar em frente a uma plateia, de sentir os nervos perante uma gravação de televisão. Porém, hoje sentia-se desconcentrada e ansiosa. Os pensamentos sobre a aquisição das acções tinham-na mantido acordada durante a maior parte da noite, às voltas na cama. Fizera uma revisão mental antecipada das conversas que teria de ter com as mulheres que precisava de convencer a não venderem as suas quotas, mas sem, de forma alguma, revelar que algo estava a acontecer. Não seria tarefa fácil, exigiria tanto tacto como a sensibilidade mais afinada.

Um silêncio um pouco mais longo puxou-a de volta ao presente. Fora-lhe feita uma pergunta e agora aguardavam a sua resposta.

— O plano é expandir o negócio para os Estados Unidos — ouviu-se a si própria dizer. — Vou estar aqui em Estocolmo mais ou menos um mês, para me encontrar com possíveis investidores e afinar os últimos detalhes. E quero acompanhar pessoalmente a nova emissão de acções.

Estava um calor infernal no estúdio, Faye sentiu um fio de suor escorrer-lhe pelas costas.

Fredrik Skavlan, o apresentador norueguês, endireitou-se.

— Mas essa sede… o que é que te move? Já és milionária, um ícone

feminista.

Faye deixou o silêncio prolongar-se. Os outros convidados eram um actor americano de Hollywood, uma professora catedrática de Linguística que acabara de lançar um livro técnico que se tornara um *best-seller* e uma mulher que escalara o monte Evereste, com uma prótese na perna amputada. O actor de Hollywood não deixara de flirtar descaradamente com Faye desde que ela chegara ao estúdio.

— Antes de a minha melhor amiga Chris morrer, prometi-lhe que ia viver pelas duas. Quero ver quão longe consigo ir, o que sou capaz de construir. O meu maior medo é morrer antes de ter atingido o meu potencial máximo.

— E a Julienne, a tua filha que foi assassinada pelo teu ex-marido. O que é que a memória dela significa para ti?

Fredrik Skavlan inclinou-se para a frente e a tensão no estúdio aumentou perceptivelmente.

Faye demorou a responder, deixou a temperatura aumentar ainda mais. Atingir o ponto de ebulição. A resposta estava muito bem ensaiada, mas era importante que soasse natural.

— Ela está presente em tudo o que eu faço. Quando a saudade e a dor se tornam demasiado pesadas, enterro-me em trabalho. Dedico-me à Revenge, faço os possíveis para a ver crescer, para não morrer sozinha. Para não me transformar em mais uma mulher silenciada pelos actos horrendos de um homem. Para que ele, o homem que eu em tempos amei e que matou a nossa filha, não me possa matar a mim também.

Faye apertou os lábios enquanto uma lágrima lhe escorria lentamente pelo rosto, até cair no chão preto-brilhante do estúdio. Não era difícil, a sua dor estava sempre tão perto da superfície, que era fácil invocá-la.

— Obrigado, Faye Adelheim, por teres vindo aqui contar-nos a tua história. Sei que estás muito ocupada e que tens de te ir embora.

O público levantou-se e os aplausos ribombaram, pareciam nunca mais acabar. Continuaram enquanto ela cambaleou pelo chão do estúdio, passando pelas bancadas, e desapareceu nos bastidores.

Antes de entrar no seu camarim, chamou uma jovem rapariga com um auricular na orelha e pediu-lhe que lhe chamasse um táxi. Ao fundo do corredor, ouviu a estrela de Hollywood chamar o seu nome. Faye ignorou-o e fechou a porta atrás de si. Dentro do camarim, havia uma ventoinha e uma poltrona amarelo-mostarda, gasta, como se tivesse ficado esquecida a um canto. Faye parou, encostou-se à parede e tentou sorrir para o seu reflexo no espelho. Missão cumprida, tudo correra bem. As peças do quebra-cabeças de mentiras, verdades e meias-verdades juntaram-se e criaram a imagem que ela queria transmitir de si própria. Ainda assim, faltava-lhe aquela explosão de adrenalina habitual que costumava sentir depois de uma aparição bem-sucedida na televisão. Não conseguia livrar-se do nervosismo que a envolvia como um cobertor molhado. Já uma vez cometera o erro de dar o futuro por garantido. Já fora atingida pela mesma arrogância que levara Ícaro a voar demasiado perto do Sol com asas de cera. Agora estava a pagar o preço, enquanto a cera derretia e as suas asas eram destruídas.

Fjällbacka — naquela altura

No meu décimo terceiro aniversário, fui violada pela primeira vez. Era um dia como outro qualquer, na verdade. Foi mais uma coincidência ter acontecido precisamente no meu aniversário. Não tínhamos feito nenhuma celebração porque o meu pai costumava dizer que essas coisas eram um desperdício de dinheiro e, além disso, não tinha vontade de se levantar antes do trabalho para cantar os parabéns.

Ao jantar, empadão de peixe. Também ficámos em silêncio. Eu, o Sebastian, a minha mãe e o meu pai. De vez em quando, poucas vezes, a minha mãe tentou começar a conversa, fazer algumas perguntas banais para dar início a um diálogo, criar alguns segundos que, pelo menos, se assemelhassem a uma normalidade, mas, depois de o meu pai lhe berrar que calasse a boca, também ela ficou em silêncio a remexer a comida com o garfo. De qualquer forma, apreciei o seu esforço. Talvez nem fosse verdade, mas convenci-me de que ela estava a esforçar-se um pouco mais por ser o meu dia de anos. Por baixo da mesa, apertei-lhe rapidamente a mão num agradecimento silencioso, que não sei se ela compreendeu.

Quando o meu pai acabou de comer, levantou-se da mesa e desapareceu, deixando o prato ficar onde estava. O Sebastian levou o dele para o lava-loiça, eu e a minha mãe não tínhamos problemas em tratar da loiça toda. Pelo contrário. Propositadamente, a minha mãe costumava desarrumar o máximo possível na cozinha enquanto fazia o jantar, para que o momento que tínhamos para nós pudesse prolongar-se por mais tempo.

Na sala de estar, ouvimos a televisão ligar e sorrimos uma para a outra,

aliviadas por podermos estar sozinhas. Protegidas pelo barulho da loiça a bater e da água da torneira a correr, começámos a segredar uma à outra sobre o nosso dia. Eu costumava inventar e acrescentar coisas que achava engraçadas, para que ela não ficasse triste. Penso que ela usava a mesma estratégia. Aquele momento na cozinha era a nossa bolha de oxigénio, porquê estragá-la com algo tão deprimente como a realidade?

— Anda comigo.

A minha mãe deu-me a mão e deixou a água a correr, para que o meu pai pensasse que ainda estávamos a lavar a loiça. Segui-a silenciosamente pelo corredor. Ela enfiou a mão no bolso do casaco, com muito cuidado para não fazer barulho, e estendeu-me um pequeno embrulho com uma fita à volta.

— Parabéns, meu amor — segredou-me.

Desfiz cuidadosamente o laço, desembrulhei o presente e levantei silenciosamente a tampa da caixa. Lá dentro estava um colar de prata, com um pendente em forma de asas. Era a coisa mais bonita e maravilhosa que eu alguma vez tinha visto.

Abracei a minha mãe. Apertei os braços com força à volta dela, inspirei o seu perfume, senti-lhe os batimentos nervosos do coração no peito. Quando nos soltámos, ela retirou o colar da caixa e colocou-o à volta do meu pescoço. Depois, acariciou-me levemente o rosto e voltou para a cozinha. Eu apertei as asas, que me pareceram frágeis entre os meus dedos.

Ouvi o meu pai tossir, lá dentro na sala. Larguei as asas, escondi rapidamente o colar por baixo da gola da camisola e fui para a cozinha ajudar a minha mãe com a loiça.

Quando acabámos de arrumar tudo, subi para o meu quarto, que ficava paredes-meias com o do Sebastian. Acabei de fazer alguns trabalhos de casa

rapidamente — apesar de andar no sétimo ano, já me tinham dado o livro de Matemática do nono. Eu tentara protestar, sabia que isso ia provocar os meus colegas, ia intensificar a guerra contra mim, mas a minha professora insistiu e disse que tínhamos de nos esforçar se quiséssemos chegar a algum lado neste mundo.

A minha secretária era velha, torta e frágil. Estava cheia de marcas de tinta de quando a caneta fugia do papel. A intervalos regulares, tinha de ajeitar o pedaço de papel dobrado em quatro que estava por baixo de uma das pernas da mesa, para que não abanasse tanto.

Pousei a caneta e estiquei o pescoço. Como tantas vezes antes, o meu olhar fixou-se na estante dos livros. Livros lidos e relidos, gastos e velhos. De vez em quando, e com o coração pesado, tinha de deitar alguns fora, para dar lugar a outros que encontrava nas feiras de velharias ou que a simpática bibliotecária Emma me oferecia quando a biblioteca de Fjällbacka renovava o seu acervo.

Nunca me desfaria de alguns dos livros. *Mulherzinhas*; *Tess dos D'Urbervilles*; *Lace*; *Vida e Amores de Uma Mulher Demónio*; *Kristin Lavransdatter*; *Pássaros Feridos*; *O Monte dos Vendavais*; *A Princesinha*. Não eram apenas livros que eu tinha herdado da minha mãe, eram memórias. Eram momentos em que eu podia entrar noutro mundo, fugir do meu. Tornar-me outra pessoa.

Nos sítios onde as paredes não estavam cobertas por estantes de livros, tinha pendurado imagens de alguns dos meus autores preferidos. Onde as outras raparigas da minha turma tinham os Take Tat, Bon Jovi, Blur e Boyzone, eu tinha a Selma Lagerlöf, Sidney Sheldon, Arthur Conan Doyle, Stephen King e Jackie Collins. As pessoas que, em tempos, tinham sido os ídolos da minha mãe e que, agora, eram os meus. Os meus heróis, os que me levantavam da minha realidade e me transportavam para outro

lugar. Eu sabia que isso era considerado pateta, mas também nunca ninguém vinha à minha casa, por isso, quem é que ia ver aquilo?

Levantei-me da secretária e fui para a cama — não me preocupei com lavar os dentes — quando ouvi o Sebastian a andar de um lado para o outro no quarto dele. No andar de baixo, o meu pai estava aos berros com a minha mãe, ela estava calada, não se ouvia uma palavra da sua boca e eu imaginei que ela lhe murmurava promessas de que ia melhorar, na esperança de que isso fosse suficiente para evitar ser outra vez partida em pedaços. Até agora, só nesse ano, já tinha ido às urgências do centro de saúde quatro vezes. Era impossível não terem desvendado as suas desculpas sobre portas com que chocara, escadas pelas quais caíra, parecia que o interior de uma casa inteira tinha algo contra ela, como um poderoso inimigo de madeira. Ninguém podia acreditar naquilo, mas tabém ninguém fazia nada. Naquela pequena comunidade, as pessoas podiam guardar os seus segredos para si. Tornava-se mais fácil justificar essa atitude quando todos os fios estavam entrelaçados, dependiam uns dos outros, como uma gigante teia de aranha.

Deitei-me de lado, a cabeça apoiada nas mãos, a cara virada para a parede. Quando éramos mais novos, eu e o Sebastian comunicávamos um com o outro através de toques na parede. Principalmente quando a minha mãe era espancada. A última vez que fizemos isso foi há alguns anos. Às vezes, ele também dormia na minha cama quando os nossos pais discutiam, enrolado ao meu lado como um cachorrinho. Mas, quase sempre, usávamos as batidas na parede. Uma noite, ele simplesmente deixou de responder. Eu continuei a tentar, durante semanas, até ao dia em que bati freneticamente, cada vez mais desesperada para obter uma resposta, e ele entrou de rompante no meu quarto e gritou que eu parasse de bater.

— Sua puta de merda! — gritou.

Eu gaguejei um pedido de desculpas, em estado de choque completo com

as palavras dele.

Isso coincidiu com a altura em que o *bullying* dele parou, quando começou a dar-se com dois rapazes que eram um pouco mais velhos que ele, dois dos mais populares. O Tomas e o Roger.

O Tomas olhava sempre para mim quando nos cruzávamos na escola. Havia alguma coisa tocante nele, uma certa fragilidade que era encantadora, que fazia com que eu abrandasse sempre o passo quando nos cruzávamos nos corredores. Uma parte de mim desejava que fosse a nossa casa com o Sebastian, outra parte desejava que nunca o fizesse.

Apaguei a luz do tecto, a cama transformou-se numa pequena ilha de claridade no meio de toda a escuridão e, uma vez que tinha acabado de ler o policial da Agatha Christie enquanto esperava pelo jantar e não tinha ido à biblioteca levantar outros livros, peguei n'*As Aventuras de Huckleberry Finn*, um dos livros dos quais nunca me desfaria e que já tinha lido pelo menos dez vezes.

Os olhos ardiam-me de cansaço, mas tinha muita coisa que precisava de esquecer, por isso, continuei a ler para não ter de me confrontar com os meus próprios pensamentos. Quanto mais cansada ficava, mais rapidamente adormecia, sem ter de ficar à espera de que o sono chegasse.

Já devia faltar pouco para a meia-noite quando uma porta se abriu de repente. Fiquei à espera de ouvir o ranger das escadas quando alguém as descesse para ir à casa de banho. Todavia, isso não aconteceu e foi antes a porta do meu quarto que se abriu. Primeiro, fiquei contente porque pensei que isso significava que eu e o Sebastian íamos voltar a partilhar conversas. Tinha sentido tanta falta dele nos últimos tempos.

O bar Cardier estava meio cheio. Os turistas e os homens de negócios espalhavam-se pelos diversos grupos de sofás, com bebidas nas mãos. Os empregados apressavam-se de um lado para o outro a passos rápidos. Faye afastou o prato vazio para o centro da mesa e um empregado surgiu rapidamente a perguntar-lhe se desejava mais alguma coisa. Abanou a cabeça, encostou-se para trás e observou o palácio real iluminado, do outro lado do canal. Um grupo de americanos na mesa ao lado da dela conversavam, em voz alta e descontentes, sobre o desapontamento que sentiam em relação à percepção dos suecos sobre um palácio real. De acordo com eles, o palácio mais parecia uma prisão. Faye assumiu que a insatisfação era resultado de todos os inúmeros castelos da Disney que lhes dera falsas esperanças.

Estava completamente exausta depois de um dia intenso. Primeiro, a entrevista com Skavlan, a seguir, várias conversas com as accionistas, algumas por telefone, outras cara a cara. Mas correra tudo bem. A sua avaliação era que conseguira transmitir a mensagem que pretendera, que deviam manter as suas acções sem levantar suspeitas.

Ela e Kerstin tinham elaborado uma estratégia que parecia funcionar, a de sugerir que grandes coisas estavam em andamento juntamente com a expansão para o mercado norte-americano e que, por isso, seria sensato manterem-se na posse das suas quotas de acções.

Uma voz que foi ficando cada vez mais alta fê-la virar-se. A algumas mesas de distância, estava um homem dos seus cinquenta anos, sentado em frente a uma jovem na casa dos vinte. Podiam ser pai e filha, mas, aos

poucos, Faye foi-se apercebendo de que se tratava de uma entrevista de emprego. A jovem mulher tentava manter a conversa num tom formal e apresentar as suas competências profissionais enquanto o homem contra-atacava, cada vez mais embriagado, com perguntas sobre um possível namorado, se ela gostava muito de se divertir, e a chateava com incitações para que bebesse alguma coisa e «relaxasse».

Faye abanou a cabeça e sentiu a raiva crescer dentro de si.

— Tens a certeza de que não queres um gim tónico? — perguntou o homem. — Ou se calhar preferes bebidas mais doces!? Um daqueles *mojitos*, talvez?

A jovem mulher suspirou.

— Não, obrigada, estou bem assim — respondeu.

Faye sentiu pena dela. Era evidente que o homem, que, a julgar pela conversa, era o dono de uma agência de relações públicas, estava a pensar noutra coisa para além de uma possível contratação.

Faye levantou-se e foi com o copo de vinho na mão até à mesa deles. O homem, que estava a meio de um monólogo sobre o seu barco e, de passagem, convidara a mulher para o visitar, calou-se.

— Não consegui evitar ouvir a história fascinante sobre como construiu a sua agência. Excelente trabalho.

Era evidente que o homem reconhecia Faye. Passou a língua pelos lábios e assentiu com a cabeça.

— O trabalho árduo compensa — respondeu.

— Como é que se chama?

Faye estendeu-lhe a mão.

— Patrik Ullman.

— Faye. Faye Adelheim.

Sorriu para ele.

— Mas há uma coisa que me espanta, Patrik, e que gostaria de lhe perguntar: organiza sempre a sua agenda de maneira a que todas as suas entrevistas de emprego decorram em bares de hotéis por volta desta hora ou só quando os candidatos são mulheres jovens?

Patrik Ullman abriu a boca, mas voltou a fechá-la, fazendo lembrar um peixe a lutar por ar dentro de um balde de água apertado.

— É que tentar encharcar alguém em álcool e fazer perguntas sobre possíveis namorados e, no segundo seguinte, convidar a pessoa a visitar o seu barco não me parece uma maneira nada inteligente de analisar as competências profissionais dela. Mas que sei eu?

A jovem mulher tentou esconder um sorriso enquanto o rosto de Patrik Ullman ficava cada vez mais vermelho. Começou a formar um som gutural, mas Faye antecipou-se.

— Era um *Galeon 560* que disse que tinha? Ó filho, nesse *tupperware* de plástico eu não me metia nem para ir à pesca com anzol.

A mulher não conseguiu conter uma gargalhada.

— Sua cab…

Faye levantou um dedo no ar e inclinou-se para a frente, até o seu nariz quase tocar no dele.

— Sua quê? — perguntou em voz baixa. — O que é que ias dizer, Patrik?

O homem apertou os lábios e Faye endireitou-se.

— Bem me queria parecer.

Sorriu-lhe, bebeu um gole de vinho e virou-se de seguida para a mulher, retirou um cartão-de-visita da sua bolsa e colocou-o em cima da mesa à frente dela.

— Se quiser um emprego a sério, ou andar num barco a sério, pode contactar-me.

Virou costas, regressou à sua mesa e voltou a sentar-se.

Patrik Ullman estava vermelho como um tomate quando balbuciou qualquer coisa para a sua acompanhante, pagou e saiu apressadamente do local.

Faye acenou para as costas do homem, bebeu o que restava do seu vinho e preparou-se para voltar a subir para a *suite*. Só lhe apetecia afundar-se na banheira com água a escaldar, retirar a maquilhagem do estúdio de televisão, para depois se enfiar na cama.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som de alguém a aclarar a garganta atrás dela. Quando Faye se virou, David Schiller estava ao seu lado. Os olhos a brilhar de riso. Faye não reparara na sua cor até agora. Azul-celeste. Como o mar Mediterrâneo. David trazia um *dry martini* na mão.

— Só queria dizer-te «obrigado» — disse-lhe.

— Porquê? — perguntou Faye, na defensiva.

— Pelo que acabaste de fazer. Puseste-me a pensar nas minhas duas filhas, quero que elas cresçam a acreditar que têm o mundo aos seus pés, da mesma maneira que eu cresci a pensar o mesmo. Aquela rapariga podia ser a minha Stina ou a minha Felicia, daqui a uns anos. Por isso, fico contente por saber que há pessoas como tu que estão do lado delas.

Faye sentiu um aperto no peito ao ouvir as palavras dele e levantou o seu copo num brinde.

— Qual é a piada de ter dinheiro se nunca dissermos «cala-te já» a ninguém? — comentou.

David, que tinha a boca cheia de *dry martini*, riu-se até o líquido translúcido lhe aparecer nos cantos da boca.

— Era a minha melhor amiga Chris que dizia sempre isso.

— Um brinde à Chris, então — respondeu David.

Não se apercebera de que ela usara o imperfeito ao referir-se a Chris, mas

Faye também não tocou no assunto. A dor ainda era demasiado forte. Nem sequer conseguira manter o contacto com Johan, o homem sensível e carinhoso com quem Chris se casara no leito de morte. Ele recordava-a demasiado de tudo o que ela perdera.

Faye olhou novamente para David e encolheu os ombros. Não sabia dizer porquê, talvez devido às suas objecções anteriores.

— Queres fazer-me companhia? — perguntou-lhe.

Pediram novas bebidas, outro *dry martini* para David e um gim tónico para Faye.

— Há quanto tempo estás hospedado aqui no hotel? — perguntou-lhe quando pousou o copo. — Porque assumo que estás aqui hospedado, caso contrário, diria que tens a tendência muito pouco saudável de estar sempre no Grand.

David fez um esgar.

— Estou a viver aqui há duas semanas.

— Tanto tempo. Alguma razão em particular? Um bocado desnecessário para quem tem uma vivenda em Saltsjöbaden.

David suspirou.

— Estou a divorciar-me da mãe das miúdas — respondeu e retirou a azeitona do seu copo e pô-la na boca. — Podia ser pior — continuou. — Seja como for, estou a viver no Grand Hôtel. A poucos passos daqui, há sem-abrigo a dormir nos passeios porque não têm dinheiro para pagar sequer pelo refúgio mais simples. Temos de ver as coisas como elas são. A Johanna é uma mãe muito melhor do que eu sou pai, por mais que eu tente, então é mais que justo ser ela a ficar com a casa e as miúdas. Mas, porra, sinto tanta falta delas.

Faye bebeu um gole do seu gim. Gostava da forma como ele falava

da sua futura ex-mulher. Era um sinal de respeito, o facto de não pintar a outra parte como um monstro cruel.

David riu-se. Pensar nas filhas parecia ter acordado algo dentro dele.

— A Stina e a Felicia vêm cá no sábado. Estamos a combinar ir à feira popular e depois fazer uma maratona de *Harry Potter*. E acho que eu, tristemente, estou mais ansioso por isso do que elas.

David fez um gesto no ar com uma varinha mágica imaginária e Faye não conseguiu evitar um sorriso.

— Já esclarecemos que trabalhas na área financeira — disse ela. — Mas o que fazes, exactamente?

Faye apercebeu-se, com relutância, de que David despertara o seu interesse. Ele tinha algo desarmante, uma abertura que a atraía.

— Bem… na verdade, sou mais aquilo a que se chama «investidor-anjo». Procuro novas empresas com potencial e invisto nelas, de preferência nas fases mesmo iniciais.

— E qual foi o investimento com mais sucesso até agora?

David referiu uma empresa na área da biotecnologia que Faye conhecia bastante bem. Tinham tido uma subida astronómica na bolsa de valores e os fundadores valiam agora centenas de milhões e continuavam a caminho de mais.

— Bom trabalho, parabéns! Entraste muito cedo?

— Bem, foi tão cedo que os miúdos ainda nem tinham acabado o curso. Ainda andavam na universidade técnica. E começou tudo como um trabalho de projecto. Depois conseguiram gerar alguma publicidade à volta da inovação que tinham feito, eu li umas coisas por acaso, fiquei interessado, contactei-os e pronto… o resto é história. Acima de tudo, é nas pessoas por trás das empresas que se investe. Trata-se mais de ter sensibilidade humana do que perceber de indicadores de *performance*.

Algumas pessoas simplesmente têm aquela característica que faz com que sejam bem-sucedidas, que não desistem antes de conseguirem alcançar o que pretendem. É essas que é preciso encontrar. Muitos daqueles que me contactam com ideias são filhos de ricos e privilegiados, que nunca precisaram de lutar por rigorosamente nada e pensam que ser empreendedor é muito fácil.

— Não precisas de dizer mais, andei na faculdade de Economia e Finanças com vários deles.

David apontou para o gim tónico de Faye.

— Nada de matrioscas hoje?

— Não, na verdade, sou uma pessoa de hábitos e, por norma, mantenho-me fiel aos clássicos.

— São clássicos por alguma razão — respondeu David e levantou o seu *dry martini*.

— É verdade.

Ao brindar, Faye observou David por cima do rebordo do copo. Estava impressionada com o instinto dele. Ser um investidor-anjo exigia habilidade, intuição, conhecimento e um capital considerável.

— Mas, mesmo assim, deve ser bastante arriscado!

— O quê, beber *dry martini?*

— Ha-ha. Não, investir em empresas com capital próprio. Já vi muitas irem por água abaixo, independentemente da qualidade da ideia original ou do produto. Na área dos negócios há muitos perigos, para além de um mercado caprichoso.

— Sim, disso deves saber tu. Mas tenho de dizer que fico imensamente impressionado com o que conseguiste fazer com a Revenge. Um exemplo a estudar, de como se pode construir uma empresa a partir do nada e fazê-la valer milhões em relativamente pouco tempo. Fascinante, mesmo.

— Obrigada.

— Mas, sim, de volta à tua pergunta. Claro que é sempre um negócio arriscado, mas eu adoro cada passo do processo. Quem não tem coragem para correr riscos também não tem coragem para viver a vida.

— Verdade.

Faye passou o dedo em torno do rebordo do copo, pensativa. À sua volta, o Cardier começava a encher-se de clientes e a azáfama aumentava cada vez mais. O *barman* Brasse fez um gesto interrogador com a cabeça para os copos quase vazios deles. Faye olhou para David, que abanou a cabeça.

— Gostava muito de ficar e tomar mais uma bebida contigo. Ou duas. Ou três. Mas hoje tenho um jantar de negócios que, infelizmente, não posso descartar. E, sim, é no Teatergrillen.

Faye retribuiu-lhe o sorriso. Para seu próprio espanto, sentiu-se desiludida. Gostava da companhia de David.

David fez um sinal a Brasse.

— Acrescente a bebida da senhora à minha conta. — Pegou no casaco e virou-se para Faye: — Não quero ouvir protestos. Da próxima vez, ofereces tu.

— Com prazer — respondeu Faye, sinceramente.

Observou-o enquanto ele percorreu a sala a caminho da saída.

Sentada no terraço, Faye bebeu o que restava no seu copo de *smoothie* e limpou a boca com um guardanapo. Pegou no telemóvel e deixou o dedo pairar sobre a aplicação do correio electrónico. Sabia que devia abri-la e verificar quantos *e-mails* tinha recebido durante a noite, mas o aperto na barriga fez-se sentir… as saudades de Julienne! Em vez disso, marcou o número de telefone e esperou impacientemente que os sinais percorressem a linha.

A sua mãe atendeu e, depois de trocarem algumas palavras, Faye pediu-lhe que passasse o telefone a Julienne. Sentiu o calor espalhar-se no peito quando ouviu a voz da filha tão perto, a felicidade que a menina emanava quando lhe contou que já conseguia nadar até ao fundo da piscina.

E depois a pergunta inevitável.

— Vens para casa hoje, mamã?

— Não — respondeu-lhe e sentiu a voz ficar presa. — Tenho de ficar aqui mais um bocadinho. Mas daqui a nada, muito rápido, estou em casa outra vez. Amo-te tanto, tenho tantas saudades tuas e mando-te muitos, muitos beijinhos.

Quando desligou, teve de limpar algumas lágrimas persistentes. Doía-lhe a barriga outra vez, a saudade continuava ali como uma coroa de espinhos, mas convenceu-se de que a filha estava feliz em Ravi, junto da avó. Agora tinha mesmo de afastar Julienne dos seus pensamentos e, mais uma vez, adaptar-se a um mundo que acreditava que a sua filha já não estava viva.

Entrou no quarto e foi até ao roupeiro, em cuja porta tinha pendurado um saia-casaco azul.

O Sol brilhava e o calor estava opressivo, apesar de ainda nem ser meio-dia. Quando passara os olhos pelos jornais, reparara que os meteorologistas avisavam que o Verão seria anormalmente quente.

Na segunda-feira, teriam, por fim, as chaves dos apartamentos.

— Podia ser pior — murmurou para consigo e sorriu ao recordar-se do fim de tarde do dia anterior com David Schiller.

O seu charme apanhara-a de surpresa. A observação de que quem não tinha coragem de correr riscos também não tinha coragem de viver levara-a a reflectir sobre várias coisas: sobre como ela própria era capaz de correr grandes riscos, sem hesitar, no seu trabalho com a Revenge, enquanto, na sua vida privada, se cercara de muros tão altos, que seria necessário um escadote enorme para os ultrapassar. Há muito tempo que não ouvia um homem dizer algo que a levasse a reflectir sobre si mesma. Contudo, havia algo diferente em David Schiller.

Ligou o computador para preparar a reunião com Irene Ahrnell no restaurante Taverna Brillo, em Stureplan. Adiara deliberadamente o encontro com Irene, quisera encontrar-se com as outras investidoras primeiro, como um treino para aquela conversa. Irene fora a sua primeira investidora. E também a maior. Era uma lenda no mundo financeiro sueco e, com o passar do tempo, também se tinham tornado boas amigas.

Era uma das poucas pessoas que Faye procurava quando precisava de conselhos. Porém, no último ano, negligenciara o contacto com ela. Já não estava completamente a par do que se passava na vida da amiga.

Fez uma pesquisa no *Google* pelo nome de Irene. Já tinha lido alguns dos artigos publicados no último ano, mas desconhecia outros. Irene tivera um bom ano, dois novos cargos importantes em Conselhos de Administração, uma venda muito publicitada de uma das empresas que ajudara a tornar bem-sucedida e uma nova posição como directora executiva numa das

empresas financeiras mais respeitadas da Europa. Também tinha um novo homem na sua vida, o herdeiro de uma empresa italiana de automóveis. Tinham muito sobre que conversar durante o almoço.

O fato azul *Proenza Schouler* assentava-lhe na perfeição. Fora uma compra impulsiva na exclusiva loja Nathalie Schuterman e custara-lhe uma pequena fortuna, mas hoje precisava de se sentir fantástica. Passou a mão sobre alguns vincos mínimos, estava pronta para enfrentar o dia.

Quando chegou ao átrio de entrada, colocou os óculos de sol na cara, mas, pelo canto do olho, viu uma mulher levantar-se de um dos sofás e vir na sua direcção.

— Desculpe, tem uns minutos?

Faye franziu a testa, tinha uma vaga ideia de já a ter visto. Assumiu que era uma jornalista e pensou que mais valia voltar a habituar-se a ser reconhecida.

— Agora não me dá muito jeito — respondeu o mais amigavelmente possível.

A mulher lançou um olhar por cima do ombro antes de retirar um crachá da Polícia do bolso das calças de ganga. *Yvonne Ingvarsson*. Faye lembrou-se de que era a mesma polícia que liderara a investigação ao homicídio de Julienne. Fechou os olhos por alguns segundos e entrou no papel de mãe em luto.

— Encontraram-na? — sussurrou. — Encontraram a minha Julienne?

Yvonne Ingvarsson abanou a cabeça.

— Podemos sentar-nos nalgum sítio onde seja possível falarmos à vontade?

Segurou no braço de Faye e guiou-a até à porta giratória, desceram

as escadas e continuaram até ao cais em frente ao hotel. Sentaram-se as duas num banco virado para a água.

— Ainda não encontrámos o cor… a sua filha — disse a inspectora seguindo com o olhar um dos *ferrys* para a ilha de Djurgården.

Faye forçou-se a manter a calma e deixar Yvonne Ingvarsson dar o primeiro passo. O facto de ela a ter procurado era um pouco alarmante, mas, até agora, também não era nenhuma catástrofe.

— Mantém a declaração de que se encontrava em Västerås na noite em que o seu ex-marido, alegadamente, matou a vossa filha?

Faye estremeceu, sentiu-se aliviada por ter os óculos de sol.

— Sim, obviamente — respondeu em voz baixa.

— Há um multibanco ali na esquina da Avenida Karlavägen com a Rua Sturegata — disse Yvonne Ingvarsson, calma, ainda com o olhar virado para a água.

Faye respirou fundo e concentrou-se. Se realmente tivessem algo contra ela, não estariam as duas sentadas ali, ao sol, a conversar.

— Ah, sim?

— A câmara de segurança apanhou uma pessoa preocupantemente parecida consigo. Mas então encontrava-se em Västerås, é isso?

Por fim, Yvonne Ingvarsson virou a cabeça e olhou para Faye, que manteve a mesma expressão facial.

— O que está a insinuar? — perguntou-lhe. — O que é que está a querer dizer?

Yvonne Ingvarsson ergueu as sobrancelhas.

— Não estou a querer dizer nada. Fiz-lhe uma pergunta: se é possível ter-se encontrado nas proximidades do local do presumível crime em vez de num quarto de hotel em Västerås.

Fez-se um momento de silêncio, Faye agarrou na sua mala de mão

e levantou-se.

— Não sei de que está a falar. Façam o vosso trabalho em vez de virem inventar estas hipóteses ridículas. Encontrem o corpo da minha filha.

Virou costas e foi-se embora com o coração a bater-lhe descontroladamente no peito.

Faye chegou à Taverna Brillo quinze minutos atrasada e com o suor a escorrer-lhe pelas costas. Com um sorriso, Irene Ahrnell levantou-se de uma das mesas redondas localizadas ao fundo da bela sala de jantar. Faye manteve a cabeça erguida, ignorou os sussurros e olhares que se multiplicaram por entre os outros clientes e abraçou a mulher antes de ambas se sentarem.

— Irene, há tanto tempo… Desculpa o atraso.

— Não faz mal, e concordo contigo, demasiado tempo, mas já percebi que tens andado ocupada.

— Sim, tem sido um ano intenso, tanto com os preparativos para a nova emissão de acções como com a expansão para os Estados Unidos e, claro, o desafio de incorporar a empresa da Chris, o grupo Queen, na Revenge. Tem levado o seu tempo, só agora começo a sentir que é uma única empresa em vez de duas.

Irene assentiu com a cabeça e estendeu o braço para alcançar uma ementa. Pegou nos óculos de leitura e colocou-os na ponta do nariz.

— Compreendo perfeitamente o que estás a dizer, diferentes estruturas, diferentes culturas corporativas, mil coisas diferentes para optimizar. Comigo, nunca precisas de te sentir obrigada a manter contacto constante, eu também estou sempre superocupada. Mas estou disponível para ti, independentemente de quanto tempo passar sem nos falarmos.

— A propósito de estar muito ocupada… — Faye olhou para Irene por cima da sua ementa. — Li qualquer coisa sobre um novo homem.

Irene corou e Faye continuou a olhar para ela, divertida. Nunca tinha

visto Irene corar antes, uma reacção que fez a mulher de sessenta anos parecer uma adolescente.

— Sim, vamos ver como corre. Mas, até agora, sinto-me bem. O Mario é fantástico. Às vezes, até parece que é tudo demasiado bom para ser verdade, sabes? Parece que ando o tempo todo à espera que os esqueletos saiam do armário.

— Eu sou tão céptica como tu em relação ao género masculino, sabes disso. Mas ainda tem de haver por aí uns quantos que se aproveitem. Se calhar, encontraste um deles.

— Pois, a esperança é a última a morrer — respondeu Irene e pousou a ementa. — Mesmo já tendo passado por coisas inexplicáveis ao longo dos anos.

Abanou levemente a cabeça e Faye inclinou-se para a frente.

— O que dizes de também pedirmos uma garrafa de champanhe?

Irene assentiu com um sorriso e fez um gesto para a empregada, que foi ter com elas para levantar o pedido. Quando a garrafa de champanhe chegou à mesa, Faye bebeu alguns tragos e reflectiu sobre como deveria iniciar a conversa.

Antes de ter tempo de dizer alguma coisa, Irene aclarou a garganta.

— Correm rumores de que a Revenge está a ser comprada.

Faye sentiu um aperto no estômago. Era evidente que Irene já estava a par da situação.

— É verdade. Não sabia o que já terias ouvido sobre o assunto.

Irene encolheu os ombros e pousou os óculos em cima da mesa.

— Não sei detalhes nenhuns, só tenho ouvido boatos aqui e ali.

Faye pousou o copo.

— Começou há algum tempo atrás, com umas quantas compras de acções. No entanto, passaram a ser feitas com tanta regularidade que

detectámos um padrão, percebemos que é sempre o mesmo comprador por detrás disto.

— E não fazes ideia de quem se trata?

— Não. As aquisições foram muito bem camufladas num rodopio de compradores. Mas estamos a investigar a fundo e vamos encontrar respostas, o problema é que demora e eu não sei quanto tempo temos. Não sei qual vai ser a próxima jogada.

— E agora preocupa-te que eu venda?

Trouxeram-lhes uma *pizza*, colocada num suporte metálico no meio da mesa, que espalhou um aroma delicioso. A cobertura de *crème fraîche* com caviar e cebola vermelha picada era generosa. Faye e Irene pegaram cada uma numa fatia fumegante, mas Faye sentiu que não conseguia concentrar-se na comida. Olhou para a mulher sentada ali à sua frente: sofisticada, civilizada, de certa forma, ainda inacessível.

— Sim, não compreendo porque é que as outras venderam e queria certificar-me de que tu mantinhas a tua participação.

Irene era a maior accionista, a seguir a Faye, e seria uma verdadeira catástrofe se ela também vendesse.

— Ainda ninguém me abordou. Até agora. Certamente porque é sabido que somos boas amigas e que eu te informaria de imediato. Mas dou-te a minha palavra de que não vou vender.

— É um alívio ouvir isso — disse Faye e tirou mais uma fatia da *pizza*.

Deu uma dentada e engoliu-a com a ajuda de um gole de champanhe. O sabor era divinal.

«*Vais mesmo comer isso?*», ouviu a voz de Jack perguntar-lhe. Aquela expressão com a testa franzida, o olhar de repulsa. Nos anos a seguir ao nascimento de Julienne, tinha ouvido comentários constantes sobre a sua aparência e peso. Nada do que fizesse deixava Jack satisfeito.

Agora comia de tudo, mas moderadamente, fazia questão de se mexer o máximo possível e a sua insegurança anterior fora substituída por orgulho no seu corpo. Um corpo que, apesar de tudo, criara e dera à luz Julienne. A auto-estima era mais uma das muitas coisas que recuperara depois de Jack.

— O que é que têm feito mais? — perguntou Irene, olhando para Faye. — A… como é que ela se chama? A Kerstin! Veio contigo para a Suécia?

— Sim, a Kerstin também está cá e anda a trabalhar quase vinte e quatro horas por dia para tentar descobrir mais coisas sobre o que se está a passar. Ontem falámos com outras investidoras para que não vendessem.

— Sem lhes revelar nada sobre a tentativa de aquisição, espero eu!

Irene fixou o olhar severo em Faye ao mesmo tempo que também pegou noutra fatia da *pizza*.

— Evidentemente. E parece-me que funcionou. Mas a questão é saber se é suficiente, saber quão determinada está a pessoa que se encontra por detrás disto. E receio que seja alguém que está *muito* determinado.

Irene pousou os talheres e olhou outra vez para Faye.

— E tu, como estás?

Faye sabia que, com Irene, era um desperdício de tempo tentar levá-la em cantigas.

— Muito sinceramente, estou surpreendida com quanto isto me abalou. Já tivemos outras crises na empresa ao longo dos anos, centenas, milhares de crises até, de diferentes dimensões. Administrar uma empresa é, na prática, ser gestora de crises, bem, tu sabes como é. Mas isto… Alguém está a tentar roubar-me o trabalho da minha vida. Eu construí a Revenge a partir do nada e ainda sou eu que estou ao leme do barco. E, talvez ingenuamente, nunca tinha pensado que alguém fosse tentar roubar-mo.

Irene abanou fervorosamente a cabeça.

— Não és tu que és ingénua. Quantas vezes é que assistimos a uma *hostile takeover*, hoje em dia? Basicamente, nunca. Achas que pode ser o Jack que está por detrás disto, de alguma maneira?

— O Jack? Não, ele já não tem fundos nenhuns. Nem os contactos necessários. Está na miséria e toda a gente lhe virou as costas. Não estou a ver como poderia ter a oportunidade de fazer uma coisa destas, principalmente a partir da prisão.

— Há mais alguém que imagines que pudesse querer fazer isto?

A empregada de mesa apareceu com os pratos principais e colocou-os à frente de cada uma delas. Olhou para a *pizza*, que ainda estava a meio, com ar inquiridor.

— Já terminaram? Querem que a levante?

— Não, não, deixe-a estar, hoje precisamos dos hidratos de carbono todos — respondeu Faye, e Irene assentiu com a cabeça.

— Claro que tenho feito alguns inimigos ao longo dos anos — continuou Faye depois de a empregada as deixar. — É impossível construir uma grande empresa sem pisar os calos a alguém pelo caminho. Mas não há ninguém que se destaque assim de imediato. Só queria ter uma imagem mais clara, ou pelo menos uma teoria, sobre quem poderá ser. Mas não, infelizmente, não faço mesmo a mínima ideia.

— Mas podes ficar segura de que eu, pelo menos, não vou vender. E vou manter os ouvidos atentos nas minhas redes. Talvez consiga descobrir alguma coisa e, nesse caso, claro que te conto logo.

Faye sentiu os ombros relaxarem e só então se apercebeu de quão tensa realmente estava.

Levantou o copo de champanhe e brindaram as duas. À sua volta, a azáfama típica de um restaurante à hora de almoço continuou enquanto as duas mulheres atacaram a comida.

Sentiu a água agradavelmente morna contra o corpo. Faye deu braçadas longas e fortes e relembrou-se de inspirar e expirar profundamente. A piscina do Grand Hôtel ficava como que numa gruta, com arcos bonitos e iluminação suave. Quando as pessoas conversavam, faziam-no em voz baixa e, em fundo, ouvia-se apenas uma música discreta, daquele estilo típico dos *spas*, fosse em que sítio do mundo fosse.

Kerstin estava sentada a meio dos largos degraus que desciam para a piscina. Faye nadou até ela e sentou-se ao seu lado, inclinada para trás e com os braços apoiados no degrau de cima, as pernas a chapinhar suavemente na superfície da água.

— Quantas é que tens na tua lista hoje?

— Acho que vou ter tempo de contactar entre cinco e sete, dependendo de quantas conseguir apanhar e quanto tempo durar cada conversa.

— *Okay*, e, como já falámos, pelo menos não precisamos de nos preocupar com a Irene, ela prometeu que não vai vender.

— Pois, ainda bem. Não que eu tivesse pensado que ela o fosse fazer, mas, na verdade, também nunca pensei que algumas das outras o fizessem.

Faye observou o movimento da água, as ondas provocadas quando ela se mexia nas escadas. Recordou-se novamente da água escura, ouviu os gritos, viu os rostos assustados à sua frente.

— Faye, o que é que se passa?

A voz de Kerstin trouxe-a de volta ao presente e Faye abanou levemente a cabeça.

— Tenho de dedicar o meu dia a algumas coisas urgentes relacionadas

com os Estados Unidos — respondeu. — Não me posso dar ao luxo de passar o tempo todo em modo de crise, o funcionamento das actividades diárias tem de ser assegurado, senão, no final, não nos vai restar nada que possamos perder.

— Sim, concentra-te nas tuas coisas, que eu continuo a investigar isto.

Kerstin fechou os olhos e desfrutou da água. Antes de Faye chegar, já estivera no *spa* uma hora e tinha tido tempo de nadar umas quantas voltas, apesar de a piscina ser um pouco pequena demais para praticar exercício em vez de relaxamento.

— Sei que tens muito que fazer, mas será que consegues ajudar-me com mais uma coisa?

— Claro que sim — respondeu Kerstin e abriu os olhos. — Alguma coisa de especial?

— Podes tentar descobrir mais algumas informações sobre um tal David Schiller? É um investidor-anjo.

— Claro que posso — disse Kerstin com um sorriso divertido. — Algo me diz que esse é o homem aqui do Grand que não fazia de todo o teu estilo…

Faye atirou-lhe um pouco de água.

— Estás muito espevitada, tu.

Kerstin sorriu ainda mais.

— Espevitada não, só estou a evidenciar o facto de quereres saber mais coisas sobre um homem por quem dizes não ter qualquer tipo de interesse.

Faye baixou outra vez o olhar para a água.

— É verdade, mas acho que ele mostrou ter qualquer coisa. E por isso é ainda mais importante descobrir outras coisas sobre ele. — Virou-se para Kerstin. — Nunca mais vou deixar um homem surpreender-me.

Kerstin levantou-se, vestiu o roupão de banho branco com o logotipo

do hotel e apertou o cinto à volta da cintura.

— Vou desenterrar tudo o que for possível descobrir. Agora devias aproveitar para relaxar um bocado, nenhuma de nós tem nada a ganhar se estiveres exausta. Fica aqui uma hora.

— Tens razão. Vou mesmo aproveitar e ficar aqui.

Faye também saiu da piscina e estendeu-se para apanhar o seu roupão.

Quando Kerstin se foi embora, deitou-se numa das cadeiras reclináveis e desfrutou da tranquilidade do espaço.

O almoço com Irene acalmara alguma da sua ansiedade e o terror que sentira depois do encontro com a inspectora Yvonne Ingvarsson começava a dissipar-se. Havia uma fotografia desfocada de alguém parecido com ela. E depois? Jack fora condenado pelo homicídio de Julienne. Não sairia em liberdade durante vários anos. A comunicação social ajudara a sedimentar, com artigo atrás de artigo, a ideia de que Julienne não estava viva. Acabara por se tornar uma verdade aceite. Mesmo sem um corpo.

Pegou no copo de sumo de laranja natural que estava pousado no chão ao lado da cadeira e bebeu um gole enquanto os seus pensamentos vagueavam para a sua amada filha, que, provavelmente, chapinhava noutra piscina naquele preciso momento. Era dia 1 de Junho e, aparentemente, uma onda de calor assolava a Itália.

O som de chinelos de banho a bater contra os azulejos levaram-na a virar-se. David, que descera do ginásio no segundo andar, olhou à sua volta sem reparar em Faye, despiu os calções pretos e a *T-shirt*, revelou umas costas surpreendentemente bem treinadas e mergulhou na água esverdeada vestido apenas com *boxers*. Faye sorriu. Tomar banho em roupa interior talvez fosse estritamente contra as regras. David deu algumas voltas na piscina e Faye esticou discretamente o pescoço. Acabou por se cansar de o observar, levantou-se e foi até à beira da piscina.

David nadou até ela e fez aquele sorriso que alterava toda a sua aparência e o tornava quase belo.

— Bom dia — disse Faye. — Como é que correu o dia completo com as tuas filhas?

Uma expressão sombria percorreu-lhe o rosto. Ergueu-se da piscina e aceitou com gratidão a toalha que Faye lhe estendeu.

— Não puderam vir — respondeu secamente.

— Aconteceu alguma coisa?

Caminharam lado a lado, em direcção às espreguiçadeiras.

— A Johanna decidiu, à última hora, levá-las à Disneyland em Paris.

— Mas porquê?

David afundou-se numa cadeira e começou a secar as pernas com a toalha. Evitou olhar para Faye.

— Ela já fez isso algumas vezes — respondeu David em voz baixa. — As miúdas contam-lhe o que eu estou a planear fazer com elas e passa-me por cima, no último minuto. Não sei porquê, de certeza que terá as suas razões.

— Pensei que vocês, apesar das circunstâncias, se davam bem.

— Talvez tenha embelezado a situação quando falámos disso. Não quero ser aquele tipo de homem que só fala mal da ex-mulher.

Faye olhou para ele sem desviar o olhar.

— Podes falar comigo.

Olharam um para o outro, em silêncio, durante algum tempo, antes de David se deitar com as mãos entrelaçadas na nuca. Faye deitou-se na sua espreguiçadeira, virada para ele.

— Ela sempre foi ciumenta — começou David a explicar. — Mas, mais ou menos há dois anos, começou mesmo a passar dos limites. Eu nunca fui infiel, nem com ela nem com qualquer outra pessoa. Mas reparei que ela

começou a vigiar-me, controlava todos os meus passos. De repente, começou a exigir que eu a deixasse ler as mensagens escritas no meu telemóvel. Como não tinha nada a esconder, deixei-a ver tudo. Mas depois começou a aparecer no escritório, assustava as minhas funcionárias, enviava-lhes mensagens com ameaças pelo Facebook…

David suspirou.

— Eu tentei protegê-la, desvalorizava a situação, até lhes paguei para que não fizessem queixa na Polícia. Fiz tudo para proteger a Johanna, para proteger as miúdas. Às vezes, estava completamente desligada, andava de um lado para o outro em casa como uma sonâmbula. Podia esquecer-se de ir buscar a Stina e a Felicia aos treinos, falava-lhes mal. Uma coisa era ter explosões de raiva dirigidas a mim, mas com elas? Também notei que se afastou de nós. Eu comecei a trabalhar mais a partir de casa, para que as miúdas não tivessem de ficar sozinhas com ela.

Escorreu-lhe uma lágrima pelo rosto, que David depressa limpou. Os maxilares cerrados.

— Sinto-me completamente impotente.

Faye sabia muito bem como era sentir-se impotente. Porém, era raro falar sobre o assunto, era muito raro falar sobre Jack.

— Compreendo perfeitamente o que estás a dizer — disse-lhe em voz baixa, com os olhos virados para o chão de azulejos. — Senti-me assim durante muitos anos. *Vivi* assim durante muitos anos. Deixei-me ser dominada, controlada, fui despojada da minha identidade, da minha auto-estima. De tudo.

Sentiu os olhos de David fixos nela e forçou-se a olhá-lo. Sentiu-se nua, desprotegida, mas, ao mesmo tempo, viva. Como podia ter pensado que ele era tão insípido?

David colocou a sua mão sobre a dela e Faye sentiu-se como se tivesse

apanhado um choque.

— Tenho muita pena que alguém te tenha tratado tão mal — disse David sem desviar os seus olhos azuis do olhar dela. — E sei que, se há alguém que se desenrasca sozinho, és tu, mas quero que saibas que podes falar comigo sobre o que quiseres, não precisas de ser forte sozinha.

— Já estou habituada — respondeu Faye e desviou a sua mão. Continuou a sentir o calor da pele dele.

— Queres contar-me? Estou aqui para ti. E quero ouvir-te.

Faye hesitou. Mantinha a porta do seu passado com Jack fechada a sete chaves há tanto tempo, que já nem tinha a certeza se seria capaz de voltar a abri-la. Ou como. David não disse mais nada, esperou pacientemente enquanto Faye deixava os pensamentos rodopiarem pela sua cabeça. Ao fim de algum tempo, Faye decidiu-se.

— Conhecemo-nos na faculdade de Economia e Gestão.

David voltou a pousar a sua mão sobre a dela. Desta vez, Faye deixou-se ficar quieta enquanto as palavras jorravam. Primeiro lentamente, como se cada palavra a magoasse e, depois, cada vez mais depressa.

Fjällbacka — naquela altura

Fiquei deitada na cama, às escuras e a tremer, com os olhos arregalados.

— Se contares a alguém, mato-te.

O Sebastian pôs as mãos à volta do meu pescoço, aproximou-se tanto da minha cara, que consegui sentir o hálito azedo dele, e apertou-mo.

— Percebes?

Tentei assentir com a cabeça lentamente.

— Sim — grasnei.

Quando ele soltou as mãos, comecei a tossir. O Sebastian pegou na roupa interior que tinha atirado para o chão e saiu do meu quarto, sem pressas. Abri a janela para arejar o quarto e voltei a deitar-me por baixo do cobertor húmido. Senti o ardor entre as pernas e limpei-me com uma camisola. Depois, fiquei sentada a olhar pela janela.

As memórias passavam a correr pela minha mente. Eu e o Sebastian em pequenos, a apertar as mãos um do outro com força por baixo da mesa enquanto o meu pai gritava na cara da minha mãe, a ponta do nariz praticamente a tocar o dela. O Sebastian enrolado como uma bola ao meu lado, a procurar o meu calor, a minha segurança.

Tudo isso desapareceu naquele momento. Nenhuma dessas memórias valia alguma coisa, ele roubara-mas.

Tínhamos procurado refúgio um no outro, nós os dois, que éramos os únicos que compreendiam. Agora só sobrava a minha mãe e eu. E a minha mãe era fraca. Não havia nada de crítico nisso, ela era fraca porque

nos carregara, porque nos protegera o melhor que conseguira. Ficara por nossa causa.

Conseguia ouvir o Sebastian a mover-se, inquieto, de um lado para o outro no quarto dele, antes de a janela se abrir e se fazer silêncio. Perguntei-me com que aspecto ele estaria e como se sentiria, ali sentado no parapeito da janela, a dois ou três metros de mim. Depois apercebi-me de que o podia matar. Ele estava, como de costume, com as pernas penduradas para o lado de fora da janela, a quatro ou cinco metros de altura do chão. Se eu me aproximasse silenciosamente, abrisse a porta do quarto dele e fosse a correr até à janela, teria tempo de o empurrar lá para baixo. Diria aos meus pais que o tinha ouvido gritar e que tinha corrido até ao quarto para ver o que se passava. Mas não conseguia fazê-lo. Continuava a amá-lo, apesar do que ele tinha feito.

Se soubesse o que me esperava, ao que ele me iria submeter, tê-lo-ia atirado da janela imediatamente e sem a mínima hesitação. Teria sido poupada a muita dor. E a problemas.

Faye estava deitada na enorme cama da sua *suite*. As malas estavam feitas e pousadas à porta. No dia seguinte, deixariam o Grand Hôtel e mudar-se-iam para os respectivos andares, na praça Östermalmstorg. Embora fosse mais cómodo morar num apartamento próprio depois de tantos dias num hotel, apercebeu-se, com surpresa, de que sentiria falta de David.

O monitor do seu telemóvel acendeu-se e ela viu que Kerstin lhe enviara uma mensagem escrita. Abriu-a e leu-a com um sorriso a espalhar-se pelo rosto.

«Parece-me estar tudo bem. Até agora, não encontrei nada de estranho em relação ao David Schiller. Não tem registo criminal, não tem problemas com dívidas, não aparece referido em fóruns na internet*, e também fiz algumas perguntas discretas nas redes de negócios dele e não encontrei nada que indicasse qualquer problema»*.

Faye deitou-se de barriga para baixo. Não conseguia deixar de sorrir enquanto pensava nos momentos que passara com David, no *spa* do hotel, no dia anterior. Tinham estado mais de uma hora a conversar, antes de se verem obrigados a despedir-se um do outro.

O facto de ter começado a contar a alguém sobre Jack, o que ele a levara a fazer e sentir… foi como se tivesse perdido vários quilos. O alívio era enorme. David fizera-a sentir-se vista, ouvida. Como uma pessoa. Não apenas como uma mulher em relação a quem o objectivo final do homem era sempre o de acabar na cama.

Faye pegou novamente no telemóvel e fez uma videochamada para

Julienne.

O rosto da filha no pequeno monitor tinha sempre o efeito de a fazer esquecer todas as preocupações, todos os pensamentos negativos. Era a única coisa pela qual se sentia grata a Jack, ele dera-lhe uma filha que, aos olhos de Faye, era perfeita em tudo. Desde as unhas dos pés mal pintadas com verniz cor-de-rosa até aos cabelos claros que se encaracolavam pelas costas abaixo.

— Olá, meu amor!

— Olá, mamã! — respondeu Julienne a acenar, excitada.

Tinha o cabelo molhado e Faye assumiu que, mais uma vez, acabava de sair da piscina.

— O que é que estás a fazer?

— Eu e a avó estivemos a tomar banho.

— Foi divertido?

— Hum, muito divertido — respondeu Julienne.

— Eu ontem também tomei banho numa piscina. E pensei muito em ti.

— Foi…? — respondeu Julienne, e Faye reparou que a filha já começava a perder o interesse pela conversa telefónica, a vida aliciava-a com outras ofertas.

— Ligo-te hoje à noite, outra vez. Tenho muitas saudades tuas. Um beijinho.

— Está bem, adeus — respondeu Julienne e acenou novamente, desta vez um pouco à pressa e impaciente.

— Diz à avó que eu — tentou Faye acrescentar, mas Julienne já desligara a chamada.

Faye sorriu, tinha a certeza de que Julienne cresceria para se tornar uma mulher independente.

Levantou-se da cama, foi à casa de banho e abriu a torneira da banheira.

Ouviu alguém bater à porta e olhou rapidamente para o seu relógio de pulso: eram vinte para as nove. Faye fechou a torneira e foi para o *hall* de entrada do quarto.

— Sim? — chamou através da porta.

— É a Yvonne Ingvarsson, da Polícia.

Faye inspirou profundamente antes de abrir a porta. Yvonne Ingvarsson olhou para ela meio a sorrir.

— Posso entrar só por um instante?

Faye ficou parada, de braços cruzados.

— Não acho muito correcto aparecer aqui, assim.

— Quero mostrar-lhe uma coisa. Posso entrar ou não?

Faye suspirou e desviou-se para o lado para que Yvonne pudesse entrar no quarto. Um metro depois, a inspectora deteve-se.

— Bela *suite*.

— Não sabia que este tipo de visitas estavam incluídas nas suas tarefas profissionais. O que pretende ganhar com isto?

Yvonne Ingvarsson não respondeu e, em vez disso, enfiou a mão na mala e retirou o recorte de um artigo de uma revista cor-de-rosa. Era uma fotografia antiga, de Faye e Jack. Estendeu-a a Faye.

— Não percebo.

Yvonne levantou um dedo no ar para a interromper, voltou a enfiar a mão na mala e retirou uma imagem impressa. Faye reparou nas suas unhas roídas, as cutículas secas e inflamadas. A segunda imagem estava mais desfocada, a luz amarelada, a fotografia parecia ter sido tirada à noite. Faye viu imediatamente que a mulher, cujas costas estavam visíveis, era ela própria. O casaco era o mesmo que tinha vestido na fotografia em que estava com Jack.

— O que me diz? — perguntou Yvonne e olhou-a com ar curioso.

— Sobre quê?

— É você na fotografia, Faye. Eu sei disso e você sabe disso. Não estava em Västerås, estava no local do crime.

Um sorriso rápido e desagradável passou de relance pelo rosto da inspectora, que semicerrou os olhos.

— Não sou eu — disse Faye. — Esse casaco, um *Moncler*, está pendurado no roupeiro de todas as donas de casa do bairro de Östermalm. É o equivalente a usar um xaile na província.

Yvonne abanou lentamente a cabeça, mas Faye permaneceu calma. Tal como da última vez que Yvonne a contactara daquela forma, Faye assumiu que não estariam a ter aquela conversa se a Polícia tivesse provas concretas. E o facto de a inspectora aparecer a um domingo levou-a a pensar que Yvonne estaria, em certa medida, a ultrapassar os limites da sua autoridade.

O que quereria? Seria dinheiro? Parecia ser algum tipo de cruzada pessoal, uma vendeta dirigida a Faye.

— O que quer de mim, *realmente?* — perguntou-lhe.

— A verdade — respondeu Yvonne sem hesitar. — Só estou a tentar descobrir a verdade.

Sem desviar os olhos de Faye, retirou um papel do bolso de trás das calças. Faye perguntou-se quantas surpresas a mulher ainda seria capaz de revelar, parecia a Mary Poppins com a sua mala sem fundo.

Yvonne segurou o papel entre o polegar e o indicador, abanou-o à frente de Faye, que lho tirou da mão. Era um artigo antigo de um jornal regional que reconheceu de imediato. Sentiu um aperto no estômago e esforçou-se por não revelar a Yvonne Ingvarsson a tempestade que se iniciara dentro dela.

— Parece atrair o azar para aqueles que a rodeiam — comentou Yvonne antes de acrescentar, com voz serena: — … Matilda.

Dois rapazes de Fjällbacka desaparecem depois de um passeio de barco com os amigos. Toda a comunidade está em choque.

— Recuso-me a acreditar que eles tenham morrido — diz Matilda, 13 anos, que assistiu ao acidente.

Faye engoliu em seco, voltou a dobrar o papel lentamente, sem acabar de ler o artigo, e devolveu-o a Yvonne, que abanou a cabeça.

— Fique com ele — disse e dirigiu-se para a porta. — Bela *suite*. Mesmo elegante — murmurou ao abrir a porta e desaparecer no corredor.

Faye estudou a rapariga de treze anos que, por baixo da manchete, olhava directamente para a lente da máquina fotográfica. Tinha um aspecto infeliz e desamparado, mas Faye sabia que fora apenas uma pose para o fotógrafo. Dentro dela, a escuridão precipitara-se.

Deitou-se na cama a olhar fixamente para o tecto. Porém, não era o requintado estuque branco do Grand que estava a ver, mas algo completamente diferente: a água escura rodopiante, que lhe comprimia o estômago como uma corda apertada.

Um barulho estridente fê-la sobressaltar-se. Apavorada, olhou em volta. Por alguns segundos, continuava na água rodopiante, antes de conseguir orientar-se. A pulsação acalmou quando se apercebeu de que era apenas o seu telemóvel a tocar. O nome de Kerstin brilhava no monitor.

— Tenho más notícias.

Como sempre, Kerstin foi directa ao assunto.

— O que é que se passa agora? — perguntou Faye e fechou os olhos.

Quereria realmente ouvir a resposta? Conseguiria aguentar mais? Não sabia, e esse facto assustava-a.

— Ligaram do jornal *Dagens Industri*. Já ouviram rumores sobre a compra. Se não conseguirmos suspender o artigo, vão publicá-lo em breve.

Faye soltou um suspiro.

— O que ainda vai levar a mais vendas de acções. Ratos assustados abandonam sempre o navio — comentou.

— O que queres que eu faça? — quis Kerstin saber.

— Conheço uma mulher que trabalha no jornal. Vou telefonar-lhe e ver se descubro alguma coisa. Não faças nada, eu trato do assunto.

Desligou e atirou o telemóvel para o lado. Se fosse dada a desistir, teria puxado o cobertor por cima da cabeça e ficado a dormir durante dois dias. Mas ela não era assim. Nunca fora. Voltou a pegar no telefone, a luta tinha de continuar.

Faye estava sentada na cama, ombros descaídos, com os papéis que Yvonne lhe deixara e os relatórios de Kerstin sobre os movimentos das acções da empresa espalhados à sua volta. Cada uma daquelas duas situações, por si só, era suficientemente perturbadora. Juntas, eram quase esmagadoras.

Dentro de pouco tempo, o trabalho para se estabelecerem no mercado norte-americano começaria a sério. Faye fora informada pelo escritório da Revenge em Estocolmo de que, depois da sua aparição no *talk-show* de Skavlan, várias pessoas interessadas em investir os tinham contactado. Ter Yvonne Ingvarsson à perna durante esta fase sensível já era arriscado, mas, além disso, também tinha de se certificar de que ainda era proprietária de uma empresa que desejava expandir-se.

O telemóvel apitou. Faye abriu a aplicação Telegram, de onde as mensagens e imagens eram apagadas ao fim de quinze segundos, e sorriu para a fotografia de Julienne junto à piscina.

— Meu amorzinho — murmurou para consigo antes de a fotografia desaparecer.

O som de alguém a bater novamente à porta sobressaltou-a. Faye levantou a colcha da cama, escondeu os papéis, ergueu-se e dirigiu-se para a porta. Ter visto Julienne dera-lhe uma energia renovada, despertara o seu instinto lutador. Yvonne Ingvarsson não imaginava quem tinha ganhado como inimiga e Faye estava decidida a mover montanhas para descobrir quem estava a atacar a sua empresa.

David Schiller estava do outro lado da porta, a sorrir para ela.

— Pareces estar a precisar de dar um passeio com um novo amigo.

*

Caminharam em direcção à Avenida Strandvägen, deserta por ser domingo. O fim de tarde estava quente, viam-se pessoas a passear os cães nos parques, as atracções da feira popular brilhavam, giravam e iluminavam o céu sobre a ilha de Djurgården. Faye esquecera-se de quão encantadoras as noites de Verão eram em Estocolmo.

— Estás bem, depois da nossa conversa de ontem, com tudo o que me contaste?

David soou preocupado e Faye sentiu que isso a comovera.

— Estou bem, sim. Obrigada por perguntares — respondeu com um sorriso, e os olhos azuis de David brilharam para ela.

— Ainda bem. Estava preocupado que te tivesses arrependido depois.

— Não, não, não te preocupes. Foi… foi libertador. Na verdade, nunca falei com ninguém sobre tudo o que aconteceu e sobre como era a minha vida com o Jack. Nem mesmo com a Kerstin, que considero ser a minha amiga mais próxima. Claro que a Chris sabia a maior parte das coisas…

— Quem é a Chris? — perguntou David, um pouco hesitante. — Já a mencionaste antes.

David parecia estar a tentar dar passos cuidadosos por sentir que se tratava de terreno escorregadio.

— A Chris. Bem, como é que posso explicar quem era? Tornámo-nos amigas na Faculdade de Economia. Era… era uma força da Natureza. Nada parecia demasiado difícil para ela.

— O que é que aconteceu? Se não te importas que pergunte…

Passaram pelo restaurante de luxo Strandbryggan, onde os preparativos

para a invasão nocturna seguiam a todo o vapor. Os grupos de jovens, bonitos e ricos, concentravam-se ali para compararem cuidadosamente as roupas de marca, as pestanas falsas e os relógios *Rolex* que recebiam de presente de final de curso.

— Teve um cancro — respondeu Faye e levantou o braço para que David pudesse ver a pulseira «*Fuck Cancer*» no seu pulso. — Foi muito rápido. Mas teve tempo de se apaixonar por um homem fantástico que era perfeito para ela.

— Que bonito — respondeu David. — Poder encontrar o amor antes da morte. Não é o que todos procuramos?

Tinham virado na direcção do Museu Nórdico e do parque infantil Junibacken.

David olhou para a água com ar melancólico. O Museu Vasa era visível por trás das árvores, um monumento singular a um dos maiores fracassos da história da Suécia.

— Ainda a amas? — perguntou Faye.

Ele olhou-a com ar inquiridor.

— Quem?

— A tua mulher, quem é que havia de ser?

David riu-se, constrangido.

— Claro, devia ter percebido. Depois de quinze anos juntos, é uma pergunta um bocado difícil. Amar. Será possível, depois de quinze anos, de quotidiano, de filhos? Alguém saberá?

— Isso parece-me bastante cínico.

— Talvez. Ou então éramos simplesmente errados um para o outro, desde o início. Para ser muito sincero — David abanou a cabeça e desviou os olhos de Faye. — Agora pareço horrível.

— Não, diz lá.

Faye deu-lhe o braço enquanto se aproximavam da feira popular. Os gritos de excitação dos visitantes perante as atracções ouviam-se cada vez mais alto.

David aclarou a garganta.

— Acho que nunca se tratou realmente de amor. Era mais… acho que foi mais uma questão prática. Quase como fazer uma cruz em todos os quadrados… Mas sentimentos? Não sei.

Apertou o braço de Faye.

— Levas a mal?

— Não, de todo. As pessoas juntam-se e assim permanecem por milhares de motivos diferentes. Acho que só uns quantos sortudos encontram realmente o amor. Amor verdadeiro.

— Tu encontraste? — perguntou-lhe e parou de andar.

Uma parte de Faye quis evitar o olhar de David, evitar responder. Ouviu os gritos excitados na torre de queda-livre, das pessoas que, voluntariamente, eram transportadas em altitude para poderem sentir o aperto no estômago provocado pela queda em direcção ao chão. Era mais ou menos assim que Faye descreveria o amor.

— Sim, encontrei. Eu amei realmente o Jack. Mais do que pensei poder amar alguém. Mas não foi suficiente. Eu não fui suficiente. Depois veio a Julienne, e isso foi um novo tipo de amor. Um que ocupou tudo…

A voz tremeu-lhe e Faye virou a cara. Em segundos, sentiu-se avassalada por tudo. Tudo a que a sua família fora exposta. Por Jack. Por ela própria, quando quis salvá-las dele.

— Nem consigo imaginar o que tu passaste — disse David e ela sobressaltou-se. Por momentos, esquecera-se de que ele estava ali. — E perder uma filha? Faye, eu… só gostava de poder fazer essa dor desaparecer, mas acho que ninguém alguma vez conseguirá.

Faye encolheu os ombros. Afastou todos os sentimentos e memórias que exigiam a sua atenção. Se se permitisse recordar, sentir, não seria capaz de dar nem mais um passo.

— Fico contente por estares aqui — respondeu. — Por me ouvires.

Ficaram os dois em silêncio, com as luzes brilhantes do parque de diversões em pano de fundo. Nenhum disse nada durante muito tempo. Depois, David estendeu a mão.

— Anda, vamos voltar.

Faye assentiu com a cabeça. Viraram-se os dois e começaram a caminhar de volta para a Avenida Strandvägen. Quando passaram novamente pelo restaurante Strandbryggan, David parou e virou-se para ela.

— Queres ir ao banho? — perguntou-lhe.

— Aqui?!

— Sim, um fim de dia quente na Veneza do Norte. Há sítios para tomar banho em todo o lado. Ali, por exemplo.

David apontou para um lugar entre duas casas flutuantes, onde um molhe de madeira se destacava na água. Sem esperar por ela, David apressou-se até lá. Os barcos faziam com que, da avenida, não estivesse completamente visível. Inclinou-se para a frente e desapertou os sapatos. Faye olhou à sua volta, não havia ali ninguém e o trânsito era escasso. David despiu a camisa de linho, as calças de ganga e descalçou os sapatos. Depois as meias e as cuecas. As suas nádegas pálidas brilharam na escuridão e, logo de seguida, ela ouviu um grito ser substituído por um chapinhar na água. Faye inclinou-se para a frente e, dois metros abaixo dela, viu David a nadar e a olhá-la.

— Está fria, mas boa — reportou. — Anda, salta.

Faye lançou um olhar por cima do ombro e constatou que a costa estava livre. Descalçou os sapatos e pousou o seu vestido ao lado da pilha de roupa de David, mas deixou a roupa interior vestida. Depois, tomou balanço

e atirou-se para a frente, agitando as pernas pelo ar até trespassar a superfície da água. Soltou um grito a plenos pulmões, pavor misturado com alegria. Estava realmente fria.

Nadaram para um pouco mais longe e depois pararam. Ficaram a nadar um ao lado do outro e, a tremer, observaram as luzes da cidade.

— Gosto de ti, Faye — disse David.

As palavras saíram-lhe entrecortadas, por entre os dentes a bater. E Faye sorriu, porque a situação era cómica, mas por dentro ficou tão quente, que, por momentos, se esqueceu da temperatura gélida da água. Queria responder-lhe, mas ficou calada. Prometera a si própria que não se apaixonaria por ninguém, mas sabia que as suas defesas começavam a vacilar. David fazia-a rir, era um cavalheiro sem motivos ocultos. Pelo contrário, era um empresário de sucesso que compreendia o trabalho dela e tinha um sorriso que a derretia, até naquela água gelada do canal.

Quando saíram da água e voltaram a vestir-se, David esfregou os braços de Faye para tentar aquecê-la.

— O que é que fazemos agora? — perguntou Faye.

Apercebeu-se de que não estava com vontade de voltar para o seu quarto de hotel.

David ficou com uma expressão matreira.

— Anda — disse simplesmente e calçou os sapatos.

Faye seguiu-o em direcção à marina, do outro lado da ponte de Djurgårdsbron. Tinha o cabelo colado aos ombros e às costas. Correram para se aquecerem. Pararam junto ao portão, David espreitou para a cabine do segurança, constatou que estava vazia e saltaram por cima da cerca.

— Há uma câmara de filmar — disse Faye, apontando.

— Não te preocupes — respondeu David quando aterrou do outro lado.

— Tenho um amigo que tem um barco aqui, ele não se vai zangar se nós o usarmos.

Hesitante, Faye levantou a perna, agarrou-se à vedação e trepou para o outro lado, onde David a amparou. Depois, estudou os diferentes barcos.

— Está ali! — exclamou ao apontar para um grande barco ancorado ao fundo do cais.

Agarrou-lhe imediatamente a mão e puxou-a consigo.

Embarcaram. David ajoelhou-se, enfiou uma mão por baixo da almofada branca de um dos assentos e, com um sorriso triunfante, mostrou a Faye um par de chaves. Destrancou a porta que dava para o interior do barco e ela desceu para o calor. Despiram as roupas molhadas e enrolaram-se em grandes toalhas de banho que David encontrara.

— De quem é o barco? — perguntou Faye ao sentar-se num sofá enquanto David vasculhava os armários de cozinha.

— De um amigo próximo — repetiu David e depois exclamou: — Olha para isto, *whisky!*

Serviu dois copos, passou-lhe um e sentou-se ao lado dela. Faye sentiu o álcool aquecer-lhe o corpo por dentro. As ondas batiam contra o casco e provocavam um agradável balanço. Em cima da mesa estava um gancho de cabelo de criança, com um desenho de Elsa, a Rainha da Neve, e um grande laçarote azul. Faye pegou nele. Pensou em Julienne, a filha adorava a Elsa do *Frozen* e costumava cantar *Let it goooo* a plenos pulmões, num inglês inventado.

— Em que pensas?

David olhou para Faye com uma expressão ternurenta. Depois viu o gancho infantil na mão dela e inspirou.

— Desculpa… Não vi…

Faye pousou a mão no braço de David para mostrar que não havia

problema nenhum. O calor do corpo dele provocou-lhe arrepios.

David sorriu-lhe.

— O que foi? — perguntou Faye.

— Nada — respondeu David.

Faye estava perto de lhe dizer que também gostava dele, como uma resposta atrasada ao que ele dissera na água, mas não conseguiu. As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Presas nas cicatrizes. Aquelas que não eram visíveis por fora.

— Posso ir visitar-te quando saíres do Grand amanhã? — perguntou David.

— Se quiseres.

— Quero.

— Eu também.

David suspirou, a sorrir.

— Não sei o que se passa comigo, mas, quando estou na tua companhia, sinto-me ridiculamente feliz. Parece que me transformo num miúdo de quinze anos, com necessidade de te impressionar. Eu nem sequer gosto de nadar ao ar livre! Ao mesmo tempo, sei que não te importas, que gostas de mim de qualquer maneira, mesmo que não o digas. E sinto-me grato por te teres aberto comigo.

Faye assentiu em silêncio.

— A propósito, eu conheci-o há uns anos. O Jack. Achei que parecia ser um cretino superficial e arrogante e…

Faye inclinou-se para ele. Não queria falar mais sobre Jack, nem agora nem nunca. Pressionou os lábios contra a boca de David para o calar. Os seus lábios eram mais macios do que pensara.

— Não vamos falar sobre ele. Não vamos falar de mais nada para além de nós, pelo menos esta noite.

— *Deal*.

Como por um acordo silencioso, levantaram-se e levaram a garrafa com eles para a cabine. A cama era surpreendentemente grande e estava feita com lençóis brancos.

Faye sentou-se na cama e deixou a toalha cair. Por baixo, estava nua. Fixou o olhar no de David, que estava meio enevoado, tanto pelo efeito do *whisky* como de excitação. Lentamente, aproximou-se dela. Também deixou a sua toalha cair, já estava teso. Foi até junto de Faye, que estava sentada na beira da cama, o seu sexo ao nível dos olhos dela.

Sem desviar o olhar do dele, Faye agarrou-o com uma mão. Aproximou lentamente o rosto e abriu a boca. De início, apenas deixou o seu hálito quente envolver a glande. Depois, esticou a língua e lambeu uma gota de pré-ejaculação. David soltou um gemido profundo, fechou os olhos brevemente antes de olhar outra vez para Faye, que abriu um pouco mais a boca. Deixou os lábios envolverem a parte superior do pénis; com a ponta da língua, provocou o sensível freio e desfrutou dos sons ofegantes de David. Muito devagar, introduziu cada vez mais o pénis na boca. Sentiu um leve reflexo de vómito, mas afastou um pouco a cabeça antes de se tornar incómodo. Depois para dentro outra vez e para fora. Ajudou com a mão, a sua saliva deixara o pénis de David molhado e escorregadio e o seu punho cerrado deslizava suavemente.

A respiração dele estava cada vez mais acelerada, gemia alto, agora estava de olhos fechados, com as mãos à volta da cabeça de Faye, os dedos enterrados no seu cabelo.

— Não consigo esperar mais, preciso de estar dentro de ti — murmurou.

Faye deitou-se em cima da cama e David deitou-se em cima dela, entre as suas pernas, e pressionou-se contra a sua abertura, distendeu-a, e, devagar, insuportavelmente devagar, penetrou-a. Uma sensação

divinalmente agradável. Agora era Faye quem gemia, sentiu o calor dele entre as pernas, a sua rigidez, a determinação.

Quando estava quase completamente dentro dela, de repente, penetrou-a rapidamente e com força e deixou-se cair em cima do seu corpo. Com a boca encostada à orelha de Faye, a respiração quente contra o seu rosto, penetrou-a uma e outra vez e ela enrolou as pernas à volta da sua cintura. Faye agarrou-lhe as ancas com força, ajudou-o a encontrar o ritmo certo, pressionou as suas próprias ancas contra ele, queria mais, queria todo o seu corpo.

De repente, David saiu de dentro dela.

— Não quero vir-me já. Tu deixas-me louco. Preciso de te saborear.

Abriu-lhe as pernas, lambeu os dedos da mão direita e começou a acariciá-la lentamente. Faye levantou a cabeça, queria observá-lo enquanto ele a tocava. David acariciou-lhe o clítoris, depois penetrou-a calmamente com dois dedos, seguido de um terceiro. Faye soluçou e gemeu.

David retirou os dedos de dentro dela e Faye lamuriou-se, estivera prestes a ter um orgasmo. Ele abriu-lhe ainda mais as pernas e aproximou o rosto do seu centro. Provocou-lhe o clítoris com a ponta da língua, ela tentou levantar as ancas para conseguir mais fricção, mas David segurou-a gentilmente, com as mãos contra os seus joelhos. A sua língua era macia mas firme e pressionava-lhe o clítoris cada vez com mais força, movendo-se em círculos. Levou-a ao limite e Faye cerrou os punhos à volta dos lençóis e arqueou as costas até se erguer da cama. Quando David voltou a penetrá-la com os dedos, Faye sentiu o orgasmo a formar-se, uma sensação quase dolorosa, a fronteira entre o prazer e a dor era tão delicada, e começou a virar a cabeça de um lado para o outro descontroladamente, enquanto ele a empurrava para cada vez mais perto do orgasmo.

Quando se veio, Faye soltou um grito intenso. David não parou de a lamber e aumentou a intensidade enquanto todo o corpo dela estremecia e se comprimia à volta dos seus dedos.

Quando a força do orgasmo esmoreceu, Faye sentiu todo o corpo relaxar, mas não queria descansar, queria senti-lo dentro de si.

O barco balançou com as ondas lá fora. Faye virou-se, pôs-se de gatas. Primeiro bateu com a cabeça na parte de cima da cabine apertada e ambos se riram baixinho. Afundou-se um pouco mais na cama, arqueou as costas, virou a cabeça e viu-o levantar-se e aproximar-se dela por trás. Porém, ele não a penetrou de imediato e, em vez disso, acariciou-lhe as nádegas, ternurento, carinhoso.

— És tão bonita.

— Fode-me — disse Faye e arqueou ainda mais as costas.

Mais uma vez, David acariciou-lhe as nádegas antes de a agarrar pelas ancas, pressionar-se contra ela e penetrá-la profundamente. Apesar de Faye ter acabado de ter um orgasmo, sentia-se tão excitada como ele, queria mais.

— Fode-me, David! — disse-lhe, ofegante, e ele não demorou a obedecer.

De seguida, deixaram-se os dois cair em cima da cama e ficaram a desfrutar o calor do corpo um do outro. David afastou-lhe o cabelo do pescoço e beijou-a, precisamente no seu ponto mais sensível, atrás da orelha. Faye soltou um risinho, a sensação era infinitamente agradável mas também fazia cócegas. David rolou de cima dela e deitou-se de barriga para cima, a mão pousada no fundo das costas de Faye.

— Estou toda suada — disse ela e deitou-se de lado, de maneira que a mão de David acabou na sua anca.

Ele levantou a mão e acariciou-lhe carinhosamente o rosto.

— Tens ideia de quão maravilhosa és? Quão bonita?

— Não, acho que é melhor explicares-me.

— Prometo que o vou fazer. Uma e outra e outra vez.

Faye apercebeu-se de que sorria, ali deitada de costas para ele. Piscou os olhos algumas vezes para afastar as lágrimas, disse para consigo que não podia, de maneira nenhuma, apaixonar-se por um homem outra vez, mesmo temendo que já fosse tarde demais.

Faye saiu do elevador e deu alguns passos expectantes até à porta maciça. Não tinha saudades do seu antigo apartamento, onde havia demasiadas memórias. Jack conseguira tornar-se parte dele também, mas este apartamento seria apenas dela.

As chaves pareciam-lhe pesadas na mão. Adorava a sensação de algo novo, intocado. Embora estivesse apenas a arrendar o apartamento, fora autorizada a pintá-lo de novo.

Sorriu ao inserir a chave na fechadura, pensou na noite com David, em tudo o que tinham feito juntos.

Quando abriu a porta, sentiu o odor típico de um espaço pintado de fresco. Nunca pensou que pudesse adorar tanto aquele cheiro, mas era verdade. Este apartamento era agora território virgem, cabia-lhe a ela conquistá-lo.

Kerstin estava no seu, que ficava paredes-meias com o de Faye. Continuavam perto uma da outra, eram família, mas esta casa era dela, só dela.

Faye destrancou também a grade de segurança preta, entrou, descalçou os sapatos de salto alto *Jimmy Choo* e arrumou-os na sapateira de nogueira, no *hall* de entrada.

Lentamente, cautelosa, entrou no apartamento amplo, enorme e arejado. O espaço inteiro tinha mais de duzentos metros quadrados, talvez um pouco exagerado para apenas uma pessoa, mas, depois de todos aqueles anos numa gaiola dourada, queria, acima de tudo, ter ar e espaço à sua volta. Adorara aquele apartamento desde a primeira vez que o vira na página

da imobiliária, o espaço assentava-lhe como uma luva, apesar de não ser propriedade dela.

A cozinha fazia lembrar uma casa de campo mas com equipamento moderno. As marcas *Philippe Starck*, *Gaggenau* e *Cordon-Bleu* criavam a combinação perfeita. A enorme mesa, com bancos corridos na mesma madeira gasta, fora aparentemente feita à medida por um carpinteiro do bairro de Södermalm. Faye passou a mão sobre o tampo numa carícia, adorava a sensação da madeira.

Quando entrou na sala de estar, sorriu ao ver o enorme sofá de veludo verde-esmeralda. O espaço estava pintado com cores claras e discretas, que proporcionavam uma sensação acolhedora.

Avançou até à janela e ficou alguns momentos a observar os telhados do bairro de Östermalm antes continuar calmamente a sua volta por todas as divisões do apartamento. Aquele seria o seu lar enquanto estivesse a trabalhar com a expansão para os Estados Unidos e a tentar salvar a Revenge. Tinha agora dois lares, um em Itália, outro em Estocolmo. Ambos eram importantes, mas de maneiras diferentes. Metade do seu coração estava em Itália, onde Julienne e a mãe se encontravam. Mas a outra metade estaria sempre ali. Fizera de Estocolmo a sua cidade, desde o primeiro momento em que ali chegara. Julienne nascera ali, dera os seus primeiros passos hesitantes ali. Estocolmo era a cidade dela e de Chris, onde tinham partilhado risos, aventuras, sucessos, adversidades e as tristezas mais profundas.

Aquele apartamento tornar-se-ia o seu castelo, a sua fortaleza.

Agora estava em casa.

Quando Faye atravessou a soleira da porta na Rua Birger Jarlsgatan, sentiu a pulsação aumentar. Quando, de seguida, viu o logotipo da Revenge, o «R» floreado, teve de piscar os olhos várias vezes para afastar as lágrimas. Ao atravessar o espaço de escritórios em conceito de *open space*, sorriu para as jovens mulheres que a cumprimentavam.

Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo ao abrir a porta do gabinete. Adorava o seu escritório, ali tinha criado magia e construído um império. E fora a partir dali que orquestrara a queda de Jack. Que o derrotara. Que se apoderara da Compare.

Pousou a mala em cima da secretária e sentou-se na sua cadeira, abriu o computador portátil e, pela parede de vidro, observou as vinte colaboradoras sentadas nos seus lugares. Cerca de dez eram novas contratações, Faye sabia os seus nomes porque tinham trocado alguns *e-mails* e apreciava o facto de, por fim, as poder ver pessoalmente. Eram mulheres de todas as idades. Competentes, multilingues, independentes e profissionais. Mulheres modernas, cheias de autoconfiança.

A Revenge estava a caminho de bater recordes de facturação e, na verdade, não precisavam de expandir, pensou Faye enquanto estava sentada a olhar para as suas funcionárias. Porquê arriscar tudo aquilo? Não seria melhor concentrar toda a atenção e esforços em impedir a aquisição?

Do ponto de vista financeiro, até os eventuais bisnetos de Julienne estariam seguros. Mas Faye sabia que Chris teria adorado se ela conseguisse realizar o seu sonho de conquistar o mercado norte-americano. E a entrevista no *talk-show* de Skavlan superara todas as expectativas, a sua

caixa de correio electrónico transbordava de mensagens de pessoas da área financeira que queriam uma fatia do bolo quando a Revenge atravessasse o Atlântico. Estavam muito perto das negociações finais com os seus parceiros nos Estados Unidos, muito mais perto do que ela revelara publicamente. Contudo, Faye queria garantir que tinha os investidores certos do seu lado, aqueles que a deixavam operar livremente e, mais importante ainda, eram pessoas que faziam o bem. Pessoas com bom núcleo, como Chris costumava dizer.

De vez em quando, recordava-se com tanta clareza do sorriso de Chris, ouvia as suas gargalhadas, podia sentir a mão da amiga apertar a sua. Se fechasse os olhos naquele momento, conseguia quase convencer-se de que Chris estava ao seu lado. Sentiu um aperto na garganta e limpou as lágrimas, a melancolia estava de volta.

Para que queria o dinheiro e o sucesso, se isso a obrigava a estar longe daqueles que mais amava? Claro que sentia um apreço pelas mulheres ali fora, que trabalhavam para ela, mas não tinham sido essas a estar ao seu lado quando ela não era ninguém, antes de ser multimilionária. Se tudo fosse por água abaixo, eram pessoas que se limitariam a pegar nas suas malas de marca e abandonar o barco sem hesitações. Uma empresa, tal como um relacionamento, baseava-se em lealdade. Ao mesmo tempo, também era um facto que ela se dedicava mais a Julienne e a dar prioridade a si própria, o que talvez tivesse levado a que, agora, estivesse a perder o controlo da Revenge.

Lançou um olhar para a secretária e sobressaltou-se. Tinha dez chamadas não atendidas de Kerstin, não se apercebera de que o telemóvel estava em silêncio. Com um aperto no estômago, marcou o número da amiga.

— Já consegui descobrir quem está por detrás da compra — disse Kerstin de imediato.

Faye sentiu o aperto no estômago subir até à garganta.

— Quem? — perguntou o mais calmamente que conseguiu.

— O Henrik Bergendahl.

— Só podes estar a gozar!

Faye fechou os olhos e afundou-se contra as costas da cadeira. O antigo sócio de Jack. Não deveria, na verdade, ter previsto aquilo? Embora Henrik, hoje em dia, estivesse mais rico do que nunca, passara um mau bocado, em tempos. Contudo, Faye não tinha desconfiado dele uma única vez.

— E não é tudo — continuou Kerstin. — Acabei de saber que a Irene Ahrnell lhe vendeu as acções dela.

Fjällbacka — naquela altura

Depois da escola, apressei-me a voltar para casa. O meu pai tinha de ir à cidade mais próxima para arranjar o carro e já seria tarde quando estivesse de volta. Eram algumas horas de rara liberdade.

A minha mãe prometera que podíamos costurar juntas. A avó contara-me que ela, durante muito tempo, tinha sonhado ser costureira e que, já em pequena, fazia fantásticas criações de moda para as suas Barbies. Infelizmente, agora só tinha tempo de costurar o que precisávamos para usar em casa, mas começara a ensinar-me.

Na verdade, eu não estava especialmente interessada em aprender a costurar. Não obstante, quando estávamos sentadas uma ao lado da outra, com a máquina de costura *Husqvarna* que o meu pai, depois de muita hesitação, lhe dera autorização para comprar, era como se estivéssemos dentro de uma pequena bolha só nossa. Eu costumava observar as suas mãos, fascinada, enquanto ela inseria o fio na máquina, habilidosa e despachada, mostrando que botões tínhamos de carregar para fazer costura recta, os que faziam costura em ziguezague, que tipo de ponto devíamos utilizar e quando, e como se prendia a linha ao tecido quando se terminava. Eu adorava cada minuto.

Naquele dia, ela tinha prometido ajudar-me a costurar umas calças harém. Às escondidas, tinha trazido um pedaço de tecido roxo brilhante da aula de Trabalhos Manuais e conseguia ver perfeitamente à minha frente quão giras iam ficar quando estivessem prontas.

Quando entrei em casa, estava tudo em silêncio. Anunciei a minha

chegada com cautela, ainda não completamente segura de que o meu pai não estava. Porém, ninguém me respondeu.

Olhei em volta pelo *hall* de entrada, o casaco da minha mãe estava pendurado no cabide e os sapatos aprumadamente arrumados na sapateira de pinho. Algo dentro de mim contorceu-se de ansiedade.

— Mãe, estás em casa?

Continuei sem obter resposta. Ainda demoraria à volta de uma hora até o Sebastian chegar a casa, eu e a minha mãe teríamos um longo momento só para nós, uma dádiva rara, e sabia que ela não ia perder esta oportunidade nem por nada do mundo. Também adorava os nossos pequenos momentos com a máquina de costura. Talvez estivesse deitada a descansar?!

Com cuidado, subi as escadas até ao quarto dos meus pais, A madeira dos degraus rangeu, mas ninguém pareceu ouvir. Virei para a direita. A porta do quarto deles estava fechada e isso deixou-me um pouco mais tranquila, agora estava segura de que ela só estaria a descansar um bocado.

Abri a porta muito devagar e confirmei que sim, ela estava realmente deitada na cama, virada de costas para mim. Entrei no quarto sem fazer barulho nenhum, em pezinhos de lã, ainda sem saber se devia acordá-la ou deixá-la dormir. Sabia que ela ia ficar desapontada se perdêssemos o nosso momento com a máquina de costura.

Quando cheguei ao outro lado da cama, não reparei em nada de especial. As pálpebras da minha mãe tremularam, estava a caminho de um sono mais profundo. Porém, algo no chão captou a minha atenção, um frasco branco, a tampa descuidadamente pousada ao lado. Agachei-me e peguei no frasco: comprimidos para dormir.

Fui acometida pelo pânico. Abanei o corpo dela violentamente, mas não obtive qualquer reacção.

Diferentes pensamentos rodopiaram pela minha cabeça, mas, ao mesmo tempo, senti uma clareza e calma descer sobre mim e soube precisamente o que devia fazer. Inclinei-a sobre a beira da cama, com a cara virada para baixo, e enfiei-lhe os dedos na boca, cada vez mais fundo até à garganta. Primeiro não aconteceu nada, mas depois, de repente, ela começou a soluçar à volta dos meus dedos e, finalmente, senti o vomitado quente escorrer-me pela mão, até ao chão.

Consegui ver pequenos pedaços dos comprimidos brancos na mixórdia, misturados com o esparguete do almoço. Continuei com os dedos enfiados na sua garganta, até não sair mais nada para além de bílis. Depois, pressionei a cabeça dela contra mim.

Com o seu choro desesperado a ecoar pelas paredes, embalei a minha mãe nos braços, como se fosse uma criança. Nunca tinha odiado tanto o meu pai como naquele momento. E tive a certeza de duas coisas: nunca seria capaz de contar à minha mãe o que o Sebastian tinha feito; e que, custasse o que custasse, haveria de nos tirar dali.

— Mas haverá alguma lei no Universo que diz que tudo tem de cair na merda exactamente ao mesmo tempo?

Kerstin serviu uma chávena de chá a Faye. O restaurante Broms estava cheio, a combinação de barulho de fundo com a irritação que sentia tinham-lhe provocado uma enorme dor de cabeça.

— Acho que estás a falar da lei de Murphy — respondeu Kerstin. — Mas, sim, na minha vida, que é ligeiramente mais longa que a tua, já reparei que as coisas têm tendência a agrupar-se. A felicidade aglomera-se, a tristeza aglomera-se. Os acidentes aglomeram-se.

— Então, neste momento, estamos definitivamente num aglomerado — resmungou Faye e bebericou o chá com uma careta. — Mas quem é que bebe isto por vontade própria? Preciso de um café forte.

Deteve uma empregada de mesa que se apressava pela sala e resmungou:

— Um *cappuccino*, se faz favor.

— Come alguma coisa.

Kerstin fez um gesto com a cabeça para a mesa, tinham pedido pão de massa azeda, ovos cozidos, iogurtes com *muesli* e salada de fruta.

Faye abanou a cabeça.

— Não tenho fome.

Kerstin comeu em silêncio enquanto Faye, irritada, tentava chamar a atenção da empregada que ainda não tinha trazido o seu *cappuccino*. Não pregara olho a noite toda.

— Não descarregues a tua frustração nos empregados — disse Kerstin.

— Eu faço o que quiser.

Conseguiu finalmente estabelecer contacto visual com a empregada, que se dirigiu rapidamente para a cozinha.

Do lado de fora da janela, o Sol brilhava. As pessoas apressavam-se pelas ruas, concentradas nas suas vidas, e, por momentos, Faye perguntou-se se, tal como acontecia consigo, seriam vidas onde cada uma era atirada de um lado para o outro, entre a esperança e o desespero.

— Tens de falar sobre o assunto, em vez de descarregares nos outros — comentou Kerstin. — A Irene traiu-te, apesar de ter prometido que não o faria. Vendeu a participação dela ao Henrik, o antigo sócio do Jack.

Faye deu um murro na mesa, não estava zangada nem com Kerstin nem com os empregados, estava apenas zangada.

— Vou buscar pudim de chia — disse ao levantar-se.

Na verdade, não tinha fome, tal como dissera a Kerstin, mas precisava de uns minutos de pausa para se concentrar. Foi para a longa fila e, a cada minuto que passava, ficava mais zangada ainda. Quando chegou a sua vez, pediu um pudim de chia com todos os extras: mirtilos, framboesas e raspas de coco torrado.

Quando voltou a sentar-se à mesa, Kerstin olhou-a sem dizer nada. Faye devorou não só o pudim de chia mas também tudo o resto em colheradas enormes. Quando sentiu a comida depositada no estômago como uma argamassa, inspirou fundo e recostou-se. Só então se apercebeu de que, finalmente, lhe tinham trazido o café.

— Em primeiro lugar — disse —, não consigo acreditar que a Irene vendeu. Nem deve ter tido tempo de fazer a digestão do nosso almoço. Sempre a considerei uma pessoa leal, sincera. Não consigo mesmo perceber.

— Tem de haver mais qualquer coisa por trás — disse Kerstin. — Mas

temos de deixar isso para mais tarde, agora vamos ter simplesmente de aceitar que ela vendeu mesmo.

— E logo ao Henrik! Com tanta gente a quem vender… — acrescentou Faye em tom azedo e bebeu o *cappuccino* todo de uma vez.

Levantou a chávena para a empregada.

— Vais ficar com dores de barriga — comentou Kerstin, secamente.

— Não posso ficar com mais dores de barriga do que as que já tenho. Cometi tantos erros, Kerstin. *Isso* é o que me dá dores de barriga. Subestimei o ódio que o Henrik podia sentir por mim. Subestimei a vulnerabilidade da Revenge. E sobrestimei a lealdade das accionistas.

— Então, tanto tu como eu cometemos esses erros. Eu também não fui capaz de prever uma situação destas.

— É verdade. Mas, para ser sincera, isso não faz com que as coisas se tornem mais fáceis.

Faye sentiu um formigueiro percorrer-lhe o corpo e levantou-se. Atrás dela, a empregada colocou um novo *cappuccino* em cima da mesa, mas Faye continuou a andar. Tinha de sair dali.

O telemóvel vibrou na sua mão e ela olhou para o visor. Não tinha o número gravado nos seus contactos, mas, ainda assim, reconheceu-o. Era Yvonne Ingvarsson.

— Sim, o que quer? — respondeu Faye, directa.

A mulher do outro lado da linha inspirou fundo e Faye ficou com a sensação de que ela soava expectante.

— Infelizmente, tenho de a informar de que houve uma fuga de um transporte de prisioneiros, esta manhã. Um dos prisioneiros que escapou foi o seu ex-marido, o Jack.

Segunda Parte

O jornal Aftonbladet *pode agora revelar que um dos dois prisioneiros fugitivos é o magnata Jack Adelheim, condenado a cumprir uma pena de prisão desde há dois anos, pelo homicídio da própria filha. Até ao seu julgamento, Adelheim era o director-executivo da Compare, a sociedade de investimento envolta em escândalos, da qual também era um dos fundadores. Anteriormente, foi casado com a empresária Faye Adelheim*.

A Polícia ainda não tem qualquer pista sobre o paradeiro de Jack Adelheim ou do segundo fugitivo, que desapareceram durante um transporte. Os serviços prisionais ainda não esclareceram as circunstâncias exactas da fuga.

«As nossas rotinas de segurança falharam, disso não temos dúvidas. Mas queremos investigar o caso detalhadamente antes de voltarmos a pronunciar-no», disse Karin Malm, a porta-voz dos serviços.

Do jornal *Aftonbladet* do dia 10 de Junho

Faye estava recostada no seu terraço, com os pés em cima da mesa. Passou os dedos pelo bolso interior da mala *Chanel* e pegou na fotografia que lá guardava. Uma fotografia que ela própria tirara, da sua mãe com Julienne numa praia na Sicília. O mar atrás delas brilhava como um espelho. Julienne, com os seus longos cabelos loiros emaranhados e encharcados, estava enrolada nos braços da avó. Era a única imagem existente das duas juntas. Faye não se atrevia sequer a tirar fotografias em Itália. Todas as memórias que tinha de ambas só podiam ser guardadas no coração.

Estudou a fotografia durante algum tempo antes de a esconder de novo na mala. Tinha de encontrar um sítio melhor, um sítio mais seguro. As saudades de Julienne faziam-se sentir por todo o seu corpo, eram tantas que, por segundos, até se sobrepuseram à ansiedade constante que sentia desde que ouvira a notícia.

Há cinco dias que Jack estava em fuga. Apesar de ter garantido, tanto a Faye como aos jornalistas, que tinham sido alocados muitos recursos extraordinários ao caso, a Polícia ainda não o conseguira apanhar. O pânico dos primeiros dias começara a diminuir, a Polícia contactava-a diariamente para confirmar que tudo estava bem com ela e, acima de tudo, estava consciente de que seria inacreditável, para não dizer estúpido, se Jack aparecesse ali. Porém, a julgar pelo que ele dissera durante todo o processo, estava completamente convencido de que Julienne continuava viva, e isso, em si, constituía um perigo extremo.

Poderia encontrar Faye sem qualquer dificuldade, mas Julienne e a mãe

estavam seguras e protegidas em Itália. Não havia qualquer vestígio delas, nenhuma prova da sua existência, excepto a fotografia que Faye guardava na mala. Sabia que era arriscado tê-la, mas precisava de poder olhar para ela de vez em quando e recordar-se daquilo que era importante, da razão que a levava a fazer o que estava a fazer.

O som do telemóvel a tocar interrompeu-lhe os pensamentos. Sentiu uma vaga de calor subir-lhe até ao rosto quando viu o nome de David no monitor do telefone. Tinham combinado que ele iria ter com ela dali a uma hora e Faye foi até à garrafeira para abrir uma garrafa, de maneira a que o vinho pudesse ficar a respirar.

— Olá, amor, tenho saudades tuas — atendeu Faye.

Fez-se silêncio durante alguns segundos e Faye percebeu que algo não estava bem. Por momentos, imaginou que ouviria a voz de Jack dizer que David estava morto.

— Vai ser difícil ir ter contigo esta noite — disse David com voz tensa, quase a segredar. — A Johanna está a armar uma confusão, aos gritos e a chorar. As miúdas estão inconsoláveis. E assustadas.

Faye suspirou, mas fez um esforço para não ficar irritada, porque, apesar de tudo, a culpa não era dele.

— Imagino que não tenha corrido muito bem quando lhe contaste que estavas envolvido com alguém.

— Nem tive tempo de lhe contar, um conhecido dela qualquer viu-nos juntos em Estocolmo. Isto está um caos aqui.

— Mas o que é que ela quer? Vocês já decidiram que vão divorciar-se. Se tu estás com outra pessoa, ela não tem nada a ver com isso.

— Quem me dera que fosse assim tão simples. Diz que é demasiado cedo e está furiosa por não ter sabido por mim. Para a Johanna, é muito

importante projectar uma imagem, e ela ainda não tinha contado a ninguém que estamos separados.

— Mas não podes vir na mesma? De que é que adianta ficares aí a discutir?

David suspirou.

— Ela quer que seja eu a levar as miúdas à equitação amanhã. Diz que se sentem esquecidas, que eu penso mais em sexo do que nelas.

— Por favor, ela é que te tem impedido de estar mais com elas.

— Eu sei — respondeu David e inspirou profundamente. — Desculpa. As minhas filhas são o meu ponto fraco e ela sabe disso. Não quero que sejam apanhadas no meio disto, espero que compreendas.

Faye suspirou. Tinha de olhar sobriamente para a situação, era importante apaziguar Johanna. Pelo menos, por enquanto. Além de que David dormia no quarto de hóspedes. As eventuais tentativas de sedução de Johanna seriam inúteis.

— Não há problema. Tenho saudades tuas, mas compreendo perfeitamente. Os nossos filhos vêm sempre em primeiro lugar, e é assim que deve ser.

— Obrigado — respondeu David e Faye ouviu o alívio na voz dele. — Obrigado por tornares o difícil um pouco mais fácil.

— Vemo-nos amanhã.

— Também tenho saudades tuas. Prometo compensar-te.

Faye permaneceu sentada, com o telefone na mão. Apesar de ter assegurado David de que estava tudo bem, de que não havia problema nenhum, não conseguiu evitar sentir-se sozinha e abandonada.

Pela primeira vez desde que se tinham conhecido, sentiu-se desiludida com ele, mesmo sabendo que era um sentimento injusto. David não podia fazer nada em relação ao facto de ter tido filhos com uma mulher que

mostrara ser uma pessoa diferente do que ele pensara ao início, tal como Faye não podia ser responsabilizada por Jack. E que tipo de homem seria, que tipo de pessoa, se não tentasse fazer o melhor pelas filhas? Pelo contrário, o seu amor por elas dizia muito sobre o tipo de pessoa que era, alguém que Faye adoraria conhecer mais profundamente.

Levantou o telemóvel e enviou uma mensagem a Kerstin a perguntar-lhe se queria vir ter com ela. Não queria passar a noite sozinha. Kerstin apareceu ao fim de cinco minutos, uma das muitas vantagens de viverem uma ao lado da outra.

— Trouxe alguns petiscos — anunciou. — Passei pelo mercado hoje à tarde.

— És mesmo um anjo, Kerstin.

Serviu um copo de *Amarone* e estendeu-o a Kerstin, que se sentou no sofá.

— O que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso — disse Faye e encheu o seu próprio copo.

A conversa com David deixara-a em baixo e precisava de se concentrar.

— E sobre a Revenge, apetece-te falar? — perguntou Kerstin e esticou-se para uma fatia de presunto italiano. — Não podemos dar-nos ao luxo de não o fazer.

— Antes isso — respondeu Faye. — Precisamos de avaliar bem que aliadas temos agora. Não vamos conseguir resolver isto sozinhas.

— Já sabes quem é que eu acho que deves contactar.

— E tu já sabes que eu acho que estás maluca só de pensar nisso, quanto mais sugerir…

— Talvez maluquice seja aquilo de que estamos a precisar neste momento.

Faye assentiu lentamente com a cabeça. Apesar de ser Verão, tinha

acendido a lareira, que crepitava agradavelmente na sala de estar. Levantou o copo à sua frente, contra as chamas, e observou o vinho tinto a brilhar como rubis, com o fogo como pano de fundo. Esticou-se para um pedaço de *Taleggio* e mordiscou o queijo antes de responder, precisava de ganhar algum tempo para pensar.

Kerstin tinha razão. Por mais que o detestasse, Kerstin tinha razão. Ylva Lehndorf. Estaria prestes a deixar aquela mulher entrar novamente na sua vida?

Antes de roubar o marido de Faye, fora uma estrela em ascensão no mundo editorial, uma indústria que revolucionara em poucos anos. Na verdade, fora Faye quem convencera Jack a contratar Ylva, mantivera-a debaixo de olho desde os tempos da Faculdade de Economia. O que fizera com que a traição que sentira ao encontrá-los juntos na cama fosse dupla. Não obstante, agora não conseguia deixar de olhar para a situação com outros olhos. Sabia-se lá o que Jack dissera sobre ela a Ylva. Não seria Ylva, na verdade, também uma vítima de Jack? Tal como Faye, fora enganada e manipulada. Dominada e enjaulada. E Jack explorara o seu amor, convencera-a a deixar de trabalhar, a tornar-se uma dona de casa submissa. Mas os factos mantinham-se: Ylva Lehndorf ainda era uma das economistas mais brilhantes da Suécia e, naquele momento, estava disponível a preço de saldos.

— Está bem, eu sei o que tu pensas sobre a Ylva. Talvez seja mesmo o caminho certo. — Bebeu mais um pouco de vinho. — Eu também pensei numa pessoa.

— Ah, sim? — perguntou Kerstin e inclinou-se para a frente. — Quem?

— Na Alice Bergendahl.

— A Alice? Uma dona de casa entediada, daqui a pouco divorciada, de Lidingö? — Soltou uma gargalhada.

— Sim, essa Alice.

Ao longo do casamento de Faye com Jack, Alice sempre se projectara como um ideal inatingível. Era a dona de casa perfeita. Linda, leal e compreensiva. Sensual sem ser vulgar. Parecia uma fada sedutora, com seios de silicone de aspecto perfeitamente natural e requintados e umas pernas tão compridas, que um barco poderia passar entre elas.

Todos esses motivos contribuíram para a enorme surpresa que Faye sentiu quando, através das páginas das revistas de sociedade, se viu no meio do divórcio de Alice e Henrik. Alice, que anteriormente nunca ia sequer à casa de banho sem consultar o marido primeiro e que, a caminho, aproveitava a oportunidade para lhe perguntar se queria o seu broche antes ou depois do jantar, aparecera inesperadamente nas páginas dos tablóides, com um exército de advogados na retaguarda. O longo processo de divórcio tornara-se, durante vários meses, o tema de conversa preferido e a razão de viver da alta sociedade de Estocolmo.

Faye estava morta de curiosidade por saber a causa da transformação radical na outrora tão dócil Alice. Apesar de já saber de antemão que ela tinha um lado algo rebelde, uma vez que Alice fora uma das mulheres que, sem o conhecimento do marido, investira na criação da Revenge.

— Nada é tão eficaz a criar sentimentos de afinidade como ter um inimigo comum — disse Faye. — Embora não consiga perceber porque é que o Henrik está a fazer isto. Ele recuperou lindamente, conseguiu erguer-se outra vez.

Kerstin colocou uma mão no ombro da amiga e apertou-o levemente.

— Para um homem como o Henrik, não tem importância nenhuma se conseguiu construir alguma coisa com sucesso outra vez ou não — comentou Kerstin. — Tu arrastaste-o para um escândalo, danificaste a reputação dele. Para homens como o Jack e o Henrik, isso significa que

feriste o seu orgulho e a sua masculinidade. É por isso que ele te odeia. É por isso que quer roubar-te a Revenge.

Faye assentiu.

— Deves ter razão — afirmou. — Mas acho que estás a subestimar a Alice. Se há alguém que conhece os pontos fracos dele, é ela.

— A Alice. E a Ylva — disse Kerstin, pensativa, e recostou-se no sofá. — Se calhar, não é uma combinação assim tão disparatada.

Faye bebeu um pouco mais de vinho. Talvez estivessem à beira de alguma coisa de valor. Olhou para Kerstin outra vez.

— Também tenho de falar com a Irene. Preciso de saber porque é que ela me traiu.

A magnífica moradia de Alice e Henrik Bergendahl ficava no final da ilha de Lidingö e tinha uma praia privada. Pela água dentro entrava um molhe à beira do qual se encontrava um grande barco a motor, que balançava na leve ondulação e brilhava ao sol-poente.

— Fico contente por teres telefonado — disse Alice. — Senti muito a tua falta.

Estavam sentadas num conjunto de sofás que mobilava o enorme espaço exterior, a apenas alguns metros da água. Na mesa à frente delas, Alice colocara quatro ou cinco garrafas diferentes da colecção de vinhos de Henrik. Usava um simples vestido vermelho, e o cabelo loiro comprido estava apanhado num rabo-de-cavalo.

Ao início, quando Alice abrira a porta e vira Faye do outro lado, parecera chocada. O abraço fora tenso, mas, uma vez sentadas no alpendre, as palavras pareciam sair-lhe com mais facilidade. Era quase como se estivesse a conversar com uma velha amiga.

— Às vezes, torna-se bastante solitário… algumas noites — continuou Alice.

— Onde é que o Henrik e os miúdos estão?

— Também temos um apartamento na cidade, na Rua Danderydsgatan. O Henrik montou lá dois quartos para eles.

Alice inclinou-se para a frente, observou a etiqueta de uma das garrafas, assentiu com a cabeça e pegou no saca-rolhas.

— São novos tempos, estes — comentou Faye.

— Melhores tempos. Ou… desculpa, claro que não era isso que queria

dizer. — Faye demorou alguns segundos a perceber que Alice se referia à morte de Julienne. — Sinto mesmo muito pelo que aconteceu e penso nela todos os dias.

— Obrigada — disse Faye calmamente e pegou no copo que Alice lhe estendeu. — Vamos falar de outra coisa. Não me podes contar o que aconteceu com o Henrik? A versão não censurada, se faz favor.

Alice bebeu um pouco de vinho e assentiu lentamente com a cabeça.

— Como tu sabes, eu estava *fine* com o facto de o Henrik me ser notoriamente infiel — começou Alice. — Desde que ele lidasse com isso de uma maneira elegante, à margem da nossa relação, e não me afectasse nem a mim nem aos miúdos, eu sentia que era um preço que estava disposta a pagar. Homens de sucesso são infiéis, pensava eu. Às vezes, dizia a mim própria que essa até era a chave do sucesso deles, aquela fome, sabes? De dinheiro, de poder e, bem… de mulheres. Para o fim, nem eu fui completamente inocente, como tu sabes.

Alice, com os seus lábios delineados na perfeição, sorriu, e Faye recordou-se de que ela, em tempos, lhe pedira o número de telefone de Robin, o jovem muito bem-parecido com as tatuagens. Aparentemente, tinham mantido encontros semanais durante um certo período, quando Henrik pensava que Alice estava na aula de pilates.

Depois pareceu-lhe vislumbrar uma certa tristeza nos olhos de Alice.

— Em Agosto do ano passado, contratámos uma nova *baby-sitter*. Era filha de um amigo de infância do Henrik e um dos seus maiores clientes e financiadores. Ela tinha dezassete anos, andava no segundo ano do liceu e precisava do dinheiro para uma viagem que ia fazer com as amigas, para Rodes, na Grécia. Andava de *Vespa*, estás a ver o estilo. Atirava com o cabelo de um lado para o outro e estava sempre a mastigar pastilhas

elásticas. Aposto que usava cuecas da *H&M* com a Hello Kitty. Nunca sequer pensei nisso.

Alice abanou a cabeça.

— O que é que aconteceu?

— Cheguei a casa numa das tardes em que tinha sido ela a ir buscar os miúdos à escola. Estacionei, saí do carro e ouvi-os a brincar e aos gritos cá fora. Dei a volta à casa pelo jardim e vi que estavam sozinhos. Temos uma casa de banho no andar de baixo, a janela estava aberta e, de lá de dentro, ouvi… pronto, já deves estar a perceber.

Alice humedeceu os lábios, bebeu o que ainda tinha no copo antes de o pousar em cima da mesa. Faye sentiu o seu sofrimento. Também ela tinha apanhado Jack com outra mulher na cama, e nada na vida podia preparar uma pessoa para esse tipo de choque. Recordou-se de como ficara completamente congelada antes de avançar pelo quarto dentro, a chorar. Jack anunciara que queria o divórcio, e Faye, com Ylva Lehndorf e o marido ainda nus na cama, implorara-lhe de joelhos que ficasse com ela. Prometera esquecer tudo, melhorar, desde que ele não a deixasse.

Ficou arrepiada com as imagens que lhe inundaram a mente.

— Pensei que ia ficar zangada, sentir-me destruída, mas, em vez disso, apercebi-me de que tinha de agir, e rapidamente. Peguei no telemóvel e filmei-os através da abertura da janela.

— Essa filmagem tem…

— Um potencial de chantagem na ordem das centenas de milhões. — Alice riu-se. — E também tirei algumas fotografias, como segurança. Bem ao pormenor. Faye, não fazes ideia. Metade de tudo vai ser meu. Senão, toda a Suécia vai ficar a conhecer o grande financeiro Henrik Bergendahl em mais detalhe do que desejam. E tenho muitas dúvidas de

que o Sten Stolpe queira continuar a fazer negócios com o Henrik depois de o ver a saltar em cima da sua preciosa filha.

Alice encolheu ligeiramente os ombros e Faye inclinou-se para a frente.

— Porque é que continuas a viver nesta casa, depois do que aconteceu com o Henrik e a *baby-sitter?*

— Porque é a casa dos meus sonhos, sempre me senti bem aqui. Não o vou deixar roubar-me isso. Mas nunca mais usei aquela casa de banho. Quando o divórcio estiver concretizado, acho que a vou transformar num *walk-in close*t.

Estava um final de dia claro e sem vento. Um peixe chapinhou na água e Alice virou-se na direcção do som, passou uma mão ao longo do braço num movimento lento. De repente, ficou com um ar de incalculável tristeza.

Faye aclarou ligeiramente a garganta.

— Está tudo bem, Alice?

— Não sei.

— Tens saudades do Henrik?

Alice soltou uma gargalhada e olhou-a fixamente.

— Estás louca? Tenho saudades dos miúdos quando eles não estão comigo. Mas construir a vida à volta de um homem, ficar à espera que ele chegue a casa, só me ver a mim própria como um reflexo dele, sempre ao lado dele, ser mais como uma parte da casa do que a companheira… não, disso não tenho saudades nenhumas. O único senão é que os dias em que não tenho as crianças tornam-se um pouco solitários. As únicas pessoas com quem passo algum tempo são os advogados do divórcio.

— Então espero que sejam atraentes, que, pelo menos, possas comer um deles.

— Pelo preço que lhes estou a pagar, deviam parecer deuses gregos. Mas,

infelizmente, não é o caso. É mais o *look* barrigudo e careca que parece dominar a classe dos advogados.

— Que tristeza. Mas olha, à tua! — disse Faye e riu-se. — Estás a precisar de um homem, acho que não vamos ter problemas em encontrar um.

— Sim, depois de todos aqueles anos com a pila mínima do Henrik, talvez precise de que me lembrem como é sentir que está realmente alguma coisa lá dentro — respondeu Alice. — À nossa!

Faye riu-se tanto, que quase lhe saiu vinho pelo nariz. Seria bem capaz de tornar-se amiga desta nova Alice.

Tocaram os copos um no outro, num brinde ruidoso, e riram-se as duas. Tanto Henrik como Jack costumavam censurá-las quando brindavam daquela forma pouco elegante.

— Que vulgar! — disseram as duas em coro, disfarçando as vozes, e riram-se.

Fizeram-no outra vez, apenas para marcar posição. Faye bebeu vários tragos, era um vinho delicioso.

— Tens de preencher os teus dias com alguma coisa, Alice. Senão, não vais aguentar. Advogados, sem dúvida, mas também precisas de ter algo por que lutar. Toda a gente precisa.

Alice assentiu lentamente com a cabeça e virou o olhar para a água, pensativa.

— Eu era tão nova quando conheci o Henrik, deixei tudo o que dizia respeito ao dinheiro à responsabilidade dele. Toda a minha vida profissional se resume a ser uma empregada doméstica bonita e bem paga. Estamos a ser sinceras uma com a outra, não estamos? Aquilo que eu sei fazer é organizar festas, sorrir para os convidados do meu marido e fazê-los

sentir-se confortáveis. Essas foram as minhas competências estratégicas ao longo de todos estes anos. Quem é que me daria um emprego?

Faye abanou a cabeça. Sentia a dor de Alice. Na prática, aquela descrição era completamente realista. Porém, a amiga esquecera-se do aspecto mais importante.

— Tu és um génio social, Alice. Sabes como é que os homens de poder funcionam porque já todos foram teus convidados aqui. E também sabes como é que as mulheres funcionam. As ricas, as que se sustentam a si próprias. Esse tipo de conhecimento não é algo que se possa aprender num curso universitário. E, na verdade, é muito mais valioso.

— Para quem?

— Para mim. E para a Revenge.

Alice fixou o olhar em Faye durante alguns segundos e depois soltou uma gargalhada estrondosa.

— Sinceramente, Faye, eu sei que já bebeste algum vinho, mas o que é que eu poderia ter de valor para ti? Aprecio o gesto de boa vontade, mas não precisas de me fazer favores por estares com pena de mim. Não preciso que tenham pena de mim. Sou uma inútil, mas desenrasco-me sozinha.

Alice fez um gesto abrangente com o copo de vinho na mão.

— Além disso, tu já tens a Kerstin. Não há ninguém que possa competir com a super-assistente Kerstin.

Atitude típica das mulheres, pensou Faye, aquela tendência para se desvalorizarem, a incapacidade de enxergarem o próprio valor. É assim que somos educadas, é o que o mundo nos ensina. E o mundo é dominado por homens que só têm a ganhar com o facto de nos vermos como valiosas apenas em relação a eles.

Faye olhou fixamente para Alice.

— Não fales assim sobre ti, não digas que és inútil. Se repetires esse

discurso muitas vezes, vais acabar por acreditar nele. E depois a tua filha também. E a Kerstin já quase nem em *part-time* trabalha, passa cada vez mais tempo num orfanato na Índia e com o Bengt, o homem que a levou a descobrir o país. Não lhe levo a mal, ela merece uma segunda oportunidade. Mas preciso de alguém. Preciso de ti.

Faye voltou a levar o copo à boca sem tirar os olhos de Alice.

— Achas que eu construí a Revenge sendo boazinha? A distribuir empregos a torto e a direito pelas minhas amigas? Não, nunca contrataria fosse quem fosse só para ser simpática ou por pena. Nunca daria um trabalho a alguém cuja contribuição não se traduzisse em lucro. Não tens um curso superior, e então? A formação académica não vale nada na vida real. E tu sabes bem disso, já tiveste conversas com homens com diplomas supostamente muito sofisticados de universidades americanas e sentiste-te mais esperta que eles. Podes não perceber de números, mas compreendes este mundo e as pessoas que se movem nele. Por isso, pára de te sentir inútil. Além de que já estás envolvida porque és uma das que investiram na Revenge logo de início.

Alice olhou para ela com uma sobrancelha erguida.

— Deixa-te de merdas e diz lá porque é que vieste aqui, na verdade.

Cruzou os braços e esperou pela resposta de Faye, que a olhou com um novo apreço. Alice era mesmo tão esperta como ela esperara.

Inspirou profundamente. A superfície da água brilhava com os reflexos do sol-poente.

— Alguém está a tentar roubar-me a Revenge. Estou muito perto de perder tudo o que construí.

— Mas ainda tens capital próprio, ou não? — perguntou Alice com a testa franzida. — Daquilo que ganhaste com a venda?

— Sim, em termos de finanças pessoais, não tenho problemas. Para

várias vidas, até. Mas não é isso. A Revenge sou eu. E a Revenge também é a Chris.

Alice assentiu. Bebericou o vinho e virou a atenção para a água. O silêncio foi quebrado apenas por gritos de pássaros junto a uma pequena mata.

Faye esperou que Alice absorvesse o que lhe dissera. Porque tinha mais coisas para lhe contar. Ao fim de algum tempo, Alice virou-se para Faye.

— Quem é que está a comprar as acções?

— Primeiro não sabíamos, as compras foram dissimuladas numa teia de compradores, a partir da Suécia e do estrangeiro. Mas, finalmente, conseguimos desembaraçar os fios e encontrar a pessoa que está por trás disto.

— O Henrik — disse Alice.

Faye olhou para ela, espantada.

— Sabias?

— Não, não — respondeu Alice, abanando uma das mãos. — Se soubesse, tinha-te avisado. Mas não me surpreende, acho que não percebeste bem quanto ele te odeia. Mas não pensei que fosse realmente fazer alguma coisa em relação a isso. O Henrik fala muito, sempre foi assim. Houve uma altura em que pensei contactar-te, dizer-te que ele estava mesmo furioso, mas tu… bem, tinhas outras coisas com que te preocupar.

O Sol tinha desaparecido completamente na linha entre o mar e a terra. Faye baixou o olhar, Alice não sabia que Julienne estava viva. E era assim que tinha de continuar.

Serviu mais um pouco de vinho em cada um dos copos.

— Ele está muito próximo de conseguir, Alice. Não estive suficientemente atenta. Estava… primeiro estava absorvida pelo luto e pela raiva. Depois permiti-me relaxar, pensar que estava tudo bem.

Alice acenou afirmativamente com a cabeça e ficou quieta durante alguns segundos. Depois, levantou o copo noutro brinde.

— Assumo que estás à procura de uma «*partner in crime*». Só tenho a dizer que será um verdadeiro prazer para mim tentar pregar uma rasteira àquele cabrão arrogante.

Faye riu-se e voltaram a bater os copos com força. Talvez ainda restasse alguma esperança para a irmandade, apesar da traição das outras investidoras.

Alice oferecera-lhe um quarto para passar a noite, mas Faye queria regressar ao seu apartamento, precisava de trocar algumas ideias com Kerstin. Porém, quando o táxi passou pela Rua Jungfrugatan, pediu ao condutor para parar. Era ali que Irene Ahrnell vivia. Alguns anos antes, Faye estivera em casa dela para um jantar magnífico, e reconheceu o prédio.

Hesitou por alguns momentos. Imaginou a elegante mulher à sua frente, sempre aprumada, sempre solene. Como fora capaz daquilo? Com esse pensamento, pagou ao taxista e saiu do carro.

Tocou à campainha do apartamento. Não aconteceu nada e Faye pensou que, provavelmente, Irene não estaria em casa. O som de passos rápidos atrás de si fizeram-na virar-se, mas era apenas uma pessoa com um fato de treino colorido, a fazer *jogging*. Desde que Jack escapara da prisão, Faye tentava evitar andar sozinha pela cidade à noite, mas parar na casa de Irene fora um impulso.

De imediato, começou a sentir-se ameaçada por cada pequeno movimento que via pelo canto do olho. Tocou novamente à campainha, com força, e, desta vez, Irene respondeu.

— Olá, é a Faye. Percebo que não deves querer falar comigo, mas…

posso subir?

Susteve a respiração. Kerstin desencorajara-a de ter aquela conversa com Irene antes de resolverem as questões mais urgentes. Não obstante, sentia que também era urgente falar com Irene. Certamente que a sua participação já fora efectivamente vendida, mas Faye gostava de Irene, confiava nela. Não conseguia perceber como aquilo acontecera. E sentia necessidade de entender. Talvez também fosse uma chave importante para tudo o que estava a passar-se, mesmo que Kerstin não acreditasse nisso.

— Irene? — insistiu Faye. — Por favor?

A porta zumbiu e, com um último olhar por cima do ombro, Faye, apressada, entrou no prédio.

O elevador era antigo, apertado e infinitamente lento. Quando chegou ao terceiro andar e abriu a ruidosa porta de correr em ferro preto, viu que Irene estava à sua espera junto à porta. Vestia um pijama cinzento, não usava maquilhagem e um elástico felpudo afastava-lhe o cabelo da cara. Pelo brilho da sua pele, era fácil perceber que estava a meio do ritual nocturno de limpeza do rosto.

— Entra — disse Irene em voz baixa.

A expressão do seu rosto tornava evidente que não queria falar com Faye, mas, pelo menos, deixara-a entrar.

— Queres um chá?

— Nem por isso — respondeu Faye com um esgar.

— Estou a perceber.

Irene foi para a cozinha e regressou com dois copos de vinho e uma garrafa já aberta e refrigerada de *Chablis*. Faye seguiu-a até à enorme e espaçosa sala de estar, onde tinham bebido os aperitivos no dia do tal jantar. Tectos altos e trabalhados.

Sentaram-se num sofá forrado a tecido com padrões garridos de *Josef*

Frank. Faye ponderou como deveria começar a conversa, mas Irene resolveu-lhe o problema.

— Eu já tinha pensado contactar-te. Imagino o que isto deve parecer e, acredita em mim, não durmo há quase uma semana. Mas…

— Mas o quê, Irene? — perguntou Faye e não conseguiu evitar que os seus sentimentos de mágoa transparecessem na voz.

Irene demorou a responder. Girou o copo de vinho, de seguida pousou-o na mesa de centro de mármore, levantou-se e ganhou algum tempo enquanto acendia umas velas.

Faye não a pressionou. Percebeu logo quão consumida Irene estava, e toda a raiva que sentira anteriormente começou a desvanecer-se. Algo acontecera ali e ela estava totalmente disponível para dar a Irene a oportunidade de se explicar.

Por fim, Irene sentou-se outra vez ao seu lado e pegou no copo de vinho. Encostou-se num dos cantos do sofá, dobrou os pés por baixo das pernas e inspirou profundamente.

— Foi na manhã do dia a seguir ao nosso almoço. Estava um homem à minha espera, à porta do prédio. Trazia um envelope na mão e pediu-me para o abrir. Disse que, depois de eu ver o que lá estava dentro, devia receber uma chamada. Peguei no envelope e ele desapareceu antes de eu ter tempo de reagir. Primeiro ri-me ligeiramente da situação, parecia uma coisa saída de um mau filme de espiões. Mas depois entrei em casa e… abri o envelope.

Irene bebeu um longo trago do vinho.

— O que é que estava lá dentro?

Irene não respondeu. Piscou os olhos, nervosa, antes de, finalmente, voltar a olhar para Faye.

— O envelope continha todos os meus segredos.

— Os teus segredos? Pensei que a tua vida era um livro aberto.

— Isso é o que toda a gente pensa. Consegui criar o meu próprio passado, a minha própria história, na qual toda a gente acredita. Podes ter a certeza de que não é muito difícil. Algumas pequenas anedotas, algumas pequenas histórias bem colocadas, um fio condutor na comunicação social. Ninguém questiona.

Faye assentiu. Ela, melhor que ninguém, sabia disso. Irene nem sonhava. A tarefa mais básica da imprensa, para além de reportar, era fazer exames críticos. Porém, ninguém na Suécia examinava uma boa história. E, tanto Irene como Faye, eram boas precisamente nisso, a fornecer uma boa história.

— Eu cresci em Bromma. Os meus pais não eram advogados, aliás, só conheci a minha mãe. Uma cabra alcoólica chamada Sonja. Eu detestava-a profundamente. Mas não consegui deixar de seguir os passos dela… acabei com as companhias erradas, bebia demasiado, consumia… outras coisas também. Fiquei grávida e não podia, também não queria, ficar com o bebé. Então dei-a para adopção. Não faço a mínima ideia de onde está hoje. Ou melhor, não fazia a mínima ideia. Havia fotografias dela dentro do envelope. Hoje é uma adulta.

Irene riu-se ao aperceber-se do que dissera.

— Claro que hoje é uma adulta, que coisa mais estúpida de mencionar. Tem… está na casa dos quarenta anos. Procuradora, de todas as coisas. Em Jönköping, de todos os sítios. Tem marido, dois filhos. Parece-me ter uma vida feliz, pelo menos a julgar pela sua conta de Instagram, que tenho controlado obsessivamente desde então.

— E tens receio de que isto fosse destroçar a vida dela…

Irene olhou fixamente para Faye. Um oceano de dor era visível no seu olhar, e a raiva de Faye desapareceu por completo. Compreendia-a,

compreendia-a completamente. Uma pessoa faz o que tem de ser feito para proteger os seus.

— Exactamente, não quero destroçar a vida dela. Então, sacrifiquei-te a ti. Essa é a verdade nua e crua, não há forma de a mascarar.

Irene pareceu envelhecer vários anos diante dos olhos de Faye. Não eram amigas tão próximas que Faye se sentisse à vontade para colocar uma mão no ombro de Irene, num gesto de conforto, mas pousou o seu copo de vinho na mesa e entrelaçou as mãos em cima das pernas.

Falou calmamente, queria certificar-se de que ela absorvia cada palavra.

— Eu compreendo-te. Compreendo-te muito bem e teria feito exactamente a mesma coisa. Acredito que, de todas as que venderam as suas acções, não foste a única que recebeu um envelope desses. Tenho de admitir que ando triste, magoada e confusa. É como se me tivessem espetado uma faca nas costas. Mas agora percebo o que aconteceu e repito: teria feito exactamente o mesmo que tu. Deste-me uma peça extremamente importante do *puzzle*. Obrigada.

— Não sinto que tenhas muito por que me agradecer — comentou Irene em voz baixa.

— Claro que sim — respondeu Faye e levantou-se. — Agora tenho de ir para casa. E tu precisas de ir para a cama.

Irene acompanhou Faye até à porta.

— Desde que isto começou, fiz algumas pesquisas sobre a empresa do Henrik — disse-lhe.

— Ai sim?

— A maneira como tratam as mulheres lá — continuou Irene com uma expressão de desprezo. — São vistas apenas como objectos de decoração, nunca progridem na carreira, ninguém lhes dá ouvidos. É como se

o desenvolvimento tivesse passado completamente ao lado daquela cultura empresarial.

Faye suspirou. Ouvir Irene dizer aquilo era como uma lembrança de todos os seus anos com Jack.

— Não me surpreende nem um pouco — comentou.

Irene abanou a cabeça.

— A mim também não. Seja como for, foi um alívio enorme ter falado contigo — admitiu. — Tenho andado a sentir-me tão mal.

Faye colocou as mãos nos ombros de Irene.

— Em primeiro lugar: não há nenhuma hostilidade do meu lado. Em segundo lugar: utilizas os cremes hidratantes da Revenge ou és infiel?

Irene sorriu.

— Infiel. Sou *old school*, só uso *Nivea*. Como a minha avó.

— Maldita *Nivea* — disse Faye e, finalmente, abraçou Irene.

Quando voltou a descer no elevador minúsculo, olhou para Irene através da grade de ferro. Acenaram uma para a outra. Faye encostou a cabeça ao espelho do pequeno elevador. Irene dera-lhe uma resposta, pelo menos, mas não tinha a certeza se aquela resposta a ajudava de alguma maneira.

Fjällbacka — naquela altura

Eu era provavelmente a única pessoa em Fjällbacka que não gostava de andar de barco. O mar assustava-me. Por isso, fiquei surpreendida quando dei por mim a aceitar o convite do Sebastian para ir andar de barco com ele, o Tomas e o Roger.

Apesar de o Sebastian ter feito mais algumas visitas nocturnas ao meu quarto, havia dias em que era verdadeiramente carinhoso comigo. Como dantes, quando éramos nós os dois contra o mundo.

O passeio, pensei eu, talvez fosse uma forma de me pedir desculpa, de tentar melhorar a situação. Era assim que eu o queria ver. Queria esquecer. Que tudo voltasse ao que era antes de a porta do meu quarto se abrir à noite.

A ilha para onde íamos chamava-se Yxön e estava desabitada.

O barco à vela chamava-se *Marika* e pertencia ao pai do Roger.

Encontrámo-nos no cais, às nove da manhã. Era sexta-feira. O Tomas e o Roger chegaram um quarto de hora atrasados, vinham a arrastar uma mala, uma tenda e quatro grades de cerveja. Entrámos no barco. O Roger era um rapaz grande mas calado, só falava quando falavam com ele, mas transmitia uma sensação de gigante amigável. Amigável mas estúpido. Andava sempre atrás do Tomas, como se precisasse de o vigiar, como uma espécie de guarda-costas.

O Roger passou uma garrafa de cerveja ao Sebastian, que a abriu e bebeu alguns tragos. O Sebastian nunca tinha bebido à minha frente, mas não quis deixá-lo desconfortável à frente dos amigos referindo-me a isso. Então

fiquei calada. Sentei-me na proa, levantei as pernas contra o peito e olhei para o mar enquanto deixávamos o cais.

Não me atrevia a olhar para o Tomas, sentia o olhar dele fixo em mim e tentei fingir que me era indiferente. Ele tinha algo de refinado, dava sempre a impressão de pertencer mais a uma grande cidade. Talvez fosse porque os pais eram ricos, pelo menos, à escala de Fjällbacka, e a mãe dava muita atenção, e dinheiro, às roupas que ele usava. Naquele dia usava uns calções beges e um pólo branco. Ali sentado ao pé de mim, era o mais belo que eu alguma vez tinha visto.

— Também queres? — perguntou e estendeu-me uma cerveja.

— Mas temos cervejas suficientes? — reclamou o Sebastian.

O facto de ter andado mais atencioso nos últimos dias não queria dizer que era meu amigo. Estava de pé com um cigarro na mão, também era raro vê-lo fumar.

— Oh, claro que a Matilda pode beber uma cerveja — respondeu o Tomas. — Trouxemos imensas.

Aceitei a garrafa com um sorriso. Porém, continuava a não ousar olhá-lo nos olhos. Talvez pudesse conhecer alguém como o Tomas quando fosse viver para a cidade.

Tinha juntado dinheiro do trabalho de Verão na pastelaria. Cada coroa que ganhava seria usada para deixar Fjällbacka.

A cerveja tinha um sabor amargo e eu esforcei-me para não fazer uma careta. Ainda assim, depois de me obrigar a beber meia garrafa, senti um calor espalhar-se desde a barriga e comecei a relaxar. Quanto mais bebia, melhor se tornava o sabor da cerveja morna.

— Obrigada pela ajuda — disse eu de repente, com uma nova ousadia, enquanto olhava o Tomas nos olhos pela primeira vez.

— Obrigada por quê? — perguntou ele com ar divertido.

— Há uns tempos ajudaste-me, quando eu deixei cair os livros.

— Isso não foi nada. Foi aquele anormal do Stefan que te pregou uma rasteira, não foi?

Assenti com a cabeça e o Tomas passou-me mais uma cerveja.

— Não ligues a esses cretinos cheios de consanguinidade — disse ele com o brilho do mar nos olhos.

Fiquei surpreendida por o Sebastian não ter interrompido a nossa conversa com algum comentário arrogante, mas, quando olhei para ele, vi que estava deitado, de olhos fechados, no banco corrido. Parecia ter adormecido. Subitamente, fiquei envergonhada, senti os olhares fixos do Tomas.

A esperança provocou-me borboletas na barriga.

O *Mercedes* preto abrandou junto à Rua Götgatan, Faye pagou e saiu do carro.

O sol forte reflectia-se nos telhados dos edifícios antigos de Södermalm e na cobertura do pavilhão Globen ao longe, provocando um brilho bonito. Algumas nuvens leves como fumo de cigarro flutuavam pelo céu. A guitarra eléctrica de um músico de rua resmungava tristemente.

Faye atravessou as ruas apertadas até encontrar o café chamado A Caneca. Ficou parada a alguma distância, a tentar ver para o interior do espaço escuro. A decoração consistia de sofás e poltronas gastas, de diferentes cores e tecidos. Nas paredes, havia quadros antigos com molduras douradas, sem qualquer fio condutor aparente ou tema comum.

Quando estava prestes a atravessar a estrada, viu um rosto no interior do café e reconheceu-o de imediato. Porém, não era Ylva, mas sim a inspectora Yvonne Ingvarsson. Sentiu o ritmo cardíaco acelerar para o dobro quando percebeu que a pessoa com quem a inspectora estava a conversar era Ylva.

Faye entrou rapidamente numa loja de conveniência abafada e sentou-se ao balcão, num banco alto à janela com vista para a entrada do café.

A bisbilhotice de Yvonne tornava-se cada vez mais perturbadora. Embora Ylva lhe tivesse roubado Jack, Faye voltara a conquistá-lo. Em segredo, filmara-se a si própria na cama com ele e enviara o filme para Ylva. De seguida, dera cabo tanto de Ylva como de Jack. Ylva não sabia de nada que pudesse prejudicar Faye, mas o seu ódio poderia revelar-se um risco

real. Tornava-se assim ainda mais importante conseguir convencê-la a ficar do seu lado.

Ao fim de cinco minutos, Yvonne saiu do café e Faye escondeu-se atrás de uma prateleira da loja, antes de atravessar a estrada e abrir a porta do outro estabelecimento.

Ylva encontrava-se atrás de uma caixa registadora antiga que, aparentemente, estava ali colocada como objecto de decoração e não pela sua funcionalidade, uma vez que um pequeno letreiro informava que o café não aceitava pagamentos em dinheiro, apenas cartões. Tinha o cabelo preso num rabo-de-cavalo e usava uma *T-shirt* preta justa no peito. Faye tinha duas pessoas à sua frente na fila e Ylva despachou-as com rapidez e eficiência.

Finalmente, chegou a vez de Faye. Ylva inspirou profundamente quando a viu.

— Um café e uma sanduíche de queijo e fiambre, por favor.

Ylva assentiu e preparou o pedido de Faye.

— São… — Ylva precisou de aclarar a garganta. — São oitenta e nove coroas.

Faye passou o seu cartão *American Express Black* no sensor do terminal de pagamento.

— Assumi que aparecerias aqui mais cedo ou mais tarde.

— Temos um problema em comum — respondeu Faye.

Ylva concordou, mas o seu olhar desviou-se para a fila, para as pessoas atrás de Faye.

— Tenho de atender os outros clientes, mas senta-te, que eu vou ter contigo quando puder fazer um intervalo.

Faye assentiu, pegou no seu café e na sanduíche e foi sentar-se a uma mesa para duas pessoas, junto à janela.

Pegou no telefone e viu que David lhe enviara uma mensagem. Sempre que via o seu nome no monitor do telemóvel, sentia o coração bater mais rápido.

Com um sorriso nos lábios, abriu a mensagem e leu-a.

«Não consegui resistir quando vi isto. É mesmo a tua cara. E arrisquei assumir que também ias gostar.»

Faye abriu a fotografia que David enviara com a mensagem e ficou sem fôlego. David conseguira apanhar precisamente a fotografia artística que Faye mais adorava em todo o mundo. Era uma imagem de Faye Dunaway, tirada por Terry O'Neill, à beira da piscina do Te Beverly Hills Hotel, na manhã seguinte a ela ter recebido um Oscar. Como poderia ele saber aquilo? Como era possível conhecê-la tão bem, em tão pouco tempo? Faye não conseguiu evitar um sorriso rasgado.

Voltou a guardar o telemóvel e pegou num guardanapo, onde escrevinhou qualquer coisa com uma caneta. Depois retirou o computador portátil da mala, pousou-o sobre o guardanapo e abriu a caixa de correio electrónico. Não levantou os olhos do monitor até Ylva se sentar na cadeira à sua frente.

Ylva limpou algumas migalhas da camisola e alisou-a com as mãos, sem nunca olhar directamente para Faye.

— O Jack contactou-te? — perguntou Faye.

Ylva abanou a cabeça com veemência.

— Não. E também não me parece que o faça. Porque havia de me contactar? Nunca fui importante para ele.

Disse aquilo de uma forma tão simples, como se fosse completamente lógico que Jack nunca a tivesse amado. Faye nem queria pensar em como teria sido a sua vida com ele.

— E quando estava na prisão, também nunca te contactou?

— Não. Acho que ele não tem interesse absolutamente nenhum, nem em mim nem na Nora.

Faye olhou pela janela. Era raro pensar no facto de Julienne ter uma irmã mais nova, que estava agora com quase dois anos.

— Como é que vocês sobrevivem?

— Não é evidente? — disse Ylva e gesticulou com o braço à sua volta. — Eu perdi tudo depois do Jack. Ninguém queria contratar-me e também… como é que eu poderia voltar a ter o trabalho que tinha antes ao mesmo tempo que cuidava de um bebé? Mas eu aguento-me bem. Nós aguentamo-nos bem.

Faye bebeu um gole de café. Estava convencida de que Ylva tinha razão, era uma mulher que seria sempre capaz de se desenvencilhar, era uma sobrevivente.

— Estás com medo? — perguntou Ylva.

Faye assentiu lentamente com a cabeça.

— Sim, estou. O Jack matou a nossa filha. Odeia-me, tanto por ter testemunhado contra ele como por ter seguido com a minha vida. Por ter sido bem-sucedida. Por agora ter tudo o que ele tinha.

Ylva virou-se para a caixa, mas não havia nenhum cliente à espera de ser atendido.

— Sinto muito — disse. — Por tudo. Por aquilo que te fizemos passar. Por ter sido estúpida e ingénua e ter acreditado em tudo o que ele disse. E sinto mesmo muito pelo que aconteceu com a Julienne. Agora, que tenho a Nora, não consigo sequer imaginar…

A voz falhou-lhe e Faye apercebeu-se de que sentia simpatia pela mulher à sua frente. Tinham sido ambas enganadas por Jack. Ambas tinham pago um preço. O passado estava esquecido.

— Gostas de servir cafés? — perguntou Faye.

Ylva contorceu-se na cadeira.

— É o meu trabalho, não é nem melhor nem pior do que outro qualquer.

— Tens uma ética e moral de trabalho fortes — respondeu Faye. — Tenho a certeza de que os teus patrões nunca tiveram um funcionário melhor. És uma perfeccionista e quero que saibas que te respeito.

Levantou o computador portátil, pousou os dedos no guardanapo escrevinhado e fê-lo deslizar sobre a mesa. Ylva inclinou-se para a frente e olhou para o papel com ar desconfiado.

— O que é isso? — perguntou bruscamente.

— Um contrato de trabalho.

— Pára com isso, por favor — respondeu Ylva e corou. — Ganhaste, Faye, não precisas de vir aqui humilhar-me. Eu percebi, perdi e não devia ter feito o que fiz.

Faye colocou uma mão na tampa do computador portátil e fechou-o lentamente.

— Neste momento, na minha caixa de correio, tenho quase cento e cinquenta *e-mails* de diferentes pessoas que querem investir na Revenge antes da nossa expansão para os Estados Unidos. A maior parte são homens. Preciso de alguém que perceba verdadeiramente de economia, que possa analisar as propostas e investigar os investidores. Quero saber quem são aqueles com quem me estou a meter.

— Porquê eu?

— Porque és a pessoa mais adequada. E porque acho que posso igualar o salário que te pagam neste buraco e, assim, contratar uma das melhores economistas da Suécia por uma ninharia.

Ylva olhou para ela com uma expressão de quem não estava a compreender nada.

— Mas… eu roubei-te o marido.

— Pois foi, esqueci-me de te agradecer por isso — respondeu Faye com um sorriso rápido. — Mas eu depois roubei-o de volta, mesmo que tivesse sido só para ficar com a empresa dele. A meu ver, estamos empatadas.

— Só não percebo como posso contribuir.

— Então é assim, isto não é informação que eu quero que venha a público, já consegui impedir o jornal *Dagens Industri* de escrever sobre o assunto por agora, mas vou arriscar confiar em ti.

— Podes confiar — disse Ylva seriamente, e Faye acreditou nela.

— A Revenge está prestes a ser adquirida. Ao início, foi uma compra dissimulada, mas agora está tudo a acontecer às claras.

— Adquirida? Mas quem é que…?

— O Henrik Bergendahl.

— O sócio do Jack na Compare?!

— Exactamente.

Ylva assentiu, analisava a informação que lhe fora dada.

— Ele deve odiar-te.

— Sim, até mais do que odeia a Alice.

— Quem é a Alice?

Faye fez um gesto de indiferença com a mão.

— É uma longa história. Estão a meio de um divórcio, daqueles sujos. O Henrik foi para a cama com a *baby-sitter*.

— Bem, com quem é que o Henrik *não* foi para a cama? — murmurou Ylva.

A campainha por cima da porta soou, mas, aparentemente, a pessoa que entrara arrependeu-se e voltou a sair.

— O problema é que o Henrik tem capital. Imenso capital. O suficiente para poder assumir o controlo da empresa… e não me parece que tenha sido um impulso súbito, acho que ele está a planear isto há muito tempo.

— Não há nada que possas fazer? Já analisaste todos os contratos? Falaste com os accionistas? Não aconteceu nada dúbio, que possas utilizar?

Faye sorriu, satisfeita.

— É precisamente por isso que estou aqui — disse. — Preciso de alguém que coloque exactamente esse tipo de questões, que pense nessas coisas e me possa ajudar a encontrar as respostas e ainda mais coisas.

Ylva abanou a cabeça.

— Ainda não consigo acreditar que me estás a oferecer um emprego.

A campainha da porta voltou a soar e, desta vez, uma jovem mulher entrou e dirigiu-se ao balcão. Ylva levantou-se.

Faye também se levantou, arrumou as suas coisas e entregou um cartão-de-visita a Ylva.

— Diz-me alguma coisa, se estiveres interessada. Mas o trabalho é teu sob uma condição: pensa nisto como um exame de admissão, fico à espera de que estabeleças as bases de um plano que me ajude a parar aqueles que querem ficar com a minha empresa.

Faye pegou no guardanapo que continuava em cima da mesa e colocou-o na mão de Ylva.

— Isto é totalmente válido. Assim que o assinares, assumes o cargo de directora financeira da Revenge. Partindo do princípio de que possas dar-me a informação de que preciso. E diz-me alguma coisa se o Jack te contactar. Nós as duas temos de manter um olhar constante por cima do ombro, ele é perigoso.

Acenou-lhe com uma mão, virou costas e deixou o café.

De certa forma, sabia que estava a sonhar, mas, ainda assim, Faye não conseguia sair do sonho. Tornava-se cada vez mais frequente, não se desenrolava sempre da mesma forma, mas a sensação era sempre a mesma. E era sempre terrivelmente realista.

Tinham-se passado algumas semanas depois de ter regressado da maternidade com Julienne. Ainda estava dentro da bolha, completamente absorvida pela pequena criatura que, desde que abrira os olhos pela primeira vez, se apoderara de todo o seu ser.

Estava estafada, dorida, exausta. Desde que tinham regressado a casa, Faye responsabilizava-se em exclusivo pelas noites de Julienne, dormindo apenas algumas horas de vez em quando.

Ainda assim, Jack achara boa ideia pedir-lhe para organizar um grande jantar de negócios para alguns investidores importantes. Como sempre, Faye fez o que Jack queria.

Planeou o jantar durante vários dias, ao mesmo tempo que tentava atender às necessidades de Julienne. Queria sentir-se bonita para o jantar, mas nada no seu guarda-roupa habitual se adequava ao corpo de mãe recente. A sua barriga ainda estava mole e ondulada, e os seios enormes, cheios de leite.

Completamente transpirada, lá conseguiu vestir uma peça de roupa parecida com um cafetã, que comprara para umas férias que tinham feito num destino de praia. Por baixo do cafetã, vestiu um par de *leggings* de grávida com cintura reforçada e um *soutien* de amamentação com discos de tecido, para absorver qualquer leite que vazasse.

Quando Jack a viu, olhou para ela de cima a baixo com ar de desprezo.

Os convidados chegaram e Faye e Jack receberam-nos no *hall* de entrada. Os homens traziam consigo mulheres pequenas e meio emaciadas, todas tamanho 34 e com as maçãs do rosto cheias de *Botox* para não parecerem cavadas e demasiado magras. Os olhos de Jack moviam-se entre elas e Faye e, pela expressão nos seus olhos, Faye percebeu que não estava à altura da imagem que ele queria apresentar.

Quando iam a meio das entradas, Julienne acordou. Faye levantou-se da cadeira para ir ter com a filha, mas a mão de Jack no seu braço levou-a a sentar-se novamente. Olhou para o marido com um ar suplicante, mas a sua expressão era clara.

Faye sorriu rigidamente para os convidados enquanto a filha gritava no quarto. Algumas das mulheres olharam para ela com compaixão, enquanto os homens lançavam comentários jocosos como «só lhes faz bem treinarem os pulmões um bocado».

Por fim, Jack levantou-se da mesa e foi ter com Julienne. Voltou para a sala de jantar com a filha nos braços, o seu pequeno rosto inchado de chorar e o pijama ensopado pelas lágrimas. A expressão de Jack estava distorcida pela raiva, como se tivesse sido Faye a fazer Julienne chorar. Sem dizer uma palavra, passou-lhe a criança, e Faye, agradecida, apertou o pequeno corpo da filha contra o seu. A fúria de Jack vibrava contra ela. As gargalhadas dos homens ecoavam despreocupadamente pelas paredes da bela sala de jantar, mas os olhares lamentosos e compassivos das mulheres queimavam-lhe a alma.

O que tinha feito? Como acabara ali?

Com a respiração ofegante, Faye sentou-se na cama. Estava encharcada em suor, o corpo a tremer.

Foi apenas um sonho, disse para consigo vezes sem conta. Apenas um

sonho. Porém, o olhar de Jack continuava a queimá-la. Voltou a deitar-se lentamente, a pulsação a ecoar-lhe nos ouvidos. Jack estava sempre presente, nunca conseguiria expulsá-lo dos seus sonhos. Ele estava sempre presente, seria uma parte da vida dela para toda a eternidade.

*

Faye desligou, voltou a guardar o telemóvel na mala e olhou para os diferentes relógios de pulso que o vendedor subserviente lhe mostrava. Fora a Polícia que a contactara para a verificação diária de que se encontrava bem.

O relógio que captou a sua atenção era da marca *Patek Philippe* e custava trezentas e cinquenta mil coroas suecas. Estava consciente de que era uma loucura comprá-lo para um homem que só conhecia há algumas semanas, mas, ainda assim, sentia que era a coisa certa. Sorriu ao pensar no quadro com Faye Dunaway, que estava agora pendurado na parede da sua sala, e respondeu com um gesto da cabeça à pergunta do vendedor sobre se conseguira decidir-se.

— Vou levar este — disse ao apontar para o relógio, antes de lhe estender o seu cartão *American Express Black*.

O vendedor bateu com as palmas da mão uma na outra.

— Excelente escolha! — exclamou.

A situação com Johanna, a mulher de David, começava a irritá-los aos dois. Faye não podia deixar de ver como David se sentia mal com aquilo, mesmo quando tentava parecer imperturbado. Aparentemente, Johanna não conseguia aceitar que David seguira em frente, pelo contrário, tentava a qualquer custo mantê-lo na sua vida. Continuava a recusar assinar qualquer documento de divórcio, apesar de David concordar em dar-lhe

metade de tudo, indo contra o acordo pré-nupcial que determinava que não precisava de lhe dar um centavo da sua riqueza pessoal. Faye admirava-o por isso.

Respondeu que não quando o vendedor lhe perguntou se gostaria que o relógio fosse gravado. Enquanto assinava a pilha de papéis que o homem empurrara na sua direcção sobre o balcão, sentiu o telemóvel vibrar dentro da mala. Não reconheceu o número e primeiro pensou não atender. E se fosse Jack?

Depois zangou-se consigo, não podia deixar que o medo a controlasse. Quando, finalmente, atendeu, a pessoa do outro lado da linha mostrou ser um jornalista do *Aftonbladet*. Faye suspirou. Mudava de número de telemóvel com regularidade para que a imprensa não a conseguisse apanhar, mas, de alguma maneira, acabavam sempre por descobri-la. O homem apresentou-se como Peter Sjöberg, e Faye conseguiu recordar-se do seu rosto da edição electrónica do jornal. Era um dos repórteres que escrevera colunas intermináveis sobre o divórcio de Alice e Henrik.

— Como não podia deixar de ser, estou a ligar-lhe para saber se tem alguma coisa a dizer sobre a fuga espectacular do seu ex-marido — disse o jornalista alegremente, como se estivesse a fazer um inquérito sobre as marcas que tinham os morangos mais saborosos.

Faye franziu a testa, sabia que não devia falar com ele, mas não conseguiu deixar de ficar curiosa sobre o assunto da conversa. Os jornalistas costumavam ter informações que não publicavam por motivos éticos, mas isso não os impedia de os divulgarem em conversas telefónicas.

— Ele entrou em contacto consigo? — perguntou Peter Sjöberg, algo mais hesitante.

— Não — respondeu Faye, sincera.

— E está com medo? Tendo em conta o vosso histórico?

— Prefiro não responder a isso.

— *Okay*. Compreendo.

Fez-se um momento de silêncio e Faye ouviu alguém segredar algo ao fundo.

— Tem mais alguma questão ou não? — perguntou-lhe.

— Na verdade, não. Quero dizer, sim, reconhece o nome…?

A voz do repórter foi abafada pela conversa fiada do vendedor de relógios, que não reparara que Faye estava a falar ao telefone, uma vez que usava um auricular. Faye apontou para a orelha e o homem levantou as mãos num pedido de desculpas.

— Desculpe, como disse?

— Pois, estava a perguntar-lhe se o nome «Gösta Berg» lhe é familiar.

Faye sentiu-se como se alguém lhe tivesse espetado uma faca na barriga e, de seguida, ficou completamente gelada. Olhou para o seu próprio reflexo na parede espelhada atrás do balcão. Viu o terror nele.

— Porque é que pergunta isso? — conseguiu pronunciar a custo enquanto se agarrava ao balcão para manter o equilíbrio.

— É o nome do outro homem com quem o Jack conseguiu escapar. Só queria saber se, por acaso, sabe se eles já se conheciam. Mas então podemos assumir que foi só uma coincidência, força das circunstâncias, digamos assim, que os fez fugir juntos.

Faye desligou a chamada, as mãos a tremer.

O resto do procedimento de compra do relógio realizou-se mecanicamente. O suor escorria-lhe pelo pescoço. Quando terminaram, saiu meio aos tropeções para a Rua Biblioteksgatan e puxou os óculos de sol da cabeça para o nariz. Caminhou o mais rápido possível nas suas pernas enfraquecidas, decidiu ir directamente para casa e telefonar à mãe, em

Itália. Como reagiria ela quando soubesse que o marido fugira da prisão, onde deveria cumprir a sentença de prisão perpétua pelo homicídio?

Antes de entrar no prédio, olhou ansiosamente à sua volta. Começara de imediato a sentir-se observada por todos os lados. Entrou à pressa e fechou a porta com força atrás de si.

Enfiou-se no elevador e inclinou-se para a frente para estudar o seu rosto no espelho. Inspirou profundamente, a pulsação já não igualava o ritmo de um cavalo de corrida, o coração batia-lhe agora a um ritmo normal no peito. Faye puxou a grade do elevador para o lado, saiu e, no momento seguinte, percebeu que não estava sozinha.

Fjällbacka — naquela altura

Nunca percebi o que ia acontecer, quando estava ali sentada na proa do *Marika*, os braços em volta das pernas dobradas e a olhar para o mar. O Sebastian tinha acordado e estava agora sentado. Os rapazes fumavam, bebiam cervejas, olhavam para mim de vez em quando, conversavam e lançavam olhares na minha direcção. Fiquei curiosa sobre o que estariam a dizer.

O Tomas veio ter comigo e passou-me uma garrafa de cerveja aberta. Estava meio vazia e morna.

— Obrigada.

Bebi vários goles seguidos e sustive a respiração para não sentir o sabor.

— Fica com essa — respondeu quando lhe estendi a garrafa de volta. — Temos mais.

Deixou-me sozinha e eu peguei no livro que tinha trazido comigo, *Moby Dick*, uma vez que íamos estar no mar. Na mala que tinha preparado, também guardei o *Robinson Crusoé*. Era uma edição antiga que pertencera ao meu avô materno. Bebi a cerveja morna e sem gás e li o meu livro.

Ao fim de mais ou menos uma hora, os rapazes anunciaram que tínhamos chegado. Levantei os olhos do livro e vi a ilha Yxön. Um oásis verdejante e inóspito, no meio de todo o azul do mar. Ancorámos o barco perto de umas rochas, largámos o bote de borracha, carregámos as nossas mochilas e a comida. O Roger acendeu um cigarro enquanto remava.

Levei a mão ao peito e agarrei o colar que tinha pendurado ao pescoço, toquei com as pontas dos dedos nas asas de prata que pareciam tão frágeis

mas que aguentavam tudo, segundo a minha mãe. A ilha aumentava de tamanho à frente dos meus olhos e estremeci quando um arrepio me percorreu as costas.

Faye olhou fixamente para a mulher que estava parada em frente à porta do seu apartamento. Quase gritara de susto. Inspirou profundamente quando Ylva Lehndorf levantou a mão para a cumprimentar.

— Assustei-te?

— Um bocado — respondeu Faye e atrapalhou-se com o molho de chaves antes de abrir a porta e a grade de segurança. — Entra.

Sentiu o corpo a tremer enquanto descalçou os sapatos. Quando Ylva entrou, Faye apressou-se a trancar a porta atrás dela.

— Que gira, a tua casa — murmurou Ylva.

— Obrigada, sinto-me muito bem aqui. Entra. Tive um dia mesmo de merda, por isso, vou beber um copo de vinho, apesar de ainda ser cedo. Também queres um?

Ylva fez um gesto afirmativo com a cabeça e um sorriso irónico.

— Óptimo — comentou Faye e indicou-lhe o caminho para a cozinha.

Pegou numa garrafa de *Chardonnay*, em dois copos e num saca-rolhas. Santo Deus, ainda se tornaria alcoólica antes de tudo aquilo terminar, o seu consumo actual de vinho estava para lá de todos os limites do razoável. Porém, naquele momento, precisava ou de vinho ou de *Valium* para sobreviver. E, nesse caso, preferia definitivamente um *Chardonnay* bem gelado. Lá teria de fazer um jejum líquido quando tudo estivesse resolvido, ou passar uma semana no *spa* da La Prairie, na Suíça, para um *detox* valente. Abriu o congelador, pegou num saco de gelo que despejou para um balde metálico e passou-o a Ylva.

— Podemos sentar-nos no terraço.

Faye serviu os dois copos e depois ficaram ambas sentadas em silêncio durante algum tempo, a observar os telhados da ilha de Östermalm, enquanto bebericavam o vinho.

— Não me vais perguntar o que estou aqui a fazer? — perguntou Ylva, hesitante.

— Não — respondeu Faye sem desviar o olhar da paisagem. — Parto do princípio de que vieste porque percebeste que a minha oferta é demasiado boa para a recusares.

Ylva anuiu.

— Se ainda estiveres interessada em contratar-me, aceito com muito gosto o lugar de directora financeira da Revenge. E tenho informação que te vai ser útil.

Faye sentiu um leve estremecimento de expectativa, mas, antes disso, tinha algo mais urgente a tratar com Ylva. Algo que ofuscava tudo o resto.

— O Jack continua sem te contactar? — perguntou-lhe.

Ylva abanou rapidamente a cabeça.

— E a ti?

— Também.

O som estridente do telemóvel de Faye ecoou pelo terraço e sobressaltaram-se as duas, depois olharam uma para a outra com um sorriso embaraçado. Faye assumiu que seria mais um jornalista e virou o *iPhone* com o ecrã para baixo. Quando recebeu uma mensagem de texto a avisar que alguém lhe deixara uma mensagem, ligou o número do correio de voz.

— *Olá, Faye. O meu nome é Johanna Schiller e sou a mulher do David. Gostava que me ligasses de volta, o mais depressa possível, para este número. Acho que precisamos de falar*.

A voz soava tensa, quase neurótica, pensou Faye. Ylva olhava para ela

com ar inquiridor.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe com cautela.

Faye ponderou muito bem que resposta deveria dar-lhe. Decidiu que não havia problema se contasse sobre a sua relação com David, ele era divorciado, ou, pelo menos, podia ser, se Johanna não tivesse arrastado o processo. Não estava orgulhosa de ser a outra mulher, mas Ylva, melhor que ninguém, devia compreender a situação.

Fez um apanhado das reviravoltas das últimas semanas e Ylva escutou-a com uma expressão tensa.

— Estás com algum peso na consciência? — perguntou quando Faye terminou o seu relato.

Ponderou durante alguns momentos.

— Estou apaixonada por ele e ele está apaixonado por mim. Somos dois adultos. Claro que era preferível que o divórcio estivesse concluído, mas ela recusa-se a deixá-lo seguir em frente. Quer isso dizer que eu e o David devíamos desistir um do outro, então? Não, não tenho nenhum peso na consciência.

Faye pegou na garrafa de vinho e voltou a encher os dois copos.

— O que queres fazer? Vais ligar-lhe de volta?

Ylva fez um gesto com a cabeça para o telemóvel de Faye.

— Não. Não me cabe a mim resolver ou meter-me neste assunto. É um problema do David. Não sei ao certo o que ele lhe contou. Infelizmente, ela ficou a saber da nossa relação antes de ele ter tempo de lhe contar pessoalmente, mas estava convencida de que só sabia que havia alguém, não que era especificamente eu.

Faye olhou para Ylva com curiosidade.

— Tu tinhas algum peso na consciência?

Ylva levou o copo de vinho à boca e Faye admirou a sua calma,

a autoconfiança que irradiava. Faye colocara a questão com um tom de voz neutro, mas queria mesmo saber a resposta. Afastou as imagens mentais dos corpos nus de Jack e Ylva na sua cama. Era completamente surreal estar ali sentada, à frente da mesma mulher, a conversar sobre o momento que, mais do que qualquer outro, lhe mudara a vida.

— Sim e não — respondeu Ylva, pensativa. — Quero dizer, o Jack pintava-te ora como um monstro, ora como uma tontinha. Eu estava apaixonada por ele. Meu Deus, como eu estava apaixonada por ele. E, antes que me apercebesse, ele mudou-me, da mesma maneira que te mudou a ti. Ao início, nem sequer reparei, era como um brinquedo, um soldadinho de chumbo oco com um único objectivo: deixar o Menino Jack Adelheim satisfeito.

Faye fez que sim com a cabeça. Um helicóptero da Polícia passou por cima delas, em direcção ao Sul.

Faye levantou-se e aproximou-se do parapeito. Ylva foi ter com ela.

— Acho que ele nunca deixou de te amar, Faye. Nem sequer durante… bem… durante os momentos mais apaixonados da nossa relação. Nem quando fomos viver juntos nem quando engravidei da Nora. Era uma coisa que estava sempre no fundo da minha mente e que me atormentava constantemente. Eu era apenas uma substituta. Tua. Acho que todas as mulheres com quem ele esteve eram uma espécie de tentativa de te encontrar. De encontrar o que vocês tinham. Tu eras a epítome daquilo que o Jack considerava ser o amor. Isso é o mais irónico de toda esta porcaria.

Faye, que prendera a respiração enquanto Ylva falara, aclarou a garganta. Sentia um aperto no peito. Não sabia por que motivo o que Ylva dissera a afectava tanto. Talvez fosse porque ela própria já o entendera mas nunca ousara dizê-lo, nem para si nem a outra pessoa. Agora, pela primeira vez,

tinha a confirmação de alguém. Não de uma pessoa qualquer, mas aquela que, em todo o mundo, depois de Faye, melhor conhecia Jack.

Voltou a pensar no sonho. Em Jack. Como ele a ridicularizara, o seu peso, a sua fraqueza. Mas também como era capaz de lhe sorrir e fazê-la sentir-se amada. No sonho, ainda conseguia sentir falta dele, e isso era o pior de tudo. Odiava-se por isso. Porém, naquele momento, não podia dar-se ao luxo de pensar nesse assunto.

Sentaram-se outra vez e Faye virou-se para Ylva.

— A que conclusões chegaste? Ainda podemos fazer alguma coisa ou já é demasiado tarde?

Ylva apoiou os pés no parapeito, estalou o pescoço num movimento rápido, provocando um som macabro que quase deixou Faye nauseada.

— Desculpa, é um hábito de família — disse Ylva, a rir.

Sentou-se novamente direita e olhou para Faye.

— Tenho algumas ideias. Nada de muito concreto ainda, preciso de mais informações primeiro. Ainda faltam algumas peças do *puzzle*. Mas tenho uma vantagem enorme do meu lado, é que já trabalhei com o Henrik. Sei bem como ele funciona e, como é do teu conhecimento, não era exactamente o Henrik que era o cérebro por trás da Compare.

Faye fungou audivelmente e Ylva sorriu para ela.

— Pois, agora já sei que, na verdade, eras tu. Mas, na altura, não sabia. Na altura, pensei que era o Jack. Era mais que evidente que não podia ser o Henrik. O facto de ele ter conseguido recuperar, e ainda mais do que isso, é para mim um pequeno milagre. Mas também há muitas empresas de sucesso e fortunas construídas por pessoas não particularmente brilhantes. Redes de contactos e sorte no *timing* podem levar-nos bem longe…

— Lá isso é verdade — disse Faye e bebeu um pouco de vinho enquanto

escutava interessadamente o que Ylva tinha para dizer.

Apercebeu-se de que começava a gostar dela. Todas as pessoas mereciam uma segunda oportunidade. Bem, talvez nem todas. Mas Ylva sim, sem dúvida.

— Uma das muitas coisas que sei sobre o Henrik é que ele é descuidado. Não tem qualquer atenção aos pormenores, o que faz com que perca a noção do todo. Não se apercebe de certas coisas. O Jack ficava terrivelmente irritado com ele por causa disso, e acontecia várias vezes. Tínhamos de fazer muito controlo de danos à volta do Henrik, por causa de todos os assuntos que ele não controlava. Não me interpretes mal, não estou a dizer que o Henrik era um tontinho, nada disso. Não podemos cometer o erro de o subestimar. E ele não tem escrúpulos nenhuns quando se trata de alcançar os objectivos, o que é uma característica perigosa. Mas, se houver alguma coisa por onde possamos pegar para encontrar vulnerabilidades, é no desleixo dele. Eu dei uma vista de olhos rápida aos contratos da Revenge, mas gostava de me sentar um dia inteiro a analisá-los a fundo. E também discutir algumas coisas com o meu tio, que é advogado especialista em direito contratual, e um dos melhores. Aquilo que eu não conseguir interpretar sozinha, ele pode ajudar-me.

— Eu e a Kerstin também já relemos os contratos, já tive equipas de advogados a analisá-los… o que é que tu poderás encontrar que nós não vimos?

— Isso é o que vamos saber — respondeu Ylva, agora de pé e a andar de um lado para o outro pelo terraço enquanto falava. — Alguma coisa o Henrik tem de ter deixado escapar neste negócio. Há milhares de coisas, milhares de cláusulas que podem servir de entraves se ele não tiver pensado nelas. Ou então vamos ter de…

— O quê? — perguntou Faye, divertida.

Ylva ganhara um novo ânimo enquanto falava. O cinzento à sua volta desaparecera, a camada fina de verniz depressivo estalara, os seus olhos brilhavam e expressava-se com o corpo todo.

— O que é que estás a pensar? — insistiu Faye.

Ylva parou de andar às voltas e inclinou-se contra o parapeito de ferro. O vento apanhou-lhe os cabelos e fê-los esvoaçar livremente à volta da sua cabeça. Sorria. Um sorriso rasgado.

— Estou a pensar que, nesse caso, vamos ter de nos certificar de que ele deixou escapar alguma coisa…

Faye retribuiu o seu sorriso enorme. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu os ombros relaxarem. Inspirou profundamente e expirou o ar devagar. Percebeu que já tinha perdoado Ylva, estava na hora de virar a página.

Estava escuro no interior do restaurante Miss Voon, mas os olhos azuis de David brilharam para ela quando lhe sorriu. Não se viam há demasiados dias, os problemas de Faye com a Revenge e os problemas dele com Johanna eram obstáculos no caminho de ambos.

— Tens de me contar mais sobre a vossa aposta no mercado norte-americano — disse David. — Quase nunca falámos sobre isso.

David colocou um pouco do bife tártaro nos seus pauzinhos e esticou-os para Faye.

— Mas primeiro tens de provar isto, até se derrete na boca.

Faye deliciou-se com a carne tenra que praticamente desaparecia sem que precisasse de a mastigar.

— Meu Deus, que delícia! Prova tu este.

Pegou num dos pequenos *tacos* de lagosta da travessa metálica ao lado do seu prato e colocou-o cuidadosamente na boca aberta de David.

— Os Estados Unidos fizeram parte dos planos da Revenge desde o início — disse. — Mas sempre quis dar um passo de cada vez… Primeiro a Suécia, depois a Noruega, depois o resto da Europa. Por fim, os Estados Unidos, mas só quando tivéssemos oferta suficiente para podermos mesmo ter alguma hipótese competitiva. Estou bem ciente de quão difícil é para uma empresa estrangeira penetrar o mercado deles. Os obstáculos são mais que muitos, competimos com empresas gigantes e fortemente estabelecidas, e este sector é um dos mais competitivos do mercado. Mas também foi isso que me atraiu desde sempre, o desafio. Então, isto é só uma extensão desse desafio.

Faye limpou a boca ao guardanapo.

— A propósito, tenho de ir a Amesterdão este fim-de-semana para uma pequena reunião, vou levar a Ylva e a Alice comigo.

— Ai sim? Mas vocês mal se conhecem!

— Pois, esta é uma boa oportunidade para começarmos a conhecer-nos melhor. E tu disseste que as miúdas tinham muitas actividades no fim-de-semana também.

— É verdade — respondeu David. — Tens razão.

David pousou os pauzinhos.

— Tenho de admitir que estou extremamente impressionado com o que tu fizeste, com tudo o que construíste.

Faye sentiu o rosto corar. Ouvia aquilo com frequência, mas essas palavras tinham um impacto incomparavelmente maior quando era David que as proferia.

Faye encolheu os ombros.

— Não vou menosprezar o impulso que a Revenge conseguiu por a Chris me ter deixado a empresa em testamento. Estou-lhe eternamente agradecida e em dívida para com ela por isso. Vou fazer tudo para tomar bem conta daquilo que me deu.

— Eu sei que já o fazes. E vais continuar a fazer — disse David carinhosamente.

Foram interrompidos pela chegada de mais comida à mesa.

— Meu Deus, tu és uma *feeder*.

— As pessoas gordas são mais difíceis de raptar — respondeu Faye com um sorriso e pegou nalguns pedaços de *sashimi* com os pauzinhos.

David olhou para ela com ar sério.

— Eu amo-te em todos os tamanhos.

Faye congelou com os pauzinhos no ar. Olhou fixamente para ele.

— O que é que disseste?

David inclinou a cabeça para o lado.

— Ouviste perfeitamente o que eu disse.

— Diz outra vez, então.

Os olhos azuis de David enfeitiçaram-na quando lhe sorriu de uma forma que Faye nunca vira antes.

— Eu amo-te, Faye.

Fjällbacka — naquela altura

Quando desembarcámos, o Tomas disse que havia uma pequena cabana que ficava um pouco mais no interior da floresta. Depois de uma curta caminhada, avistámo-la numa clareira. Havia uma lareira de pedra no exterior e o Sebastian começou a fazer uma fogueira. Parecia mais feliz, mais confiante aqui com os seus amigos do que em casa. A postura mais direita e mais activo.

Eu também me sentia mais leve, embriagada pela sensação de, finalmente, ser incluída e aceite. Uma vez que era hora de almoço, grelhámos salsichas e comemos com apetite. Os rapazes beberam mais cerveja enquanto eu fiquei pela *Coca-Cola*.

O Tomas veio ter comigo e sentou-se ao meu lado. Senti o calor do corpo dele e tive de resistir ao impulso de me aproximar mais.

— Lembras-te daquela massa nojenta em forma de salsicha que se grelhava nos passeios da escola quando éramos pequenos? — perguntou-me.

— Sim, que horror, aquilo que se fazia com farinha, sal e água?

— Como é que costumávamos chamar àquilo? Massa de fadas?

— Isso é o que se chama à plasticina feita em casa com farinha!

— Pois, mas acho que era a mesma coisa!

— Que nojo!

Ri-me, um riso sincero que vinha do fundo da barriga.

— Não gostaste da cerveja? — perguntou o Tomas e apontou para a minha *Coca-Cola*.

— Gostei, mas estava a começar a sentir-me um bocado zonza — respondi, envergonhada, e pousei a lata atrás das costas. Ela entornou-se e eu levantei-me rapidamente.

O Tomas também se levantou logo, olhou à nossa volta, à procura de alguma coisa com que limpar a minha saia, que ficou manchada, mas não encontrou nenhum papel. Arrancou um pedaço de musgo e começou a esfregá-lo no tecido, mas o único resultado foi a saia ficar suja de terra, para além de molhada.

— Não tiveste grandes notas a economia doméstica, pois não? — comentei, a rir-me, e o Tomas encolheu os ombros timidamente.

— É assim tão evidente?

O brilho nos olhos dele estava de novo presente.

O Roger e o Sebastian observavam-nos, muito atentos. Estavam a conversar em voz baixa, as caras muito próximas uma da outra. Senti um arrepio no corpo todo, mas pensei que devia ser por causa do vento.

Quando acabámos de comer, fomos para a cabana. Havia uma chave grande e enferrujada na fechadura, eu rodei-a e entrámos. Não havia muito para ver.

— Não é exactamente um esconderijo de luxo — disse o Tomas, e o Sebastian deu-lhe uma palmada nas costas.

— É de borla, de que é que estavas à espera? Lá porque tu dormes em lençóis de seda…

— Olha, cuidado com o que dizes — respondeu o Tomas e bateu no ar depois de o Sebastian se desviar.

Quando os meus olhos se acostumaram à escuridão, olhei à nossa volta. Lá fora, o Sol brilhava intensamente, mas dentro da cabana estava escuro como breu. Tábuas de madeira pesadas cobriam a janela. O único móvel que havia era uma cama a um canto, com um colchão sujo. Uma lata

de conserva vazia chocalhou quando o Roger, sem querer, lhe deu um pontapé. Sobressaltei-me, o coração a bater à velocidade das asas de um colibri, mas rapidamente me acalmei.

Perguntei-me quem teria vivido ali. A cabana parecia ter, pelo menos, cem anos. Poderia alguém ter morado lá? O ano inteiro? Com certeza que sim. Eu sabia que umas quantas famílias viviam espalhadas pelas ilhas, talvez esta pequena cabana tivesse um dia estado cheia de crianças.

Eu própria, por vezes, fantasiava viver sozinha numa das ilhas varridas pelo vento. Sem nenhuma outra companhia para além das gaivotas, das rosas, madressilvas e dos caranguejos que escalavam pelas rochas.

Passei a mão pelas paredes de tábuas, segui os veios da madeira até ao interior da cabana. Havia mais dois quartos minúsculos, fui até ao mais interior, mas o cheiro a mofo era tão forte que recuei de imediato.

— Está aí alguém?

Chamei em voz alta, mas não obtive resposta. Os rapazes tinham saído outra vez. Fui até à porta da rua, que agora estava fechada, e empurrei a maçaneta para baixo. O arrepio nas costas regressou quando me apercebi de que estava trancada.

Depois de serem recebidas por um motorista privado no aeroporto, Faye, Alice e Ylva passaram a tarde a refrescar-se na piscina da cobertura do hotel. A onda de calor que varrera a Suécia não era nada comparada com o ar quente e seco de Amesterdão. Deitaram-se nas espreguiçadeiras, ofegantes, a beber *margaritas* e a conversar sobre como iriam passar a noite. Faye ainda se sentia hesitante. Informara o seu contacto na Polícia de que estaria em Amesterdão todo o fim-de-semana, continuavam sem notícias sobre o paradeiro de Jack.

— Ainda não nos explicaste o que viemos aqui fazer este fim-de-semana, Ylva. Na verdade, não é a melhor altura para estarmos fora.

— Estamos aqui para o nosso Plano B. Um cabo de segurança. Uma bóia de salvação e colete salva-vidas, tu sabes.

— Eu caguei para o motivo que nos trouxe aqui! — exclamou Alice e bebericou a sua *margarita*. — Estamos no terraço de um hotel em Amesterdão. Com uma piscina, a beber *margaritas* fortes! Quem é que precisa de um motivo?

— Hoje podemos só relaxar — disse Ylva e, antes de virar a cara para o Sol, puxou os óculos para os olhos. — Amanhã conto-vos o que temos de fazer. E não me interessa a quantidade de álcool em que me vão encharcar, não vou dizer uma palavra sobre o assunto antes disso. Por isso, aproveitem o resto do dia de hoje.

— *Hear, hear!* — disse Alice e bebeu um grande trago do seu *cocktail*. — Mas, se o plano para hoje é só relaxar e divertir-nos, tenho de vos perguntar: alguma vez foram a uma *coffeeshop?*

Faye abanou a cabeça.

— Estás a falar dos sítios onde se fuma?

Faye continuava sem conseguir abstrair-se de imaginar o que Ylva queria que elas fizessem ali. Mas ela fora bastante insistente e dissera que se tratava de uma espécie de seguro. No seu desespero, Faye aceitara não saber mais. Na verdade, não tinha grande escolha agora, para além de confiar na pequena equipa que reunira à sua volta.

Alice sorriu.

— Precisamente.

— Tu alguma vez fumaste? — perguntou Faye com ar céptico.

— Toda a gente fumava em Djursholm — respondeu Alice. — Eu não era propriamente uma *gangster*, fui uma adolescente como outra qualquer.

— Não sei — disse Ylva, hesitante. — Amanhã também temos de conseguir estar alerta.

Alice abanou com indiferença a mão que não estava a segurar a *margarita*.

— Não sejas mariquinhas. Nos últimos anos, quantas vezes te deste ao luxo de te divertir um bocado? Quantas vezes é que, pelo menos, contrataste uma *baby-sitter?*

— Estou superagradecida por a tua ama ter podido…

— Não era isso que eu queria dizer. Faye, tu alinhas, certo?

Faye bebericou o *cocktail* e abanou os dedos dos pés ao sol.

— Também não sei se acho…

— Oh, pá, por favor! Somos três raparigas giras em Amesterdão! O que é que acham que devíamos fazer? Ficar fechadas no quarto a ver televisão? Nem pensar, eu sugiro o seguinte: ficamos aqui mais um bocado, aproveitamos o sol para o bronze e o álcool para o estado de espírito; depois

vamos preparar-nos para uma discoteca logo à noite e, quando estivermos a caminho, paramos numa *coffeeshop*. *Okay?*

Ylva e Faye murmuraram algo que soou a um acordo, mas Ylva parecia tão nervosa quanto Faye. Alice não perdeu tempo nenhum, acenou para um dos empregados e perguntou-lhe se poderia recomendar-lhes alguma *coffeeshop* nas proximidades. Ele disse-lhes que as melhores ficavam no Red Light District e aconselhou-as a não se esquecerem de beber muita água. Em parte por causa do calor mas também porque pessoas não habituadas a fumar haxixe arriscavam-se a ficar desidratadas.

— *It's cool. I've smoked a lot of ganja. I'm like the Bob Marley of Djursholm* — respondeu Alice, rindo.

Faye e Ylva explodiram a rir, o empregado piscou-lhes um olho e desapareceu com a sua bandeja.

Apesar de sentir saudades de David, Faye estava contente por ter saído de Estocolmo. Uma viagem com duas mulheres divertidas e inteligentes para uma cidade vibrante como Amesterdão era precisamente aquilo de que estava a precisar.

Começava a gostar do plano de Alice, tinha de ser mais corajosa na vida, esquecer os problemas do dia-a-dia.

Quando o empregado regressou com novas *Margaritas*, Faye bebeu rapidamente o que restava do primeiro copo e aceitou o segundo. Estavam no olho do furacão, alguns momentos de relaxamento longe do caos e da ansiedade do que se passava em Estocolmo era, tal como Alice dissera, exactamente aquilo de que precisava.

Cinco horas mais tarde, estavam sentadas numa *coffeeshop* e tinham comido quase um *spacecookie* inteiro cada uma, sem que nada tivesse acontecido. Não sentiam rigorosamente nada. Estavam desiludidas, cheias

de calor e aborrecidas. Como não podiam servir álcool nas *coffeeshops*, estavam a beber o terceiro, e deplorável, *cappuccino*. A embriaguez da tarde à beira da piscina começava a desaparecer, e Alice, pela terceira vez, agarrou uma das raparigas que ali trabalhava e perguntou quanto tempo tinham de esperar até sentirem o efeito.

A rapariga, com o corpo coberto de tatuagens e o cabelo todo em *rastas*, repetiu o que já dissera nas duas ocasiões anteriores:

— Esperem mais um bocado.

Quando se foi embora, Alice abanou a cabeça.

— Não, nem pensar que vou ficar à espera — exclamou e engoliu o resto do bolo.

Dois minutos depois, Faye começou a sentir um formigueiro nas pontas dos dedos. Piscou os olhos algumas vezes e olhou para Ylva, que estava com os olhos arregalados e a boca aberta, a olhar fixamente para a sua mão. O mundo estremeceu, era como se tivesse sido submersa num aquário onde os peixes nadavam de um lado para o outro dentro de bolas de espelhos.

Piscou os olhos freneticamente e olhou em volta.

Os lábios de Alice moviam-se, mas Faye não percebeu se era ela quem perdera a audição ou se Alice perdera a fala. Virou a cabeça de um lado para o outro e sentiu o mundo a balançar, ondulante. Tentou falar, mas, assim que abriu a boca, não teve a certeza se já tinha dito o que estava a pensar dizer. Reflectiu até se aperceber de que já não se lembrava do que tinha pensado dizer.

Ylva estava sentada a rir, fazia diferentes figuras com os dedos, que afirmava serem espécies de animais, e levantou-os.

— Um macaco! Estás a ver, Faye? Um macaco!

Levantou-se repentinamente e Faye estendeu uma mão para ela.

— Acho melhor ficares aqui — tentou dizer-lhe, mas a língua não queria

cooperar e ela e Alice explodiram a rir.

Alice apertou a mão de Faye.

— Desculpa.

— Porquê?

— Por ter sido uma cabra antes. Por tudo.

Abraçaram-se as duas.

— Não faz mal.

— Fico tão contente por teres conhecido esse David — balbuciou Alice.

Passou as pontas dos dedos pela parte de dentro do braço de Faye.

— Eu também.

Faye nunca se sentira melhor. O medo inicial desaparecera, agora tudo lhe parecia harmonioso, quente e amigável. Sorriu e acenou para um casal de turistas asiáticos.

Alice iniciou uma longa declamação de palavras, mas Faye só conseguiu registar algumas delas.

— Faye?

Alice tocou-lhe no ombro.

— Faye?

Desviou o olhar dos turistas.

— Onde é que está a Ylva? — perguntou Alice.

— Eu sou a Ylva. E sou a Alice. Estou a cair por um túnel sem fim e isto é o país das maravilhas. Tu és um coelho muito, muito pequenino!

Tinha a boca completamente seca. Esticou um braço para a água.

A cabeça de Alice movia-se em círculos, como se estivesse a abanar-se ao som de uma música, mas, por mais que Faye se esforçasse, não conseguia ouvir nada.

— Acho que temos de encontrar a Ylva.

Alice levantou-se e teve de se apoiar na mesa.

— Ylva! — chamou em voz alta. — Ylva!

Faye também se levantou, esteve prestes a cair. Alice agarrou-a. Por momentos, quase caíram as duas, mas Alice conseguiu mantê-las de pé.

— Vamos encontrá-la. Vamos partir numa expedição e procurar a nossa amiga.

— Sim, vamos fazer isso.

Desceram as escadas muito lentamente e, com passos instáveis, aproximaram-se de uma porta. Era a porta das traseiras. Saíram para um beco estreito e deserto. No chão, ao lado de alguns contentores de lixo, viram que Ylva estava deitada de costas no chão. Faye ficou em choque quando viu os olhos de Ylva, só a parte branca estava visível e o seu corpo tremia como se estivesse a ter espasmos.

As tonturas desapareceram de imediato. Faye estava lúcida e completamente focada quando se atirou de joelhos ao lado de Ylva e tentou reanimá-la, sem sucesso.

Faye sentiu o pânico começar a dominá-la.

— Ylva! — gritou. — Ylva, acorda!

Atrás de si, ouviu Alice aos berros:

— *Call an ambulance! She's dying! Please, call an ambulance!*

Faye virou o corpo de Ylva para a posição lateral de segurança e acariciou-lhe a testa transpirada, enquanto Alice correu novamente para o interior da *coffeeshop* para ir buscar alguém.

— Ylva, não morras. Por favor, Ylva, não morras!

Faye agarrou na sua pequena mão de unhas roídas e apertou-a com força. As memórias de estar sentada ao lado de Chris na cama de hospital, durante as suas últimas horas, inundaram-na. Por que raio tinham ido ali? Porque é que haviam de querer experimentar *spacecookies?* Faye até detestava drogas, detestava a sensação de perder o controlo. Agora aquela aventura

podia custar-lhes a vida de Ylva. Porque não podia simplesmente contentar-se com morrer curiosa? Que estupidez tão inacreditável. A culpa estava prestes a sufocá-la.

— *Tere they are*. — Faye ouviu a voz de Alice, tensa, quase em falsete, atrás de si. — *Help her. You've got to help her. She's dying!*

Virou a cabeça e viu um homem corpulento aproximar-se delas vagarosamente.

— *Hurry up!* — gritou Faye, raivosa.

Porra, que lento que era. Parecia não levar a situação a sério, nem sequer se mostrava particularmente preocupado.

O homem parou ao lado de Faye e debruçou-se.

— *Don't worry, ladies, this happens all the time. Her blood sugar level is low. I'll give you some sugar for her. Ten get her in a cab back to your hotel and give her some food and water*.

De repente, Ylva abriu os olhos e Faye fungou de alívio.

— *Are you sure?* — perguntou Alice e agarrou-se ao pescoço do homem, que ficou surpreendido.

— *I'm sure, ladies. Tis happens about ten times every day* — respondeu, e riu-se.

Retirou um pequeno canudo de papel com açúcar do bolso dos calções, rasgou a parte superior e pediu a Ylva que esticasse a língua, o que ela fez, ainda atordoada. O seu corpo continuava a estremecer em espasmos estranhos enquanto ela balbuciava incoerentemente.

— *Good girl* — disse o homem, e acariciou-lhe a cabeça.

Faye estava capaz de chorar de alívio. Tinham conseguido não matar Ylva.

Meia hora mais tarde, com os olhos raiados de sangue mas de bom

humor, estavam as três sentadas na cama de Faye depois de terem pedido praticamente todos os pratos do menu de serviço de quartos. Alguém bateu à porta. Alice arrastou-se para fora da cama e foi abrir. Dois homens com a farda branca do hotel entraram com a comida, empurrando carrinho após carrinho. Hambúrgueres, pratos de massa, bifes grelhados, peixe no forno, frango assado e batatas fritas. Enormes jarros de água com gelo.

O banquete foi servido na zona de estar da *suite* e, com sorrisos irónicos e antes de desaparecerem, os homens vestidos de branco desejaram às senhoras que fizessem bom proveito — provavelmente, perceberam o que elas tinham passado a tarde a fazer.

Faye, Alice e Ylva atiraram-se à comida, encheram os pratos e sentaram-se na cama a comer. Faye nunca tinha provado comida tão saborosa ou tão necessária. E beberam copos de água uns a seguir aos outros.

Quando terminaram, esticaram-se na enorme cama com as mãos em cima das barrigas, satisfeitas e contentes.

— Acho que tenho de despir as calças — murmurou Alice. — Senão vomito.

— Boa ideia — disse Faye.

Seguiram o exemplo de Alice, despiram as calças e ficaram deitadas em cuecas.

— Assustaste-nos naquele beco — comentou Faye.

— O que é que aconteceu? — perguntou Alice.

Ylva abanou lentamente a cabeça.

— Não sei mesmo. Lembro-me de estar de pé, a conversar com alguém, depois caí e já não me consegui levantar. Fiquei deitada algum tempo, como uma carocha de perninhas para o ar, a tentar levantar-me, mas desisti. A única coisa de que me lembro a seguir é de vocês debruçadas em cima de mim.

Ligaram a televisão e, apáticas, percorreram todos os canais.

Ylva foi a primeira a adormecer, depois foi Alice quem começou a ficar com as pálpebras pesadas. Por fim, ressonavam as duas de cada lado de Faye, que se levantou da cama, foi buscar o telemóvel à mala e saiu para a varanda. A brisa nocturna estava mais fresca. Faye desfrutou das lufadas de ar contra as pernas nuas. Lá em baixo, o tráfego fluía sem problemas. Sentou-se à mesa exterior e viu que tinha uma chamada não atendida de David. Ficou imediatamente preocupada e ligou-lhe de volta.

— Olá, amor. Estava sem nada para fazer há bocado e comecei a pensar na Revenge e na vossa expansão para os Estados Unidos — disse David, e Faye conseguiu visualizar o sorriso dele à sua frente. — Fiquei completamente fascinado, tu és realmente inspiradora. Como tenho bastante capital que precisa de ser investido, até compilei um documento e gostava que tu lhe desses uma vista de olhos. Se quiseres, claro.

Faye sentiu o seu sorriso abrir-se mais.

— Claro que sim.

— Então não achas que estou a meter-me onde não sou chamado?

— Obviamente que não. Como correu com as miúdas e a Johanna?

— Quer tentar outra vez, mas eu expliquei-lhe que quero estar contigo.

— Como é que ela reagiu?

— Não muito bem, mas falamos disso depois. Não quero estragar o teu fim-de-semana com a Alice e a Ylva.

— Tenho saudade tuas — disse Faye.

— E eu tuas.

Quando desligaram, Faye viu que tinha recebido uma mensagem escrita de Kerstin. Abriu-a e a sua boa disposição desapareceu num abrir e fechar de olhos. Yvonne Ingvarsson fora ao apartamento procurá-la. Lentamente, voltou a pousar o telemóvel. Tinha de fazer alguma coisa em relação àquela

Yvonne. Estava a brincar com o fogo e uma das duas acabaria por se queimar em breve. Faye não tinha intenção de deixar que fosse ela.

— Meu Deus, como é que me deixei convencer a isto? — disse Ylva, e agarrou-se à cabeça.

— Não é possível ainda estares de ressaca — respondeu Alice secamente, e fez um sinal para que o empregado lhe trouxesse uma nova bebida.

Havia cada vez mais clientes a chegar ao bar do hotel e o ruído de fundo crescente obrigou Ylva a massajar as têmporas.

— Ontem, estive desmaiada num beco. Em Amesterdão. Depois de ter comido um bolo de droga numa *coffeeshop*. *Acho* que conquistei o direito de estar ligeiramente ressacada hoje.

— Bem, eu não sinto nada — respondeu Alice alegremente e sorriu para o empregado quando ele chegou com outro *Cosmopolitan*.

— Fico imensamente feliz por ti — murmurou Ylva, e agarrou-se à testa. — Imensamente feliz.

Faye olhou para ela com as sobrancelhas franzidas.

— Foste tu que disseste que temos um trabalho para fazer aqui — relembrou-a. — Eu e a Alice continuamos sem saber de que se trata. Achas que vais aguentar?

— Dêem-me duas horas, um *alka-seltzer* e alguns comprimidos de paracetamol e estou pronta para outra. Por isso, vamos seguir em frente. E, sim, vou contar-vos. Só preciso de me desfazer desta deste baterista que não me sai da cabeça.

— Não precisas de paracetamol nenhum, precisas é de álcool — afirmou Alice muito séria e chamou o empregado outra vez.

Ele foi rapidamente ter com ela e fez uma pequena vénia.

— Um *Long Island iced tea*. E um *shot* de tequila. Para ela — pediu Alice em inglês e apontou para Ylva, que suspirou e gemeu.

— Tu vais-me matar, Alice.

— Oh, querida, eu sou uma dona-de-casa de luxo de Lidingö. Se há coisa que sei é como curar uma ressaca.

As bebidas chegaram à mesa e, com um olhar desesperado mas esperançoso para Alice, Ylva pegou nos dois copos.

— Decidi confiar em ti agora.

— Podes sempre confiar em mim — respondeu Alice magnanimamente.

Divertida, Faye observou Ylva a engolir o *shot* de tequila com uma careta.

— Bota abaixo! Mas agora preciso realmente de saber porque nos arrastaste até Amesterdão. E a meio de uma crise de proporções monumentais.

— O Instituto de Propriedade Industrial e Patentes — disse Ylva.

Alice, que acabava de beber um grande trago do seu *Cosmopolitan*, engasgou-se e espirrou a bebida para cima da mesa.

— O Instituto de Propriedade Industrial e Patentes? — perguntou e limpou a boca.

Faye também ficou especada a olhar para Ylva, que pegou no *Long Island iced tea*. O seu rosto começava a ficar com uma cor mais saudável.

— Têm uma conferência aqui este fim-de-semana. Aqui, neste hotel. A grande festa é esta noite.

— E então? — perguntou Alice com desagrado.

— Pois, eu também não estou a perceber — disse Faye, e abriu os braços.

— A Revenge. Os direitos. A patente. O nosso Plano B? — tentou Ylva.

Faye abanou a cabeça.

— *Nope*. Continuo sem perceber nada. Alice?

Alice também abanou a cabeça e depois piscou um olho para o homem sentado na mesa ao lado da delas.

— Concentra-te, Alice, e eu passo a explicar — comentou Ylva.

Faye reparou que Ylva sentia prazer em estar um passo à frente delas. E deixou-a gozar a ocasião.

— Agora a sério, Ylva, o que é que nós vamos fazer em relação ao facto de o Instituto de Propriedade Industrial e Patentes estar aqui?

Ylva sorriu de lado. Olhou em volta, baixou a voz e explicou-lhes o seu plano em traços largos. Alice riu-se alto.

— Tu és um génio, Ylva! És fantástica!

— Tu também, Alice. E, esta noite, vais ser uma peça-chave.

Faye ergueu as sobrancelhas.

— Tens noção do que estás a libertar aqui?

— É exactamente com isso que estou a contar — respondeu Ylva com um sorriso rasgado.

Uma hora mais tarde, estavam as três ligeiramente embriagadas e Ylva apontou para o bar.

— Ali. É o Kent, o Börje e o Eyvind.

Olhou para Faye e Alice.

— Já sabem o que têm a fazer?

— Sim, conseguiste deixar tudo bem claro — respondeu Faye, e engoliu um *shot* de licor de café.

— Somos giras, divertidas, inteligentes — disse Ylva com o olhar ainda virado para os três homens ao balcão. — Vai ser mais fácil do que roubar doces a uma criança. Só temos de esperar que não te reconheçam, Faye.

— Por favor, eles trabalham no Instituto de Patentes e Propriedade

Industrial, não me parece nada que façam a mínima ideia de quem a Faye é — comentou Alice sarcasticamente, e Ylva calou-a.

— Chiu! Ainda nos ouvem! Não são só eles os três que estão aqui, está cá o departamento todo. Mas o jantar é só dentro de duas horas, temos tempo.

Alice levantou-se a cambalear ligeiramente.

— Vá, agora temos de nos concentrar — disse Ylva, e ajudou-a a reequilibrar-se.

Alice retirou um batom vermelho-vivo da mala e aplicou-o nos lábios numa quantidade generosa.

— *Mes dames* — anunciou Ylva com um gesto do braço na direcção do bar.

Com as suas longas pernas, Alice aproximou-se de Kent, Börje e Eyvind.

— Estou a ouvir sueco?

Os homens lançaram um olhar apreciador a Alice, intensificando-o ainda mais quando Ylva e Faye também se juntaram ao grupo. Três bebidas mais tarde, às custas do Instituto de Propriedade Industrial e Patentes, estavam os seis a caminho da enorme *suite* de Faye, para um *cocktail* pré-jantar.

Ylva encarregara-se de Kent enquanto Faye encantara Börje, e Eyvind acompanhava Alice com olhos de cachorrinho.

Quando entraram no quarto, Ylva já tinha preparada uma mesa com bebidas, com todos os tipos de álcool e misturas que alguém poderia desejar. Os homens exclamaram as suas reacções de deleite.

— Porra, que quarto fantástico! Já viste, Börje? A um quarto assim não temos nós direito!

— Pois não, Kent, é a isto que eu chamo um quarto de hotel! Deve ser a estes que chamam *penthouse!*

— É uma *suite* — disse Alice, deixando-se cair no sofá e puxando

Eyvind para perto de si. — Faye, *darling*, podes preparar dois gins tónicos para mim e este fofinho aqui, por favor?

Faye obrigou-se a conter um sorriso. Pobre Eyvind, Alice comia homens como ele ao pequeno-almoço.

Passou rapidamente uma bebida a Alice e Eyvind, antes de se virar para Börje e Kent. Börje olhou para o relógio, ansioso.

— O jantar começa daqui a uma hora, não é?

— Não há problema! — respondeu logo Kent ao aceitar alegremente um valente *whisky soda* de Ylva. — Tomamos uma bebida aqui com as *ladies* e depois descemos a tempo do início do jantar. Seja como for, as pessoas chiques chegam sempre atrasadas!

Eyvind balbuciou uma espécie de acordo com os olhos colados ao decote de Alice, que tinha um braço à volta dos seus ombros e brincava com o cabelo dele na têmpora.

Ylva e Faye trocaram um olhar. Tinham preparado as bebidas com enormes quantidades de álcool, mas, depois de tudo o que os homens já tinham consumido no bar do hotel, dificilmente repariam quão fortes aquelas estavam.

Faye confirmou discretamente que tinha o telemóvel no bolso e viu que Ylva estava a fazer a mesma coisa.

Ao fim de pouco tempo, Börje e Kent apagaram no sofá. Alice inclinou-se para Eyvind e lambeu-lhe a orelha. Faye pegou no seu telemóvel e teve o cuidado de se certificar de que Alice ficava bem na fotografia. Tinha sempre cuidado com essas coisas.

Fjällbacka — naquela altura

Dei murros na porta e gritei, mas eles ignoraram-me. As suas vozes penetravam através das paredes de madeira, assim como o cheiro das salsichas grelhadas. Estavam de bom humor, riam alto. Deixei-me cair no chão com as costas encostadas à porta. Conseguia ver a cara do Tomas à minha frente, o sorriso amigável, os olhos brilhantes. Teria interpretado tudo mal?

O que estaria o Sebastian a pensar? Teria sido ideia dele? Porque é que tinham querido trazer-me também? Teria sido este o plano desde o início ou teria eu feito algo de errado?

O tempo passou. Apesar de não ter relógio comigo, pareceu-me que teriam passado, pelo menos, três horas. Levantei-me e fiz uma nova tentativa, dei murros na porta.

— Por favor, deixem-me sair — implorei. — Estou com sede.

Não responderam.

— Sebastian? Quero sair daqui, quero ir para casa.

A conversa do lado de fora prosseguiu, assim como as gargalhadas. Assumi que estavam a rir-se de mim, que lhes soava patética. *Senti-me* patética e estúpida. A luz penetrava pela fenda por baixo da porta, ainda era dia.

Eu era como um cão, um cão estúpido e submisso. Um rafeiro tolo e faminto de amor. Um pouco de atenção… e tinha-me deitado de barriga para cima, largado toda a desconfiança. Os olhos brilhantes e as covas nas

bochechas do Tomas fizeram-me abandonar tudo o que eu, na verdade, já sabia: ninguém era de confiança.

A raiva dentro de mim começou a acordar lentamente. Acima de tudo, estava com raiva por ter sido tão ingénua. Voltei a bater na porta com os punhos cerrados, senti pequenas farpas de madeira penetrarem a pele das minhas mãos e recebi a dor com prazer. Bati ainda com mais força. Gritei até sentir a garganta a arder. Por fim, deixei-me cair outra vez. As costas contra a porta.

Passaram mais alguns momentos.

Estavam a falar mais baixo agora. As vozes roucas, os sussurros. Havia algo de macabro naquilo.

Levantei-me outra vez, encostei a orelha à porta, tentei perceber o que estavam a dizer. O pânico começava a dominar-me. O que faria se eles me deixassem ali? Morreria à sede, ninguém me encontraria. O pânico entrou num crescendo e esmurrei de novo a porta.

Para surpresa minha, pareceu-me que estavam a andar na direcção da cabana. Recuei e afastei-me da porta, fiquei ali de pé, com os braços caídos ao longo do corpo. A chave rodou na fechadura. O Sebastian entrou.

Atrás dele, vieram o Roger e o Tomas.

Nenhum deles disse nada, só olharam para mim com os olhos enevoados da embriaguez. Recuei ainda mais, até estar encostada à outra parede, e tentei encolher-me.

No entanto, não havia sítio por onde fugir.

Alguém tentara arrombar a porta do apartamento de Östermalmstorg. As marcas da força luziam claramente, como cicatrizes esbranquiçadas, contra a madeira escura da porta da frente. Faye pousou a mala de cabine no chão, inclinou-se para a frente e estudou-as. O coração batia-lhe violentamente no peito. Jack. Tinha de ter estado ali e tentado forçar a entrada, aparentemente sem sucesso. Era quase como um aviso, uma mensagem de que andava atrás dela. Faye lançou um olhar rápido sobre o ombro, enfiou a chave na fechadura, rodou-a, abriu a grade de segurança de ferro preto, entrou para o corredor e trancou-se lá dentro.

Encostou-se à parede, fechou os olhos e tentou acalmar-se. Sempre era melhor ele andar atrás dela do que andar à procura de Julienne.

Sim, o facto de Jack ter estado ali até era uma vantagem, acabara de mostrar-lhe o seu jogo e provar que não pensava manter-se longe dela.

Faye procurou o telemóvel na mala, marcou o número do seu contacto na Polícia e explicou o que acontecera. Dez minutos mais tarde, chegou uma patrulha. Inspeccionaram a porta, tiraram notas e colocaram uma série de questões a que Faye respondeu o melhor que pôde.

— Vocês têm de o encontrar — disse quando acabaram de lhe fazer as perguntas. — Ele vai atacar-me, ele já matou a minha filha.

O agente da Polícia olhou para ela com ar calmo.

— Nós sabemos o historial. Não temos recursos suficientes para a acompanhar vinte e quatro horas por dia, mas garanto-lhe que estamos a fazer todos os possíveis para o apanhar. E agora sabemos que ele se

encontra em Estocolmo. Vamos continuar a ter alguém a contactá-la diariamente.

— Como é que vou poder ir para o escritório, continuar com a minha vida, se ele anda atrás de mim?

— Tem algum outro sítio onde possa ficar a viver? Até o apanharmos?

Um som vindo da porta levou Faye a virar-se. Quando viu que era David, foi a correr ter com ele e abraçou-o.

— Já vi o estado da porta, foi o Jack? — perguntou David ao apertá-la com força contra o seu peito.

Faye assentiu e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas quando inspirou o perfume dele. David virou-se para o polícia.

— O que estão a pensar fazer?

— Não podemos fazer muito. Como eu expliquei à Sr.ª Faye, não a podemos manter sob vigilância vinte e quatro horas por dia. Talvez devessem ir para um hotel durante alguns dias!

Os polícias despediram-se e deixaram-nos a sós. Pela primeira vez desde que Faye o conhecera, David estava realmente perturbado. Andava de um lado para o outro junto à ilha da cozinha, com um copo de sumo de laranja na mão.

— Ele não vai poder estragar a tua vida, não vai voltar a limitar-te. Conheço um homem que tem uma empresa de segurança, vamos contratar alguém. Tens de poder trabalhar sem precisar de estar sempre a espreitar por cima do ombro. Aquele cabrão de merda. Quem é que ele pensa que é?

— Não posso ter um guarda-costas, David.

— Eu posso pagar. Ele não vai poder limitar a tua vida. Já fez isso o suficiente. Porra, como eu odeio este tipo de homens.

Faye sentiu um calor no peito face à preocupação dele.

— Não é uma questão de custos. Se eu tiver de usar um guarda-costas,

isso quer dizer que ele conseguiu amedrontar-me. Subjugar-me. E sabe-se lá por quanto tempo isto vai arrastar-se, ele pode manter-se longe durante meses. Ou, se tivermos sorte, será apanhado rapidamente. Pelo menos, agora a Polícia sabe que ele está em Estocolmo.

David deteve-se à frente dela.

— Eu sei que acabaste de voltar para casa, mas quero que nos vamos embora, só alguns dias. Até as coisas acalmarem um bocado.

Faye acariciou-lhe o rosto. Sim, queria muito fazer uma viagem com ele.

— O que achas de Madrid? — perguntou-lhe. — De qualquer forma, preciso de ir lá para umas reuniões, daqui a uns dias. Podíamos festejar lá o Solstício de Verão.

David pegou nas mãos dela e puxou-a para si.

— Acontece que sou umas daquelas pessoas que realmente adoram essa festa. O arenque, o *schnapps*, os queijos, as danças à volta do mastro de flores. Mas por ti, meu amor, estou pronto para sacrificar tudo. *Yo amo Madrid!*

Faye agarrou a mão de David enquanto caminhavam ao longo da Avenida Strandvägen. Recordou-se da noite em que invadiram o barco do amigo de David e fizeram amor pela primeira vez. O seu relacionamento com ele era, em muitos aspectos, o mais simples e sincero que alguma vez tivera.

Com Jack, costumava sempre sentir-se insegura e ter uma necessidade de se adaptar, de maneira a agradar-lhe. Constantemente em guerra com os seus próprios impulsos, por medo de o perder. Quando estava na companhia de David, nunca lhe passava sequer pela cabeça privar-se de alguma coisa. Ele mostrava-lhe de forma clara e totalmente sincera que a desejava tal como ela era. Talvez fosse da idade. Talvez fosse simplesmente porque ela e David eram uma melhor combinação do que ela e Jack tinham sido.

— Em que estás a pensar? — perguntou David, e observou-a com ar divertido. — Estás a sorrir…

— Em nós, na verdade.

— Em nós é bom — brincou David. — Gosto que estejas a pensar em nós.

O Sol brilhava, o calor chegara para ficar.

Passaram pelo cais de Nybrokajen, onde os *ferrys* para a ilha de Djurgården aguardavam para se encher de turistas, à direita estendia-se o parque Berzelii. Havia pessoas meio deitadas na relva, a almoçar à sombra.

Quando chegaram ao Grand Hôtel, Faye ficou na recepção enquanto David subiu no elevador para o quarto.

Estava fresco e agradável ali dentro. Fechou os olhos, apreciou as vozes murmurantes que ecoavam por entre as paredes de pedra. Estava ansiosa pela viagem a Madrid, era a primeira que fariam juntos. Tinha uma reunião de negócios agendada, mas, fora isso, certificar-se-ia de que ela e David passariam alguns belos dias juntos.

Sentiu o telemóvel vibrar dentro da mala e pegou nele.

— O Henrik acabou de estar aqui no escritório — disse Kerstin.

— Na Revenge?! Estás a gozar!

— Infelizmente, não. Eu não estava, mas a Sandra, das Relações Públicas, telefonou.

— A Revenge ainda não é dele, ele não tem o direito de… O que é que a Sandra disse que ele esteve aí a fazer?

Faye estava tão perturbada, que teve de se levantar da poltrona.

— Andou por aqui a apresentar-se às pessoas. Foi ver o escritório. Segundo a Sandra, comportou-se como se fosse dono de tudo. Pediu a toda a gente que lhe enviasse o currículo para poder, e a expressão é dele, «avaliar quem será um elemento de valor para a empresa».

— Esse grande cabrão. A Irene contou-me como trata as mulheres na empresa dele, as poucas que sequer contrata, aquele porco chauvinista.

Faye quase colidiu com uma senhora pequena de cabelos brancos, casaco de pele de chinchila e várias fileiras de colares de pérolas.

— Desculpe.

— O quê? — perguntou Kerstin.

— Não, esquece, não estava a falar contigo. Mas o que é que ele pensa que está a fazer? Isso não teve qualquer outro propósito a não ser provocar-me e irritar-me. O que conseguiu fazer com sucesso.

— O que estás a pensar fazer?

— Estou a pensar manter-me calma, não tomar nenhuma atitude

irreflectida e avançar com o plano da Ylva.

— Então isso quer dizer que as coisas correram bem em Amesterdão?

Faye foi acometida por algumas imagens mentais rápidas da viagem a Amesterdão, mas decidiu que Kerstin devia ser informada, de preferência, do mínimo possível de tudo o que acontecera por lá.

— Correu acima do esperado.

— Então pronto. Ignoramos o Henrik por enquanto e fazemos o que temos a fazer.

— Sim, ignoramo-lo! — respondeu Faye, e desligou a chamada, sentindo-se ranger os dentes.

Uma voz chateada levou-a a virar-se. Uma mulher de cabelo escuro e comprido discutia com as recepcionistas. Faye reconheceu-a de imediato. Obviamente, pesquisara-a no *Google*, constatara o seu amor por vestidos *Chanel*. Era Johanna Schiller, a mulher de David. Faye pegou no telemóvel, encostou-o à orelha e apressou-se, meio encolhida, para a saída. Se Johanna a visse, era provável que fizesse uma cena. Devia ter ido ali à procura de David. Quando passou pelas portas giratórias, ouviu Johanna continuar a discutir com as recepcionistas.

— O que é que querem dizer com isso de não me poderem dar uma chave? É o meu marido que lá está hospedado, o David Schiller. Eu sou a Johanna Schiller, claro que me podem dar uma chave do quarto do meu próprio marido.

Faye apertou as mãos com frustração e raiva enquanto se apressou a descer as escadas e continuar até à água. Tudo o que Johanna fazia era de tão baixo nível, não conseguia deixar David em paz, nem sequer ali. E usava as filhas como ferramenta de chantagem. Era tão egoísta.

Faye ficou parada de pé, no cais. Um dia enfrentaria aquele conflito, mas não agora. Era melhor deixar David resolver aquele assunto sozinho.

Avistou um banco vazio e foi sentar-se. Ainda não contara a David que Johanna tentara telefonar-lhe. Ela própria não sabia bem porque hesitava contar-lhe. Quando estavam juntos, preferia nem pensar em falar sobre Johanna. Se David quisesse, ela não o impedia, mas preferia que Johanna não conseguisse penetrar na bolha de ambos.

O telemóvel, que continuava na sua mão, tocou. Era Ylva.

— Olá, Ylva. Já conseguiste recuperar do fim-de-semana?

Faye percebeu logo que algo não estava bem. Ylva respondeu aos soluços, a fungar.

— Ele esteve aqui, Faye. O Jack esteve aqui.

Fjällbacka — naquela altura

O Tomas e o Roger tentaram pegar em mim e levar-me até à cama, mas eu bati-lhes, gritei e mordi-os de tal maneira, que eles me deixaram cair no chão. Em vez disso, agarram-me pelos pés e arrastaram-me pelo chão atrás deles. Vi a expressão implacável do Sebastian, de cabeça para baixo enquanto eles me puxaram para lá. Por alguma razão, olhar para ele levou-me a ficar quieta, pelo menos durante algum tempo. Eles eram três, eu não tinha hipótese nenhuma, tornou-se claro para mim. Deitaram-me na cama, arrancaram-me as calças e as cuecas.

— Não, por favor! — implorei. — Não quero.

Mas deixei de lutar. Isso só iria piorar a situação. Era como se o meu corpo tivesse ficado petrificado, já não me obedecia.

Os olhos deles estavam apagados, não mostraram sentimentos nenhuns quando lhes implorei que parassem. O Roger segurou os meus braços com força, o Tomas baixou as calças e abriu-me as pernas bruscamente. Os olhos continuavam a brilhar, mas era um outro tipo de brilho.

Penetrou-me.

Senti um ardor, uma dor imensa.

Continuou a penetrar-me, cada vez mais depressa. Cerrei os dentes e fechei os olhos. O corpo dele cheirava a cerveja e a comida grelhada. Só demorou um minuto até sentir as convulsões do corpo do Tomas e uma sensação quente e pegajosa quando ele derramou o seu esperma dentro de mim.

Depois, foi a vez do Roger.

Cheirava a fumo de cigarro. Foi mais agressivo. Quando me penetrou com violência, percebi que lhe dava prazer ver o meu medo. Fiquei sem fôlego, ele nunca desviou os olhos dos meus, o seu olhar estava fixo em mim como se quisesse ver como eu reagia. Senti-me completamente indefesa, impotente. Virei a cabeça para, pelo menos, não os deixar ver a minha cara. Isso devolveu-me um pouco de dignidade, foi o que disse para comigo.

O Sebastian acendeu um cigarro e encostou-se à parede enquanto observava o que estava a acontecer. Eu odiava-o. Mas, acima de tudo, odiava-me a mim mesma por ser uma adolescente desesperada por amor, que tinha ficado feliz quando o meu irmão mais velho me perguntara se queria ir com ele. Quando o Sebastian reparou que eu estava a olhar para ele, virou-me as costas e olhou pela janela. Foi nesse momento que me apercebi de quão parecido era com o nosso pai. Como poderia não ter visto isso antes?

Uma vez, tinha eu cinco anos, não me apercebi de que a minha mãe e o meu pai tinham discutido, não ouvi os gritos. Acordei a meio de um sonho, peguei no meu urso de peluche e, ainda meio a dormir, fui para o quarto dos meus pais. Fazia isso algumas vezes, encolhia-me na cama ao lado da minha mãe e ela abraçava-me protectoramente, de costas viradas para o meu pai.

Já estava aos pés da cama deles quando percebi que não estavam a dormir. Primeiro, pareceu-me que estavam a lutar. O meu pai estava a agarrar os braços da minha mãe, ela estava nua. Nunca tinha visto a minha mãe nua antes. Não percebi o que estava a acontecer, mas vi que a minha mãe chorava.

Naquele momento, ao olhar para o Sebastian à janela, vi no seu rosto a mesma expressão que o meu pai tinha naquela noite.

Através das paredes do prédio cinzento nos subúrbios de Estocolmo, ouviam-se as vozes exaltadas dos vizinhos e o som de uma televisão ligada. Ylva estava sentada numa cadeira na cozinha, inclinada para a frente e com a cabeça enterrada nas mãos.

O seu corpo tremia, chorava silenciosamente. Faye acariciou-lhe as costas numa tentativa de a confortar.

Os polícias tinham deixado o apartamento alguns minutos antes. Lamentaram o sucedido, registaram uma queixa formal e prometeram fazer tudo ao seu alcance para apanhar Jack. Ele dera um número de telemóvel a Ylva, dissera-lhe que ela saberia quando fosse hora de o contactar. Acrescentara que o número era de um cartão pré-pago e que ele só o ligava uma vez por dia. *«Por isso, não vale a pena a Polícia tentar localizar-me através dele»*, dissera antes de ir embora.

— Mas ele não fez nada — disse Ylva, e limpou algumas lágrimas que teimavam em cair-lhe dos olhos. — Só me deu o número do telemóvel e depois foi-se embora. Nem sequer quis ver a Nora. Acho que ele… que só fez isto para te atrair aqui.

Faye sentiu um arrepio.

Do quarto, ouviram um choro de criança. Surpreendentemente, Nora continuara a dormir, tanto durante a tentativa de Jack entrar pela porta da frente como durante a visita da Polícia. Porém, agora estava, sem dúvida, acordada.

— Eu vou lá — ofereceu-se Faye calmamente, e Ylva não respondeu.

Faye levantou-se. Ao lado de uma cama de solteiro aprumadamente feita,

havia uma pequena cama extensível. Aproximou-se com cuidado de Nora, que até então só tinha visto na televisão ou em revistas. A filha de Jack.

Faye desejara tanto ter mais filhos com ele, mas, quando finalmente voltara a engravidar, Jack mudara de ideias, dissera-lhe que não queria ter mais filhos para além de Julienne. Olhando para trás, Faye percebera que isso se devia ao facto de já estar envolvido com Ylva.

Jack forçara Faye a fazer um aborto. As horas de náuseas passadas no hospital, com Chris ao seu lado porque Jack nem sequer aparecera, regressaram à sua mente. Teria estado com Ylva nessa altura, ou com outra pessoa?

Agora não fazia qualquer diferença.

Nora estava deitada de barriga para cima e olhou para ela com os seus grandes olhos azuis. Não havia dúvida nenhuma de que era filha de Jack. Ou meia-irmã de Julienne, aliás. Era uma cópia do pai. Faye olhou para ela como se estivesse enfeitiçada, antes de se debruçar para a criança, esticar os braços e pegar-lhe ao colo. Apertou-a contra o seu peito.

— Pronto, pronto — segredou-lhe.

Nora acalmou. Deixou-se abraçar, e a intensidade do choro diminuiu enquanto Faye atravessou o apartamento e regressou à cozinha.

Ficou parada em frente a Ylva com Nora ao colo. Ylva não podia continuar a viver ali, Jack poderia aparecer outra vez a qualquer momento e até conseguir entrar no apartamento. Ouviu-se um novo grito da casa dos vizinhos, da rua, o som de uma mota a acelerar.

— Fazemos assim — disse Faye. — Vou emprestar-te o dinheiro de que precisares para comprar um andar no centro da cidade. Pagas-me quando puderes.

Ylva levantou os olhos e olhou da filha para Faye antes de abrir a boca para protestar. Faye interrompeu-a.

— Não há nada para discutir sobre isto, é uma decisão exclusivamente comercial da minha parte. Se ficares a morar aqui, não vais trabalhar tão bem, vais estar sempre com medo de que o Jack apareça cá outra vez. E, como parte das tuas tarefas consiste em encontrar novos investidores para a Revenge, isso também me afectaria a mim. Alem disso, já mostraste o que vales, já me deste o que eu precisava e provaste a tua lealdade.

Ylva fez um sorriso tímido.

— Obrigada.

— Até encontrares algum sítio, tenho a certeza de que a Alice não se ia importar que tu e esta pequenota fossem morar com ela. Sente-se bastante sozinha naquela casa enorme em Lidingö, durante as semanas que não tem os miúdos. Ali, o Jack não vos vai encontrar.

Ylva limpou as últimas lágrimas.

— Sim, parece-me bem — disse. — Assim, posso continuar a analisar os investidores em paz e sossego.

Faye sobressaltou-se quando se apercebeu de que ainda não dissera nada a nenhuma delas sobre David querer investir na expansão da Revenge para os Estados Unidos. Ylva já a avisara sobre misturar negócios com a vida privada outra vez, o que a levava a pensar que, provavelmente, discordariam sobre aceitar David como possível novo investidor. A proposta de David deveria ser analisada com o mesmo cuidado que todas as outras e sob as mesmas premissas. Ele fora o último a aparecer, como tal, também deveria ser o último a avaliar. Isso no caso de chegarem assim tão longe. Ainda havia muita coisa que teriam de resolver antes.

— Faz as malas com as coisas mais essenciais e apanhamos um táxi para casa da Alice. Vou telefonar-lhe enquanto tu te despachas — disse Faye, e sentou-se outra vez à mesa com Nora ao colo.

Estava ansiosa pela viagem a Madrid. Ia reorganizar-se, regressar

a Escolmo com um plano para aniquilar Jack e impedir a tentativa de Henrik de lhe roubar a Revenge.

Terceira Parte

Na terça-feira à noite, moradores de um prédio em Östermalm alertaram as autoridades quando ouviram gritos e barulho vindos de um dos apartamentos. «Parecia que estavam a matar alguém»*, disse uma mulher numa das chamadas*.

Quando uma patrulha chegou ao local, não havia ninguém no apartamento em questão. Um porta-voz da Polícia não quis fazer mais comentários sobre o caso.

Retirado do jornal *Aftonbladet* do dia 26 de Junho.

O telemóvel de David voltou a tocar. Mais uma vez, apareceu *Johanna* no visor e David suspirou, virou o telemóvel contra o tampo da mesa e tentou parecer indiferente.

Faye sorriu-lhe e ele retribuiu-lhe o sorriso.

Estavam sentados num restaurante de *tapas*, numa bela praça empedrada, não muito longe da Puerta del sol.

O Sol já se pusera, mas a noite continuava quente. Os sons encantadores dos músicos de rua ecoavam por entre as fachadas brancas. Faye envergava um fino vestido cor de marfim e David tinha uma camisa de linho azul-clara e umas calças de algodão leve.

Uma travessa de gambas salteadas com alho estava no meio deles e, à direita de Faye, descansava uma garrafa de *Chardonnay* mergulhada num balde prateado de gelo.

— Queres falar sobre o assunto? — perguntou Faye, e fez um gesto com a cabeça para o telefone de David.

David abanou a cabeça.

— Na verdade, não. Não quero falar sobre nada que não tenha a ver connosco.

— Combinado.

— Vamos ter de nos confrontar com tudo isto quando voltarmos para casa. Por agora, quero apenas que sejamos tu e eu, aqui e agora, na cidade mais bonita da Europa.

Faye levantou o seu copo.

— Tens razão.

— Estou tão apaixonado por ti, sabes disso, não sabes? — perguntou David.

Apesar das obstinadas tentativas de Johanna para lhes estragar a viagem, tinham passado dois dias maravilhosos em Madrid. Faye sentia-se mais apaixonada a cada minuto que passava com David. Ele era carinhoso e atencioso, segurava as portas para ela passar primeiro, puxava-lhe a cadeira, insistia em pagar tudo, comprava-lhe flores e chocolates. Ao mesmo tempo, era moderno na forma como encarava a igualdade de género, como uma coisa absolutamente evidente, e compreendia e gostava de falar sobre como as mulheres eram tratadas de forma diferente em relação aos homens. Em salas de reuniões nas empresas, na rua ou em instituições de ensino. Interessava-se em ouvir o que Faye tinha para dizer em todos os assuntos e fazia-lhe perguntas suplementares. Não por alguma ideia de dever, mas porque estava genuinamente interessado nos pensamentos e opiniões dela. Os seus olhos brilhavam quando a ouvia falar. Fazia-a sentir-se apreciada e amada, de uma maneira que Faye nunca experienciara antes.

Apercebeu-se de que estava a sorrir e David olhou para ela com ar inquiridor, mas Faye apenas abanou a cabeça e, com a mão, fez um sinal de que não era nada. Não era possível traduzir todos os sentimentos em palavras.

— Com licença.

David levantou-se da mesa para ir à casa de banho, que ficava num dos edifícios que circundavam a praça. Faye seguiu-o com o olhar. O telemóvel ficara em cima da mesa e, por momentos, ponderou pegar nele e ver as conversas com Johanna, tentar perceber o que ela queria, ver a forma como ele falava com ela por escrito. Vira o código de desbloqueio numa das

ocasiões em que David o usara à sua frente, mas deixou o telemóvel ficar onde estava. Queria provar que confiava nele.

Controlar a correspondência particular de David seria uma intromissão na sua vida privada. E, mesmo que ele nunca o descobrisse, Faye saberia que o tinha feito. Em vez disso, direccionou a atenção para os outros clientes espalhados à sua volta. Reparara que muitos casais mal trocavam uma palavra, cada um com os olhos colados ao respectivo telemóvel, inexpressivos. Que desperdício de tempo, desperdício de vida. Por baixo de uma grande árvore, algumas crianças brincavam, jogavam à apanhada e riam alto. Faye sorriu, melancólica. Desejou que Julienne pudesse estar ali, pudesse conhecer David. Ele poderia ser o pai de quem ela sentia falta desde que Jack as abandonara.

A percepção atingiu-a como uma bofetada na cara, apercebeu-se de que via um futuro em que, um dia, teria filhos com David.

Os seus pensamentos foram interrompidos pela voz dele.

— Faye…?

David sentou-se à sua frente e pareceu subitamente ansioso. Faye sentiu um aperto no estômago. Algo não estava bem, conseguia ver isso na expressão facial dele. Agarrou o tampo da mesa e preparou-se o melhor que pôde para o que estava por vir.

— Estive a pensar…

Faye engoliu em seco. Fosse o que fosse que ele lhe dissesse, reagiria com dignidade, sem mostrar qualquer fraqueza.

— Estive a pensar em quanto adoramos estar juntos — continuou David. — Quero dizer, só posso falar por mim, claro, eu adoro estar contigo. Espero que sintas o mesmo.

Olhou para ela com ar tímido, uma expressão de vulnerabilidade que

raramente demonstrava. Aliviada, Faye estendeu o braço sobre a mesa e agarrou na mão dele.

— Eu adoro estar contigo — respondeu-lhe.

Os olhos azul-turquesa de David brilharam mais do que nunca e ele apertou-lhe a mão com força.

— Sei que ainda é cedo, mas não aguento estar longe de ti. Gostava que pudéssemos procurar alguma coisa para nós os dois, uma casa onde possamos estar juntos. Um novo começo. Espero que não aches que estou a ser demasiado atrevido.

David desviou o olhar, envergonhado.

O empregado de mesa apareceu com mais pratos que colocou à frente deles. Pimentos *padrón*, presunto, tortilha, croquetes e almôndegas.

Faye deu por si a rir. Um riso que se ergueu em direcção à noite espanhola, escura como veludo, que ricocheteou contra as pedras da calçada e contra os tijolos das paredes. Algures um pouco mais longe, provavelmente em algum dos muitos outros restaurantes do bairro, alguém começou a tocar violino. Uma música sentida e melódica, que serpenteava por entre as ruas estreitas.

— Quero muito partilhar uma casa contigo, David. Entretanto, não queres vir viver comigo no apartamento que estou a arrendar? Até encontrarmos alguma coisa para os dois. Já me perguntaram se quero renovar o contrato de arrendamento e tu acabaste de me dar um motivo para passar mais tempo na Suécia.

— Tens a certeza?

David apertou-lhe novamente a mão.

— Vai ser o nosso teste — respondeu Faye, e sorriu para ele. — Podes mudar-te assim que eu tiver as coisas com a expansão para os Estados Unidos encaminhadas.

David retirou do bolso das calças uma pequena caixa, cuidadosamente embrulhada com uma fita de seda branca.

— Não te preocupes — disse-lhe com um sorriso endiabrado. — Não é um anel.

Depois susteve a respiração.

— Por enquanto, pelo menos.

Faye apertou a caixa nas mãos, tentou adivinhar o conteúdo, mas claro que era impossível. Puxou a fita de seda lentamente e levantou a tampa. Lá dentro, estava um belo e ornamentado medalhão de prata, pendurado num fio.

Faye levantou-o com cuidado.

— Adoro. É maravilhoso.

— Uma vez disseste que a Kate Gabor tinha feito um retrato teu e da da tua família, antes de tudo aquilo acontecer. Então contactei-a, expliquei-lhe quem era e porque lhe estava a ligar. Abre o medalhão, Faye.

Faye olhou para o medalhão de prata e, com os dedos a tremer, abriu-o lentamente. Lá dentro, viu a sua fotografia favorita dela e de Julienne. O amor entre as duas era tão forte, Faye acariciava os cabelos da filha com tanta ternura. Observou o retrato fixamente e depois olhou para David, tentando afastar as lágrimas.

O violinista tocava *Kalinka*. A escuridão nocturna envolveu-os e Faye apercebeu-se de que há muito tempo que não se sentia assim tão feliz. Depois recordou-se do que ela própria trouxera para oferecer a David.

Limpou as lágrimas, retirou a caixa da sua mala *Birkin* e entregou-lha. Enquanto ele abria a caixa com o relógio *Patek Philippe*, Faye pendurou o medalhão ao pescoço, acariciando-o suavemente. Talvez, talvez estivesse pronta para uma nova família.

Nem Faye nem David queriam que a noite terminasse, portanto, quando finalmente conseguiram acabar de comer todas as *tapas* e depois de pagarem a conta, continuaram a vaguear de mãos dadas pelas ruas de Madrid. Parecia-lhes uma cidade encantada. Mais cheia de vida do que qualquer outro sítio de que Faye conseguisse recordar-se. Em cada esquina, músicos de rua tocavam as suas belas e vibrantes melodias, crianças jogavam futebol ou estavam absortas em jogos barulhentos e animados. Casais apaixonados estavam sentados nos bancos de jardim, grupos de jovens fumavam marijuana e bebiam vinho nos relvados.

Tudo estava banhado pelo brilho amarelado e quente que os postes de iluminação pública espalhavam.

David e Faye não trocaram muitas palavras, as palavras pareciam-lhes supérfluas e insuficientes, mas, de vez em quando, paravam e olhavam um para o outro e trocavam sorrisos.

Finalmente, David sugeriu que tomassem uma última bebida e sentaram-se a uma mesa instável num passeio, ao lado um do outro e virados de frente para a rua. Pediram uma garrafa de vinho.

Faye olhou para David, o coração a bater com força no peito.

— Quando estou contigo, não sinto vergonha nenhuma, de nada mesmo — disse-lhe. — Aliás, até sinto vontade de te contar sobre as minhas fraquezas e embaraços, a fim de os trabalhar. À excepção da Chris, nunca me senti assim com outra pessoa.

— É também como eu me sinto. Acho que tem a ver com o facto

de ambos sabermos que o outro não tem segundas intenções. Sabemos que as nossas fraquezas e falhas nunca vão ser usadas como arma entre nós.

Um empregado vestido com camisa branca, colete preto e laço, abriu a garrafa de vinho e deixou Faye prová-lo. Ela assentiu com a cabeça e ele serviu os dois copos, colocou a garrafa num balde de gelo, fez uma pequena vénia e desapareceu.

Faye queria contar tudo sobre a sua vida a David, ao mesmo tempo que sabia que isso era impossível. Todavia, algum dia teria de lhe contar sobre Julienne, caso contrário, uma vida em conjunto seria impraticável. Poderia varrer muita coisa para debaixo do tapete, mas não a filha.

— Umas semanas antes de nos termos conhecido, estive em Roma — comentou. — Passeei pela cidade sozinha e encontrei um bar onde estava um jovem casal. Conversámos durante algum tempo e depois fui com eles para casa.

David ergueu uma sobrancelha enquanto levou o copo à boca. Uma mota passou por eles a grande velocidade, deixando a rua a cheirar a gasolina. De algum lado, ouviu-se um cão a ladrar.

— Foi fascinante estar próxima de duas pessoas tão apaixonadas e, de alguma forma, fazer parte do amor deles. Foi a coisa mais íntima que já experienciei, ir para a cama com o marido de outra mulher enquanto ela nos observava e participava também. Compreendes?

David olhou para Faye com ar sério.

— Acho que sim.

Um casal em roupa desportiv e de mãos dadas passou por eles.

— Foi tão evidente que estavam a fazer aquilo um pelo outro, que eu era um instrumento de prazer para ambos, uma forma de proporcionarem prazer um ao outro. Foi uma sensação nova e especial, uma experiência quase extracorpórea.

Faye suspirou. O relógio no pulso de David reluziu e ele lançava-lhe olhares encantados constantemente. Porém, por algum motivo, Faye sentia-se melancólica. Apesar de perceber que devia estar feliz, a tristeza era muito forte.

— Nós, mulheres, somos educadas para ter tanto medo que alguém roube o nosso homem, o nosso parceiro, que nos limitamos a nós próprias. Estamos sempre atentas a qualquer sinal de traição. Mas eu nunca mais vou voltar a viver assim. Fui traída pelo Jack, mas vou confiar em ti. Escolho confiar em ti. Senão, estaria a violentar a minha própria vida, a condicioná-la. Espero que nunca me desiludas, mas, na verdade, isso está nas tuas mãos, não nas minhas.

David estendeu o braço por cima da mesa, agarrou-lhe na mão e apertou-a.

— Não te vou desiludir, Faye.

O brilho das velas acesas reflectiu-se no relógio no pulso dele. Faye apertou-lhe a mão de volta com força. Queria sentir que David era o seu porto de abrigo, um lugar seguro onde ela não precisava de pensar em tudo aquilo com que estava a lidar. Porém, se quisesse seriamente deixá-lo entrar na sua vida, ele teria de saber mais sobre o que estava a acontecer.

Faye respirou fundo, estava na hora.

— Alguém está a tentar comprar a Revenge. Esse alguém está preocupantemente perto de o conseguir. E eu sei quem é.

Fjällbacka — naquela altura

Tinha-me esquecido dos meus sapatos algures dentro da cabana. Quando eles, finalmente, me soltaram, eu só queria sair dali. Por isso, tropeçava descalça pelas rochas, enquanto o Sol se punha.

O Roger, o Tomas e o Sebastian carregaram os sacos que tinham trazido e que estavam muito mais fáceis de transportar, uma vez que o mais pesado eram as garrafas de cerveja, já vazias. Caminhei atrás dos três. À minha frente, as suas costas largas e bronzeadas moviam-se para cima e para baixo. De início, pensámos voltar para casa cedo, quando ainda estivesse de dia, mas eles insistiram que ficássemos mais tempo. Trancada na cabana, como eu tinha estado, a minha opinião sobre o assunto não fazia qualquer diferença.

Ao longo dos últimos dois dias, tinham vindo ter comigo quando lhes apetecia, sempre juntos. Nunca um de cada vez. Depois da terceira vez, eu deixei de protestar, limitei-me a ficar ali deitada e a deixá-los fazer o que quisessem.

Tinha o corpo todo dorido, sangrava e tresandava a esperma, suor e cerveja. Tinha de me esforçar constantemente para não vomitar.

— Tinha mais graça quando ela oferecia resistência — disse o Roger quando eu abri as pernas para ele.

Nunca falavam directamente comigo. Não enquanto me violavam, nem antes nem depois. Em vez disso, falavam sobre mim uns com os outros como se eu fosse um velho cão fiel.

Mal consegui sentir qualquer alegria quando me deixaram sair e disseram

que estava na altura de voltar para casa. Já tinham arrumado tudo, a única coisa que eu tinha de fazer era arrastar-me atrás deles.

O bote continuava no sítio onde o tínhamos deixado amarrado e eles carregaram as coisas para bordo. O ambiente estava diferente agora, irritado, inflamável. Mantive-me em silêncio para não os provocar, para não atrair a sua raiva.

Depois de ter respirado o cheiro bafiento da cabana durante dois dias, sentir o ar do mar era como inspirar uma nova vida.

Sentada no fundo do bote, olhei para as rochas e para as árvores. Pareciam-me diferentes do que quando tínhamos chegado. Não apenas por causa da luz, mas porque eu, enquanto espectadora, era uma pessoa diferente.

Subimos a bordo do barco à vela e o Tomas ligou o motor. Fez-me sinal para eu ir ter com ele, eu levantei-me e aproximei-me devagar, enrolada num cobertor que tinha encontrado.

Esperei pacientemente com os braços à volta do corpo.

O vento estava frio.

— Nunca vais contar isto a ninguém, estás a perceber?

Não respondi.

O Tomas largou o volante, agarrou no meu braço e olhou-me nos olhos.

— Estás a perceber? Tu não és mais do que uma puta estúpida. Se contares a alguém, estrangulo-te.

Depois sorriu e aquele brilho nos olhos voltou.

— E porque havias de contar? Tu até gostaste, isso viu-se.

O Tomas pôs um braço à minha volta e eu deixei, apesar de o toque dele me provocar náuseas. Era como se tivesse passado uma eternidade desde que sentira o seu olhar fixo em mim, sentada na proa. Uma eternidade desde que me tinha permitido sentir algum tipo de esperança.

— Ela não vai contar a ninguém — disse o Sebastian. — Garanto que vou certificar-me de que não conta a ninguém. Afinal de contas, fui eu que a treinei.

Olhei para o horizonte e pus a mão no peito. Fiquei petrificada, com o braço do Tomas à minha volta, quando me apercebi de que o colar que a minha mãe me tinha oferecido tinha desaparecido. O belo pendente, o anjo com as asas de prata, tinha ficado na cabana. Virei-me para trás, mas a ilha de Yxön já não estava visível.

O pendente estava perdido para sempre.

— Posso fazer-vos umas visitas de vez em quando, não é? — comentou o Tomas. — Ó Sebastian, também sabes partilhar?

Apertou-me o ombro e depois lambeu-me a cara. Devagar, a língua cheia de saliva.

— Posso ir visitar-te, não posso, Matilda? Tu até gostas de mim.

Assenti lentamente com a cabeça. Enquanto sentia o seu hálito a cerveja e a dor na parte de cima do braço, onde ele continuava a apertar-me com a mão, algo aconteceu dentro de mim. Pela primeira vez na vida, apercebi-me de que talvez fosse necessário matar.

— Ouvi dizer que chegaste a um acordo com o Giovanni…

— As boas notícias correm depressa — comentou Faye com um sorriso aberto para Jaime da Rosa, o director executivo e proprietário de uma empresa de cosmética espanhola.

Não era uma das maiores em Espanha, mas, tal como a empresa de Giovanni em Itália, era a chave para algumas das lacunas de fabrico, distribuição e logística que a Revenge precisava de preencher antes de poder conquistar o mercado norte-americano. Tinham conversado descontraidamente durante algum tempo e comido uns pratos de *tapas* divinais, mas agora, com uma chávena de café expresso, estava na hora da conversa séria.

— As más também.

Jaime tinha um sotaque espanhol fortíssimo, mas uma gramática inglesa perfeita e um vocabulário extenso, por isso, não tinham qualquer dificuldade em comunicar. Como Faye agora também falava italiano bastante bem, conseguiria perceber a maior parte de uma conversa que decorresse em espanhol, mas seria difícil fazer-se entender tão bem como precisava. Daí falarem inglês.

— O que queres dizer com isso? — perguntou-lhe cautelosamente e tirou um pedaço do chocolate que acompanhava o café.

— Tenho bons amigos na Suécia e ouvi dizer que correm rumores sobre a Revenge. Sobre uma aquisição.

O pedaço de chocolate quase ficou atravessado na garganta de Faye. Era precisamente com aquilo que ela se preocupara. Até agora, conseguira

impedir a imprensa de escrever sobre o assunto e assumiu que Henrik também ainda não estaria interessado em fugas de informação, provavelmente, queria largar a bomba em grande estilo nos meios de comunicação quando tudo estivesse concluído. Porém, Estocolmo era um meio relativamente pequeno e o mundo dos negócios em Estocolmo ainda mais pequeno era. Não ficou surpreendida por os rumores já terem começado a chegar também a outros países.

A forma como lidasse com aquela conversa seria determinante. Se não continuasse a trabalhar na expansão para o mercado norte-americano, projecto ao qual já dedicara tanto tempo, energia e esperanças, mais valia atirar a toalha ao chão. Se assim fosse, também não merecia conseguir salvar a Revenge.

— Rumores há sempre. Sabes isso tão bem como eu. Aposto que é exactamente a mesma coisa em Espanha, em Madrid. Se começar a fazer algumas perguntas, quantos rumores vou ouvir sobre ti e a tua empresa? Um homem bem-parecido como tu… devem ter corrido muitas histórias sobre ti ao longo dos anos! Quantas amantes já tiveste, Jaime, se formos acreditar nas más-línguas?

Faye sorriu-lhe, esticou o pescoço e deixou os olhos brilharem com a mesma intensidade que os seus brincos de diamantes. Jaime riu-se alto, lisonjeado.

— É verdade, tens razão. Já ouvi muitas coisas que não são de todo verdade.

Inclinou-se para a frente e piscou-lhe um olho.

— Mas algumas até são, acredita

— Isso já percebi. Que és um *bad boy*, Jaime — respondeu Faye com um risinho, mas soltando um enorme suspiro mental.

Homens. Por vezes, tinha de se perguntar como era possível terem

mantido o domínio do mundo ao longo da história da Humanidade.

— Folgo em saber que se trata apenas de más-línguas — comentou Jaime. — Estamos com muita vontade de seguir em frente com o nosso negócio. Daquilo que sei, só faltam mesmo alguns pormenores práticos, e os meus advogados dizem que podemos assinar os contratos daqui a uma semana.

— Sim, foi também o que os meus advogados me disseram.

Jaime terminou de beber o seu café, apoiou os cotovelos na mesa e, com a franja meio a tapar-lhe os olhos, olhou para Faye. Ela sabia o que estava para vir, perdera a conta ao número de reuniões em que já fizera aquela dança com diferentes homens. Todos queriam o mesmo. Primeiro os negócios, depois saltar-lhe para as cuecas. Como se isso fizesse parte do acordo.

Faye brindou-o com um sorriso aberto. Ao longo dos últimos anos, aprendera a lidar com aquela situação exacta com uma precisão cirúrgica.

— Pensei que… — Jaime baixou a voz e fixou-a com o olhar. — Se não tiveres outros planos para esta noite, talvez te possa mostrar alguns dos meus lugares preferidos. Sei quais são os melhores restaurantes e conheço pessoalmente os melhores *chefs*. E tenho um pequeno apartamento aqui na cidade, os meus dias de trabalho são tão longos, que, às vezes, fica demasiado tarde para voltar para a minha bela casa nas montanhas. Talvez possamos terminar a noite lá, com um café e um digestivo?!

Fez um sinal ao empregado e pediu a conta.

Faye soltou um longo resmungo mental. Não havia nenhum que fosse, pelo menos, um pouco original. Café e digestivos num apartamento para quecas na cidade, santa paciência.

— Isso seria espectacular — respondeu-lhe. — Mas estou cá a passar o fim-de-semana com a minha melhor amiga e a filha dela. Só tem cinco

anos e é um bocado irrequieta, mas é super-querida e não as posso deixar no hotel. Se calhar podíamos todas…?

Faye sorriu suavemente enquanto via o pânico espalhar-se pelo rosto de Jaime.

— Ah, desculpa, mas acabei de me lembrar que prometi à minha mulher que hoje jantava em casa. Peço imensa desculpa, mas posso recomendar-vos alguns restaurantes, se quiseres. Apropriados para crianças

— Oh, que pena! Mas, sim, se puderes recomendar alguma coisa, é óptimo.

Jaime deixou rapidamente o dinheiro em cima da mesa, levantou-se e anuiu. Depois, estendeu-lhe a mão.

— Então falamos na próxima semana.

— Claro que sim — respondeu Faye, e apertou-lhe a mão.

Observou-o enquanto ele se dirigia, apressado, na direcção do escritório.

Ainda com vontade de rir, Faye olhou para o relógio, pegou na sua mala e começou o passeio de volta para o hotel. A loja que pesquisara no *Google* quando ainda estava na Suécia ficava a caminho. David estava prestes a ter mais uma surpresa.

David estava ao telefone, a meio de uma conversa de negócios, quando Faye entrou no quarto com dois grandes sacos nas mãos. O rosto do homem iluminou-se quando olhou para ela. Gesticulou, indicando que estaria despachado dali a cinco minutos, e Faye atirou-lhe um beijo. Assim, teria algum tempo para preparar a surpresa.

Enquanto assobiava uma melodia, saiu para o enorme terraço e começou a retirar dos sacos tudo aquilo que tinha comprado. À sua frente, estendiam-se os telhados de Madrid. Faye afastou todas as preocupações, todos os pensamentos relacionados com qualquer coisa que não fosse o estar ali,

numa cidade e com um homem que adorava. Ela, que pensara que nunca conseguiria voltar a confiar num homem. Lá dentro, David parecia prestes a terminar a conversa, e Faye apressou-se a deixar tudo pronto. Quando ele saiu para o terraço, virou-se para ele e abriu os braços na direcção da mesa.

— *Tcharaaam!*

— Meu Deus, mas o que é isto? — perguntou David, espantado.

— Então, como te afastei da festa do solstício, tive de trazer o solstício até ti. Antes de irmos embora, pesquisei por lojas que vendessem produtos suecos, por isso, tens aqui arenque, *knäckebröd*, queijo de Västerbotten, *vodka*, *crème fraiche*, cebolinho… bem, tudo o que possas imaginar. A única coisa que não consegui arranjar foi um mastro de flores, mas isso depois resolve-se… E olha! Também fiz grinaldas de flores!

Com um sorriso rasgado, mostrou-lhe as duas grinaldas que improvisara numa florista. Colocou uma delas na sua cabeça e a outra na de David, que ficou com um ar ligeiramente ridículo, mas, ao mesmo tempo, *sexy*, numa combinação irresistível. David abraçou-a com força e beijou-a.

— És completamente doida. Sendo assim, sugiro que respeitemos a tradição e comecemos pela dança à volta do mastro.

— De que é que estamos à espera? — respondeu Faye, e puxou-o na direcção da cama enquanto cantarolava uma das músicas tradicionais da festa do Solstício de Verão.

David sugerira que fossem sentar-se na sala VIP, mas Faye insistira que preferia ficar num pequeno café ao lado da loja do Real Madrid, para poderem observar os outros passageiros.

Faye adorava aeroportos, e o de Barajas, em Madrid, não era excepção. Pessoas de todos os cantos do mundo passavam por ali num fluxo contínuo. De vez em quando, apanhava algumas palavras em línguas que nem reconhecia. Pais apressavam os filhos, carregavam-nos, encorajavam-nos, repreendiam-nos. Havia uma sensação de expectativa no ar, as pessoas iam poder reencontrar-se com os seus entes queridos ou, finalmente, tirar alguns dias de férias depois de meses de trabalho árduo.

Talvez o seu amor por aeroportos tivesse a ver com o facto de nunca ter andado de avião antes dos vinte anos de idade.

O número de telefone de Yvonne Ingvarsson piscou autoritariamente no visor do seu telemóvel. Quando Faye falara com Kerstin naquela manhã, a amiga contara-lhe que Yvonne passara em casa dela outra vez no dia anterior, no feriado do Solstício de Verão. Suspirou. Atingira o seu limite em relação à ansiedade que a investigação da inspectora da Polícia lhe provocava, sobretudo tendo em conta que parecia decorrer apenas por iniciativa da mulher. Desde o julgamento de Jack, mais nenhum elemento da Polícia entrara em contacto com ela sobre fosse o que fosse relacionado com Julienne.

Não ia deixar que Yvonne continuasse a ser motivo de preocupações. Assim que chegasse a casa, trataria do assunto. Definitivamente. Ela e David iriam morar juntos, Jack seria apanhado em breve, estava segura

disso, e, de alguma forma, tinha de afastar as patas imundas de Henrik da Revenge.

David estava muito concentrado a trabalhar no seu portátil. De vez em quando, recebia algumas chamadas de negócios no telemóvel, que atendia sempre a andar de um lado para o outro e a gesticular abertamente. Faye adorava vê-lo trabalhar, a sua concentração e a evidente paixão pelo que fazia. Por vezes, ele fazia-lhe uma pergunta rápida, sem explicar o contexto. Perguntava-lhe o que ela achava sobre um potencial investimento na tecnologia de ADN na área da saúde ou o sobre o impacto do Brexit no desenvolvimento do Euro. Por vezes, Faye era capaz de responder, outras não. David impressionava-a constantemente com o seu conhecimento, as suas competências, a sua dedicação. Era uma pessoa pragmática, de uma forma que Jack nunca fora.

Ele era muitas coisas que Jack nunca fora.

Finalmente, fechou a tampa do computador e virou-se para ela.

— Em que pensas? — perguntou-lhe. — Na tentativa de aquisição?

— Não, não estava a pensar nisso agora. Estava a pensar em… em nada, na verdade.

David levou o *croissant* à boca, as migalhas choveram sobre as suas pernas quando lhe deu uma dentada. Faye sorriu, foi de novo acometida pelo tão fantástico facto de se terem conhecido.

— A minha proposta de financiamento, já tiveste tempo de lhe dar uma vista de olhos, amor? — perguntou David, e limpou a boca.

Faye abanou a cabeça.

— Ainda não.

— *Okay*, só estava curioso para saber a tua opinião.

— É a Ylva que vai analisar todas as propostas de investimento. Acho que deve estar despachada em breve. Não quero que pensem que te dou

tratamento preferencial, não ia parecer profissional. Sabes como estas coisas são. Aliás, como deves ter percebido depois do que te contei ontem, tenho uma situação mais urgente que preciso de resolver primeiro.

David assentiu.

— Claro que sim, tens toda a razão. E tens as prioridades certas, só estava curioso para saber o que tinhas achado.

Desviou o olhar, mas Faye conseguiu perceber que ficara magoado. Que diferença faria realmente se Ylva analisasse a proposta de David antes das outras? Ele fazia tudo por ela, porque havia de se agarrar a esse tipo de princípios quando poderia fazer feliz o homem que significava tanto para si? Faye confiava nele e, mesmo que o futuro da Revenge fosse incerto naquele momento, não fazia mal nenhum pensar no assunto.

Pousou uma mão na perna de David.

— Vou pedir à Ylva para dar prioridade à tua proposta.

— Não precisas de fazer isso — respondeu David. — Tens razão, é melhor não misturarmos as coisas. Além de que tens assuntos mais importantes em que pensar agora.

Faye inclinou-se para a frente, forçou David a olhá-la nos olhos.

— Tu és um homem de negócios brilhante e fico imensamente feliz por quereres ajudar-me com a Revenge. Para mim, é melhor fazer negócios com alguém que, desde o início, sei que é leal e está do mesmo lado que eu. Sobretudo agora… nunca precisei tanto de lealdade como neste momento.

David sorriu-lhe, e a sua expressão reticente suavizou-se. Teria tido medo de ser rejeitado? Por ela? Talvez, pensou Faye, houvesse mesmo um ego masculino frágil no interior de David em que não reparara antes. Ou que tivesse ignorado. Por outro lado, ele era um homem de negócios, um vencedor, e qualquer revés, nos negócios ou na vida privada, seria sentido como uma derrota.

— Tens a certeza? — perguntou-lhe, agora tão descontraído como alguns minutos antes, e acariciou-lhe a mão com ternura.

— Tenho a certeza — respondeu Faye.

David agarrou-lhe a mão com mais força e puxou-a para cima, ao longo da sua perna, contra a virilha. Faye sentiu o seu pénis contra a palma da mão e apertou-o.

— Queres que trate disto? — perguntou-lhe.

Ele disse que sim com a cabeça.

Vaguearam algum tempo pelo aeroporto, à procura de um local isolado. Encontraram uma casa de banho para pessoas com mobilidade reduzida, olharam em volta e entraram discretamente, rindo como dois adolescentes.

Assim que trancaram a porta, David assumiu o controlo.

— De joelhos — disse-lhe, e apontou para o chão à sua frente.

Abriu a braguilha e Faye colocou o seu pénis na boca.

— Olha para mim — disse, e ela assentiu, abriu mais a boca e chupou-o.

O chão era duro, doíam-lhe os joelhos, mas Faye não se importava. Quando David ejaculou na sua boca, ela engoliu o esperma sem desviar o olhar do dele.

O cabelo de Yvonne Ingvarsson estava todo despenteado, os olhos raiados de sangue observavam Faye com uma expressão hostil. Através de uma janela aberta, ouviam-se gritos de crianças vindos da casa dos vizinhos. No jardim, um cão ladrava.

Faye sentiu-se satisfeita com o ar de espanto na cara da inspectora. Ficou à espera de que Yvonne dissesse alguma coisa, mas, como a outra mulher continuou em silêncio, decidiu dar o primeiro passo.

— Posso entrar?

— O que é que está aqui a fazer? Como é que sabe onde eu moro?

Faye não lhe respondeu. Continuaram as duas a olhar uma para a outra em silêncio, até que Yvonne deu um passo para o lado. O *hall* de entrada estava escuro, havia folhetos publicitários, embalagens de cartão e garrafas de vidro amontoados ao longo das paredes. Cheirava a fumo de cigarro e a sujidade. Faye passou por cima da confusão sem descalçar os sapatos. Yvonne permaneceu onde estava, sem se mexer, os braços caídos ao longo do corpo.

Decidida, Faye atravessou um corredor estreito, vislumbrou um pequeno quarto e uma casa de banho antes de chegar à sala de estar sombria. As persianas estavam fechadas, a televisão ligada mas sem som. Faye carregou num interruptor, mas não aconteceu nada, então foi até à janela e levantou as persianas.

A luz invadiu o espaço, revelou o caos.

As paredes estavam adornadas com fotografias da Grécia. O mar azul-marinho e os edifícios brancos reflectiam o sol. Um cartaz do filme *Mamma*

Mia estava emoldurado e pendurado no lugar mais proeminente da sala, logo por cima do sofá.

O coração de Faye batia com força, sabia que os próximos minutos seriam decisivos.

Tinha mesmo de acabar com as intromissões e a bisbilhotice de Yvonne. Não ia deixá-la destruir mais nada. Faye não podia correr esse risco, não agora.

— O que está aqui a fazer? — insistiu Yvonne.

— Parece-lhe estranho? — perguntou-lhe Faye com um sorriso frio. — Já foi visitar-me várias vezes, estou a retribuir o favor.

— Não é a mesma coisa. Eu sou polícia e estou a investigar um crime, é o meu trabalho.

O seu tom de voz era neutro.

— Não, não está a investigar crime nenhum. O meu ex-marido foi condenado pelo crime que, aparentemente, está a pensar que fui eu que cometi. Além disso, já percebi que anda numa espécie de expedição individual, não há investigação nenhuma a decorrer, é só na sua cabeça. Mais ninguém acha sequer que haja alguma coisa para investigar, anda a chutar a bola sozinha, não é verdade?

Yvonne não respondeu.

— Vou interpretar isso como um «sim».

Yvonne engoliu em seco, o queixo tremeu-lhe. Ali, na sua própria casa, parecia uma pessoa completamente diferente da que visitara Faye. O factor surpresa parecia tê-la deixado insegura.

— Que idade tem, à volta dos cinquenta?

— Cinquenta e nove — respondeu Yvonne.

Fez-se novamente silêncio, e Faye começou a sentir-se frustrada. Apesar

de Yvonne parecer um pouco mais cooperante, continuava a não conseguir atingi-la. Não verdadeiramente. Ela mantinha uma postura muito cautelosa.

— Quais são os seus sonhos?

Yvonne mudou o peso do corpo para a outra perna, mas continuou calada.

— Trabalha há muitos e longos anos, tem um salário mau e péssimos horários. Ninguém lhe agradece por tentar manter Estocolmo segura. Não tem família. Depois de os seus turnos acabarem, volta para aqui, para este ninho de ratos, e fica a ver televisão. Gosta da Grécia. Ainda lhe faltam… o quê?… uns seis anos para a reforma? A não ser que a despeçam antes, uma vez que é uma chata difícil. Depois disso, vai ficar aqui a apodrecer aos poucos.

Faye estalou os lábios e fez uma pausa antes de continuar.

— Mas eu até gosto de chatas difíceis — parecia falar para si própria.

Passou de novo os olhos pelas imagens nas paredes e deteve-se no cartaz do filme *Mamma Mia*. Areia branca, água azul, transparente. Um molhe de madeira, um veleiro ao fundo. Pessoas felizes, a sorrir. De repente, apercebeu-se do que poderia fazer para influenciar Yvonne Ingvarsson. Toda a gente tinha um preço, e Faye acabara de descobrir qual era o de Yvonne.

Fjällbacka — naquela altura

O vento aumentou de intensidade. Estava sentada na proa, a olhar para o crepúsculo e agarrada com força à borda do barco, para não cair. Se caísse, morreria. Seria arrastada pelas correntes, puxada para o fundo. Talvez o meu corpo nunca fosse encontrado. Seria o fim dos pesadelos e do medo constante. Foi um pensamento tentador, mas, para além da dor que sabia que isso provocaria à minha mãe, também sabia que nunca seria capaz de o fazer. O mundo podia ser um lugar cruel e escuro mas também podia ser lindo e cheio de luz. Como a minha mãe. Ela era a minha luz. Tínhamos de escapar, as duas.

As pessoas felizes estavam em todo o lado. Nas revistas, na televisão, na rádio. Eu via os seus rostos, ouvia os seus risos, as suas histórias. Os romances que eu lia estavam cheios delas. Até alguns dos nossos vizinhos em Fjällbacka pareciam felizes, apesar de viverem ao lado do inferno. A nossa escuridão não parecia espalhar-se para lá dos limites do nosso relvado. Mas quem saberia, realmente? Na verdade, eu só via a superfície. Assim como eles também só viam a nossa superfície, através das suas janelas da cozinha e durante as conversas de ocasião sobre os canteiros, que decorriam por cima das sebes entre os terrenos.

Eu tinha tido o azar de nascer na família errada. Uma família desfeita desde o início. Seria obrigada a libertar-me, a emendar, a corrigir. A minha mãe não aguentava, dependia de mim.

O Roger e o Tomas não iam ficar calados. Estavam com medo de que eu contasse a alguém, mas eu já sabia o que acabaria por acontecer: seriam

eles a gabar-se do que tinham feito, a contar tudo o que eu manteria em segredo, tudo o que acontecia para lá das portas da nossa casa, os segredos da nossa família. Tudo viria ao de cima. Não podia deixar isso acontecer. A minha mãe não ia sobreviver a uma coisa dessas, os segredos também eram dela.

Vi à minha frente o momento em que o Sebastian estava à janela, depois da violação, durante a violação. Como a expressão dele era semelhante à do nosso pai. Ele ia continuar, tudo ia continuar. De repente, vi isso claramente e sabia que seria obrigada a agir.

E o Sebastian? Só sentia ódio por ele, mas a minha mãe amava-o. Ia poupá-lo por causa dela. Ou tentar, pelo menos. Também já não podia prometer nada. Mas os outros… esses iam morrer.

Faye pegou no telemóvel e marcou o número do seu advogado britânico, George Westwood. O coração batia-lhe fortemente no peito enquanto os sinais de chamada ressoavam. Havia muita coisa em jogo.

Yvonne observava-a com a testa franzida.

O advogado atendeu ao quarto sinal e Faye cumprimentou-o rapidamente, antes de ir directa ao assunto.

— Quero comprar uma casa na Grécia. Numa das ilhas. Visualize o *Mamma Mia*. Quando a compra estiver concluída, quero que a propriedade seja imediatamente transferida para uma amiga minha.

Yvonne arregalou os olhos, abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Faye percebeu que conseguira apanhá-la e relaxou.

— Quero que trate disto o mais rapidamente possível, trata-se de uma amiga que me é muito querida, George.

— *Of course*.

Yvonne começou a andar de um lado para o outro da sala. Parecia que deliberava consigo própria, mas Faye também vira o brilho no olhar da inspectora, apercebera-se da mudança no ambiente, compreendera que já tinha vencido.

— E para que perceba exactamente quão querida esta minha amiga é, também quero que transfira três milhões de coroas para uma conta vinculada ao negócio. Para despesas imprevistas.

Yvonne deteve-se e olhou fixamente para Faye. A animosidade no seu olhar desaparecera por completo, agora só conseguia ver choque e estupefacção na expressão da outra mulher.

— Da conta nas ilhas Caimão? — perguntou George, que, apesar da conversa ligeiramente estranha, soava calmo e tranquilo, quase divertido.

— Sim, pode ser. Depois dou-lhe mais pormenores. Obrigada, George. Avise-me assim que tudo estiver concluído.

Faye levantou-se e voltou a guardar o telemóvel na mala.

— Acabou de tentar subornar-me? — perguntou Yvonne.

— Não, só comprei uma casa na Grécia para alguém que penso merecer alguma sorte na vida. Considere o gesto como um reconhecimento por uma longa e fiel carreira, da parte de uma cidadã agradecida.

Yvonne ficou completamente perplexa e Faye sorriu. Uma crise resolvida. Agora precisava de tratar da crise na Revenge.

Quando Faye chegou a casa, Kerstin estava à sua espera no interior do apartamento. Apesar de terem as chaves do andar uma da outra, não era frequente fazerem uso dessa possibilidade, a não ser para cuidarem de coisas da casa quando uma das duas estava ausente em viagem.

Faye conversara com David sobre o facto de que apenas partilhariam casa durante metade do ano, mas ele não percebera porque é que ela tinha de passar tanto tempo em Itália. Faye dera-lhe as mesmas explicações que costumava dar à comunicação social, que precisava de ter outra base, uma casa e um país onde tudo à sua volta não a fizesse pensar em Julienne. David não aceitara completamente a justificação e tentara convencê-la de que agora podia construir a sua base na Suécia, em conjunto com ele, com novas memórias. Faye estava consciente de que, num futuro não muito distante, seria obrigada a contar-lhe toda a verdade. Então, ele compreenderia. Porém, por alguma razão, preferiu adiar essa conversa. Confiava em David, não era disso que se tratava, mas também tinha medo da forma como ele a olharia quando descobrisse quem ela realmente era.

— Olá, Kerstin! O que estás aqui a fazer?

Kerstin abrira uma garrafa de vinho e tinha dois copos à sua frente. Deu umas palmadas no lugar do sofá ao seu lado.

— Senta-te aqui. Tenho um bilhete de avião para Mumbai amanhã, mas queria perguntar-te se não será melhor adiar a viagem. Está a acontecer muita coisa aqui, neste momento, e estou preocupada contigo. Fico com a sensação de que estou a abandonar-te quando mais precisas de mim.

Faye sentou-se e pegou num dos copos para que Kerstin pudesse servir-lhe o vinho. Bebeu um pouco e soltou um longo suspiro.

— É verdade, está a acontecer muita coisa ao mesmo tempo, Kerstin, mas não mais do que eu consiga aguentar. Tu fizeste tudo o que podias, trouxeste-nos até aqui. Agora está na hora de a Ylva e a Alice assumirem as suas responsabilidades. A Ylva vai tratar do registo dos accionistas enquanto tu estiveres na Índia. E o David também me dá energia para continuar. Ele está a tornar-se cada vez mais importante para mim.

Kerstin franziu as sobrancelhas.

— É verdade, vocês tornaram-se muito próximos em relativamente pouco tempo. O que sabes sobre ele, ao certo? Para além daquilo que eu consegui descobrir?

Faye pousou uma mão sobre a de Kerstin.

— Eu sei que tens más experiências com homens. Ou com um homem. E os deuses sabem que eu também tenho. Mas isto parece-me certo, sinto-me segura com ele.

— Hum…

Kerstin ficou com uma expressão céptica e bebericou o vinho devagar, sem olhar para a amiga.

Faye abanou a cabeça e mudou de assunto. Falaram sobre Julienne e sobre o melífluo Jaime. Em menos de nada, as duas riam como

antigamente, mas não foi possível reconstruir completamente o ambiente de proximidade e confidência.

Faye estava sentada com Ylva no seu escritório. Para lá das grandes janelas, Estocolmo estendia-se em toda a sua glória. O céu lá fora estava coberto por uma fina camada de nuvens, através das quais o sol irrompia ocasionalmente, revelando os sítios que quem limpara os vidros falhara.

— Sentes-te segura em casa da Alice? — perguntou Faye.

— Sim, e também acho que a Alice está contente por ter companhia, tal como tu disseste.

— Ainda bem. Temos de nos manter unidas. O Jack disse-te mais alguma coisa?

Ylva sobressaltou-se, como fazia sempre que ouvia o nome de Jack.

— Não, nada — respondeu depois.

— Com alguma sorte, vão apanhá-lo não tarda.

Ylva anuiu. De seguida, virou o monitor do seu computador para que Faye pudesse ver o relatório.

— Fiz tudo o que consegui para travar as compras. Mas há demasiadas pessoas a vender as suas acções, estamos muito próximo de uma aquisição. Acho que vamos ter de pôr Amesterdão em acção.

Faye abanou a cabeça, preocupada.

— Não sei, Ylva. Não sei mesmo. Pela primeira vez em muitos anos, sinto-me derrotada. Pensei que a guerra tinha acabado, mas está de volta. Parece aquele jogo de dar marteladas em bonecos que nunca param de saltar de diferentes buracos. Quando bato num, aparece logo outro. Não sei quanto ainda sobra do meu espírito de lutadora. E será que vale a pena?

Empurrou o computador portátil.

— Tenho dinheiro para me governar. Isso é um grande eufemismo. Na verdade, nunca mais preciso de trabalhar na vida. Podia dedicar mais tempo a outras coisas que não os negócios. Ao David, por exemplo. Quem sabe até onde a nossa relação poderá ir? E Amesterdão… Amesterdão é um risco enorme. Pode explodir na nossa cara.

Ylva olhou para ela e levantou um dos cantos da boca.

— Se queres que te diga, não te estou a reconhecer. Há várias coisas que podemos fazer. *Tu* podes comprar mais acções, tens capital suficiente. Podes lutar. Parece que desististe de antemão. Essa não é a Faye que eu tenho vindo a conhecer. Vais mesmo deixar o Henrik ganhar? Na pior das hipóteses, estamos extremamente perto de uma aquisição.

Soltou um suspiro.

— Eu sigo as tuas instruções, claro, tu é que és a chefe. Mas tenho de te dizer que acho que te vais arrepender se não agires com mais força.

Faye não respondeu. Com o dedo, desenhou figuras imaginárias na mesa. O seu telemóvel vibrou e Faye viu que era uma mensagem escrita de David. Não conseguiu conter um sorriso.

Ylva inclinou-se para ela.

— Pareces satisfeita.

Faye concordou com um aceno da cabeça.

— Acho que nunca me senti tão feliz com um homem. Estou apaixonada, comporto-me como uma adolescente. E ele está na mesma.

— Óptimo. Se há alguém que merece sentir-se assim, esse alguém és tu. Espero poder conhecê-lo em breve.

— Sim, vamos combinar qualquer coisa. Ele anda com muita coisa também, com o divórcio e não só.

Faye contorceu-se, aquilo que estava prestes a pedir a Ylva para fazer deixava-a desconfortável. Sobretudo, no seguimento da conversa que

acabavam de ter. Conhecia a sua ex-rival suficientemente bem para saber que ela consideraria falta de profissionalismo o facto de Faye deixar que, no processo, os seus sentimentos por alguém dessem vantagem a essa pessoa. Por outro lado, a Revenge era a empresa de Faye, e Ylva era uma funcionária, Faye podia decidir o que entendesse. Ainda assim, era algo que a incomodava fazer.

Pedir uma coisa daquelas era uma forma de se expor, de abrir uma brecha. Olhou para o resto do escritório através das paredes de vidro que insistira ter quando decoraram o espaço, para que a equipa a visse presente sempre que ali estivesse. Recrutara pessoalmente muitas daquelas pessoas durante o tempo em que fora directora executiva da Revenge. Investira tempo e dinheiro nelas, queria vê-las desenvolverem-se e expandirem as suas asas. Não podia desiludi-las.

Fuck it, pensou Faye.

— A propósito do David, ele quer ser um dos nossos investidores — disse com o tom de voz mais neutro que conseguiu.

Ylva assentiu, mas ficou com uma expressão tensa, sem olhar para Faye.

— Que bom.

A voz soou reticente.

— Quero que analises a proposta dele e os relatórios financeiros o mais rápido possível.

— Queres dizer que devo dar-lhe prioridade?

Faye abanou a cabeça afirmativamente.

— *Okay*, sem problemas. Como disse, tu é que decides.

Fez-se silêncio durante alguns momentos. Faye inclinou-se para trás na cadeira e observou Ylva, que continuava com os olhos teimosamente fixos no monitor do computador.

Inspirou fundo.

— Estás a pensar que eu vou aceitar o David enquanto investidor, independentemente da qualidade da proposta dele?

Ylva levantou a cabeça.

— Não, és demasiado profissional para fazer uma coisa dessas. Admiro-te e acredito que sabes o que é melhor para a Revenge. Eu só estou aqui há umas semanas, faz alguma diferença aquilo que eu penso?

— Sim, para mim, faz.

Ylva suspirou e fechou a tampa do portátil. Passou uma mão pelo rosto.

— Vocês estão juntos há quê… um mês? Estás apaixonada, vão viver juntos. Bom para ambos. Mas trazê-lo para a Revenge? Não sei, tenho a sensação de que é fazer a cama para alguns problemas. Não cometas os mesmos erros que cometeste no passado. Além disso, parece que nem sequer estás particularmente interessada em certificar-te se ainda existe uma empresa na qual investir. Por isso, a tua pergunta é basicamente retórica. Amanhã, se calhar, já nem estás ao leme da Revenge.

Faye sentiu a irritação aumentar.

— Ele vai ser um investidor passivo. Tem imenso dinheiro e acredita que a Revenge vai conseguir tomar o mercado norte-americano de assalto. Ele *acredita* em mim. E é o melhor homem que alguma vez conheci. Não é como os outros.

Ylva levantou as palmas das mãos para Faye.

— Como te disse, fazes o que achares melhor.

— Mas…?

— Mas nada.

— Não, estou a ver que há alguma coisa.

Faye estava furiosa. Consigo própria, por se deixar irritar e não conseguir abster-se de pedir a opinião de Ylva; e com Ylva, por meter o nariz onde

não era chamada, apesar de ter sido Faye a insistir que lhe dissesse o que pensava.

— Não posso dizer que conheço a Johanna Schiller — continuou Ylva. — Mas já estive em vários jantares onde ela também estava. E sempre me pareceu uma pessoa bastante sensata, não tem nada a ver com a pessoa maluquinha e agressiva que tu descreves. Talvez também devesses ouvir o lado dela da história. Principalmente, se tu e o David vão viver juntos.

Faye bufou e abanou a cabeça. Inclinou-se para a frente na direcção de Ylva, que olhou para ela com calma.

— As pessoas mudam. Em tempos, o Jack também foi uma pessoa bastante sensata. Mas tanto tu como eu estamos dolorosamente conscientes de que ele mudou. A Johanna Schiller está completamente desesperada por manter o David na vida dela, usa as filhas contra ele, altera as combinações sem qualquer aviso prévio e leva-as para o estrangeiro, recusa-se a assinar os papéis do divórcio.

— Como é que sabes?

— Como é que…? — repetiu Faye, estupefacta.

Ylva, por quem ela, apesar de tudo o que acontecera, apesar de todas as traições, tinha feito tanto, estava ali sentada a acusar David de mentir. Respirou fundo, numa tentativa de se acalmar e manter a voz firme.

— Sei, porque ele me contou! Porque vejo como toda esta situação está prestes a levá-lo ao limite. Ela está a tentar destruí-lo usando as filhas!

Ylva abriu os braços.

— Deves ter razão — disse em voz baixa.

Faye continuou a olhar fixamente para a amiga, que olhava para a mesa. Sentiu que ainda não estava pronta para largar o assunto, mas arrependeu-se antes mesmo de continuar.

— Eu, melhor que ninguém, sei de que estou a falar. Na verdade, não

é muito diferente do que tu fizeste para me atingir quando te tornaste a melhor amiguinha da Julienne. Porque foi isso que fizeste, não foi? Brincar às mamãs e aos papás com o Jack, quando eu tinha perdido tudo. Para me esmagarem.

— Isso não é justo — murmurou Ylva. — Sabes bem que não é.

Faye tinha as mãos a tremer.

— Cala-te e faz mas é o teu trabalho! E mantém-me a par das movimentações das acções.

Agarrou na mala e levantou-se com tanta violência, que a cadeira caiu no chão atrás dela. Antes de virar costas e ir embora, lançou um último olhar gélido a Ylva. Depois bateu a porta com força. Toda a equipa levantou a cabeça para olhar para ela antes de, rapidamente, voltarem a olhar para os monitores.

Faye conduziu sem rumo pelos estreitos caminhos da ilha de Lidingö. Zonas pitorescas de vivendas, florestas, pequenos cafés passavam pelos vidros do carro. Tudo parecia perfeito. Aprumado e impessoal.

Nunca seria capaz de viver ali.

Faye arrependia-se do acesso de fúria dirigido a Ylva. Afinal de contas, fora ela que insistira para que a amiga se pronunciasse. Exigira-o. Colocara-a numa situação impossível. Porém, Ylva fora longe demais, acusara David de mentir. Que motivo teria ele para fazer uma coisa dessas? Faye vira com os próprios olhos como ele ficava destroçado depois de cada conversa com Johanna, como ela fazia tudo por tudo para lhe dificultar a vida. Teria, afinal, sido um erro trazer Ylva para a Revenge? Será que a tinha julgado mal? Talvez ela estivesse com ciúmes! E se, em segredo, continuasse a culpar Faye pelos seus próprios fracassos, pela separação de Jack, por ter sido forçada a afastar-se do mundo empresarial?

Faye apanhara-a da sarjeta, apesar de as cicatrizes que Ylva lhe infligira ainda estarem bem presentes na sua alma. Como uma manta de retalhos invisível de sonhos destroçados. E agora, que Faye finalmente começara a curar-se e encontrara o amor, Ylva parecia incapaz de se sentir feliz por ela. Não fazia ideia da sorte que tinha, era graças a Faye que estava a viver em casa de Alice, era graças a Faye que tinha um emprego. E, mais importante que tudo, tinha a filha com ela. Não era como Faye, que era obrigada a estar longe de Julienne. Tinha tantas saudades dela, que se sentia a estilhaçar.

Passou pelo centro de Lidingö, evitou por um triz atropelar um gato

amarelo que atravessou a estrada a correr. Pegou no telemóvel e telefonou a David, precisava de ouvir a sua voz. Os sinais de chamada ressoaram, mas ele não atendeu.

— Merda!

Quando o correio de voz atendeu, Faye atirou exasperadamente o telemóvel para o assento do passageiro. Respirou fundo e dirigiu-se para a Ponte Lidingöbron.

Acelerou e ziguezagueou por entre os outros carros, o velocímetro a atingir os cento e vinte quilómetros por hora. A velocidade dava-lhe algum prazer. Em vez de se dirigir ao túnel recém-construído para ir para o centro da cidade, saiu em direcção ao bairro de Gärdet. Aliviou a pressão no acelerador e passou lentamente pelo local onde, pela primeira vez, há quase vinte anos, beijara Jack. Um beijo curto e rápido. Depois do qual ele virara costas e a deixara para trás. Aquele beijo, aquela noite mudara a sua vida. E, por fim, dera-lhe Julienne.

Sentiu a garganta ficar apertada, as lágrimas queimarem-lhe os olhos.

— Controla-te! — murmurou.

Continuou caminho na direcção de Djurgården, sentia-se mais calma agora.

Faye virou para uma pequena estrada florestal, perto da Torre Kaknästornet. Desligou o motor do carro e ficou a apreciar o silêncio. De seguida, esticou de novo o braço para o telemóvel, ponderou alguns segundos. Inventou um nome, roubou algumas fotografias da conta de Facebook de uma mulher americana e criou um perfil falso de Instagram.

Começou a seguir algumas pessoas aleatoriamente a partir da nova conta e depois escreveu o nome de Johanna Schiller na caixa de pesquisa. Tinha um perfil privado, mil quatrocentos e oitenta e nove seguidores. Faye teve esperança de que «Petra Karlsson» se tornasse a seguidora 1490.

Fjällbacka — naquela altura

Ao anoitecer, as ilhas e ilhéus por onde passámos eram apenas sombras escuras, sem contornos. Estávamos na zona da reserva natural aquática de Tjurpannan, constituída por pântanos, praias de rochas e charnecas. A localização desabrigada tornava as águas da região muito traiçoeiras.

Desde tempos imemoriais que os marinheiros temiam a zona de Tjurpannan. A falta de um arquipélago circundante deixava o local completamente exposto.

O Tomas tinha saído da cabine e esfregava os olhos, sonolento. Trocou algumas palavras com o Roger e assumi que estavam a falar de mim. Talvez estivessem preocupados que eu fosse contar a alguém, assim que chegássemos. Não vi o Sebastian em lado nenhum. Se eles decidissem atirar-me borda fora, será que ele protestaria? Não, eu conhecia o meu irmão. Tinha receio de apanhar, só respeitava a força bruta e o medo.

O bote estava amarrado à popa. Dirigi-me para lá. O vento puxava-me a roupa e os cabelos. Junto às pás da turbina do motor, vi o turbilhão de bolhas. Os remos estavam no interior do bote, fixos nos lados.

O Roger e o Tomas olharam desconfiados para mim quando me dirigi para lá e me sentei um pouco afastada deles.

— Tem cuidado — disse o Tomas. — Está muito vento e sabes o que dizem sobre o Tjurpannan.

— Não — respondi eu, apesar de saber perfeitamente o que se dizia. Além disso, fiquei surpreendida com a súbita preocupação dele comigo.

— Se caíres, nunca mais ninguém te encontra. As correntes, estás a ver?

Virou-se outra vez para o Roger, pegou numa cerveja e abriu-a.

Lenta e discretamente, estiquei uma mão para um dos remos. Uma onda alta fez o barco balançar e tive de me agarrar à borda. Depois de alguns segundos, tentei outra vez.

Mais adiante, já em mar alto, um barco de carga iluminado passava como um arranha-céus horizontal.

Senti a superfície áspera da madeira e puxei o remo para mim. Pousei-o suavemente junto aos meus pés e lancei um olhar para o Tomas e o Roger, que estudavam a carta marítima, preocupados e atentos.

Respirei profundamente algumas vezes. As primeiras gotas de chuva caíram e humedeceram-me a testa. Abri a boca, estiquei a língua para fora e fechei os olhos. Tentei munir-me de forças.

Levantei-me, ainda agarrada à borda. No momento seguinte, enchi os pulmões de ar e gritei como nunca tinha gritado antes. Talvez tenha sido o terror acumulado dos dias anteriores, quando fiquei trancada na cabana, que finalmente se libertou. O Tomas e o Roger olharam para mim, estupefactos.

Apontei para a água, sem dizer nada primeiro.

— Ali! — ofeguei de seguida, antes de gritar outra vez.

Eles passaram por mim, apressados, e olharam para a água, ao mesmo tempo que eu dei um passo para trás e peguei no remo. Levantei-o. Balancei-o com toda a força contra as costas deles. Sabia que tinha de atingir os dois ao mesmo tempo. No preciso momento em que o remo voou para a frente, o Tomas virou-se. Mas não teve tempo de reagir ou fazer qualquer coisa para se proteger. O remo atingiu-os à altura do peito e atirou-os borda fora. Precisamente antes de se ouvir o baque na superfície da água, ouvi um grito.

Larguei o remo e inclinei-me logo para a frente, para os ver desaparecer

na corrente, para os ver morrer.

De alguma maneira, o Tomas conseguiu agarrar a borda e segurava-se com toda a sua força. A expressão tomada pelo terror quando os nossos olhos se encontraram. Observei-o em silêncio.

— Por favor, ajuda-me — gritou.

A mão dele começou a tremer e os nós dos dedos estavam completamente brancos. Tentou agarrar-se com a outra mão para se içar. Sempre em silêncio, inclinei-me para a frente, abri a boca, encostei os dentes aos dedos dele o mordi-o.

Ele uivou de dor.

Mordi-o cada vez com mais força, enterrei os dentes até aos ossos e, por fim, ele largou-se. Caiu a gritar. Atingiu a superfície da água. Depois, desapareceu para o fundo, e fez-se silêncio.

David telefonou-lhe quando Faye já tinha estacionado o carro na garagem e estava a subir no elevador. Explicou-lhe que chegaria tarde, problemas com Johanna. Mais uma vez. Ela exigia-lhe dinheiro ou então ameaçava telefonar aos colegas dele no mundo financeiro e espalhar boatos.

— No outro dia, disse que me ia denunciar à Polícia por maus-tratos. Só aturo isto por causa das miúdas, mas não vejo o dia em que esteja tudo resolvido, quando formos só tu e eu.

— Eu também não.

David soava tão resignado! Se Ylva, ao menos, tivesse ouvido aquela conversa, provavelmente, teria pensado duas vezes em relação à sua postura.

Claro, podia ter estado em jantares com Johanna algumas vezes, mas as pessoas mostravam sempre o seu melhor lado em contextos sociais, preferiam doar um rim do que mostrar uma fenda na fachada perfeita. As pessoas são animais de rebanho cujo pior pesadelo é serem excluídas da comunidade. Obviamente que alguém como Johanna Schiller era capaz de se mostrar humana durante algumas horas. Nada dizia que ela sempre fora como David a descrevia agora. As pessoas mudam, como Faye dissera. E Faye, melhor que ninguém, sabia disso.

Quando Jack a deixara, também ela caíra numa espiral de loucura. Esquecera-se por completo de quem era verdadeiramente. E porquê.

Despediu-se de David, que prometeu chegar por volta das nove, ao mesmo tempo que o elevador parou no seu andar. Abriu rapidamente a porta, olhou para a esquerda e para a direita para se certificar de que Jack

não estava ali à sua espera e, à pressa, destrancou a porta da frente e o gradeamento de segurança.

O andar estava vazio e desolado. Elegante, mas sem transmitir uma sensação de lar. Um lar precisava de vida, de outras pessoas, de uma história.

Faye pousou a mala, abriu as portas de correr para o terraço, para deixar entrar algum ar, e afundou-se num dos sofás brancos da sala de estar. Tinha saudades de Julienne e da mãe. Pegou numa pasta de documentos da Revenge, com esboços dos produtos norte-americanos que tinha de aprovar, mas folheou-os sem entusiamo. Suspirou e pousou-os em cima da mesa de centro.

Não tinha energia. Não esta noite. Que razão teria para dedicar tempo à expansão para os Estados Unidos se, de qualquer maneira, ia perder a empresa?

Estendeu o braço para o telemóvel e enviou uma mensagem escrita a Alice.

«Preciso de sair esta noite. Vem ter comigo à esplanada do Strandbryggan. Vou dizer ao David para ir lá ter connosco mais tarde.»

Quando chegou, o local já estava em modo de festa. Um *DJ* tocava Avicii, um iate enfeitado com o logótipo do restaurante saía da doca e, no convés, cerca de vinte jovens excitados saltavam ao som da música.

— Sinto-me velha — murmurou Faye quando estavam na fila.

— Eu não! Pelo contrário, até. Absorvo a juventude deles — respondeu Alice. — Além de que é a primeira vez que nos encontramos desde que tu e o David decidiram ir morar juntos. Parabéns!

Abraçaram-se, e Faye inspirou a quente fragrância a baunilha de Alice.

Alice estava mais bonita que nunca. Usava um vestido branco, curto, que, em conjunto com os saltos altíssimos, atraía os olhares dos jovens. Faye não conseguiu conter um sorriso ao pensar que, alguns anos antes, teria ficado irritada e com ciúmes da atenção que a amiga despertava.

Alice sorriu para dois rapazes cobertos de tatuagens. A sua característica mais excepcional era que se encaixava em qualquer lugar. Homens de todas as classes sociais, de todas as origens, de todas as idades ficavam deslumbrados com ela.

Convencê-la a integrar a Revenge fora, sem dúvida, uma jogada de génio, pensou Faye, satisfeita.

O chefe de sala, um rapaz jovem de cabelos castanhos brilhantes, vestido com um pólo branco e calções, sorriu para Faye em reconhecimento.

— Na verdade, estamos lotados hoje, mas o que é que não fazemos por duas tão extraordinárias beldades? — comentou, e fez-lhes sinal para que o acompanhassem.

Alice soltou uma pequena gargalhada de satisfação enquanto Faye

revirou os olhos.

— Presunçoso — murmurou.

Deteve-se junto a uma mesa, puxou-lhes as cadeiras para que se pudessem sentar e chamou um empregado de mesa.

— Oferece uma bebida às senhoras enquanto ambas decidem o que querem comer.

Rapidamente foram servidas de dois copos de espumante.

— Como correu a viagem a Madrid? — perguntou Alice.

Faye sorriu.

— Assim tão boa, então? — constatou Alice, e levantou o seu copo.

Tocaram os copos num brinde e exclamaram em simultâneo e com as vozes graves:

— Que vulgar!

Riram-se as duas e beberam o champanhe.

— Onde está o David? — perguntou Alice. — Gostava de o conhecer e perguntar-lhe o que fez para conseguir conquistar-te.

— Vem um bocado mais tarde. Já vais conhecê-lo.

— Até que enfim!

A irritação que Faye sentira algumas horas antes diminuíra imediatamente na companhia de Alice. A vida parecia-lhe agora descomplicada, divertida, emocionante.

Pediram camarões gratinados com queijo parmesão e tostas, uma garrafa de vinho branco, e reclinaram-se nas cadeiras. Um barco com turistas impressionados passou lentamente na água, e as pequenas ondas por ele provocadas fizeram que o molhe de madeira onde elas estavam sentadas ondulasse de forma agradável.

Os pensamentos sobre David e Johanna dissiparam-se. Alice contou-lhe

que Henrik iniciara uma campanha para a reconquistar. Prometera-lhe que ia mudar, que queria fazer terapia de casal, diminuir as horas de trabalho.

Irritada, Alice estalou o pescoço enquanto enumerava todas as promessas.

— E como é que te sentes com isso? — perguntou Faye.

— Não sinto nada. Uma mulher aguenta muita coisa, mas chega um dia em que a compreensão acaba. Além de que a minha vida é muito mais divertida agora. Eu adorava ser apenas mãe, dedicar-me à casa, aos miúdos porque é uma vida confortável e protegida. Mas nunca mais vou voltar a depender de um homem. Nunca mais vou ser um figurante na minha própria vida. E não faço tenções de voltar a aceitar a combinação de uma pila pequena com uma técnica miserável.

Faye quase se engasgou a rir. Depois disse-lhe:

— Alice, tenho de te perguntar uma coisa…

— Dá-me um minuto — respondeu Alice, e levantou um dedo. — Tenho de ir à casa de banho. O álcool parece que me vai directamente para a bexiga.

Alice afastou a cadeira e levantou-se.

Faye ainda estava a olhar para ela quando ouviu o telemóvel apitar dentro da sua mala. Era uma notificação do Instagram: Johanna Schiller aceitara-a como seguidora. Quando estava prestes a entrar no perfil dela, Faye viu David sair para o molhe e olhar em volta. Voltou a guardar o telemóvel, soergueu-se e acenou-lhe.

David beijou Faye antes de se sentar ao seu lado. Quando Alice regressou da casa de banho, alguns minutos depois, ela e David deram-se bem quase de imediato. Faye reparou que David se sentia afectado pela presença da amiga, tal como todos os homens.

Alice atirou a cabeça para trás e riu-se de algo que David dissera. Ele inclinou-se para a frente, a gesticular, e Alice riu-se ainda mais.

Havia claramente uma química entre eles. Seria demasiado forte? Faye sentiu a mão de David na sua perna, pareceu-lhe ouvir as gargalhadas deles como se estivessem envoltas em nevoeiro. Quão bem conhecia realmente David? Deveria levar a conversa com Ylva mais a sério? Encontrar-se com Johanna, ouvir o que ela teria para dizer?

— Faye?

A conversa chegara a um impasse, e Faye olhou, confusa, de um para o outro.

— O que achas sobre isso? Não era espectacular?

Os olhos de Alice brilharam para ela.

— Desculpem, devo ter bebido um pouco demais. O que acho sobre quê?

David virou-se para ela, algo nervoso.

— Tens a certeza de que estás bem?

Faye fez um gesto de que não era nada de mais.

— Estou só um pouco tonta, mas a culpa é minha. E do vinho.

Lançou-se obedientemente na conversa, com os pensamentos ainda noutro lugar, e colocou uma mão em cima da de David.

Só porque estamos numa relação com alguém, não deixamos de nos

sentir atraídos por outras pessoas. Era evidente que David considerava Alice uma mulher atraente, não se tinha transformado num *robot* assexuado só porque ele e Faye iam viver juntos. Tal como acontecia a toda a hora a Faye, também ele podia considerar outras pessoas sensuais, ter fantasias com elas, excitar-se com a ideia, ver uma mulher e desejá-la.

Havia algo de saudável nisso, independentemente do que muitas pessoas imaginavam, pois a noção de que um parceiro também é atraente aos olhos de outras pessoas mantém-nos alerta. Faz que queiramos investir no relacionamento, em nós próprios. Se Faye não tivesse receio de perder David, sentir-se-ia igualmente atraída por ele? A força motriz das pessoas que procuram parceiros é quase sempre a mesma, por isso é que alguns indivíduos são considerados mais atraentes que outros.

Porém, se Faye soubesse que era a única pessoa que David conseguiria conquistar, tê-lo-ia desejado?

Não teria sido exactamente esse conhecimento, de que Faye não tinha outras alternativas, que levara Jack a traí-la uma e outra vez? Não tivera para onde se virar, não o pudera rejeitar, estivera presa na sua gaiola. Presa financeira e emocionalmente. No seu mundo, Jack fora um deus. No entanto, no mundo de Jack, Faye fora um brinquedo que ele sabia que ninguém lhe podia tirar.

Ao proibirmos e oprimirmos os pensamentos de alguém, eles ecoarão cada vez mais alto, baterão cada vez com mais força até conseguirem soltar-se. Até passarem de fantasias embrionárias a realidade. Se David estivesse agora ali a fantasiar sobre ir para a cama com Alice, seria assim tão perigoso? Porquê deixá-lo imaginar? Por que não simplesmente dizer «olhem, vão para casa os dois e vemo-nos amanhã»?

Teoricamente, teria funcionado. Faye considerava ter aprendido o suficiente sobre sexo e sentimentos ao longo dos últimos dois anos para

não ficar com ciúmes. Para compreender que uma queca era uma queca. Contudo, ao mesmo tempo, apercebeu-se de que também tinha vontade de participar.

Essa percepção atingiu-a como uma pancada: ela também sentia desejo por Alice. Não como parceira, não para partilhar uma vida, mas naquele preciso momento. Queria consumir Alice, o seu corpo, a sua alma. Espelhar-se na beleza dela, porque Alice era atraente, porque Alice era uma deusa.

Inatingível.

Olhou primeiro para a amiga e depois para David.

Apertou-lhe a mão com mais força, sentiu como aquela ideia se apoderava de todo o seu corpo, a provocava, aumentava de intensidade.

— Não acham que está a ficar demasiado barulhento aqui? — perguntou-lhes. — Querem continuar a noite em minha casa?

Os troncos que ardiam na lareira brilhavam em tons de laranja e vermelho, e a sua luz fazia os corpos dançantes de Faye e Alice traçarem, como sombras esvoaçantes, as paredes brancas. A porta do terraço aberta deixava a *Dancing Queen* dos Abba escapar e fundir-se com a claridade da noite de Verão.

Faye e Alice estenderam os pulsos para o tecto antes de moldarem as mãos em forma de microfones e cantarem o refrão animadamente.

David estava sentado numa poltrona, os botões de cima da camisa desabotoados, a bebericar um copo de *whisky*. Os olhos enevoados e inebriados, um sorriso nos lábios. Faye adorava vê-lo sorrir, ficava excitada, ficava molhada.

— Dança connosco — chamou-o, e fez um gesto com a mão para ele se levantar.

Sentiu-se poderosa quando ele acatou o seu pedido e se dirigiu para ambas. David estava ali nos seus termos, dela e de Alice. Eram elas que o queriam incluir, não o contrário. Elas decidiam a batida, o ritmo. Elas controlavam a dança.

Naquele momento, Faye apercebeu-se de que nunca vira David dançar, mas ele estava solto, confiante. Deu uns passos de dança e juntou-se a elas.

— Acho que não me sentia tão bêbedo desde a festa de finalistas do liceu — disse.

— Eu também não. E acho que, desde essa altura, nunca dancei tanto! — exclamou Alice.

A combinação da dança e do álcool levara Faye a libertar-se de todas

as tensões e medos que carregara dentro de si nos últimos tempos. Tudo o que era importante estava ali e agora, naquela sala. Duas pessoas que significavam muito para ela, numa noite clara de Verão em Estocolmo.

Tudo o resto podia esperar. O mundo podia esperar.

A música dos Abba terminou e foi substituída por *Fireworks*, das First Aid Kit.

Inclinaram os corpos para trás, esticaram as mãos para o tecto e cantaram em conjunto.

O cabelo loiro de Alice estava solto, o seu corpo movia-se com ritmo, de uma forma sensual, sem qualquer esforço consciente da parte dela, embora, provavelmente, soubesse muito bem quão bonita era. No momento seguinte, Faye puxou-a para si e beijou-a.

Os lábios de Alice estavam macios e húmidos. A sua língua tinha um sabor a menta e álcool. Pressionaram-se uma contra a outra e, quando Alice lhe mordiscou o lábio inferior, Faye sentiu uma espécie de choque eléctrico atravessar-lhe o corpo.

Faye virou a cabeça e viu que David voltara a sentar-se na poltrona e parecia enfeitiçado enquanto as observava sem dizer nada. Através do vestido, sentiu os mamilos erectos de Alice contra os seus. Estavam abraçadas e olhavam as duas para David com ar provocador.

Faye percebeu que Alice também queria aquilo, havia algo nos seus beijos que passara de brincadeira a avidez, de uma forma impossível de ser mal interpretada.

Aproximaram-se lentamente de David e pararam à frente dele. Faye colocou-se atrás de Alice, puxou-lhe delicadamente as alças do vestido para baixo, ao longo dos braços. O vestido deslizou suavemente pelo corpo da amiga e caiu numa pequena pilha aos seus pés, deixando-a nua entre David e Faye. David abriu a boca, mas não se mexeu, estava sentado

completamente imóvel, com o copo de *whisky* pousado na perna e o olhar fixo em Alice.

— Gostas dela? — perguntou Faye ao mesmo tempo que acariciava os mamilos de Alice.

Alice gemeu e encostou a cabeça ao ombro de Faye. Lentamente, Faye deixou as mãos vaguearem para baixo, até estarem entre as pernas de Alice. Encontrou-a molhada e acariciou-a da forma como ela própria adorava tocar-se.

— Gostas dela? — voltou a perguntar.

Alice ofegou e ficou ainda mais húmida sob as carícias dos dedos de Faye.

David assentiu com a cabeça, devagar. Tinha desabotoado as calças e agarrado o seu pénis completamente erecto, esfregando-o devagar com a mão direita. Faye continuou a acariciar Alice durante algum tempo, enquanto David movia a sua mão para cima e para baixo.

Alice deu um passo em frente, até junto de David, e sentou-se em cima dele, uma perna de cada lado das dele. Esfregou-se para a frente e para trás na sua coxa ao ritmo da música, ignorou o seu pénis e afastou-lhe a mão, forçando-o a largar o membro erecto. Em vez disso, começou a roçar-se contra ele, mas sem o deixar penetrá-la.

Faye contornou a poltrona e desabotoou os restantes botões da camisa de David. Passou os dedos à volta dos seus mamilos e beliscou-os com cuidado. Depois começou outra vez a acariciar os mamilos de Alice. Inclinou-se sobre David e beijou a amiga, os lábios e línguas molhadas das duas mulheres dançando enquanto Alice continuava a mexer-se para a frente e para trás, esfregando-se contra o sexo dele.

Ele parecia paralisado, completamente à mercê do poder das duas mulheres.

— Toca-lhe — sussurrou Faye, agarrando-lhe na mão e colocando-a sobre um dos seios da amiga.

Depois, ergueu-se e despiu-se toda, puxou Alice para si e beijou-a outra vez antes de lhe pressionar a cabeça para o meio das suas pernas. Alice fez que Faye gemesse e precisasse de se agarrar à parede para se manter equilibrada.

David olhou para ela com uma pergunta silenciosa no olhar, e Faye assentiu com a cabeça. Ele despiu-se rapidamente e colocou-se ao seu lado, em frente a Alice. Faye assentiu em resposta à questão implícita de Alice. Não sentia qualquer ciúme, era ela que estava a partilhar. A partilhar David, a partilhar Alice. Naquele preciso momento, ninguém possuía ninguém.

Alice estava de joelhos à frente deles e satisfazia ora um, ora outro. Faye olhou para David, sorriu suavemente, mordeu o lábio e agarrou o cabelo da amiga com mais força.

— Agora é a nossa vez. Tu podes ficar a olhar, anda.

Faye pegou na mão da amiga e puxou-a para o conjunto de sofás. Alice deitou-se de barriga para cima num dos sofás e Faye deitou-se em cima dela no sentido oposto, com a língua de Alice entre as suas pernas. Ela própria começou a lambê-la lentamente. Pelo canto do olho, viu David sentado ao seu lado, a mão a mover-se devagar, para cima e para baixo.

A sua visão ficou turva de prazer quando Alice a lambeu com mais força e, quando sentiu o orgasmo começar a vibrar ao longo do corpo, deixou-o explodir e soltou um grito. Faye parou de a lamber, rolou para o lado no enorme sofá e olhou para David com ar encorajador.

— Agora quero ver-te a ti com ela — disse-lhe.

David levantou-se e aproximou-se das duas mulheres.

Alice ergueu-se e colocou-se de gatas, as costas arqueadas para David, que a penetrou rapidamente. Faye sentiu a excitação sexual disparar em

ondas pelo corpo todo, enquanto David penetrava a amiga cada vez com mais força. Faye começou a acariciar-lhe o clítoris e sentiu o pénis de David bater na sua mão. Com a mão que tinha livre, acariciou os testículos dele, que estavam quentes e pesados.

— Gostas? — perguntou-lhe com a voz rouca, apesar de, pela expressão no seu rosto, a resposta ser completamente evidente.

Ao fim de algum tempo, Faye já não conseguia conter-se, também queria sentir David. Todo o seu baixo-ventre latejava, quente e húmido, de desejo. Colocou-se ao lado de Alice, na mesma posição que ela, e tomou o seu lugar. O êxtase levou-a a ver tudo como através de uma neblina: as luzes, os seus corpos nus, o fogo ardente.

As vozes e os gemidos.

Tudo parecia onírico.

Tinha a cabeça a andar à roda.

A boca de Alice à volta do seu mamilo erecto. Os dedos de Alice, que a acariciavam enquanto David a penetrava com uma intensidade tal, que uma dor agradável se espalhava por todo o seu corpo, até atingir cada uma das suas extremidades nervosas.

Faye disse coisas que nunca tinha dito antes, teve pensamentos que nunca lhe tinham atravessado a mente.

A seguir, estenderam-se no sofá, os três. Riram-se, a respiração ofegante. Doridos, transpirados, pegajosos, mas ainda com a excitação à tona da pele, prontos para mais.

Nalguns momentos da vida, uma pessoa esquece-se de que é humana, e é isso a essência da Humanidade, pensou Faye e fechou os olhos. Depois, sentiu os lábios da outra mulher descerem pelo seu corpo. Naquele momento, amava Alice. E amava David.

Fjällbacka — naquela altura

Os corpos do Tomas e do Roger foram engolidos pela superfície espumosa da água. Num momento, existiam os dois, agora eram apenas memórias, comida para os peixes. As correntes que passavam ali eram imprevisíveis e selvagens — se tudo corresse bem, os seus corpos nunca mais seriam encontrados.

Agarrei o leme e mantive o mesmo curso que o Roger tinha seguido.

O Sebastian saiu do camarote onde tinha estado a curar a bebedeira. Olhou à volta, ainda meio atordoado.

— Onde é que eles estão, o Roger e o Tomas? — perguntou-me com ar espantado.

Aproximou-se de mim e olhou-me fixamente.

— O que é que aconteceu? — insistiu. — Estás cheia de sangue à volta da boca.

Não tinha lavado a cara deliberadamente, tinha de assustar o Sebastian o suficiente para o silenciar.

Ele chamou pelo Tomas e pelo Roger e eu continuei a olhar para ele, completamente inexpressiva.

— Caíram os dois à água — disse-lhe, em voz baixa.

— O que é que disseste?

Fixei-o com o olhar e ele deve ter visto algo novo, algo assustador em mim. Encolheu-se.

— Bati-lhes com um remo e eles caíram borda fora — expliquei-lhe, e fiz um gesto com a cabeça na direcção do remo, que continuava no

mesmo sítio onde eu os tinha atacado. — O Roger caiu logo, mas o Tomas agarrou-se à borda, então mordi-lhe a mão até ele se soltar. É por isso que tenho sangue à volta da boca.

O Sebastian arregalou os olhos e deu um passo na minha direcção.

— Ambos sabemos perfeitamente que tu não tens coragem para fazer nada quando estás sozinho — disse-lhe calmamente. — Esses dias acabaram.

Ele parou meio metro à minha frente. Eu lambi os lábios e senti o sabor metálico do sangue do Tomas.

— Se alguma vez voltares a tocar-me, eu mato-te, Sebastian. Percebes o que estou a dizer? Já não sou tua para fazeres o que te apetece. E, se alguma vez contares a alguém o que aconteceu aqui, eu digo a toda a gente que foste tu que os empurraste borda fora e conto tudo o que aconteceu. E tenho provas das tuas violações.

A última afirmação era mentira.

O Sebastian murmurou alguma coisa, mas eu ignorei-o.

— A única razão para continuares vivo é porque a mãe te ama.

Tentei perceber se estava arrependida do que tinha feito. Tinha matado duas pessoas, mas, satisfeita, cheguei à conclusão de que só tinha feito aquilo a que fora obrigada. De maneira a sobreviver. Talvez tenha sido naquele instante que me tornei adulta.

O Sebastian olhou fixamente para mim. Porém, o ódio que antes tinha sido tão evidente desapareceu, ele parecia resignado. Derrotado.

— Agora vou explicar-te o que vais dizer quando chegarmos — disse-lhe. — Vais dizer à Polícia que eles caíram à água. Que nós voltámos para trás para os procurarmos, mas que o mar estava demasiado agitado. Percebes? Depois, vais repetir esta história todas as vezes que alguém perguntar, para o resto da tua vida.

— Estás bem, amor? Sem arrependimentos em relação à noite de ontem?

David olhou para ela com ar inquiridor enquanto lhe acariciava a mão com a ponta dos dedos. Faye apreciou a preocupação. Teria sido estranho se ele não a tivesse sentido. Não obstante, podia ser completamente sincera e franca ao responder-lhe:

— Nada de arrependimentos. Somos três adultos com vontade própria e eu amo-vos aos dois. Bem, de diferentes maneiras, claro… — Faye riu-se. — Mas pronto. Foi bonito. Foi amor. Foi respeito.

— Tu és maravilhosa — disse David, e Faye viu nos seus olhos que ele estava a ser totalmente sincero.

— Oh, só estás a dizer isso por dizer — respondeu, claramente à caça de elogios.

— Sabes perfeitamente que eu acho que tu és a mulher mais bela ao cimo da Terra, não sabes? Ou preciso de ser ainda mais claro em relação a isso?

— Acho que tens de ser ainda mais claro — respondeu Faye, e inclinou-se para a frente para o beijar.

David tinha algo que a deixava sedenta dos seus elogios. Sentia-se adorada quando ele a banhava com palavras de amor. E beijos. Faye não sentia qualquer insegurança em relação à noite que passara. David fizera amor com as duas, mas deixara sempre claro que era Faye que amava.

— Olha… — disse David um pouco hesitante. — Tínhamos falado de ir almoçar juntos, mas vou ter de viajar hoje, tenho de ir a Frankfurt. Coisas chatas de negócios. Preferia ficar aqui contigo, mas… mas também tenho de trabalhar.

— Claro que sim — respondeu Faye, e acariciou-lhe a mão. — Eu, melhor que ninguém, compreendo isso. Também vou precisar de passar algum tempo fora e não fazia sentido nenhum se não compreendesse que tu também tens de viajar.

— Tens a certeza?

David olhou-a com uma expressão ansiosa, e Faye sentiu o seu amor por ele aumentar com a consideração que demonstrava por ela. Na sua ingenuidade juvenil, pensara que Jack era o homem dos seus sonhos, mas David era uma coisa à parte; acima de tudo, não era Jack.

David levantou a mão dela na direcção dos seus lábios e beijou-a.

— Não há ninguém como tu, sabias? Esta noite, quando voltar, quero convidar-te para jantar. Vamos ao Frantzén, está bem?

Faye concordou e David beijou-a com uma intensidade que a deixou sem fôlego. Meu Deus, como amava aquele homem!

Faye secou melhor o cabelo com a toalha quando entrou no quarto e apertou o cinto do roupão. Já que não ia ter um almoço íntimo com David, queria aproveitar um pouco mais a manhã.

Naquele preciso momento, o telemóvel começou a piscar em cima da cama. Era uma mensagem escrita de Ylva. Faye abriu-a.

«Vem para o escritório, o Henrik está aqui. Afinal, comprou mais acções que só reportou agora. Já tem a maioria.»

Faye vacilou, quase deixou o telemóvel cair no chão. Não podia ser verdade, como raio podia aquilo ter acontecido?

Vestiu-se rapidamente, maquilhou-se ainda mais depressa e atirou-se para dentro de um táxi. Quando chegou ao escritório, ninguém se atreveu a olhá-la nos olhos. Alice recebeu-a na recepção e sorriram uma para a outra de relance, antes de a seriedade da situação voltar a dominá-las.

— Ele está no teu gabinete — disse-lhe Alice. — Não te vou acompanhar, por motivos óbvios. Mas a Ylva está lá, à porta, à tua espera.

Faye assentiu, apertou a mão com força à volta das alças da sua mala *Chanel* e inspirou profundamente antes de apanhar o elevador para o último andar. Quando as portas do elevador se abriram, Ylva estava à sua espera.

— Não acredito que ele tem o descaramento de vir aqui tão em cima de ter conseguido a maioria — disse Faye. — É inacreditável!

— Não o deixes perceber como te estás a sentir — disse Ylva. — Vou tentar salvar o que ainda pode ser salvo. E lembra-te: temos sempre o Plano B.

— Está bem — respondeu Faye, decidida e com uma mão no ombro de Ylva.

Encorajadora, Ylva fez que sim com a cabeça e desapareceu no seu gabinete. Pelo canto do olho, Faye viu como ela se atirou sobre uma pilha de papéis espalhados em cima da secretária.

Devagar, sem pressa, controlando-se conscientemente, Faye caminhou em direcção ao seu gabinete, que ficava no canto mais distante daquele andar. Viu Henrik através das paredes de vidro e reparou que ele também já a vira. Endireitou os ombros e levantou a cabeça, obrigou-se a respirar tranquilamente. Não podia perder a compostura. Não podia dar-se ao luxo de demonstrar qualquer sentimento, mesmo que uma parte dela não quisesse mais nada para além de ir ter com Henrik e apagar aquele sorriso de satisfação da sua cara com um golpe bem direccionado da pesada mala de couro que levava na mão e que, ainda para mais, até tinha uns rebites metálicos.

Em vez disso, entrou serena e pacatamente no seu espaçoso gabinete.

— Olá, Henrik — disse com um aceno da cabeça. — Parece que já te puseste à vontade.

Henrik não retribuiu o aceno, mas sorriu-lhe abertamente.

— A primeira coisa que vou fazer aqui é livrar-me de todos os móveis e redecorar tudo. Meu Deus, quem é que contrataste como decorador? A rainha do gelo de Narnia? Branco, branco, branco. Estéril e frio. Tal como tu.

Faye sentou-se numa cadeira das visitas, pendurou a mala nas costas da cadeira, alisou a sua saia de seda *Dolce & Gabbana* e, descontraída, pousou as mãos entrelaçadas em cima das pernas.

— Sim, tenho de reconhecer que não transmite a mesma sensação aconchegante que tu preferes. Isso seria o quê? Um bar de canto? Galhardetes com emblemas de clubes de futebol nas paredes e uma enorme cabeça de alce embalsamada que insistirias ter sido tu a caçar, mas que, na verdade, terias comprado nalgum leilão da Bukowskis? Estás a ver, vai ser difícil fazer isso aqui, tendo em conta que as paredes são todas de vidro, mas talvez consigas resolver o problema com uma enorme ventosa na parte de trás.

Faye riu-se e apercebeu-se de que isso deixara Henrik muito irritado. Nos dois anos que haviam passado desde que vira Henrik pela última vez, a linha do seu cabelo recuara significativamente.

— Sabes uma coisa, quando a luz recai na tua cabeça, deste ângulo específico, não te favorece lá muito. Mas conheço várias pessoas que conseguiram óptimos resultados na clínica Poseidon. Eles rapam o cabelo, escolhem uma zona da nuca de onde retiram folículos capilares e depois enxertam-nos onde estás a ficar calvo. Resultados mesmo muito bons.

Faye pôs os dois polegares para cima e Henrik agarrou-se com força ao tampo da mesa. Por momentos, pareceu que ia explodir. De onde estava sentada, Faye não conseguia ver a sala atrás de si, mas imaginou que a equipa estava toda a fingir que trabalhava enquanto tentavam adivinhar

o que estaria a acontecer dentro do seu gabinete. Aquele que, em breve, seria de Henrik, pensou Faye, sentindo-se imediatamente nauseada.

— Sei perfeitamente o que estás a tentar fazer — disse Henrik com um esgar. — Estás a tentar levar-me a perder a cabeça, tal como fizeste com o Jack. Estragaste-lhe a vida, Faye. Roubaste-lhe tudo. Sim, sei perfeitamente das tuas mentiras sobre ele e não acredito numa única palavra. O Jack não era assim. O Jack era… eu sei que estás a mentir.

Henrik sibilou entre dentes e Faye engoliu em seco. Controlou o impulso de lhe responder, ácida, que ele não tinha qualquer capacidade para julgar aquilo de que Jack era ou não capaz. Principalmente no que dizia respeito ao que ele fizera contra a própria filha. Porém, sabia que seria inútil, Henrik não estava ali para lhe dar ouvidos.

— Roubaste tudo ao Jack. E também me roubaste tudo a mim.

— Pareces ter-te saído bastante bem, ainda assim — respondeu Faye amargamente e olhou de cima a baixo para o seu fato *Armani* feito à medida e para o relógio *Patek Philippe Nautilus*.

— Mas não foi graças a ti — retorquiu Henrik.

Faye encolheu os ombros.

— Sempre gostaste de te fazer de vítima, Henrik. Já quando andávamos na faculdade era a mesma coisa. Era sempre tudo culpa de outra pessoa.

— Achas mesmo que estás em posição de ter essa atitude comigo, Faye?

— Faz diferença que atitude tenho? Muda alguma coisa?

Henrik sorriu, inclinou-se para trás na cadeira e colocou os pés em cima da secretária. Olhou para ela com ar satisfeito.

— Não. Nenhuma diferença, na verdade. Estou a fazer o que tinha planeado fazer. Aliás, já está feito. Sou accionista maioritário e vou propor um novo Conselho de Administração, sem ti, assim que possível.

Faye abriu os braços.

— Então parabéns. Estás quase a conquistar a Revenge. Podes ficar já com o gabinete, é teu. Mas tens alguma visão, sabes alguma coisa sobre como gerir uma empresa deste tipo?

Henrik endireitou-se na cadeira.

— Faye, o teu problema é seres uma concha vazia. És só uma casca, e não há nada de valor por baixo. O Jack sabia disso e eu também sei. Toda a gente à tua volta se apercebe desse facto assim que te conhece minimamente. Podes ser capaz de enganar as pessoas durante algum tempo, mas, mais cedo ou mais tarde, todas percebem quem tu és. Ninguém consegue amar-te de verdade, Faye.

Henrik riu-se, satisfeito. Os seus olhos brilhavam e Faye teve uma nova visão dos rebites da sua mala a rasgarem-lhe a pele cheia de manchas avermelhadas.

Em vez disso, levantou-se lentamente e sentou-se no canto da secretária. Percebeu que Henrik ficou incomodado e viu que até recuou alguns centímetros com a cadeira.

— Eu percebo de onde vem essa tua necessidade de te afirmares, Henrik. A Alice contou-me tudo. Mas, hoje em dia, até para isso há operações que se podem fazer. Pelo menos um ou dois centímetros é possível acrescentar. Talvez devesses ponderar essa hipótese. Porque a minha empresa, essa, nunca vais poder usar como extensor do teu pénis.

Sorriu maliciosamente para Henrik, levantou-se, pegou na mala e saiu do seu antigo escritório.

Atrás de si, ouviu algo partir-se com estrondo. Henrik atirara alguma coisa contra a parede de vidro. Faye sorriu, 1-0 a favor dela. Conseguira manter a compostura, ele não. Agora só restava ter esperança de que não fosse uma vitória pírrica.

O calor não dava tréguas. Faye deixou o escritório na Rua Birger Jarlsgatan e caminhou em direcção à Praça Stureplan, para almoçar sozinha. Depois do que acabara de acontecer, precisava de se concentrar, reorganizar as ideias. A Revenge estava perdida, mas, se tudo corresse bem, seria apenas uma situação temporária, Ylva parecia depositar toda a confiança no Plano B.

Faye sempre tivera dificuldade em concentrar-se se ficasse sentada entre quatro paredes, precisava de estímulos externos, de ver outras pessoas, de as ouvir.

A época turística aproximava-se do seu pico. Grupos de turistas asiáticos vagueavam pela cidade e, por vezes, Faye invejava-os. Estocolmo era linda, amava aquela cidade, mas já não conseguia apreciá-la como quando ali chegara pela primeira vez, vinda de Fjällbacka. Os olhos habituavam-se, já não reagiam com o mesmo deslumbramento à beleza circundante.

Chegou à Praça Stureplan e, enquanto ponderava aonde ir, ficou parada durante algum tempo por baixo da enorme escultura em forma de cogumelo.

A esplanada do restaurante Sturehof estava lotada e, apesar de não ter nada contra sentar-se na sala interior, preferia não arriscar encontrar-se com alguém que conhecesse. Não agora, quando os rumores sobre ter perdido o controlo da Revenge com certeza já estariam a espalhar-se como um incêndio florestal. Continuou a caminhar em direcção à Avenida Strandvägen, passou pelas lojas de luxo sem olhar para as montras, sentiu como a caminhada ajudava o seu cérebro a despertar. A água na pequena

baía de Nybroviken brilhava ao sol, com os cais cheios de gente. Parou numa passadeira para atravessar a estrada.

Sentia-se vazia. A breve euforia que sentira por ter conseguido humilhar Henrik desaparecera. Em vez disso, não sentia nada. Procurou pela sua raiva, pela escuridão, pelas águas turvas no seu interior. Porém, só encontrou um vazio nas profundezas. Isso surpreendeu-a, chocou-a. Sabia como lidar com a raiva, mas não sabia como lidar com o nada.

Estava habituada a lutar, fora obrigada a fazê-lo desde pequena. Ultrapassara todos os limites impostos por pessoas, pelo sistema judicial, pela lógica. Por leis e pela moral. Ultrapassara-os sem pestanejar, mas agora sentia-se perdida. Não se reconhecia e não sabia como lidar com uma Faye que não fervilhava até explodir.

Sentiu o telemóvel vibrar no bolso, devia ser Ylva, mas Faye ainda não se sentia pronta para aquela conversa. E havia algo que Henrik dissera no escritório que a atormentava, mas não conseguia identificar exactamente o quê. Estava ali quase à superfície, mas, ao mesmo tempo, fora de alcance na água turva. Algo que ele dissera e que Faye devia ter apanhado.

O semáforo para os peões ficou verde. Enquanto atravessava a estrada, lançou um olhar para um dos carros parados, um táxi. Através do pára-brisas, atrás do condutor, viu dois rostos que reconhecia. David e Johanna Schiller. Desviou o olhar e apressou-se a atravessar, alcançou o passeio do outro lado e ficou parada. O semáforo ficou verde para os carros e o táxi seguiu caminho. Faye sentiu o coração bater aceleradamente no peito.

Tê-la-iam visto?

Antes de Faye deixar o escritório, enviara uma mensagem a David a perguntar-lhe se ele teria possibilidade de voltar da sua viagem de negócios um pouco mais cedo, queria contar-lhe sobre a aquisição, sobre Henrik, e pedir-lhe conselhos sobre como deveria proceder a partir dali.

Queria apoiar-se nele, tanto física como emocionalmente, encostar a cabeça no seu ombro, ouvir a sua voz relaxante ao ouvido.

Porém, ele respondera-lhe que, infelizmente, não era possível, precisavam mesmo de completar algumas coisas, só poderiam encontrar-se quando ele chegasse a casa, ao fim da noite. Não mencionara uma palavra sobre Johanna. Escapara-lhe alguma coisa?

Com as mãos a tremer, Faye pegou no telemóvel e releu rapidamente a conversa. Não, dizia claramente que só voltaria para Estocolmo muito tarde. Talvez tivesse sido uma emergência! Talvez uma das filhas tivesse ficado gravemente doente, ou ferida, e ele fora obrigado a voltar para casa com urgência. Seria por isso que estava agora sentado no mesmo táxi que Johanna?

Faye viu a cara de Ylva à sua frente, ouviu de novo as suas palavras.

«O que sabes sobre ele, ao certo?»

Merda para Ylva. Merda para David. Merda para Henrik.

Apertou os punhos com tanta força, que cravou as unhas nas palmas das mãos.

Havia centenas de explicações possíveis, não podia exaltar-se agora, antes de conhecer todos os factos. Faye amava David, tudo era tão simples com ele, queriam aproveitar a vida juntos. Não limitar-se um ao outro. Poderia isso ter deixado Faye completamente cega? Estaria a enlouquecer?

Como se estivesse em transe, procurou um banco de jardim livre no Parque Berzelii e ficou a olhar para os clientes alegres dentro do restaurante Berns.

No mesmo momento, o seu telemóvel apitou. Faye pegou nele, viu o nome de David no pequeno monitor. Que alívio, agora tudo teria uma explicação. Era evidente que tinha havido alguma emergência.

No entanto, quando abriu a mensagem e leu o que lá estava escrito, foi

como se lhe tivessem espetado uma faca na barriga.

«Tenho saudades tuas e mal posso esperar por esta noite, que inferno é estar longe de ti, sinto falta tanto de estar em Estocolmo como contigo.»

Apenas. Apenas aquelas palavras que já lera tantas vezes antes e das quais nunca duvidara.

À sua volta, viu como as pessoas continuavam a movimentar-se, a caminho de algum lugar, a caminho de alguém. De repente, desejou ser uma delas. De repente, desejou não ser a Faye.

Com as mãos a tremer, abriu a aplicação do Instagram, procurou pelo nome de Johanna Schiller e estudou o conteúdo. Um alcoólico sentou-se ao seu lado, abriu uma lata de cerveja e começou a beber.

— Bonito dia — disse o homem.

— Acha que sim? — comentou Faye secamente.

O homem riu-se.

Faye continuou a percorrer as fotografias até à semana em que ela e David se conheceram. Demorou algum tempo, Johanna fazia publicações com bastante frequência. Alguns dias tinham três ou quatro fotografias. Muitas delas eram de David. Num molhe, a uma mesa de jantar, num restaurante, num churrasco. David sorridente, a rir, a abraçar as filhas, a beijar Johanna no rosto. Crianças felizes. Pores-do-sol. Refeições elegantes.

Faye ficou pasmada. Leu os textos que acompanhavam as imagens.

«Jantar com os meus amores.»

«O meu marido surpreendeu-nos com lasanha caseira.»

«Churrasco com a família.»

«Minifférias na costa oeste.»

Tudo seguido de, pelo menos, cinco ou seis *emojis*.

Faye retirou o computador portátil da mala, ligou-o, abriu o calendário

e comparou as datas. David nunca lhe dissera que tinha estado na costa oeste. Naquelas mesmas datas, dissera-lhe que estava numa viagem de negócios. E, de acordo com a conta de Instagram de Johanna, não estavam no meio de um conflituoso processo de divórcio, pelo contrário, pareciam ter uma relação idílica. Claro que as redes sociais podiam ser muito enganadoras, era fácil projectar uma imagem que não era minimamente real, embelezada, distorcida — mas aquilo?

O coração batia-lhe cada vez com mais força no peito e o seu estômago enrolou-se em nós ao recordar-se dos últimos tempos com Jack.

Procurou o número de David no telemóvel, precisava de falar com ele, ouvir a sua voz, ouvir uma explicação. Tinha de haver algo errado.

Foi recebida pelo atendedor de chamadas.

Escreveu uma mensagem, pediu-lhe para ele lhe ligar de volta o mais depressa possível.

Quão cega tinha sido?

O que a levara a não atender as chamadas de Johanna ou a não dar ouvidos a Ylva? A não conferir a conta de Instagram mais cedo? Como era possível ter andado tão cega e surda? Outra vez?

Levantou-se. Sabia onde ficava o escritório de David, pelo menos, onde ele dissera que ficava. Será que existia mesmo? Apressou-se a atravessar o Jardim Berzelii, contornou o restaurante Berns e continuou em direcção à zona de Blasieholmen, onde ficavam as empresas financeiras mais reconhecidas de Estocolmo. O seu telemóvel tocou, Faye quase saltou, agarrou-o rapidamente com a esperança de que fosse David, mas não. Era Ylva.

— Diz? — atendeu, irritada.

— Preciso de falar contigo.

— Não estou com cabeça para falar da Revenge agora, dá-me uma hora

ou duas para digerir isto.

— Sim, no que diz respeito à Revenge temos de nos encontrar e estabelecer um plano de acção, ver o que podemos fazer para não perdermos o controlo da empresa. Mas não é sobre isso que preciso de falar contigo agora.

— Por favor, Ylva, a sério que não é mesmo boa altura.

— É sobre o David. E acho que vais querer ver isto. Talvez não acredites em mim, mas pediste-me para analisar a proposta dele, as finanças, tudo. Foi a isso que me dediquei nos últimos dias. Está tudo aqui, e os números não mentem, os números não julgam.

Faye parou de andar. Olhou para a água, para as belas fachadas do século dezanove. Tudo era tão belo! Como podia ser tudo tão belo quando se encontrava no meio de um pesadelo?

— Onde é que estás? — perguntou.

— Não podia ficar no escritório depois de o Henrik lá ter estado, sabe-se lá quando é que ele nos expulsa, por isso, vim para casa da Alice.

— Vou aí ter — respondeu Faye.

— Estás bem?

— Não sei — sussurrou Faye.

— Não sei mesmo.

— Onde estás?

>— No Jardim Berzelii.

— Fica aí, vou buscar-te.

Em casa de Alice, havia pilhas de documentos em cima da secretária do escritório, que Ylva tinha à sua disposição desde que se mudara para a enorme vivenda. Puxou uma cadeira, empurrou Faye com firmeza pelos ombros e sentou-se ao lado dela.

Não tinham trocado uma única palavra no táxi.

— Obrigada — murmurou Faye.

Ylva olhou-a fixamente.

— Não tens nada que me agradecer. Terias feito o mesmo por mim. Mas o que aconteceu? Bem, para além do óbvio massacre por que passámos hoje de manhã. Mas é mais qualquer coisa, queres falar sobre isso?

Faye suspirou profundamente.

— Podes abrir uma janela? Preciso de ar…

Ylva anuiu e foi até à janela. Hesitante, meio a arrastar-se, Faye disse:

— Começo a acreditar que tinhas razão naquilo que disseste. Não sei… merda, já não sei nada.

Ylva estudou-a, sem compreender.

— De que é que estás a falar?

Faye passou um dedo ao longo do tampo da mesa. Não sabia por onde começar, a vergonha queimava-a por dentro.

Aclarou a garganta antes de prosseguir.

— Durante todo este tempo, o David continuou com a Johanna como se não se passasse nada. Sinceramente, nem sei dizer se ele alguma vez sequer pensou divorciar-se dela. Todas aquelas histórias de que estava a lutar por nós, para podermos estar juntos… acho que foi tudo mentira. Estiveram

juntos em Marstrand quando ele me disse que tinham ficado em Saltsjöbaden, a discutir o fim-de-semana todo. Estiveram os dois com as filhas em Liseberg, quando ele me tinha dito que estava numa viagem de negócios em Tallinn.

Não conseguiu conter as lágrimas.

— Desculpa, Ylva. Pela forma como te tratei quando tentaste alertar-me. Sei que só estavas a pensar no melhor para mim, que querias proteger-me.

Ylva aproximou-se mais de Faye e empurrou a sua cabeça contra o ombro da amiga.

— Ninguém quer ouvir esse tipo de coisa sobre alguém que ama — disse-lhe. — E eu não sabia, não fazia a mínima ideia. A única coisa de que tinha a certeza era que ele estava a exagerar sobre o comportamento irracional da Johanna.

— Não percebo como pude ser tão cega. Tão estúpida.

Faye soluçava. Ylva acariciou-lhe o cabelo e embalou-a.

Finalmente, Faye conseguiu limpar as lágrimas do rosto. Com um suspiro, colocou uma mão em cima da pilha de documentos à sua frente.

— O que é que isto diz? Parto do princípio de que são más notícias.

Ylva aclarou a garganta e, pela cara que fez, Faye percebeu que a amiga estava com medo de a magoar.

— Deita tudo cá para fora — disse-lhe. — Eu aguento.

— O David Schiller está prestes a entrar em falência. Tu e a Revenge foram pensadas como uma espécie de tábua de salvação. Na verdade, é ainda pior do que isso. Está tudo ligado.

Depois, continuou a explicar-lhe o que se passava.

Fjällbacka — naquela altura

No porto, havia uma cabine telefónica. Enquanto o Sebastian ancorou, eu corri para lá, peguei no telefone e liguei para o número das emergências. Meia hora mais tarde, o pontão estava apinhado de gente. Alguém tinha contactado o jornal local, e um repórter e um fotógrafo do *Bohusläningen* andavam de um lado para o outro, à espera de poderem falar connosco.

Circulavam à minha volta e do Sebastian como tubarões que aguardam as presas, mas os polícias pediram-lhes que esperassem até que conseguíssemos explicar-lhes o que tinha acontecido. Eu devia parecer tão assustada, tão pequena, mas, por dentro, sentia-me orgulhosa. O Sebastian estava pálido como um cadáver, e eu nunca saí de ao pé dele. Os polícias e as restantes pessoas devem ter pensado que me mantinha perto dele porque estava com medo, mas o meu único objectivo era certificar-me de que o meu irmão continuava a contar a história que eu tinha elaborado.

— Então eles caíram borda fora? — perguntou um dos polícias.

O Sebastian fez que sim com a cabeça.

— Virámos o barco e voltámos para trás, mas já não havia sinal de nenhum dos dois — murmurou.

Os agentes trocaram olhares cansados. Não mostraram qualquer desconfiança, apenas pesar e resignação.

— Nunca deviam ter ido para o mar com este tempo — disse o agente, e virou as costas.

— Desculpe — sussurrei. — Só queríamos vir para casa. Foi o Tomas que quis ir.

Por fim, foi a vez do repórter, que preferiu falar comigo e não com o Sebastian. Talvez porque eu tinha um ar mais inocente, despertava mais empatia junto dos leitores. Durante a entrevista, o fotógrafo foi-me tirando fotografias.

— Recuso-me a acreditar que eles tenham morrido. Espero que os encontrem depressa — disse-lhe, e tentei parecer o mais infeliz possível.

Faye caminhou lentamente ao longo da Rua Humlegårdsgatan, com os óculos de sol a servir de escudo entre si e o mundo exterior. Era uma situação surreal, as pessoas, as gargalhadas, a alegria à sua volta. Como era possível estarem tão despreocupadas? O seu mundo acabara de estilhaçar-se em mil pedaços e o seu futuro estava num limbo completo.

David e Henrik estavam a trabalhar juntos. Tinham conseguido manter essa relação secreta, mas não o suficiente para impedir que Ylva, com algum tempo, teimosia e precisão, conseguisse encontrar as pistas. De certa forma, tinham sido desleixados. Tal como Ylva dissera, a fraqueza de Henry era ser descuidado. Elas já sabiam que planeara anunciar várias das aquisições ao mesmo tempo, numa tentativa de transformar a sua nova maioria numa surpresa e, o mais depressa possível, propor um novo Conselho de Administração.

O que Ylva conseguira desvendar antes de os novos accionistas maioritários se tornarem oficiais, foi que David era um dos investidores por detrás de Henrik. Também isso fora descuidadamente ocultado por uma empresa registada em Malta. Porém, após todas as informações trazidas a público ao longo dos últimos anos, Malta, ao contrário do que acontecera no passado, já não era a mesma residência segura para as empresas que queriam fazer o chamado planeamento tributário ou que pretendiam esconder alguma coisa. Mais um erro da parte de Henrik.

Não obstante, não fazia muita diferença. Os seus erros só levaram a que elas descobrissem a relação entre David e Henrik. Não as levara a nada que pudesse ajudá-las a impedir que perdessem o controlo da Revenge.

E agora Faye já descobrira o que a inquietava desde a discussão com Henrik, no escritório. Ele sugerira-o logo ali, na altura. Dissera-lhe que ninguém poderia amá-la verdadeiramente.

Faye não precisava de procurar um motivo oculto para as acções dos dois homens. Henrik queria restaurar a sua masculinidade ferida, o que, ironicamente, passava por querer recuperar algo que nunca tivera. E David? Muito simplesmente: dinheiro. E poder. Para ele, Faye não passara de uma ferramenta para conseguir as duas coisas. Compreendia isso agora. Fora através de informações que David descobrira ao entrar no computador dela que Henrik conseguira obter acesso a várias das pessoas que lhe tinham vendido as suas acções mais recentemente. Faye sentia-se completamente desligada.

Pegou no telemóvel e escreveu uma mensagem para David.

«Liga-me, por favor. Temos de falar sobre uma coisa.»

Estava tudo destruído. Faye perdera o controlo sobre a Revenge e perdera David. Ou melhor, perdera a pessoa que pensara que ele era. Perdera algo que nunca existira, o que deveria ser impossível de lamentar. Todavia, para Faye, tinha sido real.

O telemóvel vibrou na sua mão.

«As coisas complicaram-se aqui em Frankfurt. Vou ter de cá ficar durante alguns dias. Tenho saudades tuas.»

Faye engoliu em seco várias vezes. Depois decidiu-se: ia vender tudo e deixar a Suécia para sempre. Retirar-se da vida pública. Julienne estava em Itália, era lá, ao lado dela, que pertencia. Após a traição de David e o facto de que, em breve, a Revenge lhe escaparia por entre os dedos, não havia motivos para continuar.

Regressaria ao apartamento, arrumaria as suas coisas e voltaria para junto de Julienne. Ia deixar os advogados tratarem da venda das suas acções na

Revenge. A expansão para o mercado norte-americano já não era nada com que precisava de se preocupar. Em breve, seria uma responsabilidade de Henrik. Nunca mais voltaria a pôr um pé na Suécia. Na verdade, nem queria voltar ao apartamento, mas a fotografia de Julienne com a sua mãe estava escondida numa bolsa de plástico atrás da banheira. Era uma prova de que tanto a filha como a mãe estavam vivas. Não podia deixar a Suécia sem a levar consigo.

David deixara várias coisas no apartamento, mas Faye nem forças tinha para as atirar para a lareira.

E Ylva e Alice? Talvez ficassem desiludidas com ela, mas, se ficasse ali, arriscavam-se apenas a ser arrastadas pela lama juntamente consigo. Ficariam muito melhor sem ela.

Inseriu o código de segurança da porta do prédio e abriu-a. Teve de esperar algum tempo pelo elevador. Entrou e puxou a grade atrás de si, viu os andares passarem à sua frente. Preparou-se mentalmente, faltavam apenas alguns minutos, depois estaria sentada num táxi a caminho do aeroporto.

O elevador parou.

Faye foi directamente para a sua porta, os saltos altos a bater contra o chão. Colocou a chave na fechadura e rodou-a. No mesmo instante, ouviu um som arrastar-se atrás de si e sentiu o metal frio contra o pescoço.

Virou-se lentamente. Sentiu que era Jack ainda antes de o ver. Como sempre fora capaz de fazer.

Quarta Parte

Pelo menos uma pessoa morreu num incêndio numa casa de Verão, nos arredores de Köping, na quarta-feira à noite. Quando os bombeiros chegaram ao local, a casa já estava tomada pelas chamas.

«Este tipo de casa de madeira mais antiga geralmente tem sistemas eléctricos de baixa qualidade. Não é raro ser um curto-circuito a causa deste tipo de incidente», declarou Anton Östberg, do serviço de emergências da região de Västra Mälardalen.

A identidade da pessoa falecida ainda é desconhecida, assim como se haverá mais vítimas mortais.

«A investigação acaba de ser aberta, mas a maior parte dos indícios apontam para um acidente trágico», afirmou Gun-Britt Sohlberg, da Polícia de Köping.

Retirado do jornal *Aftonbladet*, de 27 de Junho.

A ponta da faca estava agora apontada ao peito de Faye, e a boca de Jack curvada num sorriso triunfante e desdenhoso.

— Abre a porta — disse ele. — Senão corto-te o pescoço com esta faca.

O coração batia violentamente no peito de Faye.

Fez o que Jack lhe disse e destrancou a porta e a grade de segurança. Jack empurrou-a para dentro do apartamento e trancou as portas atrás de si. Não havia por onde fugir.

Foi empurrando Faye à sua frente e forçou-a a sentar-se no sofá, puxou a sua mala e vasculhou o conteúdo antes de a despejar em cima da mesa de centro.

— Enganaste-me, enganaste toda a gente. Destruíste a minha vida, eu sei que não matei a nossa filha. Não sei como fizeste, mas ela está viva, tem de estar viva. Tu tens a minha filha nalgum lado.

Faye nem conseguiu responder. Estava paralisada, quase indiferente perante o que estava a acontecer. Jack aparecera tão inesperadamente, que ela ainda não conseguia acreditar que a situação era real, que ele estava mesmo ali.

— Vou encontrar a Julienne para provar a toda a gente que tu me incriminaste. Quando tiver acabado contigo, o mundo inteiro vai perceber a cabra mentirosa que és.

Falava depressa e violentamente, quase de forma maníaca, enquanto andava de um lado para o outro da sala. O seu cabelo estava oleoso e as roupas sujas. A elegância que tanto a impressionara no passado, completamente erradicada.

Jack pegou no telemóvel de Faye e começou a percorrer as fotografias. Ela aguardou calmamente, sabia que não havia nenhum rasto de Julienne ali.

— Podes procurar onde quiseres — disse-lhe. — Não tenho nada a esconder-te.

Como Jack não encontrou aquilo que procurava, atirou o telemóvel para o chão, correu para o sofá e ficou com a cara praticamente colada à de Faye.

— Fizeste com que eu fosse condenado pelo homicídio da minha própria filha! — gritou-lhe. — Toda a Suécia, a minha família, os meus amigos, toda a gente pensa que sou um monstro. Um assassino de crianças!

A saliva atingiu o queixo de Faye.

— Sabes a que é que nos sujeitam na prisão? Eu vou encontrá-la e provar o que tu fizeste! Vou tirar-te tudo, tal como tu me tiraste tudo a mim!

A reacção de Jack fez que Faye se sentisse cada vez mais confiante, apesar de perceber que a sua vida corria perigo. As suas palavras continuavam a atingi-lo, pelo menos, acreditava e tinha esperança de que fosse verdade. Se conseguisse influenciá-lo, poderia sair dali viva.

Jack forçou-a a ficar meio deitada no sofá, levantou a faca e encostou-a lentamente ao seu rosto. Faye apertou os lábios com força e obrigou-se a olhá-lo nos olhos.

— Devia cortar-te a cara toda — sibilou Jack. — Custaste-me tudo.

O seu coração estava prestes a explodir, mas Faye não se mexeu um centímetro.

— Tive saudades tuas — segredou.

A sua voz soou tão sincera, que até ela se perguntou se estaria a mentir ou não. Por alguns segundos, pareceu-lhe que ele cedera.

— Jack, sou eu. A Faye. Tu amas-me, eu nunca teria feito o que fiz se tu não me tivesses deixado, se não me tivesses humilhado.

Jack olhou para ela com ar inquiridor, quase carinhoso.

No momento seguinte, levantou o braço esquerdo e deu-lhe um soco na cara.

— Tu nem sequer te chamas Faye. O teu nome é Matilda. Prometi ao teu pai que, quando já não precisasse de ti, lhe daria o prazer de te matar por aquilo que lhe fizeste.

— De que é que estás a falar?

Faye passou a mão pelo rosto e encolheu-se. O coração continuava a galopar.

— Sabes perfeitamente de que estou a falar. Eu estive na mesma prisão que ele, sei o que aconteceu em Fjällbacka, como lhe roubaste tudo, tal como fizeste comigo. Depois fugiste para Estocolmo. Pensavas que podias começar de novo.

— Isso não é verdade — disse Faye, e tentou acalmar-se. — Estás enganado.

Jack bateu-lhe de novo, desta vez na barriga. Faye ficou sem ar e enrolou-se sobre si mesma, em posição fetal.

— Por favor, Jack — ofegou. — Não sei de que estás a falar, alguém te enganou. Não é o que estás a pensar.

Jack levantou-se e recomeçou a andar de um lado para o outro. Faye olho-o, hesitante. Acreditaria nela?

— Achas que foi uma coincidência eu e o Gösta termos fugido juntos? Conhecemo-nos na prisão, eu prometi-lhe que, se encontrasse uma maneira de fugir, o levava comigo. E parece que ele também tem assuntos por resolver contigo…

Jack fez um sorriso de desprezo.

— Quando soubemos que íamos ser transportados juntos, percebi que era

a nossa oportunidade de ouro. Um guarda que precisou de mijar… e estávamos fora.

Faye fechou os olhos durante alguns segundos antes de se obrigar a olhar outra vez para Jack.

— Foge daqui, Jack — disse-lhe. — Só estás a tornar tudo pior. Não vou contar à Polícia que estiveste aqui, posso dar-te dinheiro para que consigas fugir para o estrangeiro e recomeçar a tua vida. Eu amo-te, Jack. Sempre te amei. Não há nenhum homem como tu, nunca ninguém conseguiu ocupar o teu lugar.

Ambos se sobressaltaram quando o telemóvel de Faye começou a tocar. Jack apanhou-o do chão e olhou para o visor. Era um número bem conhecido.

— É a Polícia — disse Faye. — Ligam-me todos os dias para confirmar se está tudo bem comigo.

Sem qualquer expressão no rosto, Jack estendeu-lhe o telefone.

— Atende. Diz que está tudo bem. Se tentares, de alguma maneira, dar a entender que estou aqui, espeto-te a faca na barriga — disse-lhe, e passou a ponta da lâmina logo abaixo do seu peito.

Faye atendeu a chamada e accionou o altifalante. Jack agachou-se à sua frente, com a faca apontada para ela.

— Estou? — atendeu.

— Olá, daqui fala o Oscar Veslander, da Polícia de Estocolmo — ouviu-se uma voz.

Faye inspirou profundamente.

— Estamos a fazer a chamada diária para saber se está tudo bem.

Faye olhou para Jack sem conseguir reconhecer o homem com quem partilhara a vida. Quem era aquela pessoa?

— Sim — respondeu, e Jack fez que sim com a cabeça. As suas mãos deslocaram-se mais para baixo, para as coxas de Faye. — Está tudo bem.

Jack rasgou-lhe a camisola com um corte da faca. Ela tremia.

— Onde é que se encontra?

Faye cerrou os maxilares e tentou afastar-se para trás, para evitar a ponta da lâmina.

— Estou sim?

Olhou para baixo, Jack continuava completamente inexpressivo.

— Estou em casa, estou aqui a trabalhar — conseguiu responder sem emoção.

— Infelizmente, não temos notícias sobre o seu ex-marido, mas garantimos que estamos a fazer todos os possíveis para o encontrar.

— Óptimo, ainda bem. Eu sei que estão a fazer o vosso melhor.

A voz tremeu-lhe.

Se Faye não sabia isso antes, agora tinha a certeza: Jack estava louco.

Completamente imprevisível. Poderia muito bem decidir matá-la naquele momento. Faye tinha de sair dali.

— Então, tenha um bom dia. E ligue-nos se tiver alguma questão.

— Obrigada, igualmente.

Faye desligou a chamada e baixou os olhos para Jack.

Ele levantou-se devagar, sem desviar o olhar. De repente, e sem qualquer aviso, bateu-lhe mais uma vez, e Faye caiu, encolhida, no sofá. Jack arrancou-lhe o telemóvel da mão e ela olhou-o.

— Jack, tens de desaparecer daqui agora. Foge. Senão a Polícia vai apanhar-te. Juro que não vou dizer nada a ninguém, não vou contar que estiveste aqui nem o que fizeste.

Jack não respondeu.

Tudo o que se ouvia era a sua respiração pesada. Sentou-se à frente dela, agarrou numa madeixa do seu cabelo, puxou-a até ao nariz e inspirou profundamente.

— Tive saudades do teu cheiro. Apesar de tudo o que me fizeste, senti a tua falta. És o amor da minha vida. Mais ninguém significou nada, percebes isso? Percebes que só fiz o que fiz porque podia? Porque as mulheres se atiravam aos meus pés. E eu era fraco. Mas, na verdade, só tu significaste alguma coisa.

Faye sentiu um arrepio. Parecia que Jack estava a despedir-se dela.

— Estás a pensar matar-me?

— Não sei. Acho que sim.

A pulsação de Faye aumentou de tal maneira, que ficou com tonturas, a visão turva.

— Não, Jack. Tu não és um assassino, não és capaz de uma coisa dessas. Sou eu, Jack. A Faye.

Encostou a palma da mão ao rosto de Jack e obrigou-o a olhar para ela.

— E tu tens mais uma filha, Jack. O que lhe vai acontecer se fores condenado por outro homicídio? Mais cedo ou mais tarde, a Polícia vai apanhar-te. E a Julienne… tens razão, ela está viva. E em segurança. Se esquecermos isto, se conseguires perdoar-me, ela vai ficar radiante. Ainda fala de ti, tu és o herói dela, Jack. Apesar de tudo, és o herói dela.

Faye engoliu em seco e olhou para os olhos de Jack, para ver se as suas palavras surtiam algum efeito. No passado, bastara vê-lo entrar numa sala para ser capaz de ler os seus pensamentos mais íntimos. Porém, naquele momento, o rosto do homem não revelava rigorosamente nada. Jack transformara-se num completo estranho.

— E tenho saudades tuas. — Faye deixou as lágrimas escorrerem. — Apesar de tudo o que fiz, amo-te e sempre te amei. Mas tu magoaste-me, humilhaste-me, destruíste-me. Tudo o que eu queria era viver contigo e com a Julienne, mas tu enganaste-me, Jack. Primeiro, negaste-me o meu trabalho, o direito àquilo que eu tinha ajudado a criar. Depois, a minha própria família. Substituíste-me.

Jack parecia estar a ouvi-la, e a sua expressão facial começou a suavizar-se. Faye sentiu o alívio inundá-la… talvez ele se fosse simplesmente embora?!

— A Julienne — disse Jack. — Tens alguma fotografia dela? Penso nela todos os dias, a toda a hora.

Faye recordou-se das fotografias que encontrara no computador de Jack. As terríveis e abomináveis fotografias. O olhar vazio de Julienne. Nunca mais queria que ele pudesse ver a filha, mas que escolha tinha agora, se quisesse sobreviver e poder fazer parte do futuro da menina?

Assentiu lentamente.

— Podemos telefonar-lhe. Imagina como vai ficar contente por te ver.

Jack semicerrou os olhos, a expressão desconfiada. Abanou a cabeça

e pousou o telemóvel dela em cima da mesa.

— Não. Nada de telefones, nada de tecnologias.

Faye inspirou fundo.

— Tenho uma fotografia dela. Queres vê-la?

— Onde é que está?

— Afasta-te, para a ir buscar, então.

Jack levantou-se lentamente.

Quando Faye se levantou, ele voltou a apontar-lhe a faca.

— Se tentares enganar-me, mato-te no mesmo instante. Não te esqueças disso.

— Eu sei.

Faye foi para a casa de banho com Jack atrás de si. Lá dentro, desviou a banheira com grande esforço, enfiou o braço por trás dela e conseguiu agarrar a pequena bolsa de plástico com a fotografia de Julienne e da mãe. Endireitou-se e estendeu a fotografia a Jack, que pegou nela e estudou a imagem sem dizer uma palavra. Todavia, o brilho nos seus olhos assustou-a. Jack olhou para a fotografia de Julienne como se ela fosse uma presa, como se pudesse fazer com ela o que quisesse, e enfiou-a no bolso.

No mesmo momento, Faye percebeu que cometera um erro, que Jack, de alguma forma, conseguira enganá-la. E agora ia matá-la. Ele levantou a mão que segurava a faca, Faye gritou e, de seguida, ficou tudo negro.

Fjällbacka — naquela altura

Apesar de os corpos do Roger e do Tomas nunca terem sido encontrados, fizeram uma cerimónia fúnebre.

Eu fui à igreja e ouvi cada palavra sobre os rapazes que eram tão bondosos e carinhosos. Nos bancos, os visitantes choravam. O padre teve dificuldade em manter a voz firme. Já eu… só tive vontade de vomitar ao lembrar-me de tudo o que eles me tinham feito, de tudo o que tinha sofrido.

Do altar, os retratos de ambos, sorridentes, faziam pouco de mim. Levei a mão ao peito, até onde o colar que a minha mãe me tinha dado uma vez devia estar pendurado, como um peso seguro. Eles tinham-me privado da última segurança.

A única coisa em que conseguia pensar era como o Roger e o Tomas me tinham segurado, penetrado e rido das minhas súplicas para que parassem. Como o brilho nos olhos do Tomas se tinha transformado em algo frio e duro.

Odiava-os pelo que me tinham feito e não podia estar mais contente por terem morrido.

Nem sequer sentia pena dos pais deles, ou da avó do Roger. Tinham sido eles a criá-los e a transformá-los naquilo que eram. A culpa também era deles.

Ainda assim, toda a aldeia os elogiou e sentiu a sua falta. Isso aumentou o fosso entre mim e Fjällbacka, deixou-me ainda mais determinada em sair dali, deixar toda aquela hipocrisia para trás. O secretismo. O silenciamento.

Faye abriu os olhos. Estava deitada no chão frio da casa de banho, a cabeça a latejar como se fosse explodir. Levou lentamente a mão à testa, sentiu que estava pegajosa. Segurou os dedos à frente dos olhos e viu que ainda sangrava.

Apesar das dores, estava contente por continuar viva. Jack batera-lhe com o cabo da faca e ela devia ter desmaiado. Embora as dores lhe apertassem a cabeça em ondas, estava viva, e isso era a coisa mais importante.

— Devias ter-me matado, Jack — murmurou.

Perguntou-se calmamente por que razão não o teria feito.

Levantou-se sobre as pernas instáveis, apoiou-se no lavatório e observou o rosto inchado e lacerado ao espelho.

Jack.

E David.

Ambos teriam aquilo que mereciam. O facto de Jack estar na posse da fotografia que provava que Julienne estava viva era uma catástrofe. Não obstante, Faye estava segura de que a iria recuperar, Jack dificilmente correria para a esquadra mais próxima com a fotografia em punho. Ainda havia tempo. O seu desalento temporário, de quando queria desistir e deixar tudo para trás, acabara. Ela não era assim. Faye nunca desistia, Faye retaliava.

Fechou os olhos com força ao pensar de novo nas fotografias de Julienne que, em tempos, encontrara no computador de Jack. Fotografias de uma Julienne despida e vulnerável. Exposta por quem ela mais amava. Fora isso

que desencadeara tudo, fora isso que a levara a fazer aquilo que fazia melhor: proteger aqueles que amava. E proteger-se a si própria. Custasse o que custasse.

Percebeu que se embalara numa falsa segurança, na esperança de que Jack tivesse desaparecido para sempre. Tinha sido ingénua. Inocente. Não voltaria a cometer esse erro. Havia de parar Jack, para sempre. Por si, mas, acima de tudo, por Julienne. Nunca mais voltaria a deixá-lo aproximar-se dela, ele nunca mais poderia voltar a magoá-la.

Passava um pouco da meia-noite e os escritórios da Revenge estavam vazios e às escuras. Apenas o gabinete de Faye estava iluminado e, quando olhou para cima, pareceu-lhe ver Henrik lá sentado a trabalhar. Com a Revenge. A sua Revenge. Acelerou ao passar pelo prédio, não queria ver mais nada. Em vez disso, continuou através da escuridão, a caminho de Lidingö. O asfalto brilhava com a chuva miudinha que chegara e partira em dez minutos. Faye tinha de ir à casa de Alice conversar com Ylva.

Tanta coisa dependia de Ylva. E de Alice.

Se Ylva se recusasse a ajudar, não seria capaz de deter Jack. Na melhor das hipóteses, acabaria ela na prisão; no pior cenário, o pai conseguiria matá-la. Ele também andava por aí à solta, tal como Jack. E Faye precisava tanto de Ylva como de Alice para recuperar a empresa.

Tocou à campainha e, quando Ylva abriu, arregalou os olhos ao ver o estado em que se encontrava o rosto da amiga. Abriu a boca para falar, mas fechou-a novamente.

— A Alice não está em casa. Estás bem? — perguntou, por fim.

Faye entrou para o *hall*.

— Estou bem — respondeu rapidamente. — Mas preciso de falar contigo.

— O que é que aconteceu? — quis Ylva saber, e levou-a para o quarto de hóspedes, onde agora vivia.

Faye já reflectira sobre quão honesta deveria ser e decidira-se a contar-lhe tudo. Não queria mais mentiras. Pelo menos, não com Ylva. Se ela

suspeitasse de que Faye estava a mentir, havia o risco de não voltar a confiar nela. E esse era um risco que não podia correr.

— O Jack.

Ylva tapou a boca com a mão.

— Atacou-me na minha casa. Bateu-me até eu perder os sentidos, acordei deitada no chão da casa de banho.

Faye sentou-se numa poltrona e pegou na fotografia de Nora que estava em cima da mesa-de-cabeceira. Estudou-a e pensou na fotografia que Jack lhe tirara, aquela que provava que tanto Julienne como a mãe estavam vivas. Isso levou-a a ganhar coragem.

— Há coisas sobre o Jack que eu nunca te contei, Ylva. Coisas que não contei a ninguém. Eu vivi com ele quase toda a minha vida adulta, mas nunca vi aquelas facetas, não as compreendi. Excepto no final. Por isso, duvido que tu, que também conheces bem o Jack e partilhaste a vida com ele, as tenhas visto.

Ylva arregalou os olhos.

— De que é que estás a falar?

— Posso começar por te dizer que a Julienne está viva. Mora em Itália, protegida, com a minha mãe.

Ylva ficou de boca aberta.

— Então o que ela disse era verdade, aquela inspectora da Polícia que me procurou? Eu descartei-a completamente, disse-lhe que achava que ela estava louca.

— Sim, a Yvonne Ingvarsson tem razão. Eu incriminei o Jack por um homicídio que nunca aconteceu. Mas não foi por mim ou pelo meu ego ferido por ele me ter deixado ou por me ter recusado o dinheiro a que eu realmente tinha direito. Tu, que nos conheces aos dois, sabes bem que eu participei desde o início na construção daquilo que viria a ser a Compare.

Faye esfregou as mãos no rosto, com dificuldade em pronunciar as palavras seguintes em voz alta.

— Foi tudo por causa de umas fotografias que encontrei, da Julienne. O Jack tinha tirado fotografias dela, nua, e muito detalhadas. Ela estava completamente vulnerável. Ele é uma pessoa doente, Ylva. E eu percebi que tinha de proteger a minha filha a todo o custo.

Faye olhou para o chão. Dar voz àquelas palavras era uma luta terrível.

Ylva ficara especada a olhar para ela, pálida como um cadáver.

— Estou tão contente por a Julienne estar viva — murmurou. — Mas aquilo que ela foi obrigada a suportar por causa do Jack é abominável. Aquilo a que ele a sujeitou.

Faye tentou afastar as lágrimas, sentiu que a voz estava mais firme.

— Tu também tens uma filha com o Jack. Enquanto ele estiver vivo, a Nora também vai estar em perigo. Assim como outras crianças. O Jack é um pedófilo. Preciso da tua ajuda, como amiga e como mulher. Porque existem certas coisas que o Estado de direito realmente não controla, mesmo que os políticos afirmem constantemente que sim.

— E em que é que eu te posso ajudar?

Faye olhou Ylva nos olhos. Estava a colocar a sua vida nas mãos dela. Se Ylva lhe falhasse, se se descuidasse nas palavras, se a traísse, Faye acabaria na prisão. Tornar-se-ia uma das mulheres mais odiadas da Suécia. O que era estranho, tendo em conta que tudo o que fizera fora agir como qualquer mãe responsável. A sociedade não fora capaz de a proteger, nunca o fizera. Nem quando, em criança, fora violada e espancada em casa; nem quando fora burlada, ficando sem o dinheiro a que tinha direito, relativo à empresa que ajudara a criar; ou quando o marido a atirara para a rua como um pano velho e gasto, depois de se envolver com outra pessoa.

Faye confiava em Ylva precisamente por ela ser mulher, por ser capaz

de compreender aquele estado de vulnerabilidade e sensação de impotência. Mesmo que, pessoalmente, nunca tivesse passado por isso, qualquer mulher era capaz de compreender esses sentimentos. E Faye confiava em Ylva porque ela também conhecia Jack. Porque também vira o monstro por detrás da máscara. E porque, em tempos, também o amara.

— O Jack tem de desaparecer para as nossas filhas ficarem em segurança. E o Henrik vai pagar caro por ter tentado roubar-me algo que me pertence.

Ylva olhou para as suas mãos, apertadas à volta dos joelhos, sem responder. O choro vindo do quarto ao lado interrompeu-as.

Ylva levantou-se rapidamente.

— Vai. Vai lá buscá-la — disse-lhe Faye.

Ylva anuiu e saiu para o outro quarto. Alguns minutos mais tarde, estava de volta com Nora ao colo, as bochechas vermelhas de sono e o cabelo despenteado da cama. Quando viu Faye, ficou com um sorriso rasgado, que mostrava os dentes em forma de grãos de arroz. Ylva beijou-lhe a testa e olhou para Faye com lágrimas nos olhos. Depois, abanou a cabeça em sinal de concordância.

— Estou contigo. E assumo que isto quer dizer que está na hora de avançar com o Plano B!

— Está, sem dúvida, na hora de avançar com o Plano B. E também tenho uma ideia para a Alice.

— O quê? — perguntou Ylva, curiosa, enquanto embalava Nora nos braços.

A criança fechou os olhos e voltou a adormecer. Faye não disse nada, limitou-se a sorrir e agarrou no telemóvel. Quando Alice atendeu, Faye ouviu sons de carros e risos. Devia estar sentada numa esplanada.

— Diz-me uma coisa, o Sten Stolpe sempre teve um fraquinho por ti, não

foi? — perguntou Faye.

— Um fraquinho? — riu-se Alice. — É o mínimo que se pode dizer, sim.

— Achas que podias entrar em contacto com ele?

— Claro, sem problema. Estás a pensar em quê?

Faye explicou-lhe o plano, e Ylva, sentada à sua frente, começou a sorrir.

Fjällbacka — naquela altura

Quando o tempo mudou e as noites se tornaram mais escuras e frias, era altura de eu voltar para a escola.

Ia começar o oitavo ano e, de acordo com a tradição, haveria uma grande festa onde todos os jovens da região se juntavam na floresta, no fim-de-semana antes do início das aulas. Uma festa onde os alunos do terceiro ciclo e do secundário bebiam, ouviam música, faziam sexo, envolviam-se em lutas e vomitavam nos arbustos.

Fui para lá sozinha, sentei-me um pouco afastada dos outros, sobretudo porque não tinha outra coisa para fazer. O Sebastian estava lá. Tinha sido elevado a uma espécie de celebridade por ter aparecido na televisão, em jornais e programas de rádio durante todo o Verão, a falar sobre quão bons os amigos dele tinham sido.

Eu nunca costumava ir a festas. Não queria estar ali, mas tinha de me assegurar de que ninguém fazia perguntas, ninguém levantava dúvidas, ninguém sabia de nada. Não sentia quaisquer remorsos pelo que tinha feito, só angústia por poder ser apanhada. Queria saber o que eles diziam, queria ouvir os rumores que sabia que corriam por todos os lados em Fjällbacka. Tinha de estar entre os meus colegas para saber se continuava segura. E queria ficar de olho no Sebastian.

Quando ele me viu, os olhos brilharam como relâmpagos. Começou a dirigir-se a mim, meio a cambalear. Estava claramente bêbedo. Tropeçou pelas rochas, quase caiu, mas conseguiu manter-se de pé.

— Que raio estás aqui a fazer, sua puta? — sibilou, e deixou-se cair ao

meu lado.

Tresandava a álcool e a vomitado.

Não lhe respondi. O equilíbrio de poder entre nós tinha mudado. Agora era só quando ele estava bêbedo que tinha coragem de me tratar daquela maneira. De resto, parecia que até tinha algum medo de mim. Tal como eu queria.

— Sai daqui, Sebastian. Não quero discussões.

— Tu não me dás ordens, percebes?!

— Dou, sim, e tu sabes bem porquê.

Desviei-me e preparei-me para me levantar e sair dali, mas ele agarrou-me o braço.

— Vou-lhes contar, vou contar a toda a gente o que aconteceu naquela noite. Que tu os mataste.

Olhei calmamente para ele. Não me tinha tocado desde as violações na ilha. Mas bebia demasiado e, quando bebia, falava. Ficava zangado, perdia o controlo. Eu desprezava-o, a ele e à sua fraqueza. Tinha demasiados traços do nosso pai. O Sebastian estava perdido, e, na altura em que a atenção à volta dele começava a diminuir, ia começar a procurar outras maneiras de ser visto.

— Bruxa! — sibilou. — Sua bruxa nojenta e maldita. Espero que sejas violada outra vez! E tu também, na verdade, porque eu sei muito bem que até gostaste.

Suspirei, levantei-me e deixei-o ali.

Enquanto atravessei a floresta, continuei a ouvir a música, as gargalhadas e as vozes roucas das pessoas na festa. Sabia que ia ter de silenciar o Sebastian. A minha mãe amava-o, mas não o conhecia como eu. Não sabia do que ele era realmente capaz.

O mundo não precisava de mais homens assim. Homens que batiam,

aterrorizavam e violavam. Um dia, ele ia casar-se, ter filhos, dominá-los com a sua violência. E eu não ia deixar isso acontecer. Não ia permitir que, um dia, o Sebastian tratasse uma namorada, ou uma mulher, como o meu pai tratava a minha mãe. Não ia deixar que algum pequeno rapaz ou rapariga crescessem a assistir àquilo a que eu tinha assistido. Eu era a única que podia quebrar o círculo.

Mas, acima de tudo, não o deixaria estragar os meus planos. Ele tivera a sua oportunidade, fora ele que escolhera não a aproveitar.

Tinha planeado deixá-lo viver. Pela minha mãe. Apesar de ele me ter magoado de formas que não eram visíveis do exterior, mas que, por dentro, me mantinham acordada, noite após noite, com dores-fantasma devido a tudo a que fora sujeita. Tínhamos sido o porto seguro um do outro e ele tinha-me privado do último fragmento de algo bonito que tinha existido dentro das nossas paredes.

Tinha-me roubado a memória que me ajudava a manter uma pequena, mínima, esperança de que a vida continha algo bom e verdadeiro.

No entanto, não foi só a mim que ele falhou. A minha mãe amava-o, só via o bom naquele filho, nada da escuridão, da maldade que o nosso pai lhe tinha deixado como herança. Eu dei-lhe outra oportunidade por causa do amor cego que a minha mãe lhe tinha. E, naquele momento, ele demonstrava que não a merecia.

A minha mãe ia ficar de coração partido no dia em que percebesse que o Sebastian era exactamente igual ao pai. Que o horror se perpetuaria na geração seguinte e que o amor dela não tinha sido suficiente para mudar isso. Era essa a razão por que ele tinha de morrer. Para poupar a minha mãe dessa dor. Ela nunca ia precisar saber o que ele tinha feito e quem realmente era.

A casa de Verão de madeira vermelha ficava muito isolada, no topo de uma colina, não muito longe do lago e cercada por uma densa floresta. Pertencia aos pais de Ylva, que já há muito eram velhos demais para lhe dar uso. Há muitos anos que não iam ali.

Satisfeita, Faye estudou a maçaneta metálica da porta da frente, antes de assentir para consigo e puxar a porta atrás de si.

Sob a luz do sol-poente, viu contornos, sombras de móveis antigos, sentiu o cheiro da humidade. Tacteou à procura do interruptor e, por fim, encontrou-o. O som da patilha a descer não se fez acompanhar de luz, provavelmente seria um problema com algum fusível, porque Ylva dissera-lhe que a electricidade costumava funcionar. Teria de procurar a caixa de fusíveis. Felizmente, trouxera uma lanterna.

As tábuas do chão rangeram quando entrou no que parecia ser a sala de estar.

Faye pousou o bidão de gasolina no chão e deixou-se envolver pelo silêncio da antiga casa. Massajou o braço que estava dorido de ter carregado o bidão pesado.

Seria naquele local que os caminhos dela e de Jack finalmente se cruzariam. Apenas um deles poderia sair dali vivo. Muita coisa podia correr mal e era fácil ser ela a sair vencida da batalha.

Quanto tempo teria antes de ele lá chegar? Uma hora? Duas? Para não deixar nenhum rasto digital, Ylva ficara com o telemóvel dela. Faye deitou uma vista de olhos ao relógio de pulso e constatou que já passava um pouco das dez da noite.

Ylva telefonara a Jack para o número que ele lhe deixara quando fora a sua casa. Em lágrimas, dissera-lhe que Faye aparecera lá e que levara Nora com ela. Que se comportara como uma louca, com um discurso totalmente incoerente sobre tirar a Jack a última coisa que lhe restava — a sua filha mais nova. Que não lhe dissera para onde ia levar Nora, mas que, depois de ela ir embora, Ylva descobrira que as chaves da casa de férias dos pais tinham desaparecido.

Faye pegou na lanterna que tinha na mala que trouxera consigo, acendeu-a e passou o feixe de luz à sua volta, procurando a porta que dava para a cave. Estudou as molduras com as fotografias a preto e branco. As pessoas ali retratadas pareciam velhas, provavelmente, já teriam morrido. Outras fotografias eram de Ylva em criança. Ylva sem os dentes da frente. Ylva em cima de um cavalo.

Sentiu um aperto no estômago. Será que conhecia Ylva verdadeiramente? E se ela estivesse do lado de Jack? Se tivesse sido assim o tempo todo?

Faye julgara mal Jack. E David. Será que até Ylva? Não, não havia qualquer hipótese.

— Pára com isso — murmurou para consigo.

Abriu uma porta, que revelou ser a que procurava, e começou a descer as escadas para a cave.

Através de uma pequena janela rectangular, viu os últimos raios de sol sobre as copas das árvores. Quando o sol voltar, talvez esteja morta, pensou. A escada era íngreme e rangia a cada passo que ela dava.

Quanto mais descia, mais o cheiro a humidade se tornava mais forte.

Já lá em baixo, Faye conseguiu localizar o quadro e desligou o disjuntor principal. Com ajuda da lanterna, encontrou novos fusíveis, conseguiu mudá-los e, quando ligou novamente o disjuntor, a luz do tecto acendeu-se.

Olhou mais uma vez para o relógio e voltou a subir as escadas, apressada. Na sala, escolheu um dos candeeiros de pé.

Desligou a ficha do candeeiro da tomada. Rapidamente, desaparafusou a tomada da parede e fez os ajustes necessários com uma chave de fendas que também trouxera consigo. Tal como mostravam na filmagem que vira. Na internet era possível encontrar de tudo, bastava saber onde procurar.

Pegou nos fios metálicos e enrolou-os à volta da maçaneta da porta da rua. Volta atrás de volta. Bem apertadas. De seguida, despejou a água de uma garrafa de litro e meio no patamar das escadas. Formou-se uma pequena poça de água.

No escuro, não seria visível.

Quando terminou, estava na casa há quarenta minutos. Apagou tudo, sentou-se no sofá e esperou na escuridão. Manteve-se atenta aos ponteiros iluminados do relógio de pulso e apertou a chave de fendas com força. Jack não ia aparecer ali desarmado e, se algo corresse mal, seria obrigada a defender-se dele.

A lutar pela própria vida.

Talvez morresse, mas planeava morrer livre, não como um animal perseguido e assustado.

Exactamente nove minutos mais tarde, ouviu o barulho do motor de um carro.

O barulho do motor desapareceu e o silêncio instaurou-se de novo. Faye levantou-se, descalçou os sapatos sem fazer barulho, deixou-os em cima do sofá e esgueirou-se até ao candeeiro de pé que colocara ao lado da porta. Ligou-o e lançou um olhar nervoso para a maçaneta da porta.

Deixou-se deslizar para o chão, as costas encostadas à parede.

Ouviu passos do lado de fora da casa. Apertou os lábios, sentiu o nervosismo apertar-lhe e contorcer-lhe o estômago. Jack andava de um lado para o outro. E se ele não escolhesse a entrada principal e decidisse entrar por alguma janela? Ou pela cave?

Por outro lado, porque haveria de fazer isso? Sabia que ela estava à sua espera, acreditava que Nora se encontrava naquela casa e que a sua vida corria perigo.

— Faye! — chamou Jack. — Quero a minha filha!

Viu o contorno de Jack do outro lado da janela e pressionou-se com mais força contra a parede. Ele não conseguia vê-la. No segundo seguinte, Jack acendeu uma lanterna a apontou-a para o interior da casa, através da janela. O feixe de luz passou a alguns centímetros do pé direito de Faye, que susteve a respiração. Suspeitaria ele de alguma coisa? Seria por isso que continuava a andar à volta da casa?

Conseguia visualizá-lo à sua frente. Em tempos, amara-o acima de tudo, talvez até mais do que amara Julienne. Agora só queria aniquilá-lo, pelo que fizera à filha de ambos e pela humilhação a que também a sujeitara a ela. Por todas as mulheres que haviam estado na mesma situação, subjugadas, levadas a sentirem-se inúteis, a quererem acabar com as suas

próprias vidas, roubadas da sua dignidade. Que haviam sido mantidas como servas, exploradas. As mulheres continuavam a usar algemas, mesmo que a aparência dessas algemas tivesse mudado ao longo dos séculos.

Faye iria retaliar. Recusava-se a tornar-se mais uma mulher assassinada por um marido ou ex-marido.

— Sai daí, Faye! — chamou Jack. — Se lhe fizeste alguma coisa, eu mato-te!

Conseguiu ouvir a raiva contida na voz dele. Estava mais próxima agora, atrás dela, do outro lado da parede. Isso queria dizer que ele estava a caminho da porta da frente.

Faye engoliu em seco.

— Ela está aqui comigo — disse, e sentiu a garganta apertada, seca. — Cá dentro.

Jack andava para cima e para baixo nas escadas. Parecia não conseguir decidir como deveria proceder, estava assustado. Sabia do que Faye era capaz e que era mais esperta que ele, que era perigosa. E que fora ele quem a tornara perigosa.

— Vem cá para fora com ela! — gritou.

Faye não respondeu. Cerrou os maxilares e fechou os olhos com força. Não queria incitá-lo demasiado, levá-lo a suspeitar de alguma coisa.

— Avança — segredou para consigo. — Avança.

Deixara de ouvir os passos. Jack estaria provavelmente parado no patamar das escadas, apenas a alguns metros de distância dela. Conseguia sentir a sua presença, a hesitação, o medo.

As pernas tremiam-lhe de nervosismo, e Faye cravou as unhas nas palmas das mãos.

— Toca na maçaneta, Jack — continuou a murmurar. — Abre a porta, estou aqui à tua espera.

Um segundo mais tarde, ouviu um som crepitante.

Sorriu e abriu os olhos.

— Um, dois, três — contou em voz alta antes de esticar o braço e desligar o interruptor do candeeiro.

Ouviu um baque forte do outro lado da porta e levantou-se devagar enquanto farejava o ar. Sentiu o cheiro a queimado vindo do outro lado.

Faye abriu a porta lentamente, mas o corpo de Jack, caído no patamar das escadas, rapidamente a bloqueou. Viu as pernas dele através da estreita fenda. Jack tinha caído de costas e Faye teve de pressionar a porta com bastante força até, finalmente, conseguir espaço suficiente para se enfiar pela abertura.

Inclinou-se para a frente e estudou o rosto de Jack. Os seus olhos estavam arregalados, mas vazios. Agachou-se e colocou-lhe dois dedos no pescoço, não sentiu qualquer pulsação.

Observou o homem que, em tempos, amara acima de tudo na Terra e tentou analisar o que estava a sentir.

A floresta erguia-se como um muro à volta da casa e isolava-a do mundo exterior. O silêncio era cerrado. Pareciam encontrar-se noutra dimensão. Ali, só existiam Faye e Jack.

A história que começara na Faculdade de Economia e Gestão há tantos anos estava agora terminada. A história que lhe provocara lágrimas, pensamentos suicidas, humilhação, o aborto forçado. As mulheres com quem ele a traíra. Mas que também culminara em Julienne, na aquisição da Compare, na criação da Revenge. Na sua própria libertação. Quem seria mais livre do que alguém que estivera preso? De que outra forma seria possível reconhecer o perfume da liberdade? Uma pessoa pode constituir os muros de outra, a sua raiva ou desprezo podem ser as algemas que a mantêm agrilhoada.

Agarrou os pulsos de Jack e arrastou o seu corpo pesado por cima

da soleira da porta, para dentro da sala de estar. A cabeça dele a bater no chão.

Jack ficou deitado no meio da sala enquanto Faye, ofegante devido ao esforço, se sentou no sofá a olhar para o seu corpo. De seguida, levantou-se, dirigiu-se para ele e deu-lhe um pontapé. Provocou um som abafado, mas não obteve qualquer reacção física. Tomou balanço e deu-lhe outro pontapé. Pensou nas fotografias de Julienne no computador dele, na expressão nos seus olhos quando Faye lhe deu a bolsa de plástico com a fotografia da filha.

Inclinou-se para a frente, para o corpo morto.

— Devias ter-me deixado em paz, não ser tão teimoso, tão orgulhoso. E *nunca* devias ter-me humilhado e ameaçado com a minha própria filha. E nunca, jamais, devias ter feito o que fizeste à Julienne.

Faye voltou a endireitar-se, foi buscar o bidão de gasolina, parou em frente a Jack e abriu a tampa. Moveu-se paralelamente ao corpo dele, encharcou-lhe a roupa no líquido inflamável.

Abriu a porta da frente e largou o fósforo. No segundo seguinte, o fogo explodiu junto ao corpo de Jack.

Fjällbacka — naquela altura

Senti o cheiro familiar a fumo de cigarro vindo do quarto do Sebastian e ouvi garrafas a bater. Ele estava a ouvir música com o volume baixo, para o nosso pai não acordar. A minha mãe tinha acabado de chegar a casa, vinda, mais uma vez, das urgências, onde o meu pai a tinha deixado com a explicação de que ela tinha caído pelas escadas, oh, escorregou, que desastrada, tão desnecessário. A explicação em que nenhum médico razoável poderia acreditar, mas que ninguém se dava ao trabalho de questionar, nem ousava.

A minha mãe cometera o erro de dizer que ia visitar o irmão, o nosso tio Egil, e o meu pai empurrou-a escada abaixo, desde o patamar lá em cima. O tempo começava a escassear, a fúria e violência do meu pai só pareciam aumentar. Desta vez, ela aterrou em cima do braço, da próxima, podia aterrar de cabeça, e então eu ficaria realmente sozinha.

Passava um pouco da meia-noite. Os meus pais estavam a dormir. Logo a seguir à minha mãe voltar do hospital, ele ficava sempre um pouco mais calmo, e eu percebi que não teria outra oportunidade melhor do que esta.

Queria poupar a minha mãe. Aquilo que o meu pai sentia, ou deixava de sentir, não me interessava minimamente. Trataria dele mais tarde.

Fechei o livro e pousei os pés descalços no chão de madeira. Já tinha planeado como ia fazer, o que ia fazer. Vesti a fina camisa de noite branca de que sabia que o Sebastian gostava, já tinha reparado que ele tinha dificuldade em desviar os olhos do meu corpo quando eu a vestia. Procurei

os três comprimidos para dormir que, três dias antes, tinha roubado ao meu pai e esmagado até ficarem em pó.

Saí do meu quarto e respirei fundo antes de bater à porta do dele.

— O que é?

Empurrei a maçaneta da porta e entrei.

Ele estava sentado ao computador, rodou a cadeira e ficou especado a olhar para mim. Os olhos inebriados fixaram-se nas minhas pernas nuas antes de começarem a subir lentamente.

— Estive a pensar naquilo que disseste.

O Sebastian franziu a testa, e a nódoa negra que o meu pai lhe provocou da última vez que lhe bateu ficou mais visível.

— De que raio é que estás a falar?

— Na festa, na floresta. Sobre eu ter gostado do que vocês me fizeram. Estás errado.

— Ai sim? — respondeu ele, indiferente, e virou-se outra vez para o monitor do computador.

Dei um passo para dentro do quarto, fiquei por baixo da barra de ferro afixada por cima da porta, colocada ali para ele fazer elevações. Nunca o tinha visto utilizá-la.

Nas paredes, havia cartazes de mulheres meio despidas, com os seios a transbordar para fora de pequenos pedaços de tecido a fingir que eram roupas. O quarto estava todo desarrumado, com pratos e restos de comida, pilhas de roupa por todo o lado e um cheiro bafiento a suor e comida estragada. Franzi o nariz, enojada.

Com cuidado, deixei cair o pequeno pacote de plástico no chão e empurrei-o com o pé para um canto.

— Não gostei quando *eles* me fizeram aquilo. Mas, na verdade, gosto quando *tu* me fazes o mesmo.

Ele parou de fazer o que estava a fazer, ficou imóvel.

— Queres que me vá embora? — perguntei-lhe. — Ou posso ficar aqui um bocado? A mãe e o pai estão a dormir.

Ele baixou a cabeça, mas ainda de costas para mim, e eu interpretei isso como um sim, para que eu ficasse.

— Posso beber uma cerveja?

— Não estão frias.

— Não faz mal, não me importo.

Ele deitou-se de barriga para baixo, enfiou a mão por baixo da cama e tirou uma garrafa. Abriu-a e passou-ma. Ainda se via bem a cicatriz no seu braço, da vez em que o nosso pai o cortara com uma garrafa partida.

Sentei-me na ponta da cama e ele sentou-se ao meu lado, os dois a beber em silêncio. Lancei um olhar para a garrafa dele, estava quase vazia. Dali a pouco, ia querer beber outra, e essa seria a minha oportunidade de juntar os comprimidos para dormir. Havia quatro garrafas vazias em cima da secretária e eu não o tinha ouvido ir à casa de banho uma única vez.

Não podia faltar muito tempo, tinha de estar preparada.

— Gostas quando eu tento resistir? — perguntei-lhe em voz baixa.

Ele ficou com a cara corada e manteve os olhos colados à parede.

— Não sei — respondeu com a voz rouca.

— Só quero saber de que é que tu gostas, o que é melhor para ti. Podes fazer o que quiseres comigo.

— Hum.

Contorceu-se e, por baixo das calças de pijama, vi como o pénis dele estava a aumentar. Percebeu que eu estava a ver e pareceu ficar envergonhado.

— Não tem problema — disse-lhe.

Estendi a mão e pousei-a desajeitadamente no sexo dele. Senti um

vómito subir-me pela garganta, mas obriguei-me a engolir em seco.

Ele contorceu-se outra vez.

— Preciso de ir à casa de banho — disse.

Eu assenti.

— Eu fico aqui à tua espera então.

Faye caminhou nua pela floresta, a casa em chamas atrás de si. Atirara a sua roupa para o fogo, para ser destruída juntamente com Jack.

As labaredas cor de laranja estendiam-se agora na direcção do céu nocturno, o fumo subia em nuvens grossas.

Não se virou para trás, continuou apenas a andar, para longe de Jack, inebriada pela recém-adquirida e forte sensação de liberdade que tomara posse do seu corpo.

Os faróis do carro de aluguer brilhavam no pequeno trilho da floresta, precisamente no local onde combinara encontrar-se com Ylva. A amiga, que se mantivera por perto o tempo todo, deveria dirigir-se ao local de encontro assim que visse o fumo a sair da casa. E, tal como prometera, estava lá.

Ylva, sentada atrás do volante, fez-lhe um sorriso contido, e Faye abriu a porta do lado do passageiro, uma expressão completamente neutra no rosto. O carro era vermelho, estava velho, cheio de ferrugem, sem GPS. Ninguém conseguiria provar que tinham estado ali.

— Está feito? — perguntou Ylva.

— Está feito.

Ylva anuiu e esticou o braço para o banco traseiro, onde pegou na mala preta com uma muda de roupa para Faye. Roupa limpa, sem vestígios de Jack.

— Queres vestir-te antes de irmos embora?

Faye abanou a cabeça e sentou-se no banco do passageiro com a mala ao colo. O cheiro a queimado começava a entranhar-se no carro, e Ylva tossiu.

— Não, vamos embora daqui.

Faye viu a casa envolta em chamas por entre os troncos das árvores e, no mesmo instante, o telhado desabar com um estrondo. Ylva, que estivera prestes a ligar o motor, pareceu congelar naquele movimento antes de baixar lentamente a mão.

Ficaram alguns minutos em silêncio, a observar a bela casa antiga em chamas, antes de Ylva engatar a mudança e o carro começar a mover-se devagar.

— O que estás a sentir? — perguntou-lhe a amiga.

Faye reflectiu durante algum tempo.

— Nada, na verdade. E tu?

Ylva engoliu em seco antes de olhar para Faye.

— A mesma coisa.

Quando entraram na auto-estrada, cruzaram-se com quatro carros de bombeiros a alta velocidade e sirenes ligadas.

O Sol da manhã brilhava agora através da janela do quarto de hóspedes de Alice. Os raios iluminavam Ylva, que segurava Nora nos braços. A criança acabara de acordar e estava um pouco rabugenta.

— Estás bem? — perguntou Faye, que acabara de espreitar para o quarto depois de ter estado deitada, sem conseguir adormecer, num dos sofás de Alice.

Observou Ylva atentamente.

— Estou bem — respondeu-lhe Ylva, mas as suas palavras e tom de voz foram contrariados pela forma tensa como segurava Nora.

— Fizemos o que tínhamos de fazer.

— Sim, eu sei — respondeu Ylva, e enfiou o nariz nos cabelos de Nora, fechando os olhos. Os pequenos braços rechonchudos da filha enrolavam-se com força à volta do seu pescoço.

Alice entrou no quarto, olhou para elas e sorriu.

— O pequeno-almoço está servido.

Quando chegaram a casa a meio da noite, Faye partilhara tudo também com Alice. Fora tão difícil como contar a Ylva, e Alice, evidentemente, ficara chocada.

O telemóvel de Faye tocou e ela atendeu a chamada quando viu quem era.

— Olá, meu amor! — disse quando o rosto de Julienne preencheu o pequeno monitor. — Agora não posso falar, telefono-te mais tarde. Mas estou quase a ir para casa ter contigo. Prometo. Quase, quase! Beijinhos, amo-te muito!

— Está bem, mamã, adeus!

Desligou a chamada.

— Está com muitas saudades tuas? — perguntou Ylva. Nora piscou os olhos devagar, estava prestes a voltar a adormecer ao colo da mãe.

— Sim — respondeu Faye simplesmente.

Não estava com forças para falar de Julienne naquele momento. O pai dela acabara de desaparecer, para sempre. E, por mais que Faye o odiasse, por mais que estivesse consciente de que não havia qualquer lugar para ele na vida de Julienne, não conseguia evitar a sensação de pesar. Pesar por Julienne ter de crescer sem um pai.

O sentimento de culpa era um enorme peso sobre os seus ombros. Não por ter matado Jack, mas por ter feito tão más escolhas. Todavia, precisamente sem Jack, nunca teria tido precisamente *aquela* Julienne. Era uma equação difícil. Só desejava ter recuperado a fotografia que guardara na bolsa de plástico, era como uma espécie de talismã, dera-lhe forças e recordara-a do que era mais importante. Mas desaparecera, assim como Jack.

— Qual é o próximo passo? — perguntou Alice com ar decidido e cheia de força.

Faye olhou para Nora, para as suas pálpebras pesadas e as pestanas compridas. Era tão parecida com Jack, às vezes.

— Vamos ter de utilizar as filmagens e as fotografias. Está na hora do Plano B da Ylva.

Alice sorriu.

— Queres dizer que temos de apertar os parafusos ao Eyvind?

— Sim, precisamos dos documentos do Instituto de Propriedade Industrial e Patentes.

— Tem de ser a documentação certa e tem de estar formulada

correctamente — disse Ylva, e embalou Nora nos braços. — Eu especifiquei ao pormenor aquilo de que precisamos.

Alice sorriu de novo.

— Quando ele vir as fotografias e as filmagens, garanto-vos que vai fazer qualquer coisa que nós dissermos. Senão, enviamos tudo para a mulher dele.

— Óptimo — disse Faye.

Olhou outra vez para Nora, que tinha adormecido encostada ao ombro da mãe. Era exactamente igual a Julienne quando estava a dormir. Por instantes, sentiu vontade de chorar. Por Julienne, por Nora, por Ylva, por si própria. Por todas elas.

Fjällbacka — naquela altura

Com uma margem mínima, consegui apanhar o pequeno pacote de plástico que tinha empurrado para o canto do quarto, atirar-me de barriga para o chão e tirar uma nova cerveja de debaixo da cama, abri-la e despejar o pó lá para dentro antes de o Sebastian voltar.

Passei-lhe a nova garrafa, ele aceitou-a sem dizer nada e sentou-se outra vez na cama antes de a levar à boca. Bebeu vários tragos seguidos.

Continuava ligeiramente hesitante, como se não conseguisse acreditar que eu, de repente, tinha cedido e o ia deixar ir para a cama comigo sem resistir.

— Achas que podes pôr outra música?

— Qual?

Agora o importante era levá-lo a beber o resto da cerveja e mantê-lo afastado de mim o máximo de tempo possível. Fiquei com vontade de vomitar só de pensar no que seria forçada a fazer com ele.

— Talvez alguma coisa dos Metallica?

Ele fez que sim com a cabeça. Levantou-se, foi até à aparelhagem, retirou o disco que lá estava dentro e passou um dedo ao longo da estante com uma fila de CDs até encontrar o que eu lhe tinha pedido. Inseriu-o e pressionou o *play*. Aumentou um pouco o volume.

Depois parou mesmo à minha frente.

— Preciso de ficar mais bêbeda — disse-lhe. — Sei que o que vamos fazer é errado, mas não consigo evitar gostar na mesma.

— Então acompanha-me — respondeu, e eu sorri.

— Boa ideia.

Inclinei a cabeça para trás e bebemos as nossas cervejas em simultâneo. Sustive a respiração para não ter de sentir o sabor e estava ofegante quando cheguei ao fim da garrafa. O Sebastian limpou a boca e olhou para mim com uma expressão faminta que fez um calafrio percorrer-me o corpo todo. Quanto tempo levaria até os comprimidos surtirem efeito?

— Tens alguma revista pornográfica? — perguntei-lhe.

Sabia que ele tinha um esconderijo. Às vezes, escondia a pilha de revistas atrás do radiador de parede, outras vezes, por baixo do colchão.

Passou-me uma. A capa tinha uma mulher com seios enormes, de pernas abertas, virada para a lente da câmara fotográfica. O sexo completamente rapado.

Abri a revista e folheei as páginas.

— De que é que gostas mais? Há alguma coisa que queres que eu faça? — perguntei com o olhar virado para a revista. Tudo para atrasar e dar tempo aos comprimidos de fazerem efeito.

Ele encolheu os ombros.

— Mas tem de haver algumas coisas que gostas mais do que outras!

— Não. Não sei — respondeu-me em voz baixa.

— Eu gostava de ter mamas maiores. Os rapazes gostam de mamas grandes, não é?

O Sebastian não respondeu e eu continuei a folhear a revista.

— Se me tivesses dito que gostavas de estar comigo, nunca teria deixado que eles te tocassem — murmurou, finalmente.

Eu levantei os olhos da revista, mas ele não olhou para mim.

«Mentira», pensei para comigo, «tu nunca me defendeste. És demasiado cobarde para isso.»

Em vez disso, respondi-lhe:

— Eu sei.

— Por isso, a culpa de eles terem morrido é minha.

«Tens razão», pensei, «e não falta muito para *tu* também morreres. Nunca na minha vida vou derramar uma lágrima por ti, porque sei bem o ser humano desprezível e cobarde que és. E também nunca te vou deixar estragar a vida de outra pessoa.»

— Não penses nisso agora.

O Sebastian bocejou e piscou os olhos lentamente. Inclinou-se para trás e encostou as costas à parede. As pálpebras começaram a fechar-se.

— Deita-te — disse-lhe. — Deita-te para eu te deixar confortável.

Fechei a revista pornográfica e pousei-a na cama. Aproximei-me mais dele e pus-lhe uma almofada por baixo da cabeça. Pareceu-me que já estava a dormir, então enrolei-me ao lado dele e fiquei a olhar para a expressão pacífica no seu rosto.

Fiquei deitada muito quieta durante alguns minutos, para que os comprimidos pudessem produzir um efeito completo. Quando tive a certeza de que ele estava a dormir profundamente, levantei-me da cama com muito cuidado e fui para o computador. Abri o programa de processamento de texto e escrevi uma carta de despedida, na qual o Sebastian explicava a falta que sentia dos dois amigos e o sentimento de culpa por não ter conseguido salvá-los. Como eu escrevia melhor do que ele, tive de me esforçar para manter a linguagem simples e também acrescentei alguns erros ortográficos que me pareceu que ele podia fazer. Demorei algum tempo porque utilizei dois isqueiros dele para bater nas teclas, para o caso de alguém querer verificar o computador em busca de outras impressões digitais.

Deixei o documento com o texto ficar aberto, para que quem entrasse no quarto o encontrasse rapidamente.

Depois, começou o trabalho mais pesado.

Sem reflectir, fui até ao roupeiro, abri a porta e procurei um cinto. Lembrei-me de pôr a cadeira no sítio certo. Deitei-me por trás do Sebastian, uma perna de cada lado do corpo dele, apertei-lhe o cinto à volta do pescoço e puxei-o. Foi uma tarefa difícil e pesada, mais pesada do que eu antevira.

Pus-me de pé em cima da cama, puxei-o com mais força, flecti as pernas para conseguir mais tracção. A cara ficou azulada e ele começou a ofegar, mas os olhos permaneceram fechados.

Puxei o cinto com toda a minha força durante pelo menos cinco minutos, até, por fim, o soltar. Depois, estiquei o braço e encostei os dedos ao seu pescoço. Sem pulsação, sem vida.

O corpo dele era verdadeiramente pesado, agarrei-o por baixo dos braços e arrastei-o lentamente até ao guarda-roupa. Quando lá cheguei, sentei-o na cadeira por baixo do varão, e foi uma luta para conseguir prender o cinto lá em cima. Depois, dei um pontapé na cadeira para que ela caísse para o chão. O Sebastian ficou pendurado pelo cinto, flácido.

Olhei à minha volta pelo quarto para ver se me teria escapado alguma coisa. Apertei contra os dedos do Sebastian o saco onde tinha guardado os comprimidos para dormir em pó, para que as impressões digitais dele ficassem lá marcadas. Ninguém iria desconfiar de mim. O suicídio pareceria uma consequência lógica do Verão difícil que o Sebastian tinha passado, em que dois dos seus melhores amigos tinham morrido.

Olhei uma última vez à volta do quarto, antes de pegar na garrafa de cerveja e voltar em silêncio para o meu quarto. Ponderei ir lá fora e pôr a garrafa no lixo, mas decidi escondê-la debaixo da cama.

Fiquei acordada até às seis da manhã, a ler, a pensar e a tentar perceber se sentia remorsos. Mas não, de todo.

Por volta das seis, ouvi os passos do meu pai no corredor. Ouvi que ele parou a caminho da casa de banho, deve ter reagido ao facto de a porta do quarto do Sebastian estar aberta. Alguns segundos depois, ouvi um grito gutural.

A primeira parte do meu plano estava concluída e tinha sido relativamente fácil. Agora só faltava a minha mãe.

— Já é de manhã aí?

Faye aquiesceu. Kerstin estava com um aspecto relaxado, feliz, e isso deixava Faye contente. No meio do caos que predominava, a felicidade de Kerstin dava-lhe alguma esperança.

O rosto de Kerstin aproximou-se do monitor, as rugas finas à volta dos olhos tornaram-se mais visíveis. A preocupação no seu olhar enterneceu Faye.

— Estás bem? — perguntou-lhe Kerstin.

— Sim, estou. Estou mesmo, sabes? Aprendi a lição, nunca mais vou abdicar do meu poder, nunca mais vou voltar a ficar vulnerável.

— Não podes prometer uma coisa dessas. Nem quero que faças uma promessa assim, todos temos de ter a coragem de ser um pouco vulneráveis.

Faye suspirou e pensou em Julienne, no futuro que queria dar à filha.

— É verdade, tens razão. Mas vai demorar algum tempo. Não sei se consigo aguentar ter o coração destroçado mais vezes.

Kerstin riu-se inesperadamente, aquelas gargalhadas calorosas que eram sempre tão imprevisíveis.

— Pára de ser uma *drama queen*, Faye. Tu és mais forte do que isso, como bem sabes. Nem parece teu, sentir pena de ti própria. Tens muita gente que te ama, e podes ter perdido uma batalha, mas vais ganhar a guerra. Nunca te esqueças disso.

— Ainda não ganhei nada.

Kerstin pousou uma mão no ecrã e Faye quase conseguiu sentir a carícia no seu rosto.

— Pois não, mas vais ganhar. Liga-me assim que tudo acabar.

— Prometo. Beijinhos, tenho saudades tuas.

— Eu também tenho saudades.

Faye desligou a chamada via Facetime no computador. Apercebeu-se de que sorria, apesar da tensão que sentia perante o que ainda tinham pela frente. Tinha saudades de Kerstin, mas era um verdadeiro prazer ver quão feliz a amiga estava com o seu Bengt, em Mumbai.

Pegou no telemóvel e ligou para Ylva.

— Olá, Faye, ia agora mesmo telefonar-te.

A voz tensa de Ylva provocou um aumento tão súbito no ritmo cardíaco de Faye, que sentiu a pulsação nos ouvidos.

— O investimento está concluído?

— Sim, a mulher dele alinha, o investimento está assegurado.

— Meu Deus, que alívio!

Faye fechou os olhos. A pulsação diminuiu e, em vez disso, e pela primeira vez em muito tempo, sentiu uma expectativa espalhar-se pelo peito. A última peça do *puzzle* estava encaixada.

Olhou para o espelho e pintou os lábios de vermelho-vivo. Depois colocou o casaco branco da *Max Mara* sobre um braço, as pegas da pasta *Louis Vuitton* sobre o outro, e saiu da *suite*. Voltara a hospedar-se no Grand, sentia-se mais segura ali, depois de tudo o que acontecera.

Estivera indecisa entre ir de táxi ou a pé, mas acabara por decidir calçar um dos seus pares de sapatos de salto alto mais confortáveis e caminhar. Precisava do passeio para se concentrar.

A água ao longo dos cais reluzia. Estava um dia perfeito, o Sol brilhava e não havia sequer uma brisa a agitar a superfície das águas à volta do arquipélago de Estocolmo. Faye sorriu para as pessoas com quem se cruzou.

De repente, deteve-se. Algo que vira pelo canto do olho captara a sua atenção. Virou-se para a enorme montra da galeria de arte: um busto de mulher com asas de prata. Faye ficou fascinada pela escultura. Levou a mão ao peito, ao sítio onde o pendente que a sua mãe lhe oferecera há tantos anos atrás costumava estar antes de desaparecer naqueles dias sombrios, na ilha de Yxön.

Aproximou-se mais da montra e viu que a artista se chamava Caroline Tamm. Faye olhou para o relógio e decidiu entrar na galeria.

— Quero comprar a escultura que está na montra. Aquela de prata.

— Não quer saber o preço primeiro? — perguntou, espantada, a mulher sentada a uma mesa junto à porta.

— Não — respondeu Faye, e estendeu-lhe o seu cartão *American Express Black*. — Tenho alguma pressa. Pago já, mas peço-lhe que envie a escultura para este endereço. — Faye estendeu-lhe também o seu cartão-de-visita.

Enquanto esperava que o pagamento ficasse concluído, aproximou-se da escultura e observou-a de outro ângulo. As asas tinham o formato de chifres que cresciam das costas da mulher. Representava força de uma forma que nunca vira antes. Seria o seu símbolo de um recomeço. Quando pensara que ia perder a Revenge para Henrik, sentira-se como se tivesse asas de cera, que tinham derretido ao atrever-se a voar demasiado perto do Sol. Agora sentia que podia voar à altura que quisesse. Com as suas asas de prata.

Quando as portas da galeria se fecharam atrás de si, soube que estava preparada.

Faye inclinou a cabeça para trás e estudou a bela fachada do século dezanove. A primeira vez que chegara a Estocolmo, vinda de Fjällbacka, ficara impressionada com todos os belos edifícios antigos. Agora, quase

vinte anos mais tarde, tinha dinheiro suficiente para comprar todo um quarteirão. Era uma sensação estranha.

Desviou o olhar para a esquerda, na direcção da Praça Stureplan e da Rua Biblioteksgatan, onde em tempos ficara a discoteca Buddha Bar. Lembrava-se perfeitamente daquela clara e mágica noite do Verão de 2001, quando conhecera Viktor. Fora um rapaz decente e gentil. Demasiado gentil, pensara Faye na altura. Como seria a sua vida agora, se, lá atrás, não tivesse preferido Jack?

Olhou de novo para a janela. Lá em cima, no quinto andar, estava David. E Henrik. Cada um numa sala diferente.

Alice e Ylva tinham-na avisado, por mensagem escrita, de que estava tudo preparado e que nenhum dos homens vira o outro chegar. O cenário estava montado. Faye tentou analisar o que estava a sentir, se estaria nervosa, zangada, triste.

Mas não, no seu interior só sentia felicidade. Felicidade pura e selvagem. Tudo poderia ter sido muito pior se não tivesse Ylva e Alice na sua vida. Elas é que a tinham salvado. Tinham-se salvado umas às outras.

Inseriu o código de segurança da porta do prédio e esperou pelo elevador. Alguns momentos mais tarde, caminhou por entre as secretárias vazias espalhadas pelo grande *open space* da Revenge e apreciou o aroma de café acabado de fazer. As luzes na sala de reuniões, onde David conversava com Ylva e Alice, estavam acesas, e Faye viu-lhe o pescoço e as costas largas. A boca sorridente de Alice movia-se, mas a porta de vidro grosso tornava impossível qualquer tentativa de ouvir qual seria o assunto da conversa.

Faye empurrou a porta, e David virou-se e olhou para ela. Levantou-se e abriu os braços para a abraçar.

— Finalmente, meu amor, tive tantas saudades tuas! — exclamou. — Frankfurt foi insuportável sem ti.

Faye continuou a andar sem sequer olhar para David, puxou a cadeira à cabeceira da mesa e sentou-se.

Cruzou as pernas.

— O que é Faye? O que se passa? — perguntou David, surpreendido.

O sorriso desaparecera do rosto de Alice, que agora olhava para ele com raiva. David pareceu reparar que o ambiente na sala se alterara drasticamente.

— Trouxe-te aqui hoje para te apresentar ao nosso novo investidor — começou Faye, e estendeu a mão para Ylva, que lhe entregou uma pasta de documentos.

Faye abriu-a, estudou os papéis e assentiu com a cabeça.

— Bem, deves estar a perguntar-te por que motivo vou dar-te esta informação, tendo em conta que já não tenho o controlo da Revenge. Em parte, graças às informações que tu forneceste ao Henrik. Mas ele está sentado numa sala perto daqui. Acredita no que eu te digo, a Revenge vai rapidamente voltar a ser minha. Se fosse a ti, tentava evitar associar-me ao Henrik Bergendahl no futuro. Já vais perceber de que estou a falar, mas, até lá, acho que isto diz tudo.

Faye colocou o primeiro documento em cima da mesa e empurrou-o para David, que lhe pegou de imediato.

— Isto… eu posso explicar — gaguejou.

Faye bufou.

— Não estás aqui para explicar nada. Estás aqui para ouvir!

Pela primeira vez, olhou-o nos olhos e empurrou mais três páginas agrafadas na sua direcção. O título do documento era *«Pedido de divórcio e separação de pessoas e bens por mútuo consentimento»* e os nomes já preenchidos eram os de David Schiller e Johanna Schiller.

— Tens isto para assinar.

— Mas o que é isto? Eu ando a tentar obter este divórcio há meses, tu sabes bem disso.

Faye soltou uma gargalhada, e até Alice e Ylva se lhe juntaram. David olhou de umas para outras, de boca aberta.

— Ó amigo, desiste. Passaste a tua vida a enganar mulheres, mas isso agora acabou. Tentar comprar uma parte da Revenge com o dinheiro da tua mulher e, ao mesmo tempo, alegar que estavas a meio de um divórcio foi… criativo. Além disso, ainda te salvaguardaste fornecendo informação comercial secreta ao Henrik sobre a nossa expansão para os Estados Unidos… — Faye fez um gesto com a cabeça para o primeiro documento que entregara a David. — Bem, tenho de reconhecer que não te deitaste à sombra da bananeira. Mas agora acabou tudo, percebes? Considera-te sortudo se conseguires evitar uma pena de prisão.

David engoliu em seco. O rosto a ficar cada vez mais vermelho.

— Eu…

— Cala-te já! — rugiu Faye.

Alguém bateu à porta, e Faye fez sinal à mulher de cabelos escuros, vestida com um elegante vestido *Chanel*, para entrar.

— Olá, querido ex-marido — disse Johanna Schiller enquanto puxou a cadeira mais próxima de Faye.

David voltou a ficar boquiaberto.

Olhou para as duas mulheres de olhos arregalados.

— Ela está a tentar enganar-te, Johanna! — exclamou. — Não acredites nas mentiras dela, só quer chegar ao teu dinheiro. Sim, eu tive um caso, foi um momento de fraqueza, mas nunca foi mais do que isso para mim, nunca. Eu estou contigo, Johanna. Eu amo-te!

Johanna soltou um risinho.

— Eu nunca te enganaria — continuou David, e apontou para Faye.

— Foi ela que me seduziu!

De repente, David deu um murro na mesa, a sua expressão facial alterou-se, ficou tomado pela raiva. Parecia um menino furioso.

— Pára com isso — disse Johanna, e abanou a cabeça. — Assina os papéis e desaparece daqui, que nós temos uma reunião do Conselho de Administração.

David inclinou-se para ela.

— És tu a nova investidora?

— Claro, tu estás falido — murmurou Ylva.

Johanna anuiu, bem-humorada.

— Sem ti e os dramas que acrescentaste à minha vida, vou ter demasiado tempo disponível. E dinheiro. Estou farta de manter os teus investimentos desastrosos à tona. Quando a Ylva me explicou toda a situação, eu disse-lhe que teria todo o prazer em investir na Revenge.

David virou-se para Faye, que olhou para ele, divertida, com os braços cruzados sobre o peito. David abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la.

— Vá, assina lá os papéis e desaparece daqui. Temos várias coisas para conversar e depois vamos todas sair e celebrar este negócio.

David agarrou na caneta e, com o olhar ainda preso em Faye, fez um rabisco. Depois levantou-se tão depressa, que a cadeira quase tombou para trás. Recuou até à porta com um olhar meio louco.

— David Schiller? — ouviu-se uma voz atrás dele.

David virou-se rapidamente, à porta da sala de reuniões estavam dois polícias.

Faye vira-os chegar, mas não dissera nada.

— Sim? — respondeu David, nervoso.

— Pedimos-lhe que nos acompanhe.

— Porquê?

Uma expressão corporal defensiva.

— Podemos falar lá fora.

David virou-se novamente para Faye.

— O que é que fizeste?

— Denunciei-te pelos crimes que cometeste contra a Revenge e contra mim. A espionagem comercial é capaz de te dar alguns anos de prisão.

Os dois polícias agarraram os braços de David e levaram-no com eles. As três mulheres conseguiram ouvir os protestos ruidosos ecoar por todo o escritório. Ylva reuniu de novo os documentos e guardou-os na pasta.

Faye levantou-se e foi ter com Johanna. Apertou-lhe a mão.

— Bem-vinda a bordo.

— Obrigada!

Faye inspirou profundamente. O champanhe que estava a arrefecer teria de esperar um pouco mais. Tinha outro porco machista para apanhar antes de poder celebrar.

Henrik olhou para Faye com um sorriso rasgado quando ela entrou naquele que, até há pouco tempo, fora o seu gabinete. Ylva e Alice entraram logo de seguida, e Alice, que fora a última, fechou a porta atrás delas.

— E o que irá na alma destas três antigas funcionárias? Espero que estejam agradecidas por eu vos disponibilizar este tempo, tenho imensa coisa para fazer, temos uma grande expansão para os Estados Unidos a decorrer e a minha paciência para as queixas de antigos funcionários é muito limitada. Nós seguimos à risca os contratos de trabalho que já existiam! No entanto, devo dizer que é bom saber que, aparentemente, tens algum tipo de vontade de trabalhar, Alice. É uma faceta tua que desconhecia.

— Cala-te, Henrik — respondeu Alice alegremente, e Henrik franziu a testa, espantado.

— Não tenho o dia todo. Digam lá o que querem e desapareçam, não estão aqui a fazer nada.

Henrik recostou-se na cadeira com os dedos entrelaçados atrás da cabeça.

Ylva colocou um molho de papéis em cima da secretária. Algumas partes estavam sublinhadas com um marcador verde.

— O que é isto?

Henrik pegou nos papéis, irritado, e começou a folheá-los.

— Tu és o novo proprietário da Revenge, sem dúvida, mas não tens a propriedade dos nossos produtos — disse Faye. — Está aqui a documentação do Instituto de Propriedade Industrial e Patentes a confirmar isso. Vai ser interessante ver o que o parceiro da Revenge nos

Estados Unidos tem a dizer sobre o assunto. Para não falar dos teus parceiros financeiros. Na prática, ter a propriedade de uma empresa mas não dos seus produtos significa que não se detém rigorosamente nada de valor.

Faye fez um gesto com a cabeça para Alice e Ylva.

— Juntamente com ambas, comecei a convencer as accionistas a voltarem para nós. E tudo aquilo que os teus detectives privados encontraram para chantagear e pressionar as accionistas, incluindo a Irene Ahrnell, a vender-te as suas participações… bem, se alguma vez sequer pensares em usar qualquer dessas informações, tanto eu como tu sabemos que a Alice não tem nenhuma necessidade de recorrer a detectives privados para revelar coisas sobre ti…

Satisfeita, Alice cruzou os braços com um sorriso rasgado e assentiu com a cabeça.

— Sua cabra de merda! Vocês estão a inventar! Os meus advogados nunca deixariam escapar um pormenor tão importante!

Henrik, com o rosto vermelho, levantou-se da cadeira e lançou um olhar furioso a Alice.

— Pois, mas, aparentemente, deixaram — respondeu ela. — Talvez seja uma boa oportunidade de mudar de escritório de advogados! E até poderia contra-argumentar e chamar-te «grande cabrão», mas, com o teu tamanho minúsculo, o mais apropriado seria, talvez, usar a palavra «pilinha». Mas, na verdade, não tem o mesmo impacto…

— Minha grande…

Henrik fez um movimento na direcção de Alice, mas Faye avançou e fixou-o com o olhar. Inclinou-se sobre a mesa, empurrou os documentos para ele e disse num tom implacável:

— Sem os direitos sobre os produtos, esta empresa torna-se uma concha

vazia. Por outras palavras, uma enorme perda financeira para ti e para os teus investidores. Por isso, a melhor decisão que podes tomar agora é vender-me todas as tuas acções. Pode ser pelo mesmo valor que tu e os teus testas-de-ferro as compraram. Espero que tenhas noção e te sintas agradecido pela generosidade que estou a demonstrar neste momento.

— Porque havia de fazer isso? Tenho investidores fortes que me apoiam, tenho dinheiro suficiente para te processar, estou-me cagando para o que conseguiste encontrar nalguma nota de rodapé de algum contrato manhoso! Vou lutar com unhas e dentes até já não te sobrar um cêntimo!

Henrik estava de tal maneira enervado e a falar tão rápido, que os perdigotos voavam da sua boca. Faye apenas se endireitou, tirou calmamente o lenço de pano do bolso do *blazer* de Henrik e limpou o rosto com ele.

— Tendo em conta que o teu maior investidor na compra da Revenge é, sem comparação, o Sten Stolpe, eu não teria assim tanta certeza disso…

— O Sten é um dos meus amigos mais antigos e um dos meus clientes e parceiros de negócios mais fiéis. Acho que posso afirmar com toda a segurança que ele vai apoiar-me sem qualquer reserva.

O tom de voz de Henrik nadava em desprezo. Ao longo da discussão, Alice estudara cuidadosamente as suas unhas, mas naquele momento acrescentou, indiferente:

— Acho melhor olhares para o teu telemóvel. Algo me diz que o Sten está a tentar entrar em contacto contigo.

— Mas que raio…?

Henrik pegou na pasta e retirou agressivamente o telefone do seu interior. Faye esticou-se para poder olhar para o monitor. Depois, virou-se para Alice e Ylva.

— Ora bolas, parece que o Henrik tem quarenta e três chamadas não

atendidas e umas quantas mensagens do Sten. Pergunto-me o que ele quererá! Parece bastante ansioso por falar contigo…

Henrik abriu uma mensagem atrás da outra de Sten e toda a cor desapareceu do seu rosto.

— Que merda é que tu fizeste, Alice?!

Alice olhou para ele com uma expressão inocente nos olhos azuis.

— Eu? Eu não fiz nada! Mas, como por coincidência, o meu telemóvel foi roubado ontem, até fiz uma queixa na Polícia, é preciso ter cuidado com essas coisas. Não faço a mínima ideia do que alguém lá pode ter encontrado e enviado para o Sten. Claro que pode ter sido uma filmagem de ti a saltar em cima da sua filha menor, a nossa ama, por sinal, mas sei lá eu… Como já disse, o meu telemóvel foi roubado ontem. Já mencionei que também fiz uma queixa na Polícia?

Henrik deu um berro e atirou-se a Alice, mas Ylva esticou uma perna e Henrik caiu de cara no chão.

Ficou ali deitado aos gritos e a agitar os braços para elas.

As três mulheres saíram da sala, mas, à porta, Faye virou-se para trás.

— Quero a tua assinatura a confirmar a venda da Revenge esta noite. Os papéis estão no final dessa pilha, por baixo dos outros contratos.

Quando fecharam a porta atrás delas, continuaram a ouvir Henrik a praguejar.

Fjällbacka — naquela altura

Tinha sido fácil convencer a minha mãe. Ela parecia envolta em nevoeiro desde a morte do Sebastian, e o meu pai descarregava toda a dor e frustração nela. A cada mês que passava, a fúria dele aumentava. Sempre que eu empurrava a maçaneta da porta da rua, ao voltar da escola, sustinha a respiração. A primeira coisa que fazia quando entrava em casa era chamar a minha mãe e, todos os dias, ficava aterrorizada com a ideia de talvez não obter resposta. Ouvia os gritos, via as nódoas negras e era obrigada a testemunhar como a minha mãe definhava aos poucos. Praticamente, já não comia. Eu tentava forçá-la a engolir alguma coisa, passei eu a cozinhar e aprendi a fazer os pratos que sabia que ela mais gostava. Por vezes, comia uma ou outra garfada mas, quase sempre, limitava-se a olhar fixamente para o prato.

Sabia que estava a vê-la morrer à frente dos meus olhos. Sempre pensei que morreria quando o meu pai, alguma vez, acabasse por ir longe demais no seu desejo de a magoar. Mas, com o passar dos meses, percebi que ela ia acabar por morrer por falta de esperança. Não era capaz de ver um fim. Não via nenhuma saída. Com a morte do Sebastian, eu tinha querido libertá-la, salvá-la de ser esmagada pelo peso do nosso segredo. Em vez disso, parecia que a estava a matar, lenta mas gradualmente.

Todos os dias vinha à minha memória a imagem daquela vez em que ela tomara os comprimidos para dormir. Via à minha frente como tinha enfiado os dedos na sua garganta, como a tinha obrigado a vomitar. Salvei-a dessa

vez. Mas, agora, matara-a. Tinha de fazer alguma coisa, tinha de lhe dar esperança, uma saída.

Quando, por fim, me decidi, comecei a elaborar um plano.

Magoava-me tanto ter de esperar, ser paciente enquanto a minha mãe ficava cada vez mais ensanguentada e lesionada. Mas também sabia que, se não a ajudasse a fugir, para sempre, ela acabaria por morrer. E não podia viver com isso.

O meu pai também tinha de ser castigado. Por aquilo que nos tinha feito passar, por aquilo que tinha ensinado ao Sebastian, pelo terror sob o qual nos tinha obrigado a viver.

Havia uma única pessoa que eu sabia que nos poderia ajudar. O irmão da minha mãe. Além de o meu pai não gostar do tio Egil, deixar alguém de fora da família entrar em nossa casa era sempre um risco para ele. Um risco que ele não queria correr. Por isso, para mim, o tio Egil era apenas uma memória distante, mas a minha mãe falava dele com muita frequência. E eu percebi que ele faria qualquer coisa por ela.

A minha mãe tinha apontado o número de telefone do irmão numa pequena lista telefónica muito gasta, que escondia por baixo das meias, numa gaveta da cómoda. Não a incluí em nenhuma parte do planeamento, o olhar vazio dela fazia que eu só quisesse abraçá-la e apertá-la com força mas também deixava claro que agora tinha de ser eu a adulta na situação e tomar conta dela. Pela primeira vez na minha vida, eu era a mãe e ela a criança.

A minha mãe era pequena como um passarinho, frágil, delicada, e ficava cada vez mais débil de dia para dia. Telefonei ao tio Egil às escondidas, quando o telefone da escola ficou sem vigilância durante algum tempo, na secretaria. Era importante não deixar nenhum rasto. Disse-lhe de que precisava e ele prometeu logo ajudar-me. Incondicionalmente, sem fazer

qualquer pergunta. A sua voz era muito parecida com a da minha mãe, e isso dava-me uma sensação de segurança.

Uma certa tarde, no fim do Verão, decidi que estava tudo preparado. Da escola, telefonei outra vez ao tio Egil e dei-lhe instruções rigorosas. Sabia que ele as seguiria tintim por tintim.

Depois de o meu pai se ir deitar e adormecer, com a ajuda de alguns comprimidos no *whisky* da noite, tratei do que precisava de ser feito. A minha mãe estava completamente murcha, parecia uma boneca de trapos. Estava tão quebrada, tão diminuída, tão fraca, que não dizia nada, não perguntou nada, limitou-se a fazer tudo o que eu disse e deixou-me guiá-la. Não tive coragem de lhe fazer uma mala, nada podia falhar. Não podia parecer que tinha levado alguma coisa com ela, como se tivesse deixado a casa voluntariamente.

A noite estava bastante fria. Não havia vento quente a aquecer-nos a pele enquanto descemos lentamente até à água. Eu tinha calçado as botas do meu pai e, numa mão, trazia o martelo dele. Com o braço que tinha livre, levei a minha mãe até à beira da água. As luvas do meu pai eram demasiado grandes, o que me obrigava a puxá-las constantemente para cima das minhas mãos muito mais pequenas. A minha mãe escorregou, mas eu agarrei-a e, quando ela se apoiou em mim para não cair, aproveitei a oportunidade para inspirar o cheiro do seu cabelo. Ia ter saudades dela. Meu Deus, como ia sentir a sua falta. Mas amar uma pessoa também era libertá-la. E eu ia libertar a minha mãe.

Lá em baixo, na água, o meu tio Egil estava à nossa espera num barco com as luzes apagadas. Sabia exactamente o que eu ia fazer, não o tinha poupado a nenhuma parte do plano. Não tinha protestado, embora o silêncio do outro lado da linha me tivesse dito muito do que queria dizer. No entanto, ele sabia que eu tinha razão.

Não contara nada à minha mãe. Achei que era mais piedoso esperar até àquele momento para obter a sua aprovação. Mas também sabia que concordaria com o que eu queria fazer, estava habituada a sofrer.

— Mamã, vou ter de te bater. Vou ter de te bater com força. Com o martelo. É o martelo do pai. Ele vai pagar pelo que fez, ele tem de desaparecer da nossa vida. Percebes, mãe?

A minha mãe nem hesitou, assentiu de imediato. Eu tinha cumprimentado o tio Egil quando chegámos ao barco, mas agora nem tinha coragem de olhar para ele. Abracei a minha mãe, apertei os seus ombros frágeis contra o meu peito.

Estava com tanto medo de lhe bater com demasiada força. Medo de a ver partir-se como uma taça de cristal. Mas já não havia volta a dar. Peguei no martelo, levantei o braço, fechei os olhos e bati-lhe. Fiz pontaria para uma zona de partes moles, onde fosse menos provável partir algum osso. Porém, nem uma pinga de sangue acabou no martelo do meu pai. E eu precisava de sangue. Percebi que ia ter de lhe bater numa parte mais dura do corpo. Algo teria de partir-se e fazer que a pele se abrisse para que o sangue manchasse o martelo.

Fiz pontaria para a tíbia. Levantei o martelo por cima da cabeça e bati-lhe com força. Ouviu-se apenas um gemido silencioso vindo dos lábios da minha mãe. Pelo canto do olho, vi que o tio Egil se tinha virado de costas. Olhei para o martelo: sangue. O sangue da minha mãe.

Pousei o martelo a alguns metros da beira da água. Suficientemente longe para que a água não chegasse ao martelo se a maré subisse antes de a Polícia ter tempo de o encontrar. Com muito cuidado, levei a minha mãe até ao barco do tio Egil. Não conseguia apoiar-se completamente na perna onde eu lhe tinha batido, mas o seu corpo contra o meu estava quente e macio. Com relutância, entreguei-a ao tio Egil, senti o último resquício do aroma

dela nas minhas narinas. Sabia que ia levar muitos anos até nos podermos encontrar outra vez.

Depois de os ver desaparecer na água, na noite sem luar e escura como breu, virei-me e voltei lentamente para casa. Pelo canto do olho, vi o martelo sangrento pousado no chão.

Quando cheguei a casa, coloquei, com todo o cuidado, as botas do meu pai no *hall* de entrada. Tinham ficado salpicadas de sangue. Tirei as luvas, também elas com alguns salpicos, e coloquei-as no cabide dos chapéus.

A casa estava silenciosa. Agora só lá estávamos eu e o meu pai.

Depois de amanhã, seria só eu. Mal podia esperar.

Deitei-me na cama, pensei na minha mãe. O som do martelo a partir-lhe a perna não me saía da cabeça.

Mas uma coisa era certa, eu amava-a e ela amava-me a mim. Amávamo-nos uma à outra. Esse foi o meu último pensamento antes de o sono me tomar.

Na ponta da mesa redonda do restaurante Riche, o gargalo de uma garrafa de champanhe *Bollinger* erguia-se de dentro de um balde de gelo prateado. Alice, Ylva e Faye levantaram os seus copos e brindaram. Era a segunda garrafa da noite. Tinham dito ao empregado de mesa que pediriam a comida mais tarde, mas tinham-se esquecido disso há muito tempo. Faye já se sentia embriagada. No entanto, decidiu que valeria a pena voar de volta para Itália no dia seguinte, ligeiramente ressacada, tendo em conta que seria a última vez nos próximos três meses que estaria na companhia de Alice e Ylva.

Tinham planeado juntas a melhor maneira de prosseguir com o trabalho dali para a frente. No início de Outubro, voltariam a encontrar-se, as três, no novo escritório em Nova Iorque, para o lançamento da Revenge nos Estados Unidos.

Johanna também se juntaria a elas. Estava recém-divorciada, feliz e, aparentemente, fazia sexo regular com o seu treinador pessoal. Dada a rapidez com que acabara na cama com ele, Faye desconfiava fortemente de que não era uma relação recente. Porém, não era nada que lhe interessasse muito.

David estava em prisão preventiva, à espera de saber se o procurador o acusaria de espionagem comercial. As últimas notícias que tinham ouvido sobre Henrik era que a sua empresa estava à beira da falência. Os rumores que corriam no meio diziam que Henrik e Sten Stolpe tinham cortado relações e que Sten fazia tudo ao seu alcance para destruir Henrik.

O empregado, um rapaz bem-parecido na casa dos vinte e cinco anos,

com maxilares bem definidos, olhos azul-acinzentados e um corpo de deus grego, aproximou-se da mesa.

— Querem mais alguma coisa? Ou está tudo bem por aqui?

Sorriu para Faye, que sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Estava livre e feliz, preparada para seguir em frente. Uma pequena mas intensa aventura, como uma despedida da Suécia, não calharia nada mal.

— Podia estar melhor — respondeu-lhe com ar sério.

O rapaz ficou surpreendido. Ylva e Alice também olharam para ela, espantadas.

— Sim — continuou Faye, e fez-lhe sinal para que se aproximasse mais.

O jovem inclinou-se para a frente.

— Seria *perfeito* se me dissesses a que horas acaba o teu turno para eu poder ter um carro à tua espera lá fora para te levar ao meu hotel — segredou-lhe.

A expressão facial dele passou de surpreendida a divertida.

Endireitou-se e disse com seriedade fingida:

— À uma, minha senhora.

Alice e Ylva, que já tinham percebido o que Faye lhe perguntara, riram-se. O empregado alisou a camisa e desapareceu com um piscar de olho.

Ergueram os copos num novo brinde.

Pelo canto do olho, Faye viu um movimento que a levou a olhar pelas grandes janelas que davam para a Rua Birger Jarlsgatan. Através do vidro, viu um rosto familiar, um rosto que a encheu de horror. Com a mão tremente, pousou novamente o copo.

Não havia dúvida nenhuma, o homem era mesmo o seu pai. Aproximou-se mais da janela, olhou Faye nos olhos e encostou a fotografia de Julienne e da sua mãe ao vidro.

Depois, voltou a desaparecer.

Agradecimentos

Quando se escreve um romance, há muitas pessoas a quem estar agradecido. Gostaria de começar por explicar quem é a Karin, a quem dediquei este livro. Karin Linge Dordh é a minha editora desde o meu segundo livro. Não seria a autora que sou hoje sem a Karin e o seu conhecimento, sabedoria e paixão pela literatura. Desde o meu livro anterior, a Karin mudou-se para outro local de trabalho, mas aquilo que me ensinou ficará para sempre comigo na minha escrita. E também tenho o privilégio de ter a Karin na minha vida como amiga próxima. Um sincero, enorme OBRIGADA, Karin, do fundo do coração!

Na criação deste livro, tive o privilégio de trabalhar com o John Häggblom e com a Ebba Östberg. Estão os dois para além de todos os elogios possíveis, e este manuscrito não teria sido o mesmo sem a bênção amorosa deles. São duas estrelas no céu editorial e sinto-me infinitamente grata por poder trabalhar com ambos. Também quero agradecer à minha revisora Kerstin Ödeen e aos restantes envolvidos na minha editora, a Forum/Ester Bonnier. Vocês são tantos a fazer um trabalho fantástico, ninguém mencionado, ninguém esquecido, vocês sabem quem são.

Uma pessoa muito importante ao longo do trabalho, tanto neste como com no livro anterior sobre a Faye, é o meu amigo e colega escritor Pascal Engman. O Pascal acrescenta brilhantismo e empenho às nossas trocas de ideias e fico extremamente feliz por ele ter querido oferecer-me o seu tempo e disponibilidade. Obrigada, Pascal!

Também tenho uma equipa incrivelmente competente atrás de mim, com quem trabalhei todos os dias até ao lançamento do *Asas de Prata*: Christina Saliba, Joakim Hansson e Anna Frankl, com a restante equipa da Nordin Agency, assim como a Lina Hellqvist e a Julia Aspnäs.

Os factos são uma componente extremamente importante na construção de um livro e, para as partes financeiras desta obra, o Emmanuel Ergul foi uma tremenda fonte de informação, assim como o Martin Junghem e a Sara Börsvik.

No plano pessoal, tenho muita gente a quem agradecer. Sem a minha família, não conseguiria escrever uma única frase. O meu marido Simon, que amo acima de tudo, e os meus fantásticos e maravilhosos filhos Wille, Meja, Charlie e Polly. A minha mãe Gunnel Läckberg e os meus sogros Anette e Christer Sköld. Obrigada por estarem aí e serem a minha segurança.

E, como sempre: obrigada, pai, por me teres transmitido o amor pelos livros.

Camilla Läckberg
Estocolmo, Março de 2020

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER PODE SER BELA E BRUTAL
CAMILLA LÄCKBERG
MAIS DE 26 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



Graças a um plano refinado e cruel, Faye deixou para trás a traição e as humilhações sofridas pelo agora ex-marido Jack e parece ter assumido as rédeas da sua existência: é uma mulher independente, reconstruiu a sua vida num outro país e longe do seu passado. Jack está na prisão e a empresa que Faye fundou, a Revenge (Vingança), cresce com grande sucesso.

Mas novos desafios correm o risco de quebrar a serenidade conquistada com muito esforço. De facto, o lançamento da marca Revenge nos Estados Unidos de América desperta uma séria ameaça, e Faye é forçada a voltar a Estocolmo.

Com a ajuda de um selecto grupo de mulheres, lutará, uma vez mais, para defender o que é dela e para proteger-se a si e àqueles que ama.

Depois do grande sucesso internacional de Uma Gaiola de Ouro, chega mais um episódio da história de Faye: traição, redenção e solidariedade feminina num novo drama sobre a vingança.

A opinião dos leitores sobre *Uma Gaiola de Ouro*:

«Recomendo!»
Blogue *Bloco de Devaneios*

«Läckberg criou uma história repleta de acçãoe que me entusiasmou do início até ao fim. Gostei imenso e só posso recomendar a sua leitura, mesmo aos que não apreciam o género.»
Blogue *Marcador de Livros*

«A leitura foi muito agradável e fluida. Vi-me envolvida no livro muito rapidamente.
A verdade é que li 400 páginas em dois dias, tal era a vontade de saber o que ia acontecer. E deixem-me dizer: que vingança cruel!»
Instagram literário @olhaoqueeujali

«Vão a ouvir falar muito de Fabiano Massimi.»
Elle

Camilla Läckberg é dos autores mais lidos em todo o mundo, com mais de 26 milhões de livros vendidos. É também uma empresária de sucesso e uma das fundadoras da Invest In Her, uma empresa de investimentos que trabalha com empreendedorismo feminino e que luta contra as disparidades salariais entre homens e mulheres.

Com *Uma Gaiola de Our* (Suma de Letras, 2019), Camilla Läckber deu um novo passo na sua carreira, conseguindo um romance cuja protagonista é insesquecível e nos traz uma clara mensagem feminista.

Neste Asas de Prata, Faye, a mesma memorável protagonista, revela mais sobre a sua história..

Uma Gaiola de Ouro alcançou as listas de best-sellers de todos os países onde foi publicado e transformou-se num enorme sucesso de vendas que cativou os seguidores de Camilla Läckberg, abrindo também a sua obra a novos leitores.

Título original: *Vingar av Silver*

Edição em digital: agosto de 2020

© 2020, Camilla Läckberg
Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia
Publicado por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

© 2020, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
Av. Duque de Loulé, 123
Edf. Office 123 — Sala 3.6
1069-152
Lisboa
www.gostodeler.pt
#gostodeler

Tradução: Elin Baginha
Revisão: Alice Soares
Capa: adaptação de Teresa Coelho

ISBN: 978-989-784-118-7

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Suma de Letras é uma chancela de:



Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido

ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] «*Brasse*» é a forma coloquial de aludir a uma pessoa de nacionalidade brasileira, como «brasuca» em português. (*N. da T.*)

Índice

Asas de prata

Primeira Parte

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Fjällbacka — naquela altura
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Fjällbacka — naquela altura
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 18

Segunda Parte

Capítulo 19

Capítulo 20

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 21

Capítulo 22

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 23

Capítulo 24

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 25

Capítulo 26

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 28

Capítulo 29

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 30

Terceira Parte

Capítulo 31

Capítulo 32

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 46

Quarta Parte

Capítulo 47

Capítulo 48

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 49

Capítulo 50

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 54

Capítulo 55

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 56

Capítulo 57

Fjällbacka — naquela altura

Capítulo 58

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Camilla Läckberg

Créditos

Notas